This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 956,138

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES SCIENTIA VERITAS
1817

25/-

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES SCIENTIA VERITAS
1817

254

ESTUDOS HISTORICOS

PELO CONEGO

Doutor Joaquim Caetano Fernandez PINHEIRO

Commendador da Ordem de Christo,
Chronista do Imperio, Professor de Rhetorica Poetica e Litteratura no Imperial Collegio de Pedro II, 1° Secretario do Instituto Historico Geographico Brazileiro,
Socio correspondente das Academias das Sciencias de Lisboa e de Madrid, das Sociedade Geographicas de Paris e New-York, etc., etc,

.... Je voudrais que chacun écrivit ce qu'il sait, et autant qu'il sait.

(MONTAIGNE — *Essais*, liv. I chap. III).

ATTENTI

This volu
Please han

PARIS : D. DELHAIRE | PORTO : [illegible]

1876

ESTUDOS HISTORICOS

PELO CONEGO

Doutor Joaquim Caetano Fernandez PINHEIRO

Commendador da Ordem de Christo,
Chronista do Imperio, Professor de Rhetorica Poetica e Litteratura no Imperial Collegio de Pedro II, 1° Secretario do Instituto Historico Geographico Brazileiro,
Socio correspondente das Academias das Sciencias de Lisboa e de Madrid, das Sociedade Geographicas de Paris e New-York, etc., etc,

.... Je voudrais que chacun écrivit ce qu'il sait, et autant qu'il sait.

(MONTAIGNE — *Essais*, liv. I chap. III).

TOMO I

RIO DE JANEIRO
B.-L. GARNIER
LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO
65, *Rua do Ouvidor*, 65
PARIS : E. BELHATTE | PORTO : Ernesto CHARDRON
1876

F
2521
.F3611
1876
V.1

Ficam reservados todos os direitos de propriedade.

Glaser
7-8-94
Add

PREFACIO

Annuindo ás benevolas solicitações d'alguns amigos deliberamos colleccionar em dois volumes os nossos *Estudos*, espensos na vasto repositorio da *Revista trimensal do Instituto Historico e Geographico de Brazil.*

Revendo trabalhos, compostos no longo periodo de vinte annos, poucas correcções e additamentos lhes fizemos, para que não perdessem o sabor d'actualidade, e servissem outrosim de thermometro dos progressos que porventura tenhamos feito na difficilima sciencia de Thucydides e de Tacito.

É bem possivel que erroneas sejam as nossas apreciações, e mal deduzidos os corollarios das causas apontadas; afiançamos porém aos leitores que a maior isenção d'animo guiou a nossa

penna, e que nos mais authenticos documentos haurimo os factos que relatamos.

Os *Estudos Historicos* que ora reunimos são fragmentos de obra de maior tomo, que desde verdes annos temos entre mãos, e que, por causas alheias á nossa vontade, talvez nunca chegou a seu termo, nem veja eo lume da publicicade. Sirva esta confissão d'attenuante á sua falta de cohesão. Dedicando-os ao Instituto Historico rendemos-lhe homenagem de profunda gratidão, pela nimia benignade com que serviu-se d'acolhe-los. Ácerca do merito absoluto, ou relativo pronunciará o publico seu venerando *veredichem*.

Rio de Janeiro, 8 de Dezembro 1874.

AO INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO

DO BRAZIL

O. D. C.

SEU PRIMEIRO SECRETARIO

Conego Doutor Joaquim Caetano Fernandes PINHEIRO.

I

ENSAIO SOBRE OS JESUITAS

ENSAIO SOBRE OS JESUITAS (1)

> Il Gesuitismo, istituzione umana, nata col tempo, e destinata a perir col tempo assai piú presto di altri dello stesso genere, perchè fiorita breve spazio, a poco andare declinò, scadde, precipitò, si spense, risorse, ma senza migliorare, anzi con notabile peggioramento, e con segni de più attempata vecchiezza.
>
> (*Il Gesuita Moderno* per V. GIOBERTI, cap. 1°).

Desde a idade de vinte annos, em que começamos nossas lides jornalisticas, o objecto que mais nos interessou foi a solução do grande problema — si os jesuitas tinham sido uteis, ou prejudiciaes ao mundo em geral, e em particular ao Brazil.— Nos archivos das nossas gloriosas tradições encontravamos constantemente o nome d'esses regulares, seus trabalhos apostolicos, sua lucta com os primeiros colonos ácerca da liberdade dos indigenas, viamos seu zelo

---

(1) Impresso pela primeira vez no tomo XVIII da *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro* (Anno de 1855). Foi apresentado em sessão de 27 d'outubro de 1854 para servir de titulo d'admissão ao gremio do referido Instituto.

pela diffusão das luzes multiplicando collegios, despertando o gosto pela litteratura sagrada e profana; e cheio d'enthusiasmo por esses benemeritos varões inscrevemos nosso obscuro nome no catalogo dos apologistas da companhia de Jesus. Quizemos depois profundar nossas investigações, quizemos estudar sua marcha através dos paramos da historia, compulsamos seus annaes, e vimos com admiração que os discipulos de Loyola tinham por toda a parte deixado um sulco luminoso : e cada vez nos apaixonavamos mais por essa celebre instituição, que no dizer do visconde de Bonald, é a mais perfeita que tenha sahido de mãos humanas. Tomamos então sua defesa, arrostamos a impopularidade que d'ahi nos provinha, folgavamos até certo ponto que nos averbassem de — *Jesuita*—; porque para nós essa palavra era o compendio do padre virtuoso e dedicado á causa da Igreja. Protestamos pela imprensa contra tudo o que nos parecia ser-lhes contrario ; reputavamos uma clamorosa injustiça, um delicto de ingratidão tudo o que em seu desfavor se podesse dizer. Nossos epinicios foram acolhidos com frieza pelo publico, e até pelos homens sensatos e d'uma orthodoxia superior a minima suspeita : alguns aconselhavam-nos que estudassemos tambem os livros dos adversarios, que contemplassemos a medalha pelo seu reverso, e que pondo de parte o espirito de systema, interrogassemos com imparcialidade o passado. Causaram-nos taes palavras a devida impressão, a

nós, que, posto que joven, não cerravamos os ouvidos ás lições da experiencia, e que por habito e educação, respeitavamos os conselhos dos anciãos. Haviamos encetado o penoso trabalho da decomposição das nossas ideias, quando um feliz ensejo se nos apresentou de melhor conhecermos o terreno, sobre o qual deveramos assentar a base das nossas operações : realisavam-se nossos mais doirados sonhos; partiamos para a Europa. Pequena foi nossa demora na capital do orbe catholico, porém marca ella a mais bella épocha da nossa vida, colhemos da boca dos sabios oraculos que estes jamais confiam aos livros, avaliamos por nós mesmo o quanto dista a practica da theoria : tudo desejavamos ver, tudo perguntavamos, e talvez que d'essa nossa disposição de espirito resultassem algumas vantagens para o esclarecimento da importante questão, que ora nos occupa. Não se collija porém d'estas palavras, que renegamos inteiramente os antigos principios, que passamos para o campo inimigo com armas e bagagens : apenas modificamos as nossas ideias, e desde já pedimos venia para expôr com rude franqueza os motivos, que a isso nos levaram, implorando indulgencia pela audacia com que entramos em tão ardua tarefa, e correcção pelos infinitos erros, de que deve abundar este nosso trabalho. Para maior facilidade dividi-lo-hemos em duas partes; na primeira trataremos dos jesuitas em geral, e na segunda dos do Brazil, rogando ainda uma vez que seja esta nossa

tosca producção considerada como um ligeiro ensaio, estreia escripta com o fito de supplicar uma cadeira no recinto dos nossos sabios para de mais perto ouvir suas doutas prelecções.

I.

A idade media acaba de mergulhar-se n'occaso da historia : começam os tempos modernos marcados por gigantescos e providenciaes acontecimentos. Guttemberg inventa os caracteres moveis da imprensa; Vasco da Gama dobra o Cabo da Boa Esperança abrindo novo caminho para as Indias, Magalhães faz o gyro do mundo, e Christovam Colombo descobre immensas regiões, ás quaes outro devera dar seu nome. O Baixo Imperio succumbe sob o alfange de Mahomet II, e os sabios gregos escapando ás ruinas do seu bello paiz vem buscar na Italia, irman da Grecia pelo clima, costumes, e até pelas suas revoluções, um asylo, em que possam respirar a aura sagrada da liberdade. Abrem-lhes os Medicis as portas de Florença, offerecendo-lhes magnifica hospitalidade; e emquanto nos reinos do norte da Europa os Huniades detem os progressos do mahometismo, os cavalleiros de Rhodes, commandados pelo seu gran mestre d'Aubusson, se dedicam pela christandade. O mundo entra em nova phase : a hegira da civilisação.

De tempos em tempos alguns innovadores escapando-se das solidões do claustro, ou das sombras do sanctuario soltavam o brado da rebellião contra a auctoridade da Igreja, que sempre victoriosa sahira d'esses combates : o campo da batalha porém mudara com o decimo sexto seculo : o choque das ideias e das intelligencias lançava novo e desudado esplendor por toda a Europa. A Igreja anathematisando a Wicleff e a João Huss, fazia-os perecer pela mão do algoz, mas o germen das heresias fora confiado a terreno fecundado pelos grandes abusos que então se praticavam em nome da Religião, e contra os quaes clamavam os mais illustres sanctos. « A reforma do 16.º seculo, diz o senhor *Carlos de Remusat* no seu excellente artigo sobre a *Reforma e o Protestantismo* inserto na *Revista dos Dous Mundos* de 15 de Junho do corrente anno, é um acontecimento europeu ; manifestou-se como que simultaneamente nos principaes paizes da Europa. Em menos de dez annos tinha invadido a Allemanha, a Suissa, a França e a Inglaterra. Sua apparição quasi que coetanea e seu prompto desenvolvimento sobre pontos tão diversos provam que provinha d'uma causa geral, e por toda a parte mostrou-se com caracteres communs, que attestavam a existencia de certa unidade. »

A espada cedera o lugar á penna : não necessitava de guerreiros o catholicismo e sim de doutores. Tinham desapparecido as ordens militares, á semelhança do obreiro que se retira quando termina o

seu trabalho. As ordens monasticas e mendicantes, vivendo pela natureza dos seus institutos entre o altar e o claustro, ignoravam os negocios do mundo, do qual se haviam segregado por solemne profissão, não estavam portanto em estado d'entrar n'arena para combater com athletas, que recusavam suas armas espirituaes, e chamavam os campeões da Igreja para o campo das sciencias e da litteratura profanas. Appareceram esses novos lidadores no momento preciso; a erudicção mostrou-se em defeza do dogma, e o mundo teve ainda uma prova de que á Esposa de Jesus Christo nunca faltará o celeste auxilio. A obra humana, mais solidamente edificada que imaginar se possa, teria sido derribada pelo violento vendaval, que açoitou o baixel de Pedro no XVI° seculo ; mas a divina sahiu pulchra e radiante d'esta nova provação. Eram necessarios homens dedicados aos interesses catholicos, cuja unica occupação fosse o estudar os erros do seculo, e profliga-los com a sua mesma linguagem; n'um tempo d'independencia e de livre exame havia-se mister de homens que fizessem abnegação da vontade, consagrando e praticando o difficil principio da obediencia absoluta : e a companhia de Jesus foi fundada por S. Ignacio de Loyola (1).

---

(1) Numa carta de S. Ignacio de Loyola, escripta aos jesuitas de Portugal diz elle : « Deixemos ás outras ordens religiosas o exceder-nos em jejuns, severidade de regimen

Quem diria, que estava reservada ao valente cavalleiro, que depois de ter obrado prodigios de valor era gravemente ferido no cerco de Pamplona a gloria de inscrever seu nome ao lado dos Domingos e dos Franciscos? Quando D. Ignacio de Loyola transportado ao castello paterno pedia para distrahir-se um livro, esperava certamente que lhe trouxessem o *Amadis das Gallias*, ou qualquer outra historia romanesca d'essa épocha, tão bem caracterisada pelo immortal Cervantes; mas por uma disposição particular da Providencia não foi possivel encontrar semelhantes livros em todo um castello feudal, trazendo-se-lhe em seu lugar a *Vida de Jesus Christo*, e o *Flos Sanctorum*. Tal leitura produziu profunda impressão no animo bellicoso do nobre biscainho, que em vez de querer combater mouros, dedicou-se exclusivamente á grande obra da conversão dos infieis.

Todos sabem como o illustre cavalleiro de Jesus e de Maria fez a vigilia das armas no mosteiro de Monserrate (1), e como no dia seguinte suspendendo

---

e de habito; é pela verdadeira e perfeita obediencia, pela abdicação da vontade e do juizo proprio que desejo se distinguam os da nossa sociedade. Releva obedecer ao superior, não pela sua sabedoria e bondade, mas tão sómente como representante de Deus. A liberdade que o Creador outorgou-vos importa restituir-lh'a na pessoa de seus ministros, addicionando á vontade a intelligencia. Desapparece a singular simplicidade da obediencia cega quando internamente se põe em duvida si o que se nos ordena é bom, ou máo.»

(1) No mez de março do anno de 1522.

a sua espada á um dos pilares do templo partiu para a gruta de Manresa, onde devera ser visitado por extasis e visões divinas, e onde devera escrever esses *exercicios espirituaes*, que tem sido tão diversamente interpretados.

Abrasado pelo desejo de mudar a face do mundo conheceu Ignacio que havia mister da sciencia profana, e ei-lo na idade de trinta e tres annos sentado n'um banco escolar entre meninos aprendendo os primeiros rudimentos da lingua latina. Admiravel exemplo d'humildade dado por um *hidalgo* educado nos princípios e preconceitos da idade media! As universidades de Salamanca e a de Paris o viram successivamente no numero dos seus alumnos; mas era nesta ultima onde devera estabelecer a sua propaganda, chamando para cooperadores alguns dos seus mais distinctos condiscipulos.

No dia 15 de Agosto do anno de 1534, n'uma capella subterranea da famosa igreja de Montmartre, e no mesmo sitio, onde uma pia tradição assevera que fora decapitado S. Dionysio, seis mancebos capitaneados por Ignacio prestavam nas mãos de Lefevre, o unico sacerdote d'entre elles, o juramento de viverem sempre unidos, proferiram os votos solemnes de pobreza, castidade e obediencia, e lançavam d'est'arte a primeira pedra d'esse edificio, que devera em breve causar a admiração do mundo.

Não acompanharemos a Loyola e aos seus companheiros em sua vida peregrina; pregando de dia

nas igrejas e passando as noites nos hospitaes junto á cabeceira dos enfermos, omittiremos a sua estada em Veneza, onde tão grande alarme causou aos protestantes, para ve-los chegar a Roma; lançarem-se aos pés de Paulo III implorando do Summo Pontifice, a approvação da sua regra.

O livro das *Constituições* e *Declarações* da companhia de Jesus, escripto todo por S. Ignacio em lingua hespanhola é um codigo perfeito, concebido com grande engenho e executado com pasmosa sabedoria, que conquistaram para o seu auctor o titulo de *Lycurgo christão*. Seja-nos porém licito dizer que apezar de ser obra d'um sancto não é isenta de imperfeições, devidas umas ao caracter do legislador, que transportava o espirito guerreiro dos seus verdes annos ainda para os misteres mais pacificos, de que temos a prova até na denominação da sua Ordem (1), e outras originadas pelo ardente anhelo de tocar a perfectibilidade, tão opposta á fraqueza humana.

Revela o livro das *Constituições* profundo conhecimento do coração humano, e notavel arte de gover-

---

(1) Não se esqueceu jamais o fundador d'essa celebre ordem que fóra militar : e por isso imprimiu-lhe cunho essencialmente guerreiro : sua nova sociedade chamar-se-ha — *Companhia* —, o superior geral (1), e a regra a disciplina d'um exercito em campanha. Suarez confessava que suas casas eram acampamentos, e Paulo III, na bulla de instituição, a denomina de regimento da Igreja militante.

(1) Contracção de *general*.

nar; mas considerado em seu todo é uma especie de republica de Platão, systema impossivel de praticar-se. Seria preciso mudar inteiramente a natureza do homem, despoja-lo das suas paixões para que então pudesse attingir ao seu tão suspirado fim, qual o de generalizar por toda uma numerosa congregação, virtudes heroicas, que Deos concede á algumas almas escolhidas.

Assignalaremos apenas dous pontos sobre os quaes versa toda a economia da sociedade, a autoridade do geral, e as provas, a que são submettidos os candidatos.

O poder absoluto conferido ao geral presuppõe nelle grande virtude, e não vulgar sabedoria. E' a cabeça que pensa em toda a companhia, cujos membros são machinas postas á sua disposição. O unico correctivo a tão desmarcada autoridade é a instituição de quatro *assistentes*, que em casos rarissimos, como no de publicos e escandalosos peccados, no da dissipação dos bens da ordem, tem o direito de suspendê-lo convocando immediatamente a congregação geral, que deve tomar conhecimento d'accusação e punir o culpado. « Si a companhia, diz *Gioberti*, fosse sempre capitaneada por um homem dotado d'altissimo engenho, a autoridade de geral seria optimo instrumento para operarem-se maravilhosas cousas, pois que a sua mente poderia conceber grandes emprezas, seu animo executa-las, fornecendo-lhe o infinito poder recursos necessarios para leva-las a

effeito. » Si se juntasse a esse engenho eminente não menos singular virtude (como em Ignacio) nenhum inconveniente haveria em depositar nas mãos d'um homem os futuros destinos da corporação. Mas si por ventura o chefe da ordem abrigasse em seu peito alguns d'esses vicios, tão frequentes nas regiões do poder, como a ambição, a vaidade, e o funesto orgulho de querer sempre fazer triumphar o seu alvedrio, ou quando virtuosissimo possuisse espirito apoucado, incapaz de conceber e executar grandes cousas, que uso poderá fazer da autoridade discricionaria que lhe conferem as *constituições?* Si o geral for dotado de habilidade e vigor como um Laynez, um Aquaviva, um Gruber supprirá pela intelligencia o que lhe faltar em sanctidade, e a aristocracia da ordem debalde se opporá á sua vontade, postoque intimamente convencida, que ella se oppõe ao espirito do instituto, e ás piedosas vistas do fundador; mas si for debil como um Vitelleschi, ou um Ricci, seu poder se reduzirá a zero, e em vez de ser a ordem uma monarchia se converterá em oligarchia.

Cremos que tambem não foi bem consultada a natureza humana na instituição do noviciado jesuitico: abrange elle tres annos, posto que rigorosamente fallando não seja menos de dezoito annos o tempo de prova para ser definitivamente addicto á companhia, segundo o testemunho dos historiadores da ordem como Bartolí. Citemos suas mesmas pala-

vras : « Primeiramente ella (la compagnia) ha tre anni de strettessimo noviziato, due al principio quando s'entra, ed uno finiti gli stredj. 2.° Oltre a ciò, ha intorno a dicioto anni di prova, nei quali si vive sotto continue osservazioni e censure de varj superiori, e fannosi di molti esami sopra il vivere d'ognuno : e intanto dove altri non viriesca di tanto spirito e virtù, quanto è di dovero che abbia de'essere unito con la religione, si per rimetterlo altri mèzzi non vagliano, ella se ne libera e lo rimanda al secolo. Perciò a tanto si differesce l'incorporare nell'Ordine con la professione, o il repone il altro grado più basso, secondo talenti e 'l merito di ciascuno. 3.° E questa ancora è una delle osservanze proprie nostre : lo stare in via, in prova, ove alcun demerito il rechieggia, e intanto disposto a ricever dipoi quel grado alto o basso, dove secondo le costituzioni, pare al proposito generale di riporne, perchè immutabilmente vi stia tutto il rimanente della vita. » (*Vita de Sant'Ignazio, tom. 3, cap. 13.*)

Durante esse tão longo periodo o homem transforma-se inteiramente : perde a indole que de Deos recebêra para metamorphosear-se em jesuita. Cumpre examinar si ganha ou perde o noviço com uma tão completa mudança da natureza. As puras e sanctas intenções do illustre fundador eram certamente corrigir os defeitos inherentes á natureza humana, levando seus discipulos á perfeição da vida espiritual; mas os meios, que para tal fim empregou não

são, no nosso humilde entender, os mais proprios, ou por outra, não são isentos de graves inconvenientes, que talvez neutralisam, senão nullificam, os bens que d'elles poderiam provir. Vejamos si podemos demonstrar a nossa proposição.

As duas bases sobre as quaes se assenta o noviciado jesuitico são, a obediencia passiva aos superiores, e o mysticismo absoluto, que exclue todo o estado e occupação litteraria, concentrando as faculdades d'alma nas continuas meditações e praticas devotas. Ora, por pouco exageradas que sejam estas duas tendencias violentam ellas a natureza humana: porque a obediencia illimitada destroe necessariamente a razão e o livre arbitrio, e transforma as pessoas em cousas; e o desmarcado mysticismo extinguindo nos corações juvenis as mais nobres e doces affeições, que o céo lhes infunde, como sejam o amor dos pais, amigos e patria, anniquila as faculdades activas, e põe a vida terrestre em contradicção violenta e necessaria com a que se dedica. Esta violação da natureza é ainda contraria ao Evangelho, que tende a aperfeiçoar e sanctificar as legitimas e puras affeições, levantando o edificio da companhia sobre um terreno esterilisado pela absoluta ausencia de tão nobres sentimentos. Assim, o noviciado dos Jesuitas, apoia-se na cega abnegação da propria vontade reunida a um ideial mysticismo, annullando a personalidade humana, torna o homem mais apto ao predominio da phantasia, e segregando-o do

mundo sensivel dispõe-lhe o animo para uma inteira e asiatica servidão, especie de *nirvana* bhudista (1).

Resumindo o que acabamos de dizer das *Constituições* de Loyola poderemos assignar como causa immediata da decadencia e degeneração do instituto a duas razões principaes : o excessivo poder confiado ao geral, e a absoluta obediencia e mysticismo dos neophytos, ambas originadas pelo erro d'um homem extraordinario, d'um grande sancto; mas que não soube calcular até que ponto poderiam chegar as forças da humanidade.

Consagrando precioso tempo á difficil tarefa de organisar uma ordem, que devera exceder a todas as outras, Ignacio, que sabia, que a vida do homem é uma serie não interrompida de combates, descia do

---

(1) Sepultado em absoluta solidão e só sahindo da sua cellula, escassamente allumiada, para assistir ás pompas do sanctuario, o noviço é submettido á um tratamento moral que o mergulha pouco á pouco numa exaltada prostração. Findo o noviciado faz o discipulo, com beneplacito do geral, seus primeiros votos, communs a todas as outras ordens religiosas, e é destinado, conforme a sua aptidão, ou ás humildes funcções materiaes, ou aos encargos espirituaes. Nesta ultima hypothese torna-se *scholasticus approbatus*, e percorre o curriculo d'estudos que se prolongam até a idade de trinta e tres annos, em que faz seus votos publicos. Aos quarenta e cinco, si não apparece algum obice, é admittido ao quarto voto que o constitúe *amouco* do papado : *ut baculus, perinde ac cadaver*.

seu Sinai, para occupar-se de cousas as mais pequenas n'apparencia, resolvendo as difficuldades, pondo freio a todas a paixões. Comprehendeu esse grande genio que era necessario enviar seus padres para o campo da batalha, que então se pelejava em quasi todos os reinos da Europa. O espirito da épocha, as ideias novas chamavam a Igreja a terreiro, e esta não devera responder unicamente com excommunhões ao cartel que lhe lançava a heresia. Roma fazia appello a todos os theologos catholicos confiando-lhes a defeza do dogma : e os Jesuitas se apresentaram nessa honrosa arena, que acabava de abrir-se.

Poucos, oh! bem poucos eram elles : mas d'esses poucos deveram sahir os mais valentes campeões da Igreja romana. « A Irlanda, como muito bem se exprime o senhor Crétineau Joly, palpitava então debaixo do cutello do algoz : contava seus martyres por milhares ; a ruina sentava-se á porta das cabanas : aqui se proscrevia, alì confiscava-se, por toda a parte degollava-se. » Eram precisos missionarios dedicados, homens d'abnegação e de fé, que fossem consolar os filhos da verde Erim, que lhes fizessem ver que a Igreja, sua extremosa mãi não os abandonava nas criticas e difficeis conjuncturas, em que se achavam, e Paulo III envia-lhes Pasquier e Salmeron, discipulos de Ignacio, na qualidade de legados-apostolicos.

Este cargo, outr'ora tão apetecido era então evi-

tado : fugia-se d'elle, como de quasi inevitavel martyrio : em toda a parte lavrava o fogo da guerra religiosa : ouvia-se em todos os lugares dominados pelo protestantismo o grito funesto *de morte aos Padres*. Tinham de passar pelas fronteiras da França, onde só resoava o tinido das armas; deveram visitar a Escossia, onde Jayme V reinava, debaixo das inspirações de seu tio Henrique VIII, o implacavel inimigo do nome catholico, da qual já fôra defensor; mas protegidos por Aquelle, a quem votavam a sua existencia, chegaram felizmente á Irlanda, onde contribuiram poderosamente para arraigar no coração d'esse povo a fé ardente, que ainda hoje faz a admiração do universo.

Os padres da companhia se dispersavam por todas as cidades, como sentinellas avançadas do catholicismo; uns como Lefevre e Laynez partem para Veneza, vasto emporio do commercio do Levante, onde todas as seitas entretinham emissarios e procuravam fazer proselytos : outros como Rodrigues e Xavier tomam o caminho de Portugal para onde os chama o zelo piedoso d'el-rei D. João III, emquanto Bobadilla, Lejay e Cannisius combatem o erro nas dietas de Worms, Spira e Ratisbonna, e detem Mayença e Colonia, prestes a despenharem-se no abysmo da heresia.

Os acontecimentos se precipitavam e ia ter lugar o maior facto da historia ecclesiastica moderna; o concilio geral tão desejado para a reforma dos abu-

sos, que se tinham introduzido na disciplina da igreja, e para o qual haviam appellado os discipulos de Luthero das decisões do soberano pontifice, abriu-se solemnemente no dia 13 de Dezembro de 1545 na cathedral de Trento. Era esta a grande liça, em que os mais extremados paladinos deveram brandir suas lanças, uns em favor da verdade revelada e do ensino doutrinario da Igreja, e outros em pról dos foros da razão, aceitando a Biblia e o Evangelho sem commentarios. Grandioso era o espectaculo; nunca houvera uma assembléa tão respeitavel, nem mesmo a de Nicéa, congregada depois da paz geral, dada por Constantino em seu celebre edicto de Milão. Os protestantes deputavam seus grandes homens, aquelles que accusando o catholicismo de ter adulterado a doutrina do Divino Mestre deveram demonstrar a proposição dando d'est'arte a causal do seu schisma. Corria aos catholicos o dever de defender a sua crença, e provar que a Igreja, depositaria da fé, não tinha se afastado jámais do espirito do Evangelho. Os embaixadores dos principes e povos christãos assistiam a esse torneio theologico: A' companhia de Jesus ainda envolta nas fachas infantis coube uma grande gloria, feliz agouro da sua proxima futura grandeza. Laynez e Salmeron foram os theologos da S. Sé nesse famoso concilio ecumenico (1).

---

(1) Refere Sarpi *(Hist. do Conc. de Trento)* que Lay-

« Quiconque, diz *De Pradt*, dans une haute car-
» rière, parvient à inscrire son nom sur le monde,
» à le rendre inséparable du sien et de la mémoire
» des hommes, est grand, car il participe à la gran-
» deur même du monde, avec lequel il reste iden-
» tifié. Qui pourrait, sous ces rapports, dénier à
» saint Ignace et à son institution le titre de grand ?
» Quelle comparaison y a-t-il entre lui et les autres
» fondateurs des institutions monastiques ? Ceux-ci
» ne furent que des hommes de religion, et leurs
» institutions n'ont eu que ce caractère. Ignace fut
» un grand conquérant, il eut le génie des con-
» quêtes, il y fit servir tout ce qui constitue le
» pouvoir, il en fit l'esprit permanent et indélébile
» de son institution, elle n'a pas dévié de cette ligne,
» tant celle-ci était habilement et fortement tracée :
» les autres fondateurs furent des moines, et leurs
» institutions des machines purement monacales.
» Ignace fut un grand politique, faisant servir la
» religion à la politique, et son institution fut, si
» l'on peut parler ainsi, un homme d'État reli-
» gieux. » (*Du Jésuitisme ancien et moderne*, cap. XIV.)

---

nez, fazia transportar sua cadeira para o recinto d'assembléa e com simples gesto regulava os debates. Descontando o que ha de hyperbolico nesta asserção do mordaz historiador ainda fica bem saliente a influencia que sobre os padres de Trento exerceu esse celebre jesuita.

Cremos que o illustre escriptor, cujas palavras acabamos de textualmente citar, rendendo a divida homenagem á alta capacidade, diremos mesmo ao genio transcendente de Ignacio de Loyola, não foi bastante justo para com a sua memoria quando o qualifica de homem politico, legando aos seus successores a chave do enigma, d'onde dependeria a influencia secreta do instituto. O primeiro geral dos jesuitas não nutria em seu peito essas vistas ambiciosas, essa sede de mando de illegal preponderencia, que deslustraram a companhia em épochas posteriores. A sua politica (si a tinha) era a mesma que professaram os apostolos, politica civilisadora, que a nada menos tendia do que purificar a terra polluta por tantos vicios e crimes. Enviando seus discipulos, como vimos, ao theatro dos maiores acontecimentos, ao centro em que se debatiam catholicos e protestantes, queria impedir que mãos ousadas senão temerarias lacerassem a toga inconsutil de Christo, e de algum modo influir nos gabinetes dos principes.

Os jesuitas estavam nessa época á frente da grande reacção catholica : eram os mais valentes soldados da Igreja. Vemo-los luctando braço a braço com o protestantismo : mas ainda não se achava completa a sua ambição de gloria e de martyrio; necessitavam de mais vasta arena. Grande parte da Europa se destacára da communhão romana : a Allemanha, a religiosa Allemanha, se declarára em completa re-

bellião seguindo as doutrinas d'um monge apostata (1); a Inglaterra, a ilha dos Santos, arvorava o pendão d'um novo culto, de que era fundador um

---

(1) Pressensé *(Liberdade Rel. na Europa)* faz o seguinte parallelo entre S. Ignacio de Loyola e Martinho Luthero: « Não ha na historia mais singular contraste de que o de Luthero e de Ignacio : possuiam ambos uma alma de fogo, paixão pela sua ideia, caracter indomavel e tacto governativo, que é como a realeza de direito divino. Prescindindo d'estes pontos de contacto muitos outros ha que os diversificam : assim o monge é o menos clerical dos christãos, seu amplo peito aspira com delicias o ar livre; derriba as paredes do claustro tanto no sentido material como no moral. E' o mais leigo dos prégadores, verdadeiro tribuno do povo christão, protestando e appellando do direito canonico para os livros sanctos e para a consciencia, cujos oraculos são universaes. Facto extraordinario, é o fidalgo, pagem da côrte antes de ser soldado valoroso, que tem de ser por excellencia o guarda do sanctuario. Luthero é o iniciador systematico e Ignacio o adversario convicto de todo o progresso, e ainda de toda a reforma. Luthero escreve, falla, lucta com alegria viril, nem sempre contida em seus justos limites; Ignacio é sombrio e melancolico, conhecendo que tem contra si o movimento do mundo e o dos espiritos. Luther é franco até a brutalidade; Ignacio leva o calculo até a oração, e sabe alliar a duplicidade com o extremo fervor. Obtiveram ambos todo o exito que poderiam desejar : subtrahiu o reformador ao pontificado metade da Europa, e o maior triumpho de seu antagonista consistiu em reter a outra metade, prestes a escarpar-se, sendo certo que, graças a elle, a Reforma foi subitamente refeçada em Hespanha e Italia e que a Austria, já em grande parte convertida ás novas ideias, volveu ao gremio da Igreja. »

rei notavel pelos seus satanicos caprichos; todo o norte seguia o exemplo da reforma e a propria França, a filha primogenita da Igreja, estava ameaçada d'essa terrivel guerra civil, entre os catholicos e huguenotes, que devera terminar pela exaltação ao solio de S. Luiz do illustre *bearnez*, *ex calvinista*. Nesse seculo, em que tão grandes perdas experimentava o nosso culto, permittiu Deos que immensas regiões fossem abertas á propagação do catholicismo exactamente pelas duas nações as mais orthodoxas do mundo. Vasco da Gama e Colombo offereciam nas Indias e na America um campo digno d'ensaiarem as suas forças os novos apostolos do catholicismo.

D. João III, rei de Portugal, pedia á Roma missionarios dedicados para evangelisar esses reinos, que a fortuna tinha submettido ás suas armas, e o papa ordenava a Ignacio, que satisfizesse ao piedoso desejo do monarcha lusitano enviando-lhe alguns dos seus discipulos. A companhia achava-se então no berço, apenas existiam seis professos; mas d'estes partem dous (Azevedo e Xavier) para Lisboa, onde devera ficar o primeiro, estando reservado ao segundo o glorioso titulo de *Apostolo das Indias*.

Esses bellos paizes banhados pelo Ganges e pelo Indo, cuja historia nos parece eternamente occulta por um denso vêo d'allegorias, objecto constante da cobiça de todos os conquistadores do mundo desde Baccho e Sesostris até Napoleão I, subjugados pelo

grande Affonso d'Albuquerque, viam então tremular sobre os muros das suas cidades o pavilhão das lusas quinas.

Alexandre das missões, Francisco Xavier conquista pelo unico prestigio de sua palavra ardente mais corações para a nossa fé do que reinos e provincias submettiam ao rei fidelissimo os successores do Gama. As bombardas podiam abater as muralhas inexpugnaveis, onde se asylavam os filhos Brahma, mas o odio contro os invasores, contra aquelles, que de longes climas vomitára o mar sobre as margens do rio sagrado, esse ficára gravado em todos os peitos espreitando occasião opportuna para fazer a sua terrivel explosão. A humanidade obedece aos verdugos mas só ama aos bemfeitores. Em Moçambique, que pela insalubridade do clima, fôra chamado o tumulo dos portuguezes, improvisou-se Xavier em medico do corpo e das almas; aos seus desvelos se deveram a conservação de preciosas vidas. Cathechisa em Gôa, capital do estado da India, antes aos catholicos portuguezes, que andavam transviados pelo excessivo amor do ouro e dos prazeres, do que aos idolatras, cuja docilidade em ouvir as sanctas praticas enchia de jubilo ao piedoso varão. O cabo Camorim e a costa da Pescaria soffrem successivamente o influxo da sua palavra; ganha almas para o céo, e estende as fronteiras da civilisação. Evangelisa a ilha d'Amboise, as Molucas, Meliapor e vai a Malaca, onde com o favor d'um clima delicioso, de-

baixo d'um céo de saphiras, a voluptuosidade se infiltra pelos póros dos seus habitantes, que, entregues ao sensualismo, parecem pouco dispostos a ouvir as lições da severa moral, que lhes vem pregar o jesuita. Sua voz harmoniosa, e espirito jucundo, ajudam-no poderosamente a converter esse povo, que tinha deificado o prazer. Poude alfim chama-los ao cumprimento dos deveres de christãos mostrando-lhes a estatua da virtude engrinaldada de flôres mysticas cujo odor era certamente mais agradavel do que o dos lyrios e madres-sylvas, que cresciam em seus poeticos jardins.

O Japão, esse mundo d'ilhas e montanhas, nos confins d'Asia e defronte da China, desafia o desejo do excelso missionario, que aspira á honra de chamar os seus habitantes á verdadeira crença arrancando-os da idolatria ou do atheismo. Não ha perigos, nem privações, a que de bom grado não se exponha para realisar o seu sancto proposito. Os *bonzos* debalde revoltam-se contra a sua doutrina, que prejudicava aos seus mais vitaes interesses, Xavier triumpha da tenaz e systematica opposição operando numerosas conversões na propria cidade de Meaco, residencia habitual do *Mikado*. Suas vistas se voltaram então para China, vastissimo imperio de que se contavam tantas maravilhas, e que se gloriava d'uma civilisação de muitos seculos anterior á nossa. Queria ouvir os *mandarins letrados* defenderem o dogma e a moral de Confuccio, e convencer a

esses presumidos doutores que a unica doutrina verdadeira é a de Christo; mas o céo tinha pressa de possuir no numero dos seus habitadores o grande *bonzo da Europa*, como lhe chamavam os Japonezes. Semelhante a Moysés, a quem não foi permittido entrar na *terra da promissão*, e que findou a sua gloriosa carreira avistando as aguas do Jordão, que, come uma serpente de prata, sulca a Palestina, assim tambem o grande apostolo, entregou a sua alma a Deos em Sancian, agreste e inculta terra na extremidade da peninsula de Macáo, e em face do celeste imperio. A voz da gratidão dos povos attestou suas virtudes, seus heroicos serviços, e alguns protestantes como Baldeus (1) e Ricardo Haklvit (2) pondo de parte os preconceitos, que nutrem contra o nosso culto, inscreveram seus valiosos testemunhos em pról da verdade e da justiça, e renderam homenagem á memoria de Francisco Xavier, a quem a igreja conta no numero dos seus sanctos (3).

---

(1) *Hist. des Indes.*

(2) *Recueil de Voyages.*

(3) Eis como lord Maccaulay, se bem que protestante, julgava a Companhia de Jesus. « A quinta essencia de espirito catholico concentrou-se na Sociedade de Jesus, e a sua historia é a da grande reacção ultramontana. A través dos oceanos e dos desertos, arrostando a fome, a peste, os espiões e as leis draconianas encontram-se jesuitas em todos os paizes, e em todos os trajos; como sabios, medicos, ou negociantes; ora na côrte dos soberanos, ora nas miseraveis cabanas dos selvagens, discutindo, ensinando, consolando,

O espirito do grande apostolo dirigia ainda seus emulos e discipulos: e o que não lhe fôra dado conseguia Melchior Nunes penetrando nessa China quasi fabulosa. A Africa rivalisava com a Asia; a Ethiopia, a Abyssinia, o Egypto, Angola e Congo eram successivamente christianisados pelos heroicos filhos de Loyola; seu sangue regava a frondosa arvore da fé, e sua palavra, como a lava do Vesuvio, calcinava os erros da idolatria. A terra parecendo faltar para as conquistas pacificas dos jesuitas, o mundo de Colombo offereceu ampla seara aos operarios do Evangelho; e até o nosso Brazil, que o acaso, ou antes a Providencia, revelára a Cabral recebia os companheiros de Nobrega nove annos apenas depois da solemne fundação da companhia.

---

conquistando a affeição da juventude, e mostrando o crucifixo aos moribundos. Arrojam-se á terras mal conhecidas, seguindo as pégadas dos descobridores; mostram-se nas inaccessiveis montanhas do Perú: nos mercados d'escravos d'Africa: nos observatorios de China. Fazem proselitos em regiões jamais exploradas pela curiosidade e o interesse: pregam e disputam em idiomas totalmente ignorados no Occidènte. Quando correm em auxilio do pontificado romano corria este o mais imminente perigo, e desde então mudou-se a sorte do combate. O protestantismo, vencedor por espaço de trinta annos, conteve-se em seus progressos e com inaudita rapidez recua das fraldas dos Alpes ás praias do oceano septentrional. Não se havia ainda volvido um seculo e já a ordem enchia o mundo com suas façanhas e heroicos soffrimentos.»

Maravilhado de tão pasmosa conversão do mundo, que recordava os trabalhos dos primeiros propagadores do nosso culto, vendo a obra d'esses padres, animados de sacro enthusiasmo e como que cegamente obedecendo a uma impulsão divina, o sabio arcebispo de Cambraia, o grande Fénélon, no seu celebre sermão da Epiphania, pronunciado na igreja das Missões estrangeiras, rendia aos Jesuitas esta tão importante como imparcial homenagem.

« Alexandre, esse rapido conquistador, que pinta Daniel como não tocando a terra com os seus pés, elle, que tão cioso mostrou-se de subjugar o mundo, parou muito áquem de vós, porque a caridade vai mais longe do que o orgulho. Nem as areias abrasadoras, nem os desertos, nem as montanhas, nem a distancia dos lugares, nem as syrtes do oceano, nem a intemperie das estações, nem as frotas inimigas, nem as costas barbaras poderam deter os enviados de Deos. Quem são os que voam como as nuvens? Povos, levai-os sobre as vossas azas. O Oriente, o Meio dia, as ignotas ilhas vejam em silenlencio os que de longe vem. Quanto são bellos os pés d'esses homens, que vem do alto das montanhas trazer a paz, annunciar os bens eternos, prégar a salvação e dizer : Oh! Sion! teu Deos reinava sobre ti! Ei-los, estes novos conquistadores, que vem sem armas excepto a cruz do Salvador. Vem, não para despojar os vencidos derramando ondas de sangue,

mas para offerecer o seu proprio, e communicar os celestes thesouros. » (1).

A organisação da companhia era de tão notavel machinismo, que tudo dependia do chefe : do centro partiam todos os raios para a peripheria. Quando o geral da ordem era animado de sanctas e louvaveis intenções, quando não aspirava senão augmentar o numero dos soldados da cruz, empregando para isso os meios suasorios e não violentos ; n'uma palavra, quando os geraes se chamavam Ignacios, Laynéz, Franciscos de Borgia, caminhava o instituto maravilhosamente bem ; era guiado por varões piedosos a quem a politica era inteiramente estranha : e o echo das suas palavras, reboava nos confins do globo, e o perfume das suas virtudes embalsamava a atmosphera do claustro.

A idade de oiro dos Jesuitas foi limitadissima ; não excedeu a quarenta e um annos incompletos, desde o dia 27 de Setembro de 1540, data da bulla *Regimini militantis Ecclesia*, que approvou a obra do solitario de Manresa, até o de 19 de Fevereiro de 1581, em que Claudio Aquaviva foi eleito Geral.

Alguns escriptores, como De Prat e Gioberti, fazem remontar a degeneração do instituto do Generalato de Laynez, nós porém pedimos venia para apartarmo-nos da sua opinião pelas razões que passamos a expôr.

---

(1) Fénélon, *Œuvr. tom. VII.*

Jacóme Laynez, companheiro e collaborador de Loyola tinha tomado muita parte na obra d'este para querer destrui-la quando á frente dos negocios. Havia certa solidariedade entre elles : Laynez possuia qualidades, que faltavam a Loyola, eram dous entes, que mutuamente se completavam. Ignacio tinha todo aquelle ardor caracteristico dos fundadores; impacientava-se com os obices e delongas, que lhe oppunham os homens para quem a Companhia era um mysterio; ardia por ve-la definitivamente estabelecida, porque considerava-a como o unico meio de combater a heresia triumphante : via no seu instituto o Christianismo em acção. Laynez, *Fabio Cunctator*, paciente sabia esperar, aconselhava a seu amigo de empregar o tempo como seu principal alliado. Após o enthusiasmo vinha a reflexão e Loyola terminava sempre por concordar com Laynez. Ignacio applicando em toda a sua latitude a maxima evangelica que ordena julgar o proximo como desejaramos ser julgados cria que todos os homens possuiam as suas rarissimas virtudes, povoava o mundo de sanctos e em sua seraphica imaginação reduzia todos os crimes a veniaes peccados, que o borrifar do hyssope fazia desapparecer. Laynez era mais positivo, conhecia mais do que seu compatriota os vicios da terra, e não poucas vezes mostrou o fojo cavado pela traição debaixo dos pés do byscainho, que com os olhos fitos no céo desdenhava olhar para o chão. As poucas medidas praticas, e ideias administrati-

vas, que se lêm nas primitivas constituições da companhia são mui seguramente inspiradas por Laynez. Ainda occorre-nos uma consideração, que prova que o segundo geral não alterou em nada a obra do primeiro : Ignacio não quiz dar as constituições por terminadas e immutaveis por essa modestia tão commum aos sanctos; mas Laynez conhecendo que ellas tendiam a formar uma classe de homens, que destacando-se dos laços sociaes, que de ordinario prendem os homens á suas affeições terrenas, para se consagrarem ao serviço da religião, e serem na expressão d'um rei philosopho, os *Janisaros da Sancta Sé,* julgou que semelhantes homens sempre existiriam, e que d'elles em todos os tempos haveria mister a Igreja, e movido por essas razões deu o caracter d'immutabilidade ás regras do fundador, excepto na sua parte meramente disciplinar, que é por sua propria natureza mutavel. Estaremos em erro; mas julgamos que quem assim procede não póde ser taxado de innovador; nem tão pouco de ser o primeiro élo d'essa cadeia de geraes politicos e artificiosos, que adulteraram o instituto para cuja fundação elle Laynez tanto contribuira.

O duque de Gandia, o amigo de Carlos V e de Philippe II, renunciando os foros da sua alta posição, vestiu a roupeta da companhia tomando o modesto nome de Padre Francisco de Borgia; a este homem humilde, este nobre sem vaidade, que o pro-

testante Macaulay (1) diz ser o sancto do calendario romano que maiores dignidades tenha abdicado privando-se de mais domesticas venturas, e cuja vida é mais eloquente do que todas as homelias de S. João Chrysostomo, a tão conspicuo e pio varão pareceu Laynez expirando designar para seu successor. Caracter concentrado, espirito, que necessitava de receber alheia impressão, mas que uma vez recebida não recuava perante difficuldade alguma, era o homem mais proprio para desenvolver os planos de Ignacio de Loyola e de Laynez. « Não tinha, diz Cretineau Joly, nem a immensidade das concepções do fundador, nem a ardente iniciativa, e o raro conjuncto de talentos que acaba de desenvolver o segundo geral da ordem; entretanto ao contacto d'esses dous homens, que tão grande influencia exerceram sobre elle, Borgia aqueceu com o fogo do seu vigor a natural fraqueza. De temperamento melancolico teria á existencia agitada do missionario preferido as doçuras da vida contemplativa; arrancou-o Ignacio ao repouso da solidão, que ambicionava, e Laynez lançou-o nos trabalhos do apostolado, preparando-o por difficeis provas para legar-lhe a herança. »

Sob o regimen do terceiro geral o instituto continuou a prosperar sem afastar-se ainda das sabias vistas de Loyola: Borgia tinha vivido na sua inti-

(1) *Rev. of Edimburgh.*

midade; ouvira-lhe muitas vezes a exposição do seu piedoso plano, e demais não era difficultoso a um sancto interpretar as intenções d'outro sancto. Durante o seu generalato teve de luctar com um virtuosissimo pontifice S. Pio V, que sem duvida levado pelas ideias da perfeição espiritual, quiz impôr aos jesuitas o onus do officio coral, de que tinham sido dispensados pela bulla da sua instituição. A's ponderosas razões do geral cedeu alfim o soberano Pontifice, louvando a moderação com que este procedêra; e não tardou a conhecer practicamente quanto o antígo duque de Gandia era addicto á Sancta Sé, e quanto a sua influencia de familia lhe era salutar.

Os Turcos, imperando Selim II, filho e successor de Solimão, abrasados pela sêde de vingança pela inutilidade da sua tentativa contra Malta, ameaçavam invadir os estados da Igreja e o territorio veneziano. O Papa lembrou-se de pregar contra elles uma nova cruzada; mas os principes christãos estavam nimiamente occupados com as suas dissenções para prestarem á voz de S. Pio V a attenção outr'ora prestada á de Urbano II. A Hespanha era porém nessa épocha a primeira potencia catholica, e o Summo Pontifice enviando a Philippe II seu sobrinho o cardeal Alexandrini na qualidade de legado *a latere* fazia-o acompanhar por Francisco de Borgia; a seus esforços deveu-se talvez em não pequena escala esse magnifico triumpho de D. João d'Austria

em Lepanto, d'onde se póde datar a decadencia do poder othomano.

Si penetrasseis então nos collegios da douta Germania, da espirituosa França, da orthodoxa Hespanha, da piedosa Italia, e do fidelissimo Portugal, ve-los-hieis povoados por uma multidão de sabios de roupeta, que instruiam a mocidade, pregavam, confessavam, administravam os Sacramentos com edificante solicitude (1). Si d'ahi vossas vistas se

---

(1) Em 1584, publicou-se o manual das suas casas d'educação sob o titulo de — *Ratio Studiorum* — pouco depois ligeiramente modificado. O plano d'estudos era o seguinte. Começava-se pelas classes de grammatica (latina) que duravam dois annos, seguia-se as de humanidades leccionadas em tres annos e passava-se as de philosophia e theologia que consummiam sete annos. Admittiam externos em seus cursos afim de exercerem influencia sobre as familias, e para agradar-lhes esmeravam-se em tudo o que dizia respeito a saude dos corpos e recreio dos espiritos. Assim foram elles que introduziram as apparatosas distribuições de premios e as representações theatraes, em que os alumnos serviam de actores. Debates academicos, especie de torneios oratorios, quebravam a monotonia das aulas. Tudo era porém apparente, tudo phantasmagorico : em latim limitavam-se ao esteril ensino das regras de grammatica sem a explicação e o commentario intelligente dos textos : em philosophia a tradição aristotelica, interpretada pelos escolatiscos; em rhetorica ao abuso dos tropos e figuras; a historia brilhava por sua ausencia, e a geometria constava de algumas definições d'Euclides. Em tudo o mais distinguia-se o seu methodo mais pelas suppressões do que pelo cultivo das faculdades intellectuaes.

estendessem ás missões longinquas, si perlustrasseis as reducções d'America, da Cochinchina e da Ethiopia, si das margens d'Uruguay vos remontasseis ás do Nilo, verieis os infatigaveis successores de Xavier chamando ao gremio da Igreja e da civilisação esses filhos prodigos do Evangelho, e ao contemplar tanta abnegação, tanta heroicidade, facilmente vos convencerieis de que a Companhia estava nos seus aureos dias, e que um sancto presidia aos seus destinos.

A' era dos sanctos ia seguir-se a dos politicos; a cuja frente devemos collocar o famoso Claudio Aquaviva. Principe romano entrara para a companhia com vistas ambiciosas; aspirava o primeiro lugar nessa corporação, que acabavam de illustrar tres grandes personagens, e que devia á virtude dos seus chefes, á dedicação dos seus membros o ter levado o vexillo de Golgotha mais longe do que as aguias da rainha do Tibre. Aquaviva substituia á rude franqueza dos Hespanhóes a finura italiana : á simplicidade da pomba a astucia da serpente. Commentando pelo seu *Directorio* ás *Constituições* falseava inteiramente a obra de Loyola : dava-lhe um caracter bem diverso; e fornecia aos inimigos do instituto armas para estigmatisar toda a instituição não attendendo ás épochas, nem aos homens, que dirigiam o timão da ordem.

A theoria das reticencias e restricções mentaes, iniciada pelo geral, foi estudada e levada á ultima

perfeição pelos theologos da Companhia, aos quaes em tempo algum se poude negar grande talento, e que agora applicavam as subtilezas e argucias os lazeres outr'ora empregados em defeza do dogma. Os tempos estavam mudados : o scenario era o mesmo, mas outros os actores. As *Constituições*, que como dissemos davam ampla margem ao arbitrio, suppunham sempre no geral um homem como Borgia, que fugia as pompas e as vaidades do mundo, e não como Aquaviva, que as procurava. O erro capital de S. Ignacio foi de crer que seus filhos escolheriam para succeder-lhe os homens mais notaveis d'entre elles, e sobretudo os que menos ambicionassem as honras da governança, e estava muito longe de esperar que o espirito de cabala podesse cega-los a ponto de collocarem á sua frente um joven fogoso, e unicamente notavel pela sua linhagem, e pelas occultas e tenebrosas machinações do claustro.

Tão profundos golpes, quaes os descarregados por Aquaviva na primitiva regra da Companhia, que alteravam profundamente o fim da sua instituição, não podiam ser vistas com indifferença pelo Papa, cujo nome constantemente invocavam os pseudo-reformadores da ordem. Presidia então a Igreja Universal o grande Sixto V, a quem Roma e a christandade tanto devem. Este homem, cuja vontade fazia lei porque ella era quasi sempre a mais exacta expressão da justiça e da vêrdade, concebêra vastos projectos para a grandeza da cidade eterna e do ca-

tholicismo. Com sua pasmosa actividade tudo via, tudo examinava : e chegando-lhe aos ouvidos as queixas que alguns Jesuitas do antigo regimen faziam contra a adulteração da magestosa obra do seu mestre, chamou as *Constituições* a exame, e annotou com a sua propria letra as passagens, que mais precisavam ser alteradas como abrindo a porta aos maiores abusos nas mãos de homens, que não seguissem as tradições deixadas pelos primeiros geraes.

Contrastando com o proceder delicado e verdadeiramente christão de S. Francisco de Borgia, que levou aos pés de S. Pio V as suas humildes representações em pról da immutabilidade do Instituto, o geral Aquaviva animou-se, confiado no immenso poderio a que já então chegava a ordem, a resistir á vontade do Papa; e apesar d'esse Papa ser Sixto V, para quem as difficultades eram um poderoso incentivo de acção, não poude triumphar dos embaraços de todo o genero, que lhe oppoz o geral já da parte dos principes christãos como o imperador Rodolpho, o rei Sigismundo, e o duque da Baviera, já da dos membros do Sacro Collegio, a ponto de exclamar o magnanimo Antistite : « Todos os Cardeaes, ainda os que nós creamos, nos são contrarios e favoraveis aos jesuitas! » Para cumulo de dissimulação, e como exemplo vivo da regra, que dera aos provinciaes no seu *Directorio* Claudio Aquaviva assigna e remette ao Quirinal o requerimento pedindo as re-

formas, que meditava o Soberano Pontifice, e contra as quaes tantas intrigas movera, quando foi informado por seus agentes que Sixto V estava perigosamente enfermo, e já fóra do estado de deliberar. Era uma farça, que representava, e destinada a mostrar ás almas simples e credulas que a companhia de Jesus era essencialmente obediente á S. Sé. Illaqueando a boa fé do novo Papa Gregorio XIV obteve logo a revogação d'aquillo mesmo que acabava de pedir.

Tinha Loyola expressamente prohibido aos que seguissem a sua Ordem o aceitar honras e empregos fóra d'ella : querendo d'est'arte que o jesuita lhe consagrasse toda a sua existencia, e podesse com mais liberdade fallar aos principes e aos povos a linguagem, que convinha, que estes ouvissem. Com o favor de tão util medida ninguem receou tomar um padre da companhia, em que se não podiam suppor vistas interesseiras, nem ambição pessoal, por director da sua consciencia (1). Assim foram elles

(1) Foram redigidas por Aquaviva as instrucções para os confessores dos reis, e nellas expressamente se recommendou aos membros da ordem que evitassem a minima ingerencia nos negocios politicos, evitando a todo o transe qualquer conflicto com os ministros, sem que por isso deixassem d'empregar sua influencia junto aos principes, quando estivessem em litigio os interesses da religião. Recommendava-lhes outrosim que nos casos duvidosos se dirigissem aos seus superiores, em virtude do sancto principio da obediencia.

admittidos nas cortes dos imperantes, e os primeiros, que ahi appareceram não desmentiram a ideia, que d'elles se formava. Degenerando o instituto como ácima mencionamos resentiu-se d'isso todo o pessoal da ordem. Não queremos dizer quando adiantamos tal proposição que todos os jesuitas se tinham corrompido; mas sim que sendo esta instituição um systema completo, a que dirigia o principio d'unidade, não podiam alguns homens bons e bem intencionados impedir o mal, que partia do *Gesù*, e se infiltrava por todos os poros. Como confessores dos reis tiveram assento nos conselhos da côroa, e esquecendo-se das lições dos seus mestres, ingeriram-se na politica; quizeram tambem emittir a sua opinião nos negocios d'estado, e faziam o mais repugnante e monstruoso consorcio da religião com a sciencia de Macchiavelli. Desinteressados, individualmente fallando, tinham desordenada ambição collectiva: tudo sacrificando ao que chamavam bem-estar da Companhia mostravam-se pouco escrupulosos sobre os meios pelos quaes obteriam o tão suspirado predominio. Por sua habilidade, pelo talento com que levavam as negociações, pelo tacto fino, que mostravam no tracto da vida, amoldando-se a todos os usos e costumes, tomando na China as vestes de *mandarim*, sujeitando-se á vida aspera e nomada do selvagem Iroquez ou Esquimáo, e voltando depois de longas e perigosas peregrinações pelos inhospitos desertos da Arabia ou da Lybia, a

leccionar em seus collegios com doce e seductora linguagem, foram chamados os *diplomatas da Igreja.* Cumpre porém notar que para gozarem de semelhante denominação, que por mais d'um titulo cabe-lhes maravilhosamente, na segunda phase da sua existencia, deveram primeiro renunciar o de missionarios, e apostolos do catholicismo; porque este despreza os meios obliquos e vai desassombradamente aos seus fins.

Na Inglaterra se decidem em favor de Maria Stuart contra Isabel; envenenam com as suas predicas, com os seus escriptos, e com suas meias confidencias os animos, já tão irritados dos catholicos e protestantes, alternativamente vencedores e vencidos em curto espaço de tempo. Provocam a bulla de Pio V contra Isabel, e o consequente edicto d'esta princeza que responde com medidas violentas e exterminadoras ás duras e severas palavras, de que contra ella se servira Roma. A intolerancia d'esses regulares, que recebiam do seu geral as mais rispidas ordens para excitar uma reacção catholica contra a filha de Henrique VIII cobre a Grãa-Bretanha de cadafalsos, faz correr ondas de sangue innocente, e afasta-a, sabe Deos por quanto tempo, do gremio da verdadeira Igreja.

O novo programma da Companhia ganhava cada dia novo desenvolvimento e as maximas de Aquaviva eram seguidas por seus vassallos com a maior pontualidade. A França do XVI.º seculo, dividida como

a Inglaterra, entre as duas communhões dissidentes, conhecidas n'aquelle reino pela denominação de *Catholicos* e *Huguenotes* offerecia aos jesuitas, avidos de se mostrarem no novo elemento, vasto theatro para as suas operações. Promoveram por intermedio do padre Edmond Auger, seu mais eloquente e habil correligionario, a formação da *Liga*, que tinha por fim ostensivo a defesa da religião catholica; e dominando o espirito do fraco monarcha Henrique III expunham-no á animadversão do seu povo em proveito da causa dos Guises. O assassinato do rei por Jacques Clement no dia 1.º de Agosto de 1589, attribuido aos jesuitas, advertiu ao geral da necessidade de occultar a sua influencia nos negocios politicos de França: e d'ahi toda essa scena de dissimulação de que Aquaviva foi o protagonista, e que para ser bem apreciada deve ler-se a sua celebre carta de 22 de Fevereiro de 1586, escripta ao padre Matheus, em que prohibindo-lhe e aos seus confrades de França toda a intervenção nos negocios da *Liga*, serviu-lhe todavia de *letras credenciaes* para ir pôr-se na Lorena á frente do partido levantado contra o rei de Navarra. Tão amphibologica e enigmatica era ella!

Durante o governo dos quatros primeiros geraes a companhia de Jesus estava inteiramente identificada com os seus chefes: o caracter de cada um d'elles ficou impresso nos seus annaes, e revelou-se na indole do instituto, porque eram todos poderosas

individualidades : homens notaveis por este ou aquelle titulo ; e o proprio Aquaviva, de quem acabamos de fallar, manifestou á frente dos negocios rarissimos predicados politicos, que se não esperavam, e que, apezar de contrarios á natureza e fins da instituição, provavam não ser elle um homem vulgar. A partir porém de Mucio Vitelleschi, elevado ao generalato a 11 de Dezembro de 1563, os chefes da ordem de Jesus como que desapparecem, eclipsados por uma dominadora oligarchia, composta dos assistentes, provinciaes e mais professos. Parecem os geraes governar com o mesmo prestigio de autoridade que tinham os seus predecessores ; mas encontram por toda a parte *obediencias activas*, intelligencias incapazes de submetterem-se sem murmurar. A fraqueza dos chefes era a causa principal d'esse predominio de alguns membros, que lhes impunham um jugo muitas vezes insupportavel, reduzindo-os ao mesquinho papel de manequins. Com mui pequeno intervallo sentaram-se na cadeira presidencial do *Gesù*, cinco geraes, e tão pouco importantes eram elles, que pouco se importava o mundo saber si se chamavam Vitelleschis, Casaffas, Piccolominis, Gottifredis ou Goswins. Serviam de doceis e passivos instrumentos nas mãos de alguns poucos homens, que possuiam o segredo, depositarios da *monita secreta* (1) e que affectando exteriormente a

(1) Está hoje averiguado que o documento de politica

maior sujeição ás ordens do geral serviam-se de autoridade illimitada, que lhes conferiam as constituições, para satisfazerem os seus caprichos, e saciarem quiçá as suas vinganças.

A funesta influencia da politica jesuitica fazia-se sentir em toda a Europa : por toda a parte agitavam os animos ; provocavam rancorosas discussões. Protegidos en França por Richelieu, auxiliam as vistas ambiciosas d'esse ministro omnipotente, que não duvidava prestar-lhes todo o seu apoio contra a universidade, para a qual os filhos de Loyola com suas pretenções de monopolisarem a instrucção publica, eram perigosos rivaes. Dominam na Hespanha nos conselhos do rei Filippe III, que os consulta até ácerca da conveniencia de lançar sobre o seu povo novos impostos, e depois da sua morte apressam-se de apoderar-se do animo de seu filho e successor Filippe IV, a quem prodigalisam as maiores provas de adhesão, ao passo que auxiliam em Portugal a heroica revolução de 1640, que devera collocar no throno affonsino D. João IV, ainda então duque de Bragança. Explicando o seu proceder ambiguo pela famosa theoria das restricções mentaes,

---

machiavellica, conhecido pelo nome de *Monita Secreta*, não passa d'uma satyra finissima forjada contra a Companhia de Jesus. Eram esses regulares por demais habeis para confiarem ao papel seus occultos designios, alem de que encontram-se n'ellas rasgos de franqueza e sinceridade, que não entrava em seus habitos de dissimulação.

tinham a arte de obterem os principaes lugares na nova côrte, sem comtudo se indisporem com o gabinete do Escurial (1). Com razão ou sem ella, tinham sido accusados pela voz publica de terem por meio das suas suggestões impellido el-rei D. Sebastião a essa tristissima guerra de Africa que terminou de modo tão funésto para a nação, a quem arremessou no jugo estrangeiro, agora pois reparavam o seu erro, ou melhor serviam a sua ambição. Os *hosannas* são não poucas vezes interrompidos pelo *crucifige,* á serie de triumphos da companhia vinham de quando em quando juntarem-se alguns revezes. Por motivos que ainda hoje jazem sepultados na noite do mysterio, fóram elles nessa épocha expulsos da ilha de Malta no orgão-mestrado de Paulo Lascari, seu grande amigo, e dedicado protector. O povo e os cavalleiros, grandemente irritados contra elles, obrigaram-nos a embarcarem-se em uma fragil barca que o vento arrojou ás costas da Sicilia. Os espiritos turbulentos conhecendo que mãos vigorosas não sustinham mais as redeas do governo da ordem davam largas ao seu genio, e atirando a mascara, que por tanto tempo tinham sido constrangidos a usar, caminhavam agora a largos passos para o dominio universal.

---

(1) Sabida é a immensa influencia de que gozou o jesuita padre Antonio Vieira no reinado de D. João e na regencia da rainha D. Luiza de Gusmão.

A substituição das puras e sanctas maximas das *Constituições* baseadas no Evangelho pela casuistica interpretação do *Directorio*, seguida dos corollarios dos continuadores da politica de Aquaviva, não podia deixar de prejudicar á sorte das missões: assim os missionarios d'essa épocha se parecem tanto com Xavier como o seu geral com Loyola. Ainda haviam nesse tempo apostolicos varões, e martyres da fé; mas o que podiam as virtudes e o sangue d'esses homens contra a torrente devastadora, que se despenhava das cataractas do *Gesù?* Uma ethica singular, consequencia do probabilismo dos seus doutores, arruinou as missões, contribuindo assas para o descredito do catholicismo, que era representado como uma lei fallaz, e mentirosa; permittindo os enganos, perjuros, revoltas, numa palavra todos os vicios e crimes e assemelhando a fé romana á punica. Quando homens honestos, e bastante vigorosos para realisarem as suas ideias, estavam na administração da ordem, viam-se nas missões seus fieis transumptos, não aspirando senão o proveito espiritual dos povos a quem iam tirar das garras do erro, ou da impiedade; mas quando a politica formou o programma dos chefes da Companhia, quando estes quizeram dominar por todos os meios, embora licitos não fossem os fins, então os novos apostolos não se contentaram com um saco por bagagem, e um pedaço de pão negro por provisão de viagem, e desejaram as commodidades da vida, porque não já

como missionarios saiam dos seus collegios, mas sim como diplomatas d'um soberano, que imperava sobre muitos milhões de vassallos.

Na tão famosa questão dos ritos chinezes deram provas manifestas de degeneração, e dos progressos, que tinham feito na arte de sophismar as ordens, que contrariassem as suas vistas, embora emanadas da suprema cadeira da verdade. O seu espirito de fraternidade e mansidão ostentou-se a descoberto nas continuas dissensões contra as outras ordens religiosas, principalmente contra as que com elles emulavam nos trabalhos da cathechese. Não queriam admittir companheiros na abundante messe da conversão dos gentios : pretendiam nesta materia, bem como em muitas outras, o privilegio exclusivo para o seu instituto. Não havia embaraços, que não suscitassem ; não recuando até perante a ideia de se declararem em completa opposição aos bispos, allegando privilegios recebidos da Santa-Sé, e fingindo para com esta uma reverencia sem limites(1). Ora, Roma não lhes podia ceder taes isenções sem se pôr em contradicção com os seus principios, que consis-

(1) Quando julgavam preciso deixavam cahir a mascara da obediencia passiva, assim Bellarmino escrevia a Paulo V, que ameaçava condemna-los pela sua doutrina sobre a graça : « Si V. S. infligir semelhante opprobrio á nossa ordem eu não respondo pela opposição com que mil pennas combaterão a vossa bulla, compromettendo d'est'arte o prestigio da Sancta Sé : »

tem em rodear de todo o prestigio os pastores da Igreja, porque são estes, que com o supremo chefe, formam o corpo doutrinante, unico depositario da Religião de Christo.

A historia das missões na segunda metade do seculo XVII e no seguinte offerece uma constante luta, ora manifesta, ora latente, entre os jesuitas, e os delegados de Roma, aos quaes queriam impedir todo accesso nesses paizes, e todo o inquerito sobre as suas acções. Alexandre VII e a Propaganda querendo pôr um dique á audacia d'esses regulares, ordenaram que os missionarios da China e da Indo-China fossem submettidos á auctoridade dos vigarios apostolicos e á de seus cooperadores; e como menosprezassem taes decretos partiu para ahi na qualidade de legado *a lastre* o bispo d'Eliopoli, Francisco de Palu, homem a quem tornavam illustre trinta annos de fadigas apostolicas. Seu poder, virtudes e longa pratica dos negocios, não poderam superar a tenaz resistencia dos degenerados filhos de Loyola, que chegaram a dizer *que o Papa não tinha auctoridade para enviar ao Oriente bispos, vigarios, ou quaesquer outros delegados, em quanto não fossem expressamente revogados os privilegios da companhia e os do padroado, que os reis de Portugal exerciam sobre essas Igrejas.* A desobediencia formal aos decretos e decisões da Sancta Sé nos paizes longinquos eram palliados em Roma pelos mais fervorosos protestos de respeito e submissão, que os geraes Oliva e

Novelle faziam, dando a todos esses actos artificioso colorido; de modo que os rebeldes, d'est'arte justificados, ainda pareciam fieis servidores da boa e sancta causa da propagação da fé.

Offereceram os jesuitas por algum tempo no Paraguay o tocante espectaculo d'uma sociedade de selvagens regida por padres, e levada á cultura e ao progresso pela religião. A obra porém d'esses piedosos missionarios corrompeu-se bem depressa nas mãos dos seus successores, que, sequiosos de mando e riquezas, quizeram ser os senhores absolutos d'aquelles que haviam cathechisado. Assim as missões do Paraguay, que a principio eram um objecto d'edificação, transformaram-se em fonte de escandalo para toda a Europa : e fizeram sem duvida com que o bom Muratori se arrependesse de ter escripto a sua celebre obra *Christianesimo Felice*. Chateaubriand, acompanhando ao illustrado escriptor italiano nos encomios que prodigalisa ás missões jesuiticas da America, era levado por esse espirito d'enthusiasmo religioso, de reacção catholica, que tanto caracterisa as brilhantes paginas do *Genio do Christianismo*; e refere-se mui seguramente á primeira phase da existencia das referidas missões; porque si tivesse proseguido em suas investigações recuaria espavorido pelos excessos commettidos pelos membros da sociedade de Jesus, que não duvidaram de recorrer ás armas contra seus legitimos soberanos logo que pareceu-lhes que a po-

litica d'estes contrariava a sua. O leitor, que pretender avaliar por si mesmo o que acabamos de dizer, leia a relação publicada em defesa do bispo do Paraguay, Bernardino de Cardenas, a quem esses regulares moveram crua guerra, e a quem teceram uma das mais completas e perfeitas intrigas, dando assim provas do grande progresso que nessa sciencia, então para elles nova, faziam quotidianamente. De tal modo haviam segregado as suas colonias transatlanticas do resto do mundo, que ellas viviam ignoradas por todos, excepto pelos seus superiores em Roma, aos quaes eram obrigados a enviar todos os annos minuciosa conta do seu estado, especificando o ramo, em que mais prosperavam. Obstinavam-se em recusar o accesso em suas missões a quem quer que fosse, ou enviado pelo poder civil, ou pelo ecclesiastico, sendo o principal motivo das suas dissenções com Cardenas o pretender este prelado visitar os territorios do Paraguay e do Uruguay, não só por fazerem parte integrante da sua diocese, como até porque tal lhe fora ordenado pelo governo de Madrid (1).

(1) Ibagnez, que visitou no seculo passado essa pretendida Arcadia, no la representa como uma verdadeira colonia d'escravos, explorados em proveito da ordem de S. Ignacio, que nada fez para elevar o nivel moral dos indigenas, cujo estado de embrutecimento permittiu o longo despotismo de Francia e dos dois Lopez. Em parte alguma do mundo deixaram os jesuitas melhor padrão do seu systema cathechetico do que no Paraguay : *ex digito gigas.*

Não ha quem não tenha ouvido fallar n'essa famosa questão suscitada em França, por occasião da bancarota do padre Lavalette, superior geral dos jesuitas na ilha da Martinica, e que foi a causa occasional da sua suppressão nos estados de S. M. Christianissima. Dissemos que os jesuitas desmentindo o seu glorioso passado tinham-se deixado de tal sorte dominar pela sêde das riquezas, que consideravam as missões como feitorias, e para ellas mandavam homens mais azados para operações mercantis do que para os trabalhos do apostolado. N'este caso estava o padre Lavalette, descendente do heroico grão-mestre de Malta, ambicioso, emprehendedor e de grande actividade : o qual vendo que o estado financeiro da companhia nas Antilhas não era igual ao de algumas outras possessões suas resolveu eleva-lo a um ponto capaz de fazer inveja aos confrades das margens do Paraná. Entregou-se com ardor ao commercio, e em pouco tempo accumulou grossos cabedaes que empregou na acquisição de terras e d'escravos para rotea-las : elevando o seu numero ao prodigioso algarismo de dous mil. Tão grande emprego de capitaes, simultaneamente occupados no commercio e na agricultura, devera trazer após si um *deficit,* que foi obrigado a supprir por meio do credito, tomando um milhão de libras tornezas em Marselha, e em outras praças, com quaes estava em relações, não duvidando fazer esse emprestimo a tão bons fornecedores como eram os padres da compa-

nhia, que abasteciam os mercados europeos com os productos dos paizes ultramarinos. Seus empenhos seriam em breve tempo satisfeitos, como já tinha acontecido com outros identicos, si não fossem aprisionados pelos corsarios inglezes os navios que transportavam os generos das suas feitorias. Protestadas as letras, e levados os jesuitas perante os tribunaes foram condemnados a pagar *in solidum* a divida contrahida por Lavalette. Causou tal processo grande escandalo; e a companhia, surprehendida em flagrante violação dos canones da Igreja, desapprovou publicamente o procedimento do seu agente, que assignou a declaração de 25 de abril de 1762, pela qual assumia a responsabilidade do acto, isentando os chefes da ordem de toda a solidariedade n'elle. De sorte que si as transacções fossem corôadas de bom successo todo o proveito redundaria em pról da referida ordem, como porém foram desgraçados era ella inteiramente estranha ao que em seu nome, e mui seguramente com o seu beneplacito, fazia o seu delegado na America! Semelhante mystificação não enganou a ninguem; e o odio contra a corporação, cresceu prodigiosamente. Os mais decididos apologistas do instituto, como Cretineau-Joly, condemnam o proceder do superior geral nas Antilhas, e confessam que este negociara em grande escala; mas a sua parcialidade os priva de reconhecer que semelhante tendencia para as cousas profanas não era um facto isolado e sim a consequencia legitima

e necessaria de principios adoptados em Roma, e que faziam-se sentir por toda a parte, onde tremulava o pavilhão da Companhia de Jesus.

A heresia de Jansenio foi, na phrase de Gioberti, uma mina d'oiro para os jesuitas : sua prolongada polemica com a escola do Porto-Real absorvia a attenção do mundo religioso e litterario desviando-o do estudo da marcha tortuosa, qne levava a obra do sancto prisioneiro de Pamplona. Si por ventura alguem alçava a voz para denunciar os delictos da ordem tinha esta um facil meio de reduzi-lo ao silencio averbando-o de herege jansenista ; e invertendo habilmente os papeis de accusada transmutava-se em accusadôra ; largava o banco dos réos para sentar-se nas cadeiras dos juizes. Com esta politica artificiosa, que consistia em identificarem a sua causa com a da religião, de que então, com honrosas excepções, eram indignos ministros, haviam-se tornado quasi invulneraveis, e cobertos com o escudo d'Achilles desafiavam a cólera dos modernos Heitores.

« A destruição do Porto-Real, diz Dutilleul (1), annuncia e prepara a destruição dos jesuitas : são duas perseguições parallelas. Luiz XIV temia os jansenistas, corporação austera, armada de talentos estimados e admirados, professando perigosas doutrinas, pois que importavam a crença no fatalismo,

(1) *Hist. des Corporat. Relig. en France*, livr. 3, chap. 6.

e compondo no seio de seu governo um grupo compacto e quasi esparciata. Occultava-se no gremio do jansenismo um elemento de critica, secreto fervor de opposição, de resistencia, e como que um meio calvinismo dogmatico, tanto mais temivel por isso que as fórmas respeitosas para com o soberano pontifice eram conservadas, e não rompiam o laço da união catholica. Com a sua poderosa autoridade esmagou Luiz XIV essa corporação d'almas energicas, cuja secreta cadeia todavia conservou-se.

» Foram estas que mais tarde precipitaram os golpes do duque de Choiseul e dos philosophos, e que cruelmente vingaram o Porto-Real em ruinas. Tinham por alliadas todas as congregações inimigas dos jesuitas; Dominicanos, Agostinianos, Benedictinos, as mesmas ordens medicantes e sobretudo a universidade e o parlamento.

» Representantes do passado e da idade média, diz o citado autor no cap. 5.º da sua importante obra, por mais d'um titulo recommendavel, os jesuitas se tinham despojado da austeridade christãa para combater o mundo, que renascia, e da mesma maneira que os cavalleiros do Templo se tinham despedido do caracter pacífico do Evangelho para combater debaixo da coiraça os inimigos da cruz. Uma vez terminada a obra tornavam-se inuteis aquelles a quem não podiam mais defender, odiosos aos que tinham vencido : foram tratados inexoravelmente. »

D'estas mui judiciosas observações do illustre ad-

vogado *de la cour royale de Paris*, seja-nos licito discrepar no ponto em que diz serem os jesuitas *anachronicos* por sua instituição, quando nós pensamos que só o eram pelo abuso, que d'ella faziam, pelo constante e progressivo desvio das *Constituções* primitivas. Nunca é fóra de tempo defender a religioã e propaga-la pelos meios indicados no Evangelho.

Chegamos á parte mais difficil do nosso trabalho, queremos fallar da suppressão dos jesuitas. São tão contradictorias as versões, que se tem feito d'este facto aliás da maior simplicidade, que causam graves embaraços, a quem deseja estuda-lo. Temos á vista quatro escriptores, que se tem occupado com este importantissimo assumpto : cada qual parece ter a justiça do seu lado, e o leitor terminando a sua leitura está quasi disposto a militar debaixo das suas bandeiras. Ao conde Alexis de S. Priest, que primeiro escreveu a *Historia da quéda dos Jesuitas no XVIII seculo*, vieram juntar-se n'estes ultimos tempos, Cretineau-Joly, Theiner e Ravignan. Cretineau-Joly no tomo V da sua *Historia religiosa, politica e litteraria da Companhia de Jesus*, tratando d'esse celebre litigio absolve completamente os filhos de Loyola das accusações que n'essa época pesaram sobre elles, e parece attribuir a bulla *Dominus ac Redemptor noster* á fraqueza, e quiçá á nimia condescendencia do Pontifice, então reinante na Igreja de Deos. Posteriormente publicou um livro, a que

deu o titulo de *Clemente XIV e os Jesuitas*, em que firmando-se em documentos authenticos e ineditos, pinta-nos ao vivo as varias scenas a que este grande acontecimento deu lugar em quasi toda a Europa. Através do seu respeito para com a Santa Sé póde-se ver n'esse livro alguma acrimonia para com o immortal Ganganelli, que é ahi representado como instrumento passivo dos poderosos e implacaveis inimigos da Companhia. Para arredar do grande pontifice a nota de precipitado, e justificar aquelles de seus actos, que mais desfigurados foram pelo apologista dos jesuitas, publicou em 1852 o reverendo Agostinho Theiner, padre do oratorio, e perfeito-coadjutor dos archivos secretos do Vaticano a sua excellente obra denominada *Historia do pontificado de Clemente XIV*, enriquecida de preciosas peças justificativas extrahidas das mais puras fontes. Veiu tal publicação lançar um raio de luz no meio das trevas com que expressamente se tem querido envolver a questão : o seu juizo é sempre calmo e reflectido : orienta o leitor curioso no meio d'esse cahos de desencontradas opiniões e hypotheses arriscadas, que por toda a parte se formam, e levanta a ponta do véo, que encobre a verdade, vingando a memoria de Clemente XIV. Essa bellissima producção, devida á penna do douto oratoriano, affligiu profundamente aos jesuitas, e o seu ultimo geral o padre Roothan, queixou-se ao reverendo padre Ravignan do terrivel effeito que ia ella produzir no

mundo (1). O illustrado jesuita francez comprehendeu as intenções do seu chefe, e apressou-se em satisfazê-las dando á luz em Maio do corrente anno uma obra, em cujo frontispicio lê-se *Clemente XIII e Clemente XIV*, que acabamos de receber no momento, em que estas linhas escrevemos. Apenas tivemos tempo para fazer uma rapida leitura dos seus principaes capitulos, e d'ella deprehendemos que seu autor tomou a peito o defender a ordem a que pertence, o que seja dito com verdade, fê-lo com muito talento e dignidade. Todavia, como era de esperar, o reverendo padre Ravignan deixou-se dominar pelo excessivo amor que consagra ao instituto; e portanto não se descobre no dito trabalho aquella imparcialidade, e elevação de pensamentos, que tanto distinguem o livro do reverendo padre Theiner. É o parecer d'este ultimo escriptor de grande valia, até por não pertencer á escola philosophica como S. Priest, nem á da *Joven Italia* como o illustrado autor dos *Prolegomeni al Primato Morale e Civile degl'Italiani.*

Interrogando diversas testemunhas do grande processo jesuitico, e acareando os oppostos depoimentos dizemos com rude franquza o que a tal respeito pensamos : e oxalá que o mesquinho fructo dos nossos estudos tenham a ensigne ventura d'encontrar as sympathias d'aquelles para quem escrevemos.

---

(1) Préface, *Clément XIII et Clément XIV.*

Entre as causas, que originaram a suppressão d'esta celebre ordem um douto historiador moderno aponta as seguintes :

« Os jesuitas tinham contra si os dominicanos, pela sua opposição á doutrina de S. Thomaz : os franciscanos pela sua grande autoridade nas missões: os membros da universidade pela concurrencia, que faziam ás suas escolas, ainda que sem privilegios ; os negociantes, que n'elles temiam activos concurrentes, os quaes por não terem impostos a pagar podiam vender mais barato; os mestres, ou os que aspiravam sê-lo, vendo a juventude correr em multidão ás escolas d'esses rivaes, cujo ensino era gratuito e disvellado; os bispos, que tendiam a alargar a autoridade local, emquanto que os jesuitas eram ardentes fautores da universalidade pontificia. Tinham sobretudo contra si os jansenistas, que lhes exprobravam usar de attenções para com o seculo, constituindo-se defensores da liberdade a poder da vontade humana, e autorisando devoções que pareciam pouco convenientes. Chegavam mesmo ao ponto d'exhumar nos livros dos seus casuistas, obras escriptas em latim e para a instrucção dos directores das consciencias, passagens indecentes, assim como poder-se-hia fazer o mesmo nos tratados de medicina (1). »

Densas nuvens se accumulavam no horisonte, e os

(1) *Hist. Univ. de Cesare Cantu*, tom. 9, liv. XVII, chap. X.

mais inexpertos nautas presagiavam horrivel procella : a náo da Companhia amainaiva as vélas e punha-se á capa. Ninguem porém poderia suppôr que o primeiro grito de guerra partisse de Portugal, d'esse reino tão notavel pela sua affeição aos filhos de Loyola, e onde desde o tempo de Simão Rodrigues e Xavier tinham gozado de tão grande preponderencia. A educação publica era monopolio seu, e d'este modo dominavam sobre as gerações vindouras, emquanto que jungiam a contemporanea ao seu carro triumphal por mais d'um laço. « Elles eram na côrte, diz o ex-jesuita Georgel, não sómente os directores da consciencia e regimen de todos os principes e princezas da familia real: mas ainda o rei e os ministros consultavam-nos ácerca dos mais importantes negocios. Nenhum lugar na administração da Igreja ou do Estado era dado sem a sua influencia e beneplacito : e por isso o clero superior e o inferior, os grandes e o povo ambicionavam a sua protecção e favor. Como pois foi de Portugal que partiu a primeira pedra, que devera abalar, e mais tarde derribar completamente esse soberbo edificio (1) ? »

Esse mesmo illimitado poder, de que gozavam os jesuitas em Portugal, como confessa seu proprio coreligionario Georgel, foi o motivo primordial da sua quéda. O caracter de Sebastião José de Carvalho e

(1) *Mem. pour servir à l'hist. des événements de la fin du XVIIIe siècle*, tom. I.

Mello, conde d'Oeyras, e depois marquez de Pombal, é assaz conhecido para que nos occupemos em descreve-lo. Ministro imperioso d'um benigno monarcha, que o honrava com a sua confiança, em attenção a algumas eminentes qualidades que o distinguiam, não podia tolerar que junto ao throno houvesse homens, que comparticipassem da intimidade e das boas graças do soberano. D'ahi o odio, que votava á nobreza, a qual tambem desprezava-o por considera-lo *un parvenu*, em razão de não pertencer elle á primeira fidalguia do reino : e a guerra systematica, movida contra a Companhia de Jesus, a cuja protecção devera o sentar-se nos conselhos da corôa. Durante a sua estada na Allemanha e na Hollanda filiara-se á grande escola philosophica, que dominava nesses paizes, e nas suas contestações com a S. Sé mostrou ter por demais sympathisado com a igreja schismatica d'Utrecht..

Infelizmente os jesuitas forneciam mais d'um pretexto para a opposição, que lhes fazia o primeiro ministro. O commercio em larga escala entre a metropole e as suas *reducções* no Brazil, era feito publicamente por elles, e d'esse commercio provinham-lhes sommas incalculaveis. Os generos coloniaes recolhiam-se em espaçosos armazens, que tinham mandado construir em Lisboa, cujos administradores vestiam a roupeta da ordem. Tal era o seu fausto, que não havia quem não desejasse ve-lo reprimido, e restituida a sociedade de Jesus á primitiva pure-

za. Pairavam sobre ella graves suspeitas de ter promovido a rebellião dos indigenas contra as ordens do gabinete de S. Ildefonso, que prescrevia-lhe de entregar ao commissario portuguez Gomes Freire d'Andrade os sete povos das missões d'Uruguay em troca da colonia do Sacramento, cedida á Hespanha pelo tratado de Madrid de 1750. O sabio Pontifice Benedicto XIV, que então reinava, a cujo conhecimento levou Pombal suas queixas, expediu ao cardeal Saldanha um breve datado de 1.º d'Abril de 1758 nomeando-o *Visitador e Reformador das casas da Companhia de Jesus, situadas nos dominios de S. M. F.*, recommendando-lhe ao mesmo tempo, que se houvesse com toda a prudencia no desempenho d'esta commissão.

Os tiros disparados contra el-rei D. José na noite de 3 para 4 de setembro d'esse mesmo anno vieram aggravar cada vez mais a já tão critica situação dos jesuitas n'aquelle reino. Quaesquer que fossem as causas de tão lamentavel acontecimento, ainda envoltas nas trévas do mysterio, julgamos não errar affirmando que os membros do instituto de Loyola tiveram n'elle tanta parte quanta se lhes attribuiu na desastrosa expedição d'Africa, que sepultou nas areias *d'Alcacer-kibir* um rei cavalleiro, amortalhado nas esperanças da patria. É maxima antiga lançar por conta dos adversarios todos os actos odiosos, embora absurda pareça semelhante imputação : assim Nero accusou os christãos do incendio de Roma para

perde-los inteiramente no espirito publico, assim o marquez de Pombal fez os jesuitas fautores da conspiração regicida. *O tribunal da inconfidencia*, presidido pelo poderoso ministro declarou-os réos de alta traição, expulsando-os dos seus collegios, condemnou os mais notaveis d'entre elles aos rigores do carcere, com excepção dos P.P. Malagrida, Mattos e João Alexandre, destinados a adornar o supplicio da familia Tavora.

Expulsos de Portugal e suas possessões foram os jesuitas lançados sobre as costas d'Italia, e o primeiro comboi d'esses desgraçados padres, que assim eram privados do que de mais caro existe na terra, chegou a *Civita-Vecchia* a 24 d'Outubro de 1759 em numero de cento e trinta e tres no estado o mais lastimavel. É sempre iniquo o procedimento d'aquelle, que, abusando do poder condemna sem deixar ao accusado os meios de defender-se, e que involve nos rigores d'uma mesma sentença, innocentes e culpados. Semelhante excesso de poder foi recebido com indignação por toda a Europa, e os mais acerrimos inimigos da companhia desapprovaram-no. O soberano pontifice Clemente XIII, que succedera ao doutissimo Lambertini, encarregou ao seu representante em Lisboa, *monsignore* Acciajoli, arcebispo de Naupacta, de fazer chegar aos ouvidos do *rei fidelissimo* as vozes magoadas dos exilados, a que o pai commum dos christãos não podia ser indifferente. Pombal porém havia de tal modo predis-

posto o animo d'el-rei D. José, que este principe, naturalmente propenso a piedade, foi surdo ás admoestações do Papa, chegando seu ministro a commetter o excesso de expellir ignominiosamente do reino o nuncio de S. Santidade, e retirando de Roma o embaixador Mendonça, precipitar o orthodoxo Portugal no abysmo d'um prolongado schisma de que só sahiu pela prudencia e doçura do grande Ganganelli.

Nesta celebre questão dos jesuitas tinha-se invertido a ordem das cousas; e assim Portugal, que desde o seculo XVII perdera a sua influencia, e deixara a outros povos tomarem a dianteira na civilisação abria agora nova estrada, depois trilhada pela França, que no reinado anterior dictara leis á Europa. Dissemos que o processo de Lavalette havia causado grande sensação, e foi ella de natureza tal que trouxe a total expulsão dos jesuitas d'aquelle outr'ora reino. Os parlamentos quizeram tomar conhecimento das *Constituições* da Companhia para examinar, diziam elles, se estavam conforme ás leis que então regiam toda a monarchia : e foi d'esse exame feito por homens, cuja má vontade era conhecida, que resultou todo o damno para o instituto. « É para temer que esses magistrados (dizia o principe Pamphili Colonna, arcebispo de Colosses, e nuncio apostolico em Paris, em seu despacho de 11 de Maio 1761 dirigido ao cardeal Torregiani, secretario d'estado) cuja totalidade é por natureza e prin-

cipios hostil aos jesuitas, não se deixem fascinar a ponto de tomarem medidas violentas quanto á Constituição e direi mesmo á existencia da sociedade ; o que aliás não me causaria nenhuma surpresa, e em cujo caso não se deve contar com o minimo apoio da côrte. » Datava de longe a guerra entre os parlamentos e os jesuitas ; e é por isso que o nuncio temia toda a sorte de violencias da parte d'aquelles. Haviam elles resistido ao rei, e á nobreza, protectores decididos da Companhia, e note-se que esse rei, cujas iras arrostavam era o imperioso Luiz XIV, a cujo aceno todos se curvavam. O seu odio contra o instituto de Loyola era portanto profundamente enraizado; formava nelles como uma nova natureza, assim causa-nos pasmo ver que os jesuitas dando-se por victimas da senhora de Pompadour, fizessem esses tribunaes respeitaveis doceis instrumentos dos caprichos d'uma mulher. « Os jesuitas, diz Theiner, tiveram realmente pouca perspicacia, nesta especie de vaidade ridicula em quererem passar por martyres da real concubina, e a qual, para melhor excitar a compaixão em seu favor, attribuiram a sua queda, bem como ao seu supposto alliado, o duque de Choiseul. Não negamos que a marqueza de Pompadour se unisse aos inimigos da Companhia, e juntasse seus esforços aos d'elles, mas o que contestamos é que podesse ella mudar a tal respeito a opinião publica : não estava isto no poder de pessoa alguma, nem tão

pouco o de conjurar a tempestade, que por toda a Europa, ameaçava extermina-los (1). »

Luiz XV estimava os jesuitas, mas não tinha a coragem de tomar abertamente a sua defesa; contentava-se com meios palliativos, que d'ordinario não satisfazem a ninguem. Esperando neutralisar a acção da commissão nomeada pelo parlamento de Paris para rever as *Constituições* do instituto, composto d'ardentes jansenistas, addicionou-lhe seis membros, que depois de muitas conferencias e prolongados debates terminaram seus trabalhos concordando com o parecer da minoria da commissão, e colhendo-se ainda d'esse ensaio a triste convicção de que a Companhia não podia continuar a permanecer no territorio francez.

Restava-lhe o apoio do episcopado, e para grangear-lhe o favor não duvidaram os jesuitas subscrever a famosa declaração do clero, de 1682, que constituiam as *liberdades da Igreja Gallicana*, que sempre haviam combatido com energia, e cujo ensino sempre repelliram dos seus collegios. Este acto de fraqueza da parte dos zelosos defensores dos direitos e prerogativas da S. Sé foi ainda esteril para a sua causa; e comquanto não se compromettessem para com Roma, graças á sua celeberrima theoria da *restricção mental*, não encontravam todavia na grande maioria dos bispos francezes defensores deci-

(1) Theiner, *Hist. du Pontificat de Clément XIV*, chap. I.

didos e calorosos apologistas, como Christovam Beaumont, arcebispo de Paris.

O plano adoptado pelo parlamento era um dos mais habeís e digno certamente de ser empregado contra uma sociedade de padres, que haviam posto a sagacidade diplomatica em lugar da candura evangelica. Consistia elle em chamar todos os collegios da Companhia á sua barra, examinar-lhes os titulos d'existencia, e supprimi-los depois isoladamente, a titulo de não terem auctorisação legal : d'est'arte feriam-na nos seus mais caros interesses, e ao passo que declaravam respeitar os direitos de cada padre, tomado individualmente, tornavam impossivel o subsistirem em França, como corporação.

Por amor da verdade cumpre confessar que de todos os paizes, que nessa épocha se declararam contra a sociedade de Jesus, foi a França o que procedeu com mais moderação; e cujas decisões parecem ter mais o cunho da sabedoria. Por sua ordenança de 17 de Junho de 1763 sequestrava-lhes Luiz XV as propriedades em beneficio do estado, deixando comtudo aos membros da ordem dissolvida o livre exercicio do ministerio sacerdotal, guardando, quanto lhes fosse possivel, as regras do seu instituto, e si mais tarde (em Novembro de 1764) supprimia totalmente em seus estados a *Companhia de Jesus*, não manchava esse acto com as scenas de barbara violencia, que o assignalou em Hespanha e Napoles, como em breve veremos.

Carlos III reinava então em Hespanha, e mostrava no throno d'esse paiz a mesma bondade, que tanto o fizera amar dos Napolitanos. Espirito elevado, desejava ardentemente melhorar a sorte da sua patria, extirpar velhos abusos, que degradavam-na aos olhos da culta Europa : e uma vez trilhando a vereda do progresso e das reformas forçoso era que lançasse mão de homens, que melhor representavam o espirito da épocha, a cuja frente devemos colloear o conde d'Aranda, illustre discipulo da escola encyclopedista. É sempre difficil a tarefa de reformador, principalmente n'um paiz tão aferrado ás tradições, como certamente é a patria do Cid. Murmurava o povo contra algumas medidas tomadas contra os seus habitos pelos *homens da situação :* todas as innovações lhe pareciam offensivas á dignidade nacional. Tal nos parece a causa da sedição madrilena do dia 26 de Março de 1766, que tomou por pretexto a conservação do traje castelhano *las capas e los sombreros* contra a invasão das modas francezas. Viu-se el-rei constrangido a retirar-se par Aranjuez, e por poucas horas os sediciosos contaram com o triumpho das suas pretenções. No meio do tumulto os jesuitas, que nelle appareceram para aplaca-lo, foram victoriados, e a seu pedido retiraram-se os insurgentes aos seus lares com a promessa de que seus desejos seriam satisfeitos, e que o manto da real clemencia seria estendido sobre o passado. Ou porque não estivessem autorisados para fazer taes concessões ;

ou pelas provas que das visitas domiciliarias pareceram colher-se contra elles, quando em suas cartas familiares censuravam os actos governativos, que não eram conformes aos seus sentimentos, o certo é que Carlos III concebeu ácerca d'elles suspeitas de conspiradores; suspeitas, que julgamos hoje infundadas, mas que então não deixavam de impressionar vivamente os espiritos, mórmente depois da opposição que o tratado de limites de 1750 encontrara n'America da parte d'esses indigenas, cuja direcção espiritual e temporal estava exclusivamente entregue aos membros da sociedade de Jesus.

No estudo imparcial, que fazemos das causas da suppressão dos jesuitas acreditamos serem os motivos acima allegados muito mais provaveis do que a anecdota referida por Cretineau-Joly e Ravignan, relativa á supposta carta do geral Ricci, em que punha-se em duvida a legitimidade do nascimento de Carlos III. O ultimo d'estes escriptores, apezar da sua sisudez e gravidade, preferiu dar ao conto uma forma dramatica: po-la na bocca d'um grande de Hespanha viajando pela Italia, e tendo por ouvinte o padre Casséda, ex-reitor da primeira casa dos jesuitas em Madrid (1). Si S. M. Catholica, em sua ordenança de 2 d'Abril de 1767, publicada em forma de *pragmatica-sancção*, disse que bania os jesuitas dos

(1) Ravignan, *Clément XIII et Clément XIV*, chap. V, pag. 194.

dominios da sua corôa *por motivos que ficavam occultos no seu real coração*, não foi, como pensa Cretineau-Joly, por querer esconder ás vistas profanas a verdadeira razão do seu resentimento contra a Companhia; mas sim por um resto de compaixão pelas desgraçadas victimas, que outr'ora tanto amara e venerara, por não querer envenenar as feridas do seu doloroso exilio repetindo n'um documento official, destinado a fazer o gyro da Europa, o que então contra elles se allegava.

Com todo o sangue frio hespanhol ordenou el rei a execução do seu edicto, e inabalavel mostrou-se em sua resolução. Estava de tal modo prevenido contra os jesuitas, que incorria em seu desagrado todo o que tomasse a sua defesa.

O zelo excessivo dos subalternos não poucas vezes desnaturalisa as intenções dos superiores: o rei catholico achava-se, como dissemos, summamente irritado, mas não tinha de modo algum autorisado os excessos, que em seu nome se commetteram. A expulsão dos jesuitas da Hespanha foi cruel; e levou as lampas á ordenada pelo marquez de Pombal. Ouçamos a tel respeito o testemunho d'um auctor por forma alguma suspeito, pois que todos o reconhecem como alumno da philosophia dominante na Europa no seculo passado. O conde Alexis de S. Priest assim se exprime:

« A dous d'Abril de 1767 no mesmo dia, á mesma hora, ao norte e ao meio-dia d'Africa, n'Asia e

n'America, em todas as ilhas da monarchia, os governadores geraes das provincias, os alcaides das cidades abriram os *pregos* munidos de triplice sello. Uniforme era o seu theor : sob as mais severas penas, inclusive a da morte, lhes era ordenado de dirigirem-se com mão armada ás casas dos jesuitas, investi-las, expulsa-los dos seus conventos e transporta-los como prisoneiros en vinte e quatro horas a um porto d'ante-mão designado. Os captivos deveram embarcar-se immediatamente, deixando seus papeis sellados e não levando comsigo senão o breviario e o seu fato..... Devemos convir que a prisão dos jesuitas e o seu embarque se fez com uma precipitação talvez necessaria, porém barbara. Perto de seis mil padres de todas as idades, homens de nascimento illustre, doutas personagens, velhos opprimidos d'enfermidades, privados dos mais indispensaveis objectos, atirados no fundo do porão, e entregues ás ondas sem destino fixo, nem direcção precisa. » (1)

---

(1) A leitura das instrucções secretas, dadas á estampa por D. Antonio Ferrer del Rio *(Historia de Carlos III)*, prova que houve exaggeração na pintura das medidas de rigor empugnadas contra os jesuitas. Em verdade, cada jesuita podia levar comsigo a roupa do uso, tabaco, chocolate, papeis particulares, livros de devoção e de estudo. Os noviços deviam ser conduzidos para um convento, ou habitação domestica, em que lhes fosse licita a escolha do exilio, ou a residencia na patria e gozo d'uma pensão, obrigando-se a

Clemente XIII amava os jesuitas e fez para salvalos tudo quanto estava ao seu alcance; já publicando a bulla *Apostolicum pascendi* de 7 de Janeiro de 1765, em que proclamava á face da christandade a sua sanctidade e innocencia, bulla que seu successor disse ter sido antes extorquida do que pedida, *extorta potius quam impetrata;* já escrevendo ao rei d'Hespanha em favor dos jesuitas do seu reino a sentidissima epistola onde se lem estas tocantes palavras: *tu quoque, fili mihi.* Não podia porém permittir o soberano pontifice que fossem seus direitos de tal modo menosprezados, que sem consulta-lo, e manifestamente contra seus desejos, arrojassem ás costas dos estados da Igreja os desterrados das outras nações, embora pertencessem estes deterrados á classe ecclesiastica. Vedou-lhes portanto o accesso no seu territorio, ordenou aos governadores de Civita-Vecchia, Porto d'Anzio, Ancona e outros lugares banhados pelo Mediterraneo, ou pelo Adriatico, que prohibissem formalmente o desembarque dos jesuitas hespanhoes, e o cardeal Torregiani, secretario d'estado communicando esta resolução ao nuncio da Sancta Sé em Madrid usava d'estas formaes palavras: « O Papa é em seus estados um soberano tão independente como qualquer outro monarcha, e não é se-

---

desligarem-se da ordem. Aos velhos e enfermos era permittida a demora na partida, até que se restabelecessem, ou tivessem forças para a viagem.

guramente permittido a nenhum principe o deportar os exilados do seu paiz para outro, sem o previo assenso do respectivo governo. » Repellidos assim os jesuitas por erro dos governantes da sua nação, erraram por muito tempo á mercê das vagas, expostos a todo o genero de privações, soffrendo todas as miserias imaginaveis, até que a republica de Genova offereceu-lhes uma hospitalidade provisoria na ilha de Corsega, d'onde sahiram em tempos mais calmos para compartilharem no patrimonio de S. Pedro do asylo, que lhes tinham preparado seus irmãos de infortunio.

Sem querer justificar os jesuitas de todas as accusações, que sobre elles pesavam, sem entrar mesmo na analyse minuciosa dos motivos allegados para a sua suppressão na Hespanha, e sem pretender negar aos governos a faculdade de supprimir pelos meios reconhecidos em direito as congregações religiosas, cuja permanencia possa ser damnosa ao paiz, não podemos todavia deixar d'estigmatisar a maneira violenta, diremos quasi brutal, com que foi executado o edito d'el-rei catholico por esses mesmos homens que pouco antes rojavam aos pés dos padres da companhia, que mendigavam seu patrocinio, e a quem em grande parte lhes deviam a posição eminente, que ora occupavam e da qual se serviam para pagar a sua divida com a mais negra ingratidão. Innocentes ou culpados, os jesuitas, deveram ser tratados d'um modo diverso porque o foram: o conde

d'Aranda comprehendia mal as instrucções de Choiseul (1).

A exemplo da Hespanha, Napoles, Malta, Parma rejeitaram do seu seio todos os religiosos da Companhia de Jesus. Malta dependia do rei de Napoles, este devia submissão e respeito a seu pai dom Carlos III, e o duque, pertencente á nobre familia dos Bourbons, devera seguir a politica adoptada pelos gabinetes de França e Hespanha.

Passaremos em silencio as arbitrariedades commettidas no reino das Duas Sicilias pelo marquez de Tanucci, em nome do seu joven soberano, chegando a ponto de lançar os jesuitas vindos de differentes collegios sobre as raias d'Ascoli, Rieti e Terracina, acompanhados pelas tropas reaes, e com

---

(1) Estas linhas foram escriptas sob a impressão das virulentas diatribes contra el rei de Hespanha e seus prepostos, que tanto brilho adquiriram quando reproduzidas pelas brilhantes pennas de Ravignan, Crétineau-Joly e Montalembert. O manuseo de authenticos documentos, dados ao prelo por eminentes historiadores hespanhóes, como o citado Ferrer del Rio e Lafuente, modificaram essencialmente o nosso juizo a tal respeito, e nos fizeram crer que na mencionada suppressão houve severidade (quiçá necessaria) mas nunca crueza. Cumpre outrosim considerar, que, segundo os theoremas do governo absoluto, ninguem ha que possa considerar-se isento da jurisdicção regia, a que os doutores qualificam de *omnimoda,* e até *divina.* Assim pois a minima reluctancia, ou velleidade d'opposição ás ordens soberanas, póde ser considerada — *Crime de lesa-magestade* — e como tal severamente punida.

defesa de pôrem os pés no territorio napolitano, sob pena de morte : as medidas repressivas tomadas contra a Companhia pela republica de Veneza, e por outros estados da Italia para occuparmo-nos das *garantias materiaes* que contra a S. Sé lançaram mão os governos de França, Hespanha e Napoles.

O papa Rezzonico (Clemente XIII) mostrara-se desde o começo do debate decidido protector da companhia, e a cada nova agressão, que esta recebia fazia corresponder palavras de justa e sancta indignação. Em tempos ordinarios as palavras do pai commum dos fieis seriam ouvidas com o devido acatamento, nessa épocha porém inteiramente anormal, quando o philosophismo jurara immolar aos filhos de Loyola ante as azas fumegantes do Porto-Real, não serviam ellas senão para irritar cada vez mais os espiritos : e a historia imparcial não deixará de culpar a esses regulares por não terem por uma prompta submissão desarmado os seus contrarios deixando de expôr ás tribulações, e ás angustias os amargurados dias d'um augusto velho.

Sabem os nossos leitores que o ducado de Parma e Placencia era antigo feudo da S. Sé, destacado d'esta por occasião da elevação do principe Alexandre Farnese ao solio pontificio com o nome de Paulo III, impondo a seus successores a obrigação de pagarem um tributo annuo de 9,000 escudos para as despezas da camara apostolica. Sabem ainda que

pela extincção da familia reinante na pessoa de Francisco Farnese, o imperador d'Allemanha e o rei de Hespanha disputaram a sua posse, até que veiu esta a caber ao infante dom Carlos, filho de dom Fillipe V, rei de Hespanha. O duque dom Fernando, successor d'este principe, tinha promulgado em seu estado alguns decretos offensivos ás immunidades ecclesiasticas, e o S. Padre, attendendo ás reclamações dos bispos, julgou dever intervir nesses negocios revogando pelo seu breve de 30 de Janeiro de 1768 tudo o que lhe parecia contrario ás suas prerogativas, e ameaçando no caso de resistencia ás suas ordens com as censuras ecclesiasticas. Aproveitando-se do ensejo reivindicava (talvez com pouca opportunidade) seus direitos de *suzerania* ao ducado de Parma e Placencia, como antiga possessão da S. Sé, e cujos direitos esta jámais renunciára. Tanto bastou para que as côrtes cujos principes pertenciam á familia de Bourbon, se julgassem profundamente offendidas, em virtude do *pacto de familia*, ordenassem uma leva de broqueis contra Roma. Castro e Ronciglione, foram occupados pelo duque de Parma, a pretexto de serem antigas dependencias dos seus estados; o rei de Napoles invadiu os principados de Ponte Corvo e Benevento, encravados nos dominios da sua corôa; e o mesmo praticou a França a respeito do Avinhão e do condado Venaissin. O monitorio de Parma era apenas um pretexto: o fim real de todas estas represalias, semelhante a

que acaba de practicar a Russia nos principados do Danubio com a reprovação de toda a Europa, era o de constranger o Papa a supprimir a ordem de Jesus, como se encarregaram de evidenciar os acontecimentos posteriores.

Depois de ter inutilmente protestado contra tal violação do direito internacional, não tendo podido fazer chegar a linguagem da razão e da justiça aos ouvidos dos monarchas catholicos, que julgavam servir a religião contrariando as intenções do seu chefe, Clemente XIII expirou no dia 2 para 3 de Fevereiro de 1769, pondo assim termo a um laborioso pontificado de dez annos, seis mezes e vinte e seis dias.

« Collocado sem cessar pela oração em presença de seu Deos, e do seu cargo supremo, diz o R. P. Ravignan, quando todos os interesses terrestres, todas as instancias as mais vivas pareciam dictar-lhe o silencio e as fracas condescendencias, ouvia no fundo do peito resoar a grande voz da Igreja, que jámais póde abandonar direitos, que do céo recebêra, e nem as ameaças, os ultrajes, as usurpações e os sacrilegos attentados conseguiram abrandar-lhe a energica resistencia: nunca deixou escapar um só acto de fraqueza. » (1)

Acompanhando ao douto jesuita no juizo que forma ácerca de Clemente XIII, seja-nos todavia licito pen-

(1) *Clément XIII et Clément XIV*, chap. VI pag. 326.

sar como o R. P. Theiner, que tanto o Papa como o seu secretario d'estado, o cardeal Torregiani tinham vistas estreitas e estavam em completa ignorancia das necessidades do tempo. O certo é que em seu governo se deu o facto inaudito de serem as letras apostolicas do vigario de Christo laceradas publicamente nas praças publicas, e queimadas pela mão do algoz.

Não faremos a historia do conclave de 1769 d'onde sahiu eleito papa Lourenço Ganganelli com o nome de Clemente XIV: é este um drama, que apresenta muitas peripecias, e que tem sido diversamente narrado. Para uns como Cretineau Joly, foi o theatro das intrigas as mais baixas e abjectas dos embaixadores dos principes catholicos e o da mais vergonhosa corrupção d'alguns homens condecorados com a purpura romana (1). Para outros como o R. Theiner na sua excellente *Historia do pontificado de Clemente XIV*, foi esta una assembléa veneranda convocada n'um dos mais solemnes momentos por que tem passado a igreja, e que, apezar da pressão; que d'encontro ás paredes do Quirinal exerciam os delegados dos diversos gabinetes catholicos, para lhe extorquirem um voto favoravel aos seus intentos, procedeu com a maior liberdade, e o escrutinio que deu a igreja um chefe na pessoa de Ganganelli não póde ser suspeito da menor violencia, ou corrupção. No

(1) *Clément XIV et les Jésuites*, chap. III, pag. 208.

entender d'este grave author a historieta da obrigação assignada pelo futuro pontifice d'extinguir a Companhia de Jesus não passa d'uma fabula inventada pela fertil imaginação dos seus contrarios (1). Outros finalmente, como o R. Ravignan se veem nos mais serios embaraços tendo de fazer a narrativa d'esta celebre eleição, devendo por um lado o maior respeito para com a memoria d'um homem, que sentou-se na cadeira de S. Pedro, e julgando-se por outro lado na necessidade d'attenuar a impressão causada pela suppressão, que esse pontifice fulminou contra o seu instituto. Procura livrar-se da sua critica situação lançando todo o odioso sobre os *cardeaes das corôas*, assim chamados os que lhes advogavam os interesses, ou em razão do nascimento, ou pela residencia que tinham fixado nos seus dominios: e chegando á pessoa do Papa saúda-o com respeito, mas não se demora em fazer o seu panegyrico, como praticava com seu successor (2). Si fosse permittido á nossa inopia emittir um juizo n'uma questão tão debatida, e a que tão habeis pennas se tem consagrado, diriamos que a eleição d'um

(1) D. Thomas Azpuru, embaixador de Hespanha em Roma, dando conta a sua corte da eleição do novo Papa, dizia: « Ganganelli não prometteu a extincção dos jesuitas, mas deu provas de estar disposto á proceder com energia, bem que o considerem filiado na ordem terceira da Companhia.

(2) Ravignan, *Clément XIII et Clément XIV*, chap. VII.

pontifice como Clemente XIV, notavel pela prudencia, brandura de caracter, n'uma épocha tão calamitosa, é uma prova de mais do cuidado com que Deos véla pela sua Igreja. Nenhum outro nome no sacro collegio poderia reunir tantas sympathias; ninguem mais do que elle era dotado d'espirito conciliador; a mãos mais habeis não poderia ser confiada a barca de Pedro.

O grande acto de Clemente XIV, e que só por si resume todo o seu glorioso pontificado é o da extincção da sociedade de Jesus. Como era de esperar foi elle diversamente interpretado: para os jesuitas e os seus encomiastas foi um acto execrando: o Papa estava louco quando assignou o breve, que feriu-os de morte: para os homens imparciaes, para aquelles que lêm a historia sem amor, nem odio, foi um acto de grande sabedoria, reclamado pelas circumstancias; pois que de modo algum devêra a Igreja identificar-se de tal sorte com a obra de S. Ignacio, que confundisse a sua existencia eterna, baseada nas divinas promessas com a vida transitoria d'uma instituição, creada para o seu serviço, e que podia ceder o posto a outras, logo que d'ella se não precisasse; e maxime quando se tornava prejudicial pelos abusos que no primitivo instituto se tinham introduzido.

Remettemos o leitor curioso para as obras especiaes, que a tal respeito se tem escripto nestes ultimos tempos sobre este importante episodio da historia moderna. Para formular o juizo que sobre

a Companhia devemos pronunciar neste tosco e imperfeito *Ensaio* apenas diremos que o grande pontifice, vivamente instado pelos governos catholicos, que tanto applaudiram a sua eleição, pediu-lhes que lhe concedessem o tempo necessario para o conhecimento pratico dos objectos, sobre os quaes chamavam a sua attenção e zelo pastoral. Graves porem sem duvida eram as accusações, que pesavam sobre a sociedade de Jesus : cumpria consagrar algum tempo ao seu estudo, ao exame dos documentos, que de toda a christandade se lhe enviavam. Quatro annos foram n'isso empregados, durante os quaes ouviram-se os mais doutos personagens nacionaes e estrangeiros, e só depois de madura reflexão, quando se convenceu que era geral a animadversão contra os membros do instituto de Loyola, e que com pequenas excepções todas as almas piedosas, todos os verdadeiros e sinceros amigos da igreja, formavam votos pela sua suppressão, é que decidiu-se *ex informata conscientia* a promulgar o breve de 21 de Julho de 1773 em que se lhe retiravam todos os privilegios concedidos pelas bullas de Paulo III e dos seus successores, declarando extincta a companhia de Jesus, e seus membros desligados dos votos, que nella tinham solemnemente proferido.

N'esse celebre rescripto, que começa por estas palavras : *Dominus ac Redemptor noster* o soberano pontifice, depois de ter commemorado os exemplos

das outras ordens religiosas, que pelos seus antecessores haviam sido supprimidas, como a dos templarios por Clemente V, a dos humilhados por S. Pio V, etc., chegando ás causas, que o moviam a extinguir a dos jesuitas, diz que a isso o levava o amor da paz, e em beneficio da sociedade christã, que esses regulares tinham agitado pela sua doutrina e zelo ardente com que defendiam-na com notavel detrimento dos interesses da Igreja. Pedimos venia para citar textualmente o trecho do breve, em que se dá a causal d'essa decisão pontificia, até para que se veja com que moderação procedia a S. Sé.

« Tot itaque, ac tam necessaria adhibitis mediis, Divini Spiritus, ut confidimus, adjuti præsentia et afflatu, nec non numeris nostri compulsi necessitate, quo ad Christianæ Republicæ quietem et tranquillitatem conciliandam, fovendam, reborandam, et ad illa omnia penitus de medio tollenda, quæ eidem detrimento vel minimo esse possunt, quantum vires sinunt, arctissime adigimur; cumque præterea animadverteremus prædictam societatem Jesu uberrimos illos, amplissimosque fructus, et utilitates afferre amplius non posse, ad quos instituta fuit, a tot prædecessoribus nostris approbata, ac plurimis ornata privilegiis, imo fieri, aut vix, aut nullo modo posse, ut ea incolumi manente vera pax ac diuturna ecclesiæ restituatur; his propterea gravissimis adducti causis aliisque pressi rationibus, quas a prudentiæ leges et optimum universalis ecclesiæ

regimen nobis suppeditant, altaque mente repositas servamus, vestigiis inhærente eorundem prædecessorum nostrorum, et præsertim memorati Gregorii Prædeces, nostri in generali concilio lugdunensi, cum et nunc, de societate agatur, tum instituti sui, tum privilegiorum etiam suorum ratione, mendicantium ordinum numero ascripta, maturo consilio, ex certa scientia, et plenitudine potestatis apostolicæ sæpedictam societatem extinguimus et supprimimus; tollimus et abrogamus omnia et singula ejus officia, ministeria et administrationes, domus, scholas, collegia, hospitia, gymnasia et loca quæcumque quavis in provincia, regno et ditione existentia et modo quolibet ad eam pertinentia; ejus statuta, mores, consuetudines, decreta, constitutiones, etiam juramento, confirmatione apostolica, aut alias roboratas; omnia item et singula privilegia, et indulta generalia, vel specialia, quorum tenores præsentibus, ac si de verbo ad verbum essent inserta, ac etiamsi quibusvis formulis, clausulis irritantibus, et quibuscumque vinculis e decretis sint concepta, pro plena et sufficiente expressis haberi volumus. »

Todo o homem a não cegar o espirito de partido verá nas palavras cuja fiel transcripção acabamos de citar, bem como nas de todo o breve a calma que presidiu a um acto de tanta magnitude. Ninguem por certo acreditará no romance contado por Cretineau Joly, e repetido pelo R. P. Ravignan, ainda que revestido de circumstancias mais attenuantes,

no qual o sancto padre assigna o breve de que tractamos *com o lapis durante a noite, e n'uma das janellas do Quirinal* cahindo depois em deliquio de que só sahiu no dia seguinte!..... São por demais ridiculas narrações de semelhante natureza para que percamos tempo em refuta-las, e enviamos os que desejarem ve-las pulverisadas para a já citada obra do R. P. Theiner. Aos argumentos do sabio oratoriano respondeu Cretineau-Joly com duas cartas em que abundam allusões pessoaes, e que mais se parecem com um *libello* do que com o escripto d'um homem aliás de muito merito, e de quem se devera esperar cousa mais seria.

Para se vingarem da mão, que os punia, os ex-jesuitas não recuaram perante nenhum dos meios, a que homens honestos e sobretudo ecclesiasticos jámais devem recorrer : já promovendo as falsas prophecias, que encerravam uma ameaça contra o Papa, como as de Theresa Poli, já publicando multidão de diatribes, cheias de negras calumnias contra a S. Sé, a cujas impuras fontes vão hoje buscar os seus apologistas o immenso material de documentos, que se dizem devidos a testemunhas fidedignas e contemporaneas; já finalmente declarando-se em completa rebellião contra as ordens do chefe da igreja, como na Silesia, Polonia e Russia Branca, com o favor de soberanos hereges, ou schismaticos. Para conjurar a sua proxima queda tinham implorado a protecção de Frederico II, que respondeu-

lhes que assim como não tinha intercedido em pról do regimento de Fitz-James, supprimido por Luiz XV, tambem não queria se ingerir nas reformas que aprovesse ao Papa fazer; agora lisongeavam na Polonia o amor proprio de Catharina, para encontrarem asylo, onde se abrigassem contra o odio dos povos e dos reis, e d'onde podessem a seu salvo desobedecer ao Papa.

Desde o dia 17 de Agosto de 1773 em que fôra publicado o breve « *Dominus ac Redemptor noster* » até o de 7 de Agosto de 1814, em que foi solemnemente restabelecida a sociedade de Jesus pelo papa Pio VII em virtude da bulla *sollicitudo omnium Ecclesiarum* tinham-se passado trinta e um annos, em cujo lapso grandes e maravilhosos acontecimentos se realisaram. Como um grande rio a revolução franceza dividia as duas margens oppostas, e só ella podia fornecer plausivel explicação ao que parece á primeira vista inconciliavel. O cataclysma popular havia derribado todas as crenças; o principio d'autoridade estava profundamente abalado, necessitava-se de quem sustivesse a sociedade moderna nas bordas do abysmo, em que ia despenhar-se. Este paradeiro só podia ser a religião catholica, mas os jesuitas foram bastante habeis para fazer crer aos povos que a sua ruina procedêra do grande zelo religioso, da defesa que haviam emprehendido do dogma contra os ataques da impiedade. Aguardando melhores dias empregavam-se na Prussia,

Austria e Russia na educação da juventude, e os governos d'esses paizes, que só viam nelles mestres dedicados e esclarecidos continuaram a prestar-lhes o mesmo, senão maior favor, que outr'ora lhes concediam. Na Russia, a pedido de Paulo I, foi-lhes permittida a conservação da antiga regra vivendo, sob o seu regimen os padres que n'aquelle imperio haviam outr'ora pertencido á sociedade dissolvida, com a condição de se empregarem unicamente nos trabalhos do magisterio e cathechese. Oito annos mais tarde em 1809 a mesma graça concedeu-se ao rei de Napoles, que por ella instava; até que o restabelecimento geral da companhia foi pronunciado por Pio VII voltando do exilio, e julgando pelos symptomas da reacção que de todas as partes se manifestava, que a sancta alliança conseguira com seu famoso congresso de Vienna pôr um cravo no eixo do carro revolucionario, e que o mundo ia retrogradar, desenganado pelo triste resultado das modernas utopias.

Os factos da historia contemporanea se encarregam melhor do que poderiamos faze-lo de demonstrar que os jesuitas *nada aprenderam*, *nem esqueceram* em sua adversidade, e que depois d'esta longa e dura provação voltaram nutrindo as mesmas ideias de dominio e de illegitima influencia, que acarretaram-lhe a extincção. Longe de empregarem o tempo do exilio em se corrigirem dos seus passados erros, procurando imitar as sublimes lições do sancto

instituidor, dir-se-hia que consagraram-no particularmente ao estudo do *directorio* d'Aquaviva. Todos sabem que foram elles, que deram origem á formação *d'esse partido clerical*, que tanto contribuiu para tornar em França impopular a restauração. N'esse mesmo paiz travaram grande luta com a universidade relativamente á liberdade do ensino, de que agora se faziam campeões, depois de terem-no monopolisado. Na Hespanha chamados por Fernando VII, afim d'auxilia-lo em suas medidas reaccionarias, foram d'ella novamente expulsos em 1820 com o momentaneo triumpho do partido liberal; e no reino vizinho deveram tambem a dom Miguel o serem reinstallados no seu antigo collegio de Coimbra; tendo de abandonar o reino quando o seu protector cessou de reinar. Provocaram na Suissa a guerra civil, e a elles se poderá com verdade attribuir todas as ruinas, todo o sangue innocente derramado n'esse paiz. Prégam a intolerancia na Belgica, e na Allemanha : e mesmo em Roma attrahem tanto contra si o resentimento popular que o primeiro grito do povo libertado dos antigos grilhões pelo magnanimo Pio IX é pedindo a sua expulsão. N'esses dias vertiginosos, em que dominou na cidade dos Cesares e dos Papas a republica de Mazzini, o convento de *Gesú* escapou de ser devorado pelas chammas, ao passo que todos os outros foram respeitados. Ha talvez em tudo isto terrivel fatalidade : póde ser que seja a sociedade de Jesus

innocente de todas as recriminações que contra ella se dirigem, e que amestrada por uma dolorosa experiencia tenha inteiramente renunciado o campo da politica; mas no nosso fraco entender é ella um anachronismo tão grande em nossos dias como se-lo-hia o restabelecimento dos templarios. Ponhamos aqui termo á primeira parte d'este rapido esboço, e vejamos quaes foram as phases da sua existencia no Brazil (1).

---

(1) O regresso dos Bourbons á França, deu-lhes azo para ostentarem sem rebuço as doutrinas ultramontanas. Fundaram o grande seminario de Saint-Acheul e muitos outros de somenos importancia. Durante a monarchia de julho viveram sob o regimen da desconfiança, mas tiveram a fortuna de ganhar proselitos, conquistados pela eloquencia de Ravignan, o Bourdaloue do nosso seculo. Nessa quadra climaterica julgou prudente mascarar-se em democratica, tanto em França como na Belgica, quebrando lanças em prol do ensino livre; e ao passo que, apoiado nas instituições de 1789, buscava alluir o gallicanismo, obtinha do Papa Gregorio XVI a famosa encyclica condemnando as ideas de Lamennais. Conseguiram outrosim formar na imprensa, ephemera liga de duzentos jornaes, conjurados a combaterem os principios fundamentaes da sociedade moderna. Com summa habilidade illaquearam a boa fé dos republicanos de 1848, prestando-se á farça da benção das arvores da liberdade: e quando os viram adormecidos ligarão-se com o bonapartismo para derubarem a republica que lhes havia assegurado a direito de associação e de franca correspondencia com seus superiores estrangeiros. A lei de 1850, conhecida por lei Falloux, restabeleceu o monopolio universitario em proveito do clero, deixando-lhe ainda as

II

Nove annos apenas haviam decorrido depois da formal approvação do instituto de Loyola quando aportaram ao Brazil os primeiros jesuitas, acompanhando o primeiro governador geral. Todos sabem que o nosso bello paiz que o acaso, ou antes a providencia mostrára a Cabral, foi nos verdes annos da existencia entregue a especuladores, que d'elle queriam tirar lucros fabulosos, e que se viram pela maior parte illudidos em seus ambiciosos designios. Os primitivos donatarios depois de inuteis esforços renunciaram, ou venderam á corôa os seus direitos, quando uma politica mais esclarecida do que a que presidira aos destinos da joven colonia, pensou em substituir por um governo geral, dependente da metropole, esses governos independentes uns dos

---

vantagens da concurrencia. Em seu principio foi o segundo imperio favoravel aos jesuitas, mas as exigencias da politica italiana, aconselhando-lhe certas reservas, acarretou-lhe sua malquerença, manifesta nos dias de provação, e de tristes azares. Desassombradamente se mostraram na Austria, onde intervieram poderosamente na celebração da famosa concordata, que fazia retrogradar o ensino publico aos tempos anteriores a João II. Favorecidos pela liberdade penetraram na Suissa, Inglaterra e Estados-Unidos d'America, e promovem actualmente na Prussia e em todo o imperio allemão o movimento particularista, rudemente reprimido pelo principe de Bismarck.

outros, e que, com o andar dos tempos, poderia conduzir-nos ao feudalismo, si porventura esse gothico legado dos seculos barbaros podesse se aclimatar no livre sólo de Colombo. Não era possivel que a sociedade de Jesus, que havia tomado por divisa a conversão do mundo ao verdadeiro culto, deixasse por mais tempo permanecer nas trevas da idolatria tão importante porção do novo continente; assim pois a instancias do senhor rei dom João III apressou-se o P. Simão Rodrigues, superior dos jesuitas em Portugal, a enviar tres padres, e dous irmãos coadjuctores, sob a direcção do padre Manoel da Nobrega.

A exemplo de Xavier, cujas maravilhosas acções já enchiam de pasmo o mundo, e arrancavam a admiração dos proprios contemporaneos, tiveram os primeiros membros da companhia de regar com o suor dos seus trabalhos e tribulações o esteril terreno da cathechese, chamando ao gremio da Igreja aos filhos das palmeiras, que apenas conservavam, como uma lampada suspensa na abobada da sua alma, a ideia d'um Deos remunerador da virtude, e a cujas penetrantes vistas não se póde subtrahir o vicio.

A primeira igreja levantada na Bahia (a de N. S. d'Ajuda) e por consequencia em todo o Brazil foi devida a esses intrepidos missionarios, que, não satisfeitos de se consagrarem á penosa tarefa do apostolado, levantavam com as suas proprias mãos os templos onde deveram se celebrar as pompas au-

gustas do christianismo. Carregavam as pedras; iam á fonte buscar agua, largavam o breviario para tomar a trolha e a esquadria, e desciam dos andaimes para subir ao altar onde celebravam o tremendo mysterio eucharistico. Jubilosos concorriam os indigenas para taes trabalhos, e cada um, na proporção das suas forças, queria tambem ter quinhão na gloriosa empreza da civilisação do paiz por via do Evangelho. Concluida a edificação d'essa Igreja, cederam-na ao bispo dom Pedro Fernandes Sardinha e emprehenderam a erecção d'uma casa, que lhes servisse de collegio, e o de S. Thiago foi fundado com o auxilio dos moradores e principalmente dos indigenas. O P. Ruy Pereira escrevendo aos seus confrades de Portugal assim exprimia o concurso que os naturaes da terra prestavam ás obras por elles emprehendidas:

« Quando os primeiros padres foram fundar a casa (a de S. Thiago na Bahia) além d'alegria, que mostraram com a sua vinda trouxeram-lhes gallinhas e outros mantimentos para comerem, e foi a tanta diligencia, que puzeram em fazer a igreja, que em quatro dias acabaram, desoccupando-se de todo o mais, até as mulheres limpavam os terreiros, e no meio d'estes arvoravam uma cruz, a maior que em minha vida vi: isto acabado ajuntavam os meninos e meninas em casa dos padres para os assentarem em rol, sem lhes ser feita força alguma, mas de suas proprias vontades, e mandando os seus princi-

paes, ajuntaram-se logo para a escola cento e cincoenta moços christãos, e innocentes cento e quarenta pouco mais, ou menos. »

Grandes porem sem duvida deveram ser os obstaculos que de todas as partes surgiam e capazes de desacoroçoar a outros que não fossem os nossos heroicos missionarios. Entre esses obstaculos de todo o genero talvez que não fosse o menor a completa ignorancia da lingua do paiz, mas foi elle em breve superado pelo zelo infatigavel do padre João d'Aspilcueta Navaro, que habilitou-se logo para compor nella as orações e dialogos necessarios para doutrina-los na nossa fé. Parece que até Deos lhes concedia o dom das linguas!

A musica, esse poderoso meio d'acção, era empregado pelos jesuitas com maravilhoso resultado. Sabiam que os povos selvagens são insensiveis a tudo o que não impressiona vivamente a sua imaginação, que é por meio do organismo que póde-se fazer chegar ao seu espirito as grandes verdades, precisando de certo modo materialisa-las para po-las ao alcance do seu rude entendimento. Antes d'ensinar a ler e a escrever aos meninos davam-lhes lições de canto; e eram elles poderosos auxiliares, que encontravam os padres no seu louvavel intento; e assim lemos na Chronica da Companhia pelo P. Vasconcellos, « *que os mais provectos sahiam em procissão pelas ruas entoando em canto de solfa as orações e mysterios da fé.* » Celebravam as festas, que

eram em grande numero, com todo o esplendor compativel com a falta de recursos que experimentavam; afim de que os indigenas respeitassem pela magestade externa as ceremonias cuja razão escapava á sua intelligencia. Não duvidavam recorrer ao drama, pondo em acção os mysterios do catholicismo; já no adro das igrejas em um theatro improvisado, em que representavam indigenas e portuguezes em ambos os idiomas e com todos os caracteres da prisca comedia, como s'exprime o senhor Magalhães; já no interior dos templos, como por occasião da semana sancta, em que a scena sanguinolenta do Calvario era apresentada com côres tão vivas e naturaes que o espectador dir-se-hia transportado á Palestina, e retrogradando quasi dous mil annos assistir ao grande, inqualificavel attentado do povo deicida (1).

---

(1) D'uma carta do padre Nobrega, escripta da Bahia aos 5 de julho de 1559, extractamos o seguinte plano adoptado pelos jesuitas na conversão dos nossos aborigenes:

« ... Depois da vinda de Mem de Sá, governador, se fizeram tres igrejas em tres povoações de indios, e muitas mais se fizeram, si houvera padres e irmãos para nellas residirem: outras duas, ou tres juntas de indios estão esperando por padres para os doutrinarem; estas são visitadas por nós, quando podemos para se deterem a si até serem soccorridos. A primeira igreja, que se fez a uma legua d'esta cidade, chama-se S. Paulo, a segunda a tres legoas, S. João, e a outra Espirito Sancto a sete legoas: e será razão de dizer em particular o que aconteceu a cada uma. Começando pela de

O zelo dos missionarios era superior a todo o elegio : infatigaveis na propagação da fé não recuavam

---

S. Paulo que foi a primeira direi que teve e tem em proceder aquí a escola de meninos, que vão para isso cada dia uma só vez, porque tem o mas longe e vão pelas manhãs pescar para si e para seus pais, que se não mantem d'outra coisa, e á tarde tem escola tres horas, ou quatro : d'estes ahi cento e vinte por rol, mas continuos sempre ha de oitenta para riba. Estes sabem bem a doutrina, e coisas de fé, lém e escrevem ; já cantam e ajudam alguns á missa, São já todos baptisados, todas as meninas da mesma idade, e todos os innocentes e alactantes. Depois da escola ha doutrina geral, a toda a gente, e acaba-se com a *salve* cantada pelos meninos, e *ave marias*. De noite se tange o sino e os meninos tem cuidado de ensinarem a doutrina a seus pais e mais, velhos e velhas, os quaes não podem tantas vezes ir á igreja e é grande consolação ouvir por todas as casas louvar-se a N. S. e dar gloria ao nome de Jesus. Aos domingos e dias sanctos tem missa e prégação em sua lingua, e de continuo ha tanta gente que não cabe na igreja posto que grande. Alli se toma conta dos que faltam, ou dos que se ausentam : elles fazem sua estação. O meirinho, que é um seu principal, préga sempre aos domingos e dias festivos pelas casas de madrugada, a seu modo ; a obediencia que tem é muito para louvar a N. S.; porque não vão fóra sem pedir licença, porque lh'o temos assim mandado para sabermos para onde vão ; si comer carne humana, ou embebedar-se em alguma aldeia longe, e si algum se desmanda é preso e castigado pelo seu meirinho e o governador faz d'elles justiça, como de qualquer outro christão, e com maior liberdade ; e sí algum adoece é obrigado a mandar nos chamar, e é por nós curado e remediado, assim no corpo como n'alma o melhor que podemos ; e assim poucos morrem que não sejam baptisados em artigo de morte,

ante a ideia do martyrio, e os proprios protestantes, como Southey na sua estimadissima Historia do Brazil, fazem-lhes a devida justiça. Ouçamos suas palavras : « These missionaries were every way qualified for their office. They were zealous for the salvation of souls, they had desingaged themselves from all the ties which attach us to life, and were therefore not merely fearless of martyrdom but ambitious of it. » Comprehende-se de quanta valia seja este testemunho devido á penna de tão conspicuo adversario. Por uma degradação da natureza humana, difficil d'explicar-se, a anthropophagia era uma paixão dominante em muitas tribus dos nossos selvagens, e para extirpa-la não houve perigos a que se não expuzessem os jesuitas; ora cahindo de surpresa em uma *taba* (1), arrancavam das mãos das velhas o cadaver ainda palpitante da desgraçada victima, que destinavam para os seus satanicos festins; ora fazendo com os *principaes* uma concordata pela qual lhes era permittido baptisarem-nas antes do sacrificio, o que quasi equivalia a salvarem-lhes as vidas; porquanto se espalhára uma crença entre os indigenas de que as aguas regeneradoras prejudicavam ao sabor da carne dos prisioneiros. Não era

---

quando elles mostram signaes de fé e de contricção ; assim d'estes, como dos innocentes regenerados com a agua do baptismo se salvam, os feiticeiros são por nós perseguidos, e outras muitas abusões que tinham se vão tirando.

(1) Aldeias de selvagens.

porém impunemente que assim combatiam usos arraigados por seculos, e um dia escapou o primeiro collegio dos padres de ser destruido pelos ferozes Tupinambás si não fosse a energia do governador geral Thomé de Souza.

Homens, habituados aos commodos da vida civilisada, achavam-se no meio das nossas virgens florestas obrigados a viverem como si nellas tivessem visto a luz do dia. Assim era preciso; cumpria que se amoldassem aos habitos do paiz para que mais proveitosa lhes fosse a missão, não receiando os naturaes da sua presença. Sahindo de manhã do seu collegio entranhavam-se pelos sertões em busca das tribus nomadas a quem annunciassem a *Boa Nova* (1), levando unicamente comsigo o crucifixo e o breviario, porque até do sustento se descuidavam, sustento que aliás lhes offereciam as arvores carregadas de saborosos e succulentos fructos, e quando a noite colhia-os de improviso depois de terem galgado ingremes montanhas, atravessado a váo, e muitas vezes a nado, as torrentes de caudalos os rios, com a cutis tostada pelo ardente sol dos tropicos, ou o rosto zurzido pelos espinhos, batiam com confiança á fragil porta d'ágreste cabana, pertencente a alguma *taba* escondida em profundo valle, e deitados nas *inis* (2) dormiam tranquillos. Outras vezes

(1) O Evangelho.
(2) Redes d'algodão.

mudava-se a scena e apresentava-lhes novo e descommunal espectaculo. Chegavam em meio de festins; e assistiamás dansas, ou antes aos tripudios, e aquelles ouvidos afeitos ao som do orgão, reboando pelas abobadas dos templos, eram feridos pelo desagradavel chocalho dos *máracas* (1). Trocavam o pão pela *tapioca* : andavam descalços e vestiam-se d'algodão : impossivel seria resistir as palavras d'esses homens, que tão bem sabiam alliar a theoria á pratica : prégavam a pobreza e eram pobres, o desprezo do mundo e abnegavam-se.

Tinham porém os jesuitas mais obstaculos a encontrar da parte dos colonos do que da dos naturaes do paiz. A povoação do Brazil fora entregue ao acaso; e n'essa épocha, e ainda por muito tempo depois, considerado como um presidio de degradados, asylo de homens perdidos, a quem a metropole não podia supportar por seus vicios. Ora, si taes homens eram temiveis no reino, onde a policia podia vigiar os seus passos, e reprimir de prompto a autoridade os seus crimes, como não seriam em uma terra nova, onde viviam com a mais solta independencia, e onde a acção das leis era quasi que perfeitamente desconhecida. Pessimo era o systema de colonisar adoptado por Portugal, consistindo em mandar para as suas possessões d'além mar os criminosos, os réos de policia, para servirem de nucleo

(1) Instrumento de musica.

á nova povoação. Uma natureza virgem exigia tambem costumes simples e puros, almas virtuosas, e não era certamente proprio o enviar-lhe a escoria, as fezes da população do reino, mas o reino não tinha outros homens para *exportar*, porque os cavalleiros, os mancebos pertencentes ás boas familias partiam para o Oriente a colher louros, ou morrer heroicamente; outras iam negociar, sem duvida mais lucravam embarcando-se para a India e trazendo d'ali os ricos productos do seu sólo, perolas, brocados, marfim já convertido em preciosos artefactos, do que virem permutar com selvagens os generos da Europa, que não apreciavam, pelas suas palhetas d'oiro, e por outros objectos tambem incultos, e aos quaes então não se dava grande valor. Os lavradores, os artesões não tinham igualmente que fazer na nossa terra, não queriam aquelles expor-se aos rigores do nosso clima, e receavam não achar occupação, e morrerem á mingoa com suas familias. Restavam portanto colonos, que nos não convinham; mas que se reputavam por felizes trocando o seu desterro pelos carceres da patria, ou talvez que pela corda do algoz. Exerceu felizmente o clima poderosa influencia sobre o caracter d'esses primeiros povoadores do Brazil; modificaram, graças á sua acção, a sua indole, e muitos se metamorphosearam em homens honestos e excellentes cidadãos (1).

---

(1) Modificamos posteriormente o nosso juizo ácerca da

Todavia para que taes phenomenos tivessem lugar era necessario que alguns annos decorressem; e ainda assim não podiam elles converter-se em regra geral. Havia muitos corações endurecidos, temperas d'aço, que eram insensiveis aos primores da natureza americana, e que ainda aqui reproduziam os máos habitos a que estavam avezados. D'esses homens é que se queixavam os jesuitas em suas cartas, lamentando que christãos e portuguezes fossem mais difficeis de se converterem do que os selvagens, que viviam entregues ás paixões, sem a minima noção

---

primitiva colonisação do Brazil e num ligeiro trabalho que tivemos a honra de ler em sessão do Instituto Historico ao 14 de julho de 1871 assim nos exprimimos:

« A emigração européa e a cathechese dos indigenas foram então simultaneamente empregadas. Forneceram os degradados o principal contingente da primeira; mas esse procedimento que tem sido exprobrado com azedume á nossa antiga metropole, além de lhe não ser exclusivo, visto como as outras nações maritimas o adoptaram, era o unico recurso que lhe restava na deficiencia de população. Cumpre ainda ponderar que os crimes pelos quaes eram esses desditosos obrigados á se expatriarem não pertenciam, na sua totalitade, á classe dos que inspiram instinctivo horror, sendo antes leves delictos, ou ainda meras suspeitas, aggravadas pelo codigo draconiano que regulava a penalidade d'essa epocha; e com quanto se não possa recusar a influencia do clima e dos habitos de vida incontestavel é que d'um pugillo de malvados não poderia ter provindo uma raça essencialmente obediente e trabalhadeira como a dos colonos luso-brasilienses, salvas rarissimas excepções.

da lei de Deos. E o que era ainda peor, alguns clerigos, inteiramente esquecidos do seu sancto ministerio, prégavam com o exemplo e com as palavras uma doutrina opposta á moral de Christo, da qual os jesuitas eram promulgadores. « Os clerigos d'esta terra (dizia o padre Nobrega em uma carta mandada da capitania de Pernambuco em 1551) tem mais o officio de demonios que de clerigos; porque além do seu máo exemplo e costumes querem contrariar a doutrina de Christo, e dizem publicamente aos homens que lhes é licito estar em peccado com suas negras, pois que são escravas, e que pódem ter os salteados, pois que são cães; e outras cousas semelhantes, por escusar seus peccados e abominações. De maneira que nenhum demonio temos agora que nos persiga, senão estes. Querem-nos mal porque lhes somos contrarios aos seus máos costumes, e não podem soffrer que digamos as missas de graça, em detrimento dos seus interesses. » Era necessario toda a energia, todo o zelo d'um jesuita da primeira épocha, para superar taes obices.

A grandeza e a futura importancia do Brazil não escapou ao espirito esclarecido do primeiro geral, elevando-o em 1553 á cathegoria de provincia independente da de Portugal e nomeando para provincial o padre Nobrega, tendo por seu coadjuctor o padre Luiz da Gram, ex-reitor do collegio de Coimbra. Este distincto jesuita embarcou-se na frota, em que veio o novo governador geral D. Duarte da

Costa, trazendo comsigo seis companheiros e entre elles o padre José d'Anchieta, então ainda coadjuctor temporal, mas que em breve devera grangear grande nomeada pelas suas acções e heroicas virtudes.

O primeiro uso que fez o novo provincial d'autoridade foi o ordenar a erecção de mais um collegio nos campos de Piratininga, que foi o terceiro que contou a ordem no Brazil, sendo o primeiro o da Bahia e o segundo o de S. Vicente, fundado pelo padre Leonardo Nunes e pelo Irmão Diogo Jacome, no mesmo anno da sua chegada, isto é em 1549. Foi o collegio de Piratininga, depois chamado de S. Paulo, em razão de ter-se n'elle celebrado a primeira missa no anniversario da conversão do *Doutor das Gentes*, o grande theatro em que começou a ostentar-se o zelo verdadeiramente apostolico do padre Anchieta. Encarregado do ensino dos neophytos desempenhou de modo admiravel a sublime missão, na falta de livros escrevia as lições em cadernos, que distribuia por cada alumno, trabalho insano, que não poderia ser emprehendido senão por quem, como elle, sacrificava-se pelo proximo, e cujo unico interesse era o de ganhar almas para o céo. Aprendiam ali os jovens catechumenos, e os filhos dos colonos os rudimentos das linguas portugueza, hespanhola, latina e brasilica, chamada geral, e indispensavel para o trato com os indigenas, idioma cheio de doçura e bellezas, e que é pena se

deixasse em completo abandono depois da suppressão dos jesuitas.

O já citado R. Southey fallando dos trabalhos do padre Anchieta no collegio de Piratininga serve-se d'estas palavras : « Anchieta taught Latin and « learnt from them the Tupinamban, of which he « composed a grammar and vocabulary, the first « which were made. Day and night díd this indefa- « tigable man, whose life, without the machenery « of miracles, is sufficiently honourable to himself « and to his order, labour in discharging the duties « of his office » (1). Parece incrivel que depois de tão arduas funcções quaes ás que se entregava incessantemente restasse-lhe ainda tempo para compor na lingua do paiz romances, ou antes balladas, proprias a inspirar-lhes horror ao vicio e estima pela virtude, tendo todos por base a sublime moral christã, e pondo em musica as eternas verdades do nosso culto, fizesse-nas depois cantar pelos meninos indios d'ambos os sexos, a quem d'est'arte inspirava amor pela religião, desenvolvendo n'elles o natural pendor pela musica. Conhecendo por experiencia o quanto influia no homem este importante ramo das bellas artes, é que dizia o grande e virtuoso padre Manoel da Nobrega : « Com a musica e harmonia atrevo-me a attrahir a mim todos os Indios d'America. »

---

(1) *History of Brazil*, chap. IX.

O Apostolo do Novo Mundo escrevendo ao geral da Companhia assim descreve a distribuição do tempo, e a vida activa que passavam os jesuitas: « Quasi nenhuma arte das necessarias para o commercio da vida deixam de fazer os irmãos: fazemos vestidos, sapatos, principalmente alpercatas d'um fio, como canhamo, que nós outros tiramos d'uns cardos lançados n'agua, e curtidos, cujas alpercatas pela aspereza das selvas e das grandes enchentes d'agua, é necessario passar muitas vezes por grande espaço até a cinta, e algumas vezes até o peito, barbear, curar feridos, sangrar, fazer casas e coisas de barro, e outras semelhantes coisas não se buscam fóra, de sorte que a ociosidade, não tem lugar nesta casa. » (1)

Por mais d'uma vez esteve em perigo o collegio de Piratininga, theatro de tão bellas acções, já pelos *mamelucos*, já pelos indigenas inimigos dos Portuguezes, devendo sempre a sua salvação ao zelo e intrepidez do seu reitor, auxiliado pelos catechumenos e pelo valente *Tibereçá*, cujo nome nos deve ser tão caro.

Não menos admiraveis são os heroicos missionarios aplacando os odios entre os naturaes e os Portuguezes, e é com verdadeira veneração que pronunciamos seus nomes lembrando-nos dos relevantes serviços, que prestaram á recente colonia. Quando

(1) P. Simão de Vasconcellos, *Vida d'Anchieta.*

em 1562 os ferozes Pitagoares assolaram a capitania do Espirito Santo, depois de terem devastado as dos Ilheos e Porto Seguro, quando uma guerra de exterminio, cujos resultados não se podiam prever, se tinha travado entre os colonos e os selvagens, foram dous jesuitas (Nobrega e Anchieta) que poderam conseguir que a paz se celebrasse, ficando elles como refens nas mãos dos barbaros, esperando a cada instante que soasse a hora do supplicio, attenta a fé punica dos primeiros habitadorès d'esta terra.

Graças a uma sollicitude superior a tudo a que em seu abono se poderia dizer, tinha-se propagado o christianismo com electrica velocidade : Bahia, S. Vicente, Espirito Santo, Porto Seguro e Pernambuco possuiam já collegios, e *reducções* servidos pelos padres da Companhia de Jesus.

Exerciam sobre o animo dos indigenas um quasi illimitado prestigio, porque consideravam os jesuitas como amigos de Deos e seus naturaes protectores. Vimos a maneira por que desarmaram aos crueis Pitagoares fazendo d'elles alliados dos Portuguezes, e sempre que no meio dos combates, ou ainda no fervor das rixas apparecia um filho de S. Ignacio serenava este a atmosphera, impregnada de colera e o desejo de vingança, tal como o iris depois de procellosa tempestade é nuncio de bonança. A palavra d'um jesuita era o mais solido penhor que se podia dar ; e assim tambem era o unico que aceitassem os filhos das brenhas, amestrados por triste

experiencia a desconfiarem dos protestos d'esses homens fementidos, que os iam buscar em seus longinquos asylos para traze-los ao povoado, offerecendo-lhes, em troca da sua credulidade o captiveiro, ou a morte.

Ninguem, que tenha se occupado com as coisas da nossa terra, ignora que foram os jesuitas que poderosamente contribuiram, já por seus conselhos, já pela sua amizade com os indigenas, para o triumpho da expedição de Estacio de Sá: tendo anteriormente coadjuvado ao governador geral, seu tio, no nobre empenho de resistir com as poucas forças, á sua disposição, ao ataque que os Francezes, commandados por Nicoláo Durand de Villegaignon, contando com a alliança dos Tamoyos, dirigiram contra o Rio de Janeiro. A fundação d'esta cidade, destinada a ser a capital d'um grande imperio, a rainha d'America Meridional, foi a consequencia immediata da expulsão dos invasores. Sem os jesuitas, sem os seus patrioticos esforços, talvez que os Francezes tivessem permanecido nesta cidade. O tempo urgia; D. João III tinha cessado de existir; e o reinado seguinte devêra ser o ultimo que contasse Portugal antes do fatal eclipse da dominação hespanhola, e facil é ajuizar si durante ella poderia o Brazil libertar-se da dupla invasão dos Hollandezes ao norte e dos Francezes ao sul.

As palmas do martyrio vieram tambem juntar-se aos serviços de todo o genero que os padres da Com-

panhia prestavam á religião : era talvez preciso que como no Japão sellassem com o seu sangue a pureza da sua fé. Esta honra estava reservada ao padre Ignacio d'Azevedo, visitador nomeado para a provincia do Brazil, e que para elle vinha com sessenta e nove companheiros. Jacques Sorié, corsario calvinista, condemnando á morte com satanica frieza a esses soldados de Christo, julgava ter rarefeito as fileiras do exercito da cruz quando pelo contrario só augmentava o seu numero ; porque o sangue dos martyres, como disse Tertulliano, é semente de christãos.

Durante a primeira épocha da existencia dos jesuitas no Brazil, que corresponde ao seu seculo aureo, praticavam elles tantas virtudes, houveram-se com tanta abnegação, que longe iriamos, si quizessemos fazer o inventario de todas essas celestes riquezas : além de que não é do nosso proposito escrever a historia do seu estabelecimento, e progressos nesta terra. Como porem parece ser destino da humanidade o encontrar sempre ao lado da verdade o erro, e da virtude o crime, uma pagina negra e borrifada de sangue vem fechar a primeira parte dos brilhantes annaes do instituto na terra de Santa Cruz. A perspicacia do leitor ter-nos-ha certamente prevenido adivinhando que queremos fallar do supplicio do calvinista João Bolés, que, fugindo ás perseguições do *Caim d'America*, viera com muitos coreligionarios seus, buscar asylo nas povoações

portuguezas. A intolerancia e o fanatismo religioso tinha accendido em Portugal as fogueiras da inquisição : queimavam-se então ali nas praças publicas os *christãos novos*, accusados de occultamente fieis á religião de seus pais, da qual pela força, ou pelo temor do exilio, haviam sido constrangidos a apostatar. Os jesuitas eram bastante esclarecidos, gozavam da mais bem merecida influencia, para impedirem que na nossa patria, onde nem sequer podiam se dar as razões com que se procuravam attenuar taes excessos no velho mundo, se reproduzissem elles com horror da natureza. Era porém grande o poder dos preconceitos ; fatal o dominio das falsas ideias, que obrigava a homens illustres como o padre Luiz da Gram, a denunciarem como herege obstinado, perigoso ao bem-estar da colonia, digno n'uma palavra do derradeiro supplicio, a um homem cujo unico erro foi, no nosso entender, o não saber respeitar a crença, a que não tinha fortuna de pertencer, provocando perigosas discussões sobre o dogma. Causa-nos ainda mais estranheza que o venerando Anchieta, o symbolo, a personificação da virtude, acompanhasse o réo ás escadas da forca, e temendo que se não arrependesse este da sua conversão apressasse o algoz ensinando-lhe até a desempenhar o seu officio ! !.....

« O' caridade admiravel e engenhosa (exclama o padre S. de Vasconcellos), bem sabia Joseph que segundo as leis ecclesiasticas, incorria na suspen-

são de ordens todo o sacerdote, que accelera a execução da morte em qualquer occasião, ainda que movido de causa pia; porém mais podia com elle a caridade e o amor, que devia ao proximo, que outro qualquer respeito e consideração. » *O Jornal de Timon*, escripto por uma das nossas melhores pennas contemporaneas (1), citando o trecho, que tambem acabamos de transcrever, assim responde á logica sophistica do biographo jesuita : « E nós dizemos : abominavel fanatismo, que assim perverte e transforma um missionario sublime em miseravel ajuda do algoz! triste e eterna contradicção do espirito humano! Estes padres, que vertiam o proprio sangue pela conversão de selvagens canibaes, agora o derramam d'um irmão innocente e quando muito transviado, violando na sua pessoa as leis sagradas da hospitalidade, e atanazando-o na sua hora derradeira com torturas moraes, mais crueis e insupportaveis por ventura que as da corda e do cutello. »

Sejamos porém generosos, nós que vivemos n'um seculo em que a razão impera, em que a tocha da philosophia esclarece os ministros da Igreja occupados na meditação do Evangelho, e lançando o véo do nosso reconhecimento sobre os erros dos primeiros civilisadores da nossa patria, curvemo-nos respeitosos ante seus tumulos, nelles depositando corôas de perpetuas e saudades.

---

(1) O commendador João Francisco Lisboa, ora fallecido.

Com a morte de Nobrega e d'Anchieta terminaram os tempos heroicos dos jesuitas no Brazil, findou a primeira e brilhante phase da sua historia : a era poetica devera seguir-se á prosaica. Reconhecemos que durante o segundo periodo houve entre nós homens notaveis pela sua piedade, e verdadeiramente apostolicos : mas o espirito que dirigia as acções dos padres, espalhados pelo nosso vastissimo territorio, não era o mesmo, e devera necessariamente resentir-se do impulso, que lhe era communicado de longe. Ao provincial do Brazil cumpria seguir a linha de proceder, que lhe era traçada pelo geral, e si o leitor tiver a bondade de voltar algumas paginas d'este grosseiro *Ensaio* verá que a indole das Constituições se achava já n'essa época profundamente modificada, pelos additamentos que lhe foram feitos. Verdade é que não lhes apresentava a terra de Cabral digno theatro para a sua ambição : não haviam aqui reis, de quem se fizessem confessores, não tinhamos politica de que fossem os oraculos ; mas no pequeno e humilde scenario escolheram o papel de protagonistas, e na defesa da liberdade dos indigenas a alavanca da sua proxima opulencia.

Cremos piamente que os primeiros jesuitas que prégaram contra o deshumano trafico dos indios, estavam animados das mais puras e sanctas intenções; até porque recebiam as instrucções dos tres primeiros chefes da ordem, de quem formamos o mais subido conceito, e tinham por executores ho-

mens zelosos da propagação do christianismo, para cujo beneficio tudo sacrificavam, como deixamos esboçado. E como poderiam ser indifferentes ao escandalo commettido pelos colonos de reduzirem á escravidão os selvagens, a pretexto de necessitarem dos seus serviços para fazerem florescer a lavoura, a que não se queriam, ou não podiam se entregar? Não eram as *bandeiras*, *os resgates e as entradas ao sertão* um poderoso obstaculo á cathechese? Poderiam os indigenas acreditar na fé de homens que tão perfidamente os atraiçoavam? Não, mil vezes não; era necessario pôr um dique a taes excessos; refrear a desordenada cobiça dos colonos; e é o que emprehenderam os jesuitas; si porém o seu zelo era inteiramente desinteressado é o que passamos a examinar, tendo debaixo dos olhos os mais contradictorios juizos, para que d'elles possamos extrahir o nosso, que oxalá possa ser exacto. Julgamo-nos imparcial n'esta tão celebre e debatida questão; porque ainda uma vez declaramos, que o amor, nem o odio nos liga ao Instituto de Loyola : elogiamos as boas acções dos seus ministros com a mesma independencia com que censuramos aquellas, que nos parecem pouco condignas com a sua sancta instituição.

Não penetraremos no intricado labyrintho da legislação portugueza relativa á liberdade dos indigenas do Brazil, ainda que para tal fim possuissemos o fio d'Ariadne. Os S. S. P. P. Paulo III, Urbano VIII e

Benedicto XIV puzeram o cunho da sua poderosa autoridade na série de leis, alvarás e cartas regias, emanadas na côrte de Lisboa; mas esse mesmo luxo legislativo provava a sua pouca, ou nenhuma efficacia. As leis, como dizem todos os publicistas, devem ser poucas e claras, mas vigorosamente executadas. A collecção de todas as ordenanças sobre esta tão importante quão simples materia, forma sem duvida um volume igual, senão maior do que o do codigo manuelino.

« As leis, diz o supracitado *Jornal de Timon*, que inculcando uma larga protecção aos indigenas, admittiam comtudo o principio funesto da escravidão, estabeleciam em certos e determinados casos diversas formulas e garantias para evitar as injustiças, isto é, os captiveiros chamados illicitos. Entretanto a cobiça achava mil meios de illudir essas precauções, em verdade quasi sempre vãs, porque, admittido um principio vicioso e falso como base fundamental da legislação, as consequencias haviam necessariamente de participar da sua origem (1). »

Apezar da tibia execução das ordens da metropole, vexavam ellas todavia aos colonos ferindo interesses que tinham feito consistir na posse dos escravos. A distincção de *guerra injusta da justa*, em que era permittido reduzir ao captiveiro os que fossem achados com as armas nas mãos, era casuistica, e abria

(1) *Jornal de Timon*, livr. 8.º secc. 4.ª pag. 462.

largo campo aos abusos, por falta de quem fosse bastante desinteressado para fazer tal apreciação. Os padres da Companhia, que haviam solicitado semelhantes providencias da parte do governo portuguez, eram ainda incumbidos em grande parte da sua execução, e comquanto digam os seus historiadores, que as leis eram por elles escrupulosamente cumpridas, parece que nem todos serão d'este parecer lendo a sua propria narração das *entradas e resgates*, não poucas vezes ordenadas por arbitrio dos capitães móres, em que se commettiam pasmosos attentados : contra os quaes não reclamavam elles se grande numero *de indios forros e de administrados* entrava para as suas parochias (1).

Havia porém, dir-nos-ha alguem, grande vantagem para os indigenas o serem mandados para as missões da Companhia porque ao menos ali conser-

---

(1) « A côr e pretexto d'essas entradas (diz o *Jornal de Timon)* era libertar os indios prisioneiros, atados á corda, encerrados em um curral, ou prisão semelhante, e destinados á morte em terreiro para serem depois comidos em banquete festival pelos seus inimigos. A entrada, ou tropa de resgate, chamada tambem da *redempção dos captivos*, talvez por antiphrase, não só tinham por fim libertar da morte o corpo do selvagem prisioneiro e a sua alma da perdição eterna pela cathechese e conversão, porque depois passavam, como prover d'escravos os moradores. Ao ouvir os fautores d'essas leis fazia-se uma obra de piedade, e por ella se conseguiam ao mesmo tempo muitos bens *temporaes e espirituaes.* »

vavam a sua liberdade, ao passo que eram reduzidos á trista sorte de escravos quando cabiam em partilha aos particulares. Cremos que pouco, ou nada mudava-se a sua condição si a *junta da redempção dos captivos*, concedia-lhes a liberdade reconhecendo terem sido apresados em guerra injusta, e remettia-os para as aldêas dos jesuitas, afim de se empregarem no serviço dos mesmos com o onus de ensinar-se-lhes a doutrina, e cuidar da salvação das suas almas. Poderemos por inducção avaliar do que então se passava presenciando o procedimento d'uma grande e poderosa nação moderna, que tem assumido a si o privilegio exclusivo da philantropia na não menos celebre questão do trafico dos Africanos. As *commissões mixtas* ao principio, e depois do *bill Aberdeen* (1) os tribunaes especiaes, mandam para as colonias inglezas os negros aprisionados nos navios julgados *boas presas*, e os *libertos* vão terminar sua existencia longe dá patria, soffrendo todo o genero de privações, mas tendo tambem a honra de trabalharem para o engrandecimento da *generosa Albion*. Os homens sempre foram e hão de ser os mesmos; o que n'essa era praticavam os jesuitas com os indios forros, fazem hoje os Inglezes com os Africanos libertos.

---

(1) Felizmente revogado por não ter mais razão d'existencia; attenta á energica opposição que o governo brazileiro soube oppor ao trafico d'Africanos.

Ninguem hoje se illude com palavras, moeda falsa da civilisação, todos querem entrar no amago das coisas, e si é possivel perscrutar o segredo das consciencias. E' um principio juridico que o autor do crime é quasi sempre o que mais utilidade d'elle tira, e si o applicarmos ao caso vertente poderemos concluir que si os jesuitas enriqueciam na razão directa da pobreza, ou quasi miseria dos moradores, os quaes confiados nos braços da escravatura entregavam-se ao desespero quando estes lhes faltavam não era unicamente por amor da humanidade, e sim movidos por outros motivos, quiçá menos nobres, que provocavam os edictos regios, instavam com os governadores para que os pozessem em execução, augmentando d'est'arte o numero dos *administrados*, com não pequena vantagem das suas *residencias*. Ouçamos a este respeito uma testemunha imparcial, que se achava muito em estado de apreciar do methodo seguido pelos padres da Companhia pelo profundo estudo que fizera d'este assumpto, corroborado pela longa residencia n'uma provincia, que talvez mais que nenhuma outra conserva ainda os vestigios do dominio d'esses regulares. O tenente general Arouche na sua *Memoria sobre os Indios da provincia de S. Paulo no anno de 1798*, assim se exprime : « Os indios das fazendas jesuiticas tinham uma liberdade imaginaria, porque elles eram tratados com a mesma sujeição, o mesmo aperto, e a mesma obediencia que o resto dos escravos. Accrescia além

d'isto o systema de os ter sempre separados do commum dos homens para nunca poderem ser desabusados, de os casarem com pretos e pretas escravas, baptisando os filhos como servos (1). » Interroguemos ainda outra testemunha qualificada, e prestemos summa attenção a seu depoimento. Fallando ácerca das *administrações* que qualifica *d'uma modificação no nome caracteristico de captiveiro* um illustre brazileiro, assaz conhecido por seus escriptos, serve-se d'estas palavras : « Accumulavam elles (os padres de todas as ordens, e principalmente os jesuitas) os dous poderes, e então a sorte dos indios era mais deploravel, sua sujeição mais restricta, seus trabalhos mais vexatorios e duplicados : por isso que o mando não era partilhado, e de taes animosidades não haviam testemunhas que ousassem revela-las (2). »

Ainda mesmo admittindo que haja exageração no juizo emittido por tão conspicuas auctoridades suppomos que os jesuitas não poderão ser inteiramente absolvidos de terem por sua ambição excitado os moradores aos lamentaveis excessos, a que se entregaram contra elles nas capitanias de S. Vicente, Rio de Janeiro, Pará e Maranhão. Profundo devera

---

(1) *Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geog. Br.* tom. 4.º.

(2) *Not. Racion. sobre as Ald. d'Ind. da Prov. de S. Paulo* pelo Brig. Machado d'Olivr. inserta no tom. 8.º da *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Br.*

ser o odio de que eram objecto os padres para que fizesse esta tão grande explosão em pontos tão distantes entre si, e sem que para isso houvesse a menor combinação (1).

Diz-nos o sargento mór Pedro Taques de Paes Leme na sua *Noticia Historica da expulsão dos jesuitas do collegio de S. Paulo*, que os moradores d'essa capitania depois de terem-nos lançado fóra das suas casas na manhã do dia 13 de Julho de 1640 dirigiram a el-rei D. João IV uma representação contra esses regulares em que *se queixavam que monopolisassem o serviço dos indios com grave damno dos moradores, que se viam privados d'elles para o serviço*

---

(1) Nas nossas *Breves Reflexões sobre o systema de cathechese seguido pelos Jesuitas no Brazil* impressas no tomo XIX da *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brazil* dissemos :

« Não pretendemos justificar os excessos commettidos nessa era pelos colonos contra os jesuitas ; reprovamos altamente o seu proceder relativamente a esses padres, as violencias para com elles practicadas no Pará, Maranhão, S. Paulo e Rio de Janeiro ; pensamos porém que os espiritos não se teriam exacerbado á semelhante ponto si os discipulos de Loyola não lhe tivessem dado causa e se defendessem com maior moderação. Verdade é que algumas vezes, como em S. Paulo e aqui no Río de Janeiro davam-se logo por vencidos e assignavam quantas capitulações d'elles se exigiam, mas ninguem ignorava que o seu systema de *restricções mentaes* prestava-se maravilhosamente a essa tactica, sendo um meio efficacissimo de ganhar tempo em quanto conjuravam a tormenta contra elles levantada. »

da sua lavoura e mineração, no que tambem prejudicavam a fazenda real com a perda dos quintos. Poderam neutralisar pela sua immensa influencia em Lisboa o effeito que ali necessariamente produziria tão grave accusação, e pelo alvará de 3 de Outubro de 1643, ordenava el-rei que lhes fossem restituidos os seus collegios, continuando as aldeias a serem por elles administradas; *pois que mais ganhava o Estado* (dizia o referido alvará) *que as aldeias fossem administradas por esses padres, que o faziam de graça do que por sacerdotes seculares, que vindos de fóra, por força haviam de tirar o seu sustento do trabalho dos indios.* As ordens regias encontravam porém grande opposição da parte dos moradores, e só com a promessa de ampla amnistia a todos os comprehendidos na sedição de 1640, que lhes assegurava o alvará de 7 de Outubro de 1647, é que entraram os jesuitas na posse mansa e pacifica das suas casas e aldeias d'onde estiveram ausentes por espaço de treze annos (1).

No Rio de Janeiro, paiz classico da paz, que lhe assegura a indole pacifica dos seus naturaes, rebentou tambem um motim popular n'esse mesmo anno de 1640 em que tivera lugar o de S. Paulo por occasião de querer o padre Francisco Dias Tanho, procurador dos indios do Paraguay, publicar a bulla de 6 de Março de 1638, em que se fulminava a pena

(1) *Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geog. Br.* tom. 12.º.

dè excommunhão contra os promotores e fautores da escravidão dos indigenas. Sem a intervenção do governador Salvador Correia de Sá e Benavides, ajudado por seu primo D. João de Avalos e Benavides, capitão da infantaria da praça, o povo irritado teria arrombado as portas do collegio dos padres da companhia, e talvez attentado contra as suas pessoas. Atemorisados assignaram a escriptura de 22 de Junho de 1640 pela qual desistiam da promulgação da bulla, e obrigavam-se a respeitar o *statu quo*, sem duvida protestando em segredo contra semelhante acto, que lhes era arrancado pela violencia, e aguardando dias mais serenos para exigirem imperiosamente a sua revogação (1).

Em parte alguma tomou esta luta proporções mais colossaes do que no Maranhão e Pará, onde um grande homem se pôz á frente d'ella. Incontestavelmente o padre Antonio Vieira era a alma dos jesuitas do seu tempo tanto no Brazil, como ainda em Portugal; o centro para o qual convergiam todos os raios; a cabeça encarregada de pensar por todos. Como todos os homens conscios da sua superioridade era elle ambicioso, queria sempre representar o primeiro papel, ou em Lisboa, sentado nos conselhos da corôa, ou na Hollanda como fino e dextro diplomata, ou no Maranhão como fautor da liber-

(1) *Annaes do Rio de Janeiro* por Balth. da Silva Lisboa. tom. 6.º

dade dos indigenas. Com a mesma facilidade com que prégava diante do chefe visivel da Igreja, fazia ouvir a sua eloquente voz nas margens do autocrata dos rios, convertendo os selvagens Nheingahibas. Possuia uma d'essas maravilhosas organisações, que nunca podem estar ociosas : para elle o movimento era a vida ; amava a discussão, e chegava a desejar as contrariedades. Era n'uma palavra um varão extraordinario, talvez mesmo damasiado grande para o mesquinho palco, que lhe offereciam estas longinquas, e quasi que esquecidas terras do Brazil.

Por motivos, que não examinaremos n'este lugar, deixou o padre Antonio Vieira o posto elevado, que occupava na côrte para vir exercer o de superior da sua ordem no Estado do Maranhão. Seu zelo levou-o á cidade de Belém, cujo collegio acabava de ser fundado sob a invocação de S. Alexandre, e ahi clamando com a costumada franqueza contra os vicios dos moradores, principalmente contra a desmarcada cobiça, accumulando immensas riquezas á custa das lagrimas dos miseros indios, mostrou-se disposto a tornar effectivas as ordens regias relativas á liberdade d'esses desgraçados, o que lhe fôra mui particularmente recommendado por el-rei D. João IV, especialmente em carta de 21 de Outubro de 1652. Por esse celebre documento conferia o piedoso monarcha lusitano ao primeiro jesuita do seu reino poderes quasi que discricionarios, esperando que

este empregasse com fructo na nunca assaz louvavel obra da propagação da fé. N'elle se lêm estas notaveis palavras..... « vos encommendo a continuação da propagação do Evangelho, que vos leva áquellas partes e que para isso levanteis as igrejas, que vos parecer nos lugares, que para isso escolherdes, e façais as missões do sertão, que tiverdes por mais convenientes, ou por mar, ou por terra, ou levando indios comvosco, descendo-os do sertão, ou deixando-os em suas aldeias, como julgardes por mais necessario á sua conservação, que de tudo terei grande contentamento pelo muito que desejo que aquellas terras se cultivem com a nossa santa religião, e para melhor o conseguirdes, ordeno aos governadores, capitães móres, ministros de justiça e guerra, capitães de fortalezas, camaras e povos vos dêm toda a ajuda e favor, que pedirdes, assim de indios, canôas, pessoas praticas na terra e linguas, como do mais que vos fôr necessario para o que lhes mostrareis esta, ou copia d'ella, que guardarão inviolavelmente como n'ella se contém; e fazendo o contrario me dareis logo conta para mandar proceder contra os que assim o não fizerem como me parecer de justiça. »

Longe de obedecer ao que lhe era tão formalmente ordenado pelo soberano requereu á camara de Belém, pelo orgão do seu procurador, para que se lançassem fóra os religiosos da Companhia, pretextando a sua opposição ao commercio dos indigenas, e muito

maior foi a indignação d'aquelles povos quando havendo obtido da metropole a provisão regia de 17 de Outubro de 1653, que *permittia poderem-se fazer escravos os indigenas, que houvessem-se alliado com os inimigos, que exercitassem latrocinios por mar, ou por terra; que recusassem pagar os tributos, não obedecessem ao chamado para o serviço ou para pelejar com os inimigos : outrosim os que comessem carne humana, sendo de vassallos reaes*, viram os seus esforços baldados pela vigorosa resistencia que oppuzeram os jesuitas á promulgação de semelhante ordenança, que, diziam elles, ia abrir largas portas a toda a classe de abusos; e tendo por esse motivo emprehendido o padre Antonio Vieira uma viagem a Lisboa alcançou a completa revogação d'ella.

Havia da parte dos jesuitas *trop de zèle*, na phrase do famoso Talleyrand; e da dos colonos excessivo amor do ganho e das riquezas, pouco se importando com os meios que para esse fim empregavam. Ambas as parcialidades talvez que quizessem a mesma cousa, isto é, maior numero de indios, ou a titulo *de administrados*, ou do de escravos, para fazerem medrar as suas lavouras não concordando porém no modo pratico de realisarem suas pretenções. D'esta divergencia originou-se a lucta, que ora assignalamos, terminada no Pará pela expulsão do padre Vieira e dos seus companheiros do collegio de Belém, sem que lhes podesse valer o governador D. Pedro de Mello, remettendo-os presos para o Mara-

nhão, onde não menos cruelmente foram tratados, sendo mandados para Portugal em um patacho, que d'ali seguia para esse reino.

Semelhante procedimento foi altamente censurado em Lisboa e a carta regia de 18 de Outubro de 1663 ordenava que lhes fossem restituidos os collegios e mais casas que possuiam nas referidas capitanias; mas alli, bem como em S. Paulo, só completo perdão e esquecimento, igual ao que lhes assegurava a provisão de 12 de Setembro do mesmo anno, podia serenar os animos, ainda excessivamente irritados, e permittir que podessem voltar ao lugar d'onde haviam sido expulsos (1).

Não estavam porém de tal modo reconciliados com os moradores que não tivessem de temer-lhes o resentimento, e o movimento popular, capitaneado por Manoel Beckmann, mostrou-lhes o que deviam esperar da parte de homens a quem constantemente feriam em suas mais caras affeições, que todas se cifravam nos interesses e bem-estar pecuniario. Foi ainda preciso que viesse em seu soccorro o braço secular, e que o governador do estado do Maranhão Gomes Freire de Andrade, punindo severamente os cabeças da sedição, pozesse termo a tão lastimaveis discordias (2).

O padre Antonio Vieira tinha comprehendido

---

(1) Berredo, *Ann. do Maranhão*, livros XV e XVI.
(2) Berredo, *Ann. do Maranhão*, livro XVIII.

maravilhosamente o principio jesuitico do sacrificio d'um em favor de muitos; assim pois desejava o augmento da ordem, a sua preponderancia, que não podia resultar-lhe no Brazil senão dos grandes cabedaes, que tivesse ajuntado; porque nos paizes novos, e principalmente nas colonias a *plutocracia* exerce a maior influencia na falta de toda outra distincção. Era ainda preciso que as frotas annuaes levassem aos grandes armazens, que a Companhia possuia em Lisboa, os generos do nosso paiz, para que o seu voto não deixasse de fazer pender para seu lado a balança politica do Estado. Permittidos aos moradores os *descimentos e entradas no sertão* estariam estes habilitados a fazer concurrencia aos jesuitas na exportação dos productos coloniaes, que produziam as suas *missões e parochias*, servidas por indios forros, submettidos a admiravel disciplina.

Julgamos poder assim explicar o comportamento, a primeira vista contradictorio, do padre Antonio Vieira. Individualmente tomado era elle do maior desinteresse, diremos mesmo da mais completa abnegação: o seu historiador André de Barros pinta-no encerrado na cella estreita e núa do seu collegio, despojando-se da roupa e moveis os mais indispensaveis para acudir á pobreza e por vezes reduzido a dormir n'uma esteira de tabúa em vez de cama, vestindo uma roupeta esfarrapada de panno grosseiro tinto na lama, e calçando sapatos de pelle de

porco montez. A mesma parcimonia usava na comida e bebida e não raramente privava-se da cêa para manda-la de presente a alguma familia necessitada (1). A sua ambição era unicamente em pról do seu instituto; para si só queria a gloria : anhelava que se fallasse no seu nome, e a miudo encarregava-se elle mesmo, a exemplo de Cicero, de fazer a longa enumeração dos serviços (2).

Longo e porfiado fora o litigio, e ambos os contendores extremamente cansados suspiravam pelo repouso; mas impossivel era elle para o jesuita antes do triumpho. Conseguira-no completo, ao menos por algum tempo; e os colonos perdendo a

---

(1) André de Barros, tom, 1.º cap. XXV.

(2) Um dos seus mais esmerados biographos, o erudito J. F. Lisboa, mais conhecido pelo seu pseudonymo de *Timon-Maranhense*, deixou-nos esboçado o seguinte quadro da actividade do eximio jesuita :

« Nestes diversos encargos e situações apenas se encontrará assumpto de administração e governo e regimen civil, politico e religioso que o padre Vieira não discutisse, tractasse e practicasse, ou nos seus opusculos e pareceres, ou nas conferencias verbaes, ou nos pulpitos, ou executando e obrando pessoalmente. Questões d'economia politica, impostos, emprestimos, instituição de companhias de commercio, marinha, guerra, cessões de territorios, tractados, allianças, casamentos reaes, reforma de ordens regulares, e ainda a da propria Companhia e da Inquisição, tolerancia religiosa, tudo lhe passa pelas mãos, nada escapa a sua indefinida actividade, e á admiravel fecundidade do seu espirito neste periodo brilhante da sua carreira.»

esperança de terem escravos indios voltaram as suas vistas para a costa de Africa, como já lhes tinha lembrado o virtuoso dominicano Las Casas, e fizera-o depois o padre Antonio Vieira, offerecendo ao governo um plano para mandar vir escravos por conta do Estado, distribuindo-os depois pelos moradores gratuitamente, como unico meio de remediar a falta de braços, que já então se fazia sentir. Deploravel cegueira d'espirito aliás tão illustrado, que não duvidava aconselhar que se fizesse n'Africa um trafico, a que com tanto afinco se oppunha n'America!

Ficou-lhes portanto livre a administração dos indios forros; e para assegurar a sua posse privativa obtiveram da côrte prohibição expressa de penetrar quem quer que fosse, sem venia sua, nas aldeias, que lhes eram confiadas, a titulo de não irem os colonos corromper a moral simples dos indigenas, afastando-os dos costumes patriarchaes. Quem se tiver dado ao trabalho de compulsar os nossos annaes recordar-se-ha das contestações suscitadas por estes regulares com os religiosos das outras ordens, mercenarios, capuchos e carmelitas, que, como elles se occupavam do trabalho da cathechese. As aldeias, que estes ultimos haviam fundado nas margens do Rio Negro por ordem do governador Luiz de Vasconcellos Lobo, foram de curta duração, e tiveram seus administradores de retirarem-se por não po-

derem resistir á guerra, que lhes faziam os seus rivaes.

O methodo por elles adoptado no regimen das missões do Paraguay era, com algumas modificações, seguido entre nós. Tinham, como alli, a supremo inspecção das aldeias, que eram governadas por *maioraes*, e a cada chefe de familia assignava-se o terreno que devera cultivar, para com o producto do seu trabalho sustentar-se a si, e aos seus. Não lhes era porém permittido alienar parte dos seus reditos, que eram applicados ás despezas communs, arrecadadas pelos padres, que tambem inspeccionavam a permuta dos generos da terra com as mercadorias estrangeiras, que ahi iam fazer os mascates, depois de competentemente autorisados. O registo dos indios forros era remettido todos os dous annos ao governador, firmado com o juramento dos missionarios, e d'est'arte podiam elles saber do numero de homens com que deviam contar para o serviço regio, a que todos eram obrigados por espaço de seis mezes, ficando o resto do tempo disponivel para se empregarem na lavoura, ou n'outros quaesquer serviços, que resultassem em proveito seu, ou ainda maior do dos seus tutores (1).

Ao escambio dos generos coloniaes pelos vindos da metropole chamavam os jesuitas *permuta*; porque sendo o commercio defeso pelos canones aos eccle-

(1) Southey, *History of Brazil*, tom III, chap. XXXIII.

siasticos, proscreviam a palavra, que poderia escandalisar aos ouvidos pios, e conservavam a coisa em toda a sua pureza, e sem mudança alguma na essencia. A esta origem podemos attribuir as colossaes riquezas da Companhia entre nós, maxime si reflectirmos que não tinha ella concurrentes para o commercio, que em larga escala fazia; sem que seja necessario dar credito ás lendas populares, que nos pintam os padres, sentados á cabeceira dos ricos moribundos, aterrando a sua timorata consciencia, e apontando-lhes como unico meio de se reconciliarem com Deus o de legarem todos os seus bens em beneficio dos collegios e mais casas do instituto. Si semelhantes abusos foram practicados uma, outra vez, por este, ou aquelle jesuita, não podia ser regra adoptada por toda uma classe de homens illustrados, que deveram assaz respeitar a sua dignidade para lançar mão de meios tão vergonhosos, e, que quando conhecidos, redundariam em prejuizo seu. *C'était pis qu'un crime, c'était une faute*, como dizia o já citado Talleyrand.

E' ordem da natureza, que a borrasca preceda a calma; assim gozaram os jesuitas alguns annos da mais profunda paz antes que contra elles se forjassem as armas, que deveram derriba-los do pedestal em que se criam seguros. Esses dias serenos, que o céo lhes concedia foram empregados na edificação e embellezamento das suas igrejas e collegios; onde não empregaram artistas estranhos, não mandaram

vir, o que lhes seria bem facil, pintores, estatuarios, architectos, etc.; mas desenvolvendo o gosto e o natural talento dos indigenas faziam-nos aprender com os seus consocíos, que se avantajavam nas artes liberaes, aquellas que mais necessarias julgavam dever ser transplantadas para a America. E' d'est'arte que se ergueram os magnificos templos das missões do Uruguay, hoje em ruinas, graças a nossa indolencia, ao desprezo a que votamos as coisas patrias para ir com insensato enthusiasmo dar ductos a peregrinas e quiça mesquinhas obras. Sobre o culto, que rendiam os jesuitas ás bellas artes, sobre o modo por que n'ellas iniciavam os naturaes do paiz, ouçamos o juizo d'um varão tão notavel pelas suas luzes, como pela sua alta posição. « Si pois os jesuitas exerciam, cultivavam e professavam as artes liberaes ou mechanicas, mui natural é que encontrando n'America um tão grande numero de sujeitos aptissimos, e direi sem receio, dotados mui particularmente pelo autor da natureza, com talento especial para as artes, procurassem instrui-los n'essas mesmas artes, tanto mais quanto era esse um meio efficacissimo de domesticar e civilisar, de fazer christãos os barbaros indigenas do continente americano (1). »

Entregavam-se tambem com admiravel zelo á

(1) *Rev. Trim. do Inst. H. e G. B.* tom. 4.º Prog. desenv. pelo desemb. Silva Pontes.

educação da mocidade; e foram elles os mestres dos benemeritos brazileiros, cujos escriptos formam a nossa litteratura nos seculos XVII e XVIII. Seriamos ingrato si não reconhecessemos os importantes serviços que estes regulares prestaram á nossa terra, no numero dos quaes occupa distincto logar o ensino desvellado, que davam á juventude. As aulas dos jesuitas eram as unicas, que então existiam no abandono completo em que deixava-nos vegetar a metropole; e os moços talentosos encontravam n'elles mestres eruditos, que, sem pedantismo, abriam-lhes as portas do templo das sciencias. Aqui no Rio de Janeiro ensinavam gratuitamente grammatica latina, philosophia, theologia dogmatica e moral além das mathematicas elementares, de que eram summamente apaixonados, e conferiam aos seus alumnos, quando terminado o curso, o diploma de *mestre em artes*, que era então mais estimado do que é hoje de doutor em qualquer faculdade. Na Bahia possuiam as mesmas aulas, com additamento da de rhetorica, e nas outras partes do Brazil, onde existiam collegios, ou ainda simples hospicios, era o ensino das primeiras letras e o da grammatica latina franqueado sem o menor onus para os pais de familia. Accusa-se aos jesuitas (sem duvida para diminuir o tributo da gratidão que por tal titulo lhes devemos pagar) de attrahirem ao gremio da sua sociedade áquelles dos seus alumnos que mais talentosos e applicados se mostravam; mas essa

propaganda, si por ventura existiu, a julgamos nós innocente; todos desejam fazer entrar para a sua corporação homens capazes de ennobrece-la; e os jesuitas no Brazil deveram recrutar nas fileiras dos seus discipulos os que tinham de succeder-lhes: e facil é de comprehender que não convidariam os mais rudes, e sim os mais habeis: pensamos todavia que não empregavam meios reprovados para alliciarem inexpertos e incautos mancebos.

Havia o seculo XVIII chegado á metade da sua carreira quando sobreveiu um acontecimento na apparencia insignificante, mas que contribuiu profundamente para exacerbar o odio, contra os jesuitas jamais extincto no Brazil, odio, a que, como dissemos, tinha dado causa ás suas longas contestações acerca da liberdade dos indios, e sempre alimentado pelo ciume do monopolio, que exerciam sobre os generos coloniaes nos mercados de Lisboa e Porto; assim como pela inveja que inspiravam as suas extraordinarias riquezas. Referimo-nos ao tratado de limites, celebrado entre os gabinetes de Lisboa e o de Madrid aos treze de Janeiro de 1750, negociado com o fito de pôr termo ás usurpações de territorio, que as colonias transatlanticas mutuamente se faziam, chegando-se a um accordo sobre a linha divisoria entre as possessões das duas corôas. Desistindo ambas as altas partes contractantes das pretenções fundadas na celebre bulla de Alexandre VI declaravam *que as cessões, que n'elle se faziam não eram por via de equi-*

valentes, mas com o fim de perpetuar a união e harmonia entre as duas nações. Pelo artigo 13 do mesmo tratado cedia S. M. F., a colonia do Sacramento, e todo o territorio adjacente a ella na margem septentrional do Rio da Prata; e pelo 16.º fazia expressa cessão S. M. C. dos povos, ou aldeias situadas na margem oriental do Uruguay, permittindo porém que os missionarios sahissem com os seus bens moveis e semoventes, levando comsigo os indios para aldea-los em outras terras de Hespanha (1).

Esta ultima clausula feria vivamente os interesses dos jesuitas, que se tinham estabelecido naquellas regiões; e por isso resolveram oppôr-se a ella, depois de terem debalde tentado embaraçar-lhe a execução, o que certamente conseguiriam a não ser a energia do negociador portuguez, o visconde da Villa Nova da Cerveira. Vejamos porque defendiam esses regulares com tanto afinco, e até resistindo formalmente ás ordens do seu governo, umas aldeias plantadas nas ribas do Uruguay e habitadas por semi-barbaros *Guaranys.*

Corria o anno de 1610, quando dous jesuitas Marcello de Lorenzana e Francisco de S. Martin, conseguiram que os ferozes *Charruas* que vagueavam por esses ermos se curvassem ás suas doces palavras,

---

(1) *Annaes da Prov. de S. Pedro* pelo visconde de S. Leopoldo, cap. 3.º

fundando algumas *tabas*, que serviram de nucleo ás futuras *reducções*. Graças aos esforços dos primeiros missionarios e dos seus immediatos successores, rapido foi o incremento : de modo que já vinte e um annos depois (em 1631) contavam-se vinte povoações regidas pelo governo theocratico, o melhor, como se exprime Raynal, si fosse possivel conserva-lo em sua pureza. Leamos o quadro, que da sua vida nos traça um escriptor, de quem não fazemos o elogio, porque d'isso no-lo vedam os estreitos laços de parentesco, que a elle nos ligam.

« Fallavam todos a mesma lingua, o *guarany* (diz o visconde de S. Leopoldo) ; sem leis civis ; pois que entre elles era quasi imperceptivel o direito da propriedade, nem mesmo das producções da sorte de terras, que se adjudicava a cada pai de familia, era licito dispôr a seu arbitrio sem a direcção do cura ; os artifices e lavradores levavam á risca aos depositos publicos o fructo do seu suor, e das suas fadigas, vivendo em commum ; os religiosos directores com os magistrados do povo (do modo, que ao diante diremos) proviam, e velavam sobre as precisões de cada um ; sem leis penaes, pois que todas eram preceitos de religião, as transgressões se puniam com jejuns, orações, carceres, e algumas vezes flagellações e exterminio ; o culpado se accusava elle mesmo aos pés do magistrado, e recebia o castigo com acções de graças : no fundo dos sertões d'America

parecia emfim realisada essa republica ideiada por Platão e por Thomaz Morus » (1).

Estes vassallos fieis da Companhia de Jesus, que ao tempo da suppressão orçavam-se em trinta mil unicamente nos sete povos que couberam em partilha á corôa portugueza, fertilisavam um solo já uberrimo, com o seu trabalho, e davam aos *bemditos padres* lucros incalculaveis. Cultivavam algodão, tabaco, canna d'assucar, e toda a qualidade de grãos, mas o producto que maior interesse lhes dava era da erva matte, tambem chamada chá do Paraguay, que remettiam em grande quantidade para os mercados de S. Fé e Corrientes.

Além da lavoura empregavam-se tambem os indios na criação do gado vaccum e cavallar nas vastissimas estancias, que possuiam os paraguayos nos lugares os mais asados para tal fim. Segundo os calculos mais moderados, a renda annual d'essas missões elevava-se á somma de cem mil pesos fortes, dos quaes deduzida uma pequena parcella para os soccorros, que deviam ser fornecidos aos necessitados, e o adorno e reparação dos templos, e mais despezas com o culto, era o restante remettido para Roma, centro da unidade jesuitica, afim de fazer face aos gastos communs e urgencias da Companhia.

Aqui, como em todas as partes, tinham vedado a

(1) *Annaes da Provincia de S. Pedro*, cap. XIII, pag. 236.

entrada das missões a todos os individuos, embora da mesma nação, que não tivessem a honra de pertencer ao instituto de Loyola, sempre debaixo do especioso motivo de receiarem a corrupção dos costumes dos seus administrados; levando esse seu desmarcado zelo a ponto de terem, como já deixamos dito, obstado á visita pastoral do bispo do Paraguay D. Bernardino de Cardenas.

Para que nada faltasse ao completo dominio dos jesuitas n'essas longinquas paragens até tiveram um exercito ás suas ordens devidamente disciplinado; havendo para isso obtido o assenso do governo da metropole. Pela real cedula de 20 de setembro de 1649 foi concedida a licença, que tinham impetrado, d'adestrarem os indios christãos velhos no manejo das armas de fogo; e que para instrui-los lhes fosse permittido levar das provincias do Chile alguns irmãos coadjuctores, que houvessem sido soldados; pretextando para isso a necessidade, em que se viam dolorosamente collocados, de repellir os aggressores dos Portuguezes (1).

Comprehende-se facilmente o quanto desgostaria aos jesuitas a noticia da proxima chegada ás suas

---

(1) Naturalmente dos Paulistas, que algumas vezes penetravam em suas aldeias para fazer escravos os indios, que viviam sujeitos á administração espiritual e temporal dos padres da Companhia : do que amargamente se queixava o conde de Castellar, vice-rei do Perú em uma nota datada do 1.º de janeiro de 1679.

missões dos commissarios portuguez e hespanhol, que iam, em nome dos seus respectivos soberanos, tornar effectivas as clausulas estipuladas no novo tratado de limites. Não havia tempo que perder; era preciso lançar mão da diplomacia, e em ultimo caso recorrer ás armas, para o que, como vimos, estavam preparados. Allegando que precisavam d'algum tempo para effeituarem a sua mudança, colherem os frutos pendentes, e mudarem o gado das estancias, obtiveram que por muito tempo se sustentassem as operações da demarcação, a que iam proceder o marquez do Val de Lirios e o general Gomes Freire d'Andrade. Esperavam que os governos de ambos os paizes interessados na realisação d'esse pacto, que tanto os contrariava, mudassem de resolução desenganados pelas difficuldades, quasi insuperaveis, com que tinham de lutar; quando porém viram que nada seria capaz de demovê-los do proposito, que haviam formado, fizeram appello á *ultima ratio regum.*

O padre Lourenço Balda, cura do povo de S. Miguel, foi a alma da rebellião, foi elle que concitou os pobres e pacificos indios a se sublevarem contra as decisões dos soberanos, de quem não tinham a menor noticia, tanta era a ignorancia, que a tal respeito, bem como a muitos outros, deixavam-nos permanecer os seus *santos padres!.....* Por documentos authenticos, que tivemos occasião de compulsar, está hoje mais que provada a complici-

dade dos jesuitas n'essa fatal trama cujos resultados não podiam deixar de ser funestissimos para os indigenas, de quem se declaravam protectores.

Os commissionarios regios communicando ás suas respectivas cortes a resistencia que as suas ordens tinham encontrado da parte dos naturaes não dissimularam ser ella devida ás instigações dos filhos de Loyola, e o gabinete de S. Ildefonso estranhando altamente o proceder d'elles, escrevia a seu delegado o marquez de Val de Lirios, estas notaveis palavras :

« En la carta de officio, que escribo a V. Exc. verá que Su Magestad ha descubierto, y asegurando-se de que los jesuitas de esta provincia son la causa total de la rebeldia de los indios. Y mas de las providencias, que digo en ella haber tomado, dispidiendo a su confessor; y mandando que se embien mil hombres, me ha escripto una carta (propria de un soberano) para que yo exhorte al provincial hechando-le en cara el delicto de infedelidade, y diciendo-le, que si luego luego no entrega los pueblos pacificamente sin que se derrame una gota de sangre, tendrá Su Magestad esta prueba mas relevante; procederá contra el y los de mas padres por todas las leys de los derechos canonico y civil, los tratará como reos de lesa magestad, y los hará responsables a Dios de todas las vidas innocentes, que se sacrificassem, etc. (1). »

---

(1) Vide, *Relação Abrev. da Rep., que os Relig. Jesuitas*

Pela côrte de Lisboa foram transmittidas a Gomes Freire d'Andrada as mais terminantes recommendações d'auxiliar ao general hespanhol, pondo termo o mais cedo possivel a tão *escandalosa rebeldia.*

Duas vezes mediram-se os indios com o exercito combinado; uma a 10 de fevereiro de 1756, capitaneados pelo valente Sepé, perdendo nesse conflicto mil e duzentos homens, differentes peças d'artilheria e outros despojos bellicos; e outra a 10 de maio de mesmo anno, em que foi completamente desbaratado o seu exercito, composto de mais de tres mil combatentes. Além d'estas duas batalhas campaes houve muitas refregas entre as partidas volantes, portuguezas e hespanholas, que batiam a campanha, e troços de indigenas, que surgiam como que do centro da terra, para tolher-les o passo. Concluindo a participação official da segunda grande acção, que teve lugar n'esse anno nas campinas do sul, assim se exprimia o general Gomes Freire d'Andrada referindo-se ás fortificações levantadas para obstar a passagem do rio Churieby: « A planta bem dá a vêr a defensa como estava propria. E si elle é feita pelos indios devemos persuadir-nos que em lugar de doutrina se lhes tem ensinado architectura militar. »

---

estabeleceram nos dominios ultr. de Port. e Hesp. e da guerra, que n'elles moveram contra os exercitos d'ambas as potencias, inserta na *Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geog. Bras.* tom. 4.º

Perdidas as ultimas esperanças de defenderem o paiz, a cujo dominio se haviam arrogado, empregaram o ultimo recurso, que em semelhantes casos aconselha a coragem da desesperação. O fogo devêra reduzir a cinzas aquillo que lhes fôra impossivel defender, e as labaredas, que já prendiam o magnifico templo do povo de S. Miguel, quando n'elle entraram os alliados no dia 16 de maio, advertiam-lhes que se apressassem, si acaso queriam encontrar ainda illesos os magnificos monumentos, que atestassem á posteridade a esplendida habitação dos padres. Um dos nossos melhores poetas J. Basilio da Gama descreveu, com as delicadas tintas do seu primoroso pincel, a scena lastimavel de que acabamos de fallar, e para ahi remettemos o leitor curioso.

Assim terminou a guerra civil, suscitada pelos jesuitas na extremidade meridional do Brazil, emquanto que ao norte oppunham tenaz, posto que menos ruidosa opposição. No Pará e Maranhão, foi incumbido o respectivo governador e capitão general, Francisco Xavier Furtado de Mendonça, por despachos de 30 d'Abril de 1753 de presidir por parte de S. M. F. ás conferencias, que com o commissario castelhano se deveram abrir afim de regular-se os limites das possessões de que os dous reinos da peninsula iberica eram senhores n'estas partes d'America. Ainda que a perda dos jesuitas nas margens do Rio Negro não fosse equivalente á

que experimentavam nas do Uruguay e Paraná, todavia preparavam-se para a demarcação dos limites.

Os meios de que se serviram no Pará pouco differiam do methodo por elles empregado ao sul do estado. Sublevaram como operação previa os indios das visinhanças d'aquelle lugar que fora destinado para as conferencias; depois amotinaram os da capital do Pará afim de que não encontrasse o governador gente disponivel para tripular as canôas, e mais objectos de serviço, e finalmente fomentaram deserções entre os soldados, por não poderem faze-lo entre os officiaes. Por mais graves que pareçam taes accusações nós as mencionamos firmados no juizo de autores, que temos por fidedignos, entre outros citaremos o nome do sargento-mór Antonio Ladisláo Monteiro Baena, no seu « *Compendio das Eras da Provincia do Pará*, » a quem julgamos bem informado, e muito em estado de discernir a verdade. Citemos suas proprias palavras :

« Em junho (de 1757) assoma no Pará a noticia de terem desertado da aldêia de Mariuá para as missões da capitania de Omaguas, dos dominios d'elrei catholico cento e vinte soldados de menos obrigações e de reprovado procedimento, em virtude dos manejos clandestinos dos jesuitas, os quaes não podendo obrar na honra e fidelidade dos officiaes obravam comtudo n'aquelle numero de combatentes, que ainda ampliaram o crime roubando os

armazens reaes de munições de guerra e d'outros muitos generos, que n'elles havia, e tiraram da povoação contribuições raspando-a de modo, que para comer foi preciso aos moradores mandar vir os viveres de longe (1). »

Frustraneos foram seus planos de revolta e passaram pelo desgosto de verem-nos por toda a parte repellidos com grande descredito dos seus autores, e o mais é que de toda a sociedade de Jesus, que até certo ponto se tornava solidaria com elles. Si as mais severas ordens tivessem partido de Roma, ou ainda dos seus superiores locaes, cremos que as coisas não chegariam a taes excessos, nem a animadversão contra o instituto seria tão geral. Houve porém imprudencia e grandissima irreflexão no seu proceder; e custa-nos a crer como homens, cuja finura e tacto dos negocios temos por mais d'uma vez assignalado, não tivessem notado que d'ess'arte apressavam a sua queda fornecendo poderosa arma aos seus contrarios. Eram mui illustrados para conhecerem que o espirito dos seculos lhes tornava contrario, e unicamente restava-lhes appellar para melhores dias e esperarem pela reacção, que cedo, ou tarde, se manifestaria contra as idéas dominantes. Toda a abstenção da politica, a nenhuma

---

(1) Baena, *Compendio das Eras da Prov. do Pará*, pag. 248.

ingerencia nos negocios publicos eram reclamadas pelas circumstancias: e a exemplo dos peritos nadadores deveram curvar a cabeça para deixarem passar a onda, sem procurar lutar contra ella. Deploravel obstinação no emprego de meios reprovados, para não explicarmos pela força do destino, precipitava o baixel da Companhia contra os parcéis: e os seus palinuros cerravam os ouvidos para não ouvir a linguagem da verdade, que escoava-se dos labios de doutos e prudentes varões, condemnados á sorte de Cassandra.

O marquez de Pombal, cuja causa indisposição e antipathia que consagrava aos jesuitas já assignalamos na primeira parte d'este nosso tosco trabalho, espreitava com fina malicia os erros por elles commettidos; e, qual lobo faminto, aguçava as garras aguardando a sua victima. A impolitica, para não qualificarmos de insensata resistencia, que fizeram ao tratado de limites de 1750, serviu melhor as intenções do primeiro ministro d'el-rei D. José do que toda essa propaganda philosophica, que naturalisava em Portugal, e em cujas brochuras e libellos era horrivelmente guerreada, e não poucas vezes calumniada a grande obra do santo biscainho. Accusava-se a Companhia de sequestrar em proveito seu o suor dos miseros indigenas, de conserva-los em uma tutela forçada; e ei-la que se encarrega por si mesma de demonstrar a veracidade de taes argui-

ções, levando-os ao campo do batalha em defesa dos seus interesses gravemente lesados.

Antes de descarregar o derradeiro golpe quiz Pombal ver se intimidava aos jesuitas, fazendo-os recuar; e para tal fim impretrou do S. P. Benedicto XIV o breve de 1.º de Abril de 1758 pelo qual era o cardeal Saldanha investido das funcções de *visitador apostolico e reformador dos clerigos regulares da Companhia de Jesus*. Seu primeiro acto foi o da publicação d'um mandamento ordenando a suspensão do escandaloso commercio, que os sobreditos regulares estavam publicamente fazendo em Portugal e seus dominios. Esta medida era summamente justa e reclamada por todos os que nutriam sinceros desejos de podar a arvore em vez de derriba-la; mas o patriarcha de Lisboa, cardeal Manoel, não se contentou com admoestações e meios brandos e affixou um edital datado de 7 de Junho do referido anno, em que suspendia os mesmos regulares dos exercicios de confessarem e prégarem no seu patriarchado (1). Depois d'um acto tão violento quão desnecessario; mas infelizmente imitado por todos os prelados do reino, era impossivel a conciliação, a guerra estava declarada, a systematisada perseguição, em contradicção ás ordens do soberano pontifice.

---

(1) *Deducção Chronol, e Anal. dos crimes dos Jesuitas*, pelo desembg. José de Seabra da Silva.

Não julgando-se ainda sufficientes os capitulos de accusação formulados contra os jesuitas, muitos dos quaes, como por vezes temos dito, eram d'uma triste realidade, veio o attentado contra os dias d'el-rei D. José fornecer mais uma verba para ser lançada na conta corrente da Companhia. Cumpria esgotar a taça da odiosidade para justificar o decreto de 3 de Setembro de 1759, em que eram os filhos de Loyola *proscriptos*, *desnaturalisados*, *e lançados fóra do reino e seus dominios*. Repetimos aqui o que já em outro logar dissemos : não negamos ao governo portuguez, nem a nenhum outro, o direito de tirar a existencia civil nos seus estados a esta, ou áquella corporação religiosa, quando assim o exijam seus interesses politicos, o que unicamente estranhamos são os abusos de poder, tanto da parte do regio edicto, como ainda mais da dos seus executores.

Os bispos da Brazil tinham sido nomeados visitadores e reformadores dos jesuitas em suas respectivas dioceses por delegação do cardeal Saldanha ; e n'este emprego houveram-se uns com excessivo rigor, como D. Miguel de Bulhões no Pará, e outros com louvavel moderação, como D. frei Antonio de S. José no Maranhão, e D. José Botelho de Mattos na Bahia.

A mesma differença no proceder notou-se quando foram incumbidos de tornar effectivas as disposições do decreto de 3 de Setembro de 1759 contentando-se alguns com serem meros executores adoçando ainda

quanto estava ao seu alcance a aspereza do legislador, e querendo outros mostrar *trop de zèle*. Fallando a respeito d'estes serve-se o illustre historiador inglez R. Southey d'estas energicas palavras: « There are always wicked instruments enough to carry into full effect the worst intentions of injust and tyrannical power. »

Não contente D. Miguel de Bulhões de ter suspendido do uso de ordens aos padres da Companhia de Jesus no seu bispado, como lhe era expressamente ordenado de Lisboa, e te-los remettidos em numero de cento e cincoenta, accumulados no porão d'um pessimo navio, para a cidade de S. Luizo do Maranhão; foi ainda alli exercer as suas pouco caridosas funcções, por ter o bispo de essa diocese, recusado-se a ser instrumento de medidas, que inteiramente desapprovava partindo para a visita episcopal de longinquas parochias; recebendo Bulhões em recompensa do seu zelo o ser trasladado para a sé de Leiria. Os jesuitas da Parahyba e Ceará foram mandados para o Recife, onde o governador Luiz Diogo Lobo da Silva, e o bispo D. Francisco Xavier Aranha, os receberam com summa benignidade: sendo d'alli transportados para Lisboa em um navio, que outr'ora pertencia á sua sociedade, e no qual fazia o provincial a visita ás diversas casas da ordem, espalhadas pelas capitanias do Brazil (1).

---

(1) R. Southey, *History of Brazil*, chap. XL.

Na metropole do Brazil religioso, onde já então governava o arcebispo D. Joaquim Borges Figueirôa, por ter resignado o pallio o mencionado D. José Botelho de Mattos, foram os jesuitas privados do exercicio das suas funcções sacerdotaes, assim como precedentemente haviam sido da administração das missões e aldeias de indios, confiadas a parochos seculares, e no dia 18 de Abril de 1760 conduzidos debaixo de grande escolta, e com todo o apparato de força, para bordo das náos N. S. do Carmo e N. S. de Ajuda, que levaram-nos a Lisboa, onde acharam ingrata hospedagem na torre de S. Julião até serem desterrados para Italia os que não quizeram sujeitar-se ás condições estipuladas pela lei de 28 de Agosto de 1767 (1).

D. frei Antonio do Desterro, bispo do Rio de Janeiro, não foi menos severo para com os proscriptos do que seu collega do Pará ; talvez porque, como diz Southey, « *being a Friar he appears on this occasion to have indulged the envy and hatred with which that description of Religioners commonly regarded the Jesuits* (2). » Esta aversão que consagrava á Companhia revelou-a elle mais do que nenhum outro prelado em seus actos officiaes. Depois de ter privado aos jesuitas por carta pastoral de 8 de Novembro de 1759,

---

(1) Accioli, *Mem. Hist. e Polit. da Prov. da Bahia*, tom. 1.º pag. 222.

(2) *History of Brazil*, chap. XL.

do ministerio do pulpito e confissionario; assim como o de celebrarem, e ainda officiarem em quaesquer igrejas, capellas e oratorios, recommendando aos fieis que fugissem do contagio das suas *pestiferas opiniões;* pelos editaes de 17 e 29 do referido mez e anno, accusava a esses regulares de terem sonegado *reliquias*, *vasos sagrados e paramentos* das igrejas, ordenando a todos que soubessem onde elles os tinham occulto que fossem revela-lo ao ordinario, sob pena de excommunhão.

Pedia a decencia que se não lançassem tão feias nodoas sobre a roupeta da Companhia; porque pouco differia da batina do padre, e do burel do monge.

Vinham embarcar-se n'esta capital os padres cujos collegios estavam situados ao sul do Brazil; em cujo numero comprehendiam-se os de S. Paulo, que apezar das antigas queixas, que os moradores nutriam contra elles, foram todavia tratados na hora da adversidade com heroica generosidade; e seu bispo D. frei Antonio da Madre de Deos, seguindo, apezar de ser tambem frade, politica opposta á do nosso diocesano, encheu-os de obsequios, não receando de arrostar por semelhante conducta as iras do imperioso ministro, e a dos seus satellites, mil vezes mais temivel. Embarcados em um só navio todos os jesuitas das capitanias meridionaes, e em numero de cento e quarenta e cinco, foram entregues ao capricho das ondas, sem os meios necessarios para fazer

tão longa como penosa travessia, recusando-se-lhes até um cirurgião !....

Assim deixaram os jesuitas as nossas plagas depois de terem vivido entre nós por espaço de duzentos e vinte e um annos; depois de terem regado com o seu sangue a arvore da cruz; depois de terem roteado nossas virgens florestas, depois de terem erguido, para servirmo-nos das palavras do sabio Dr. Martius, os unicos monumentos grandiosos ainda existentes, e deixado instituições, que até o presente não desappareceram de todo, nem perderam a sua influencia.

No nosso humilde entender pensamos que si esses regulares mereceram pelos abusos que praticaram do seu primitivo e santissimo instituto no velho mundo, e ainda mesmo na America, o breve de suppressão, que contra elles fulminou o beatissimo padre Clemente XIV, tinham adquirido jus, pelos relevantes serviços prestados em outras eras em pról da religião e das lettras, a serem tratados com mais doçura : pois tal exigiam-na a gratidão dos povos e a honra dos governos.

Pelo que nos diz respeito cremos que grande foi a perda com a sua completa extincção : deveramos ter imitado o procedimento da Russia, onde se conservaram encarregados do ensino da mocidade, para o que sempre se mostraram summamente aptos; pois que já em seu tempo dizia Bacon : *tratando-se de educação o melhor é consultar as escolas dos jesuitas.*

Si depois da sua secularisação continuassem entre nós incumbidos da educação da juventude (1) e igualmente da cathechese dos indigenas, uma vez que não lhes fosse esta exclusivamente entregue, concorrendo com as demais ordens religiosas, e partilhando a administração das aldeias com os magistrados regios para tal fim nomeados, é de esperar que muito tivesse lucrado a nossa terra com semelhante methodo, e que el-rei de Portugal podesse talvez melhor exprimir a seu respeito a que ácerca d'elles dizia em 1783 Catharina II em sua carta ao papa : « Os motivos que me fizeram conceder a minha protecção aos jesuitas são fundados tanto na razão e na justiça como na esperança de serem uteis aos meus estados. Essa pacifica e innocente reunião de homens ficará no meu imperio ; porque de todas as sociedades catholicas são os mais capazes de instruir os meus vassallos, de inspirar-lhes sentimentos de humanidade com os verdadeiros principios da religião christã. Estou resolvida a sustentar esses padres contra todos os padres, e faço nisto o meu dever, porque os contemplo como vassallos uteis e innocentes. »

S. M. F. não podia seguir o exemplo da Czarina sustentando *totis viribus* no seu imperio uma asso-

---

(1) Pensamos hoje diversamente : amestrado por ulteriores estudos dos perigos da educação jesuitica e da esterilidade do seu ensino.

ciação dissolvida por quem poder tinha para isso; e si citamos o trecho acima foi para mostrar que possuiam os jesuitas qualidades, reconhecidas até pelos principes hereges e schismaticos, que nos seriam grandemente proficuas tomando-se a precaução de priva-los dos meios dos quaes uma dolorosa experiencia mostrava terem tanto abusado. Em um paiz novo em que não superabundavam as intelligencias, para que privar-nos do auxilio de homens, a cuja illustração seus proprios contrarios rendiam preito e homenagem? Não seria mais conveniente conservar esses padres despidos do seu antigo caracter e sujeitos em tudo á jurisdicção episcopal? (1)

Foi um erro, dir-nos-ha alguem, o total exterminio de homens que estavam afeitos ao nosso modo de viver, que comprehendiam as nossas necessidades; mas procuremos remediar tal erro, e agora que se acha restabelecida a Companhia de Jesus convidemo-la para que venha de novo estabelecer-se entre nós. Havendo entre nós pelo menos cento e cincoenta mil indios bravos (diz J. Silvestre Rebello) e sendo o primeiro dos deveres do governo o tratar da salvação e civilisação d'aquelles pobres infelizes,

---

(1) Acreditamos que si o governo portuguez houvesse seguido o alvitre pelo qual outr'ora optavamos seria ludibriado em suas generosas intenções, e que o germen do jesuitismo teria viçado n'um sólo adubado pela ignorancia e superstição.

é claro que d'isso se deve seriamente occupar. Os jesuitas, segundo as suas instituições, foram em outro tempo os mais proprios para isso; ora, como as instituições são ainda as mesmas, é evidente, que d'elles se deve o governo servir com preferencia.

Deve o governo pois propôr ao corpo legislativo a abolição da lei que os exterminou do Brazil, e convidar os mesmos a vir de novo fundar missões no nosso imperio. O interior da provincia de S. Paulo; os matos virgens, que separam as provincias da Capitania, de Minas e Bahia; as provincias de Goyazes e Matto Grosso; e mais do que todas as outras a do Pará, fornecem localidades abundantes para a fundação das missões que se quizerem (1).

Cremos que a maior difficuldade não consiste na revogação da ordenança de 3 de Setembro de 1759, apezar de ter o gabinete do Rio de Janeiro protestado em 1.º de Abril de 1815 contra os primeiros assomos da resurreição dos jesuitas; mas sim no espirito publico, que continúa a ser-lhes contrario: e ainda ultimamente tivemos uma prova da veracidade d'esta nossa proposição.

Alguns padres da Companhia de Jesus, obrigados a deixar a provincia de Buenos-Ayres, para onde os

---

(1) Vide Mem. desenvolvendo o programma: « *Qual era a fórma por que os jesuitas administravam as povoações dos indios, que estavam a seu cargo?* » Manuscripto do Inst. H. e Geogr. Brazileiro.

chamára o dictador Rosas; por contrariarem-no talvez em sua politica, procuraram um asylo nas provincias brazileiras do Rio Grande do Sul, e de Santa Catharina, e com o favor da tolerancia religiosa, que felizmente existe entre nós, não só exerceram as suas ordens com venia do nosso virtuoso prelado, como que ligaram-se em associação e seguiram quanto lhes permittiam as circumstancias anormaes, em que se achavam, as regras do seu instituto. Occuparam-se na primeira das referidas provincias com a cathechese dos indigenas e na segunda com a educação da mocidade em uma casa, que para esse fim estabeleceram. O ministro da justiça, que então era o conselheiro Manoel Antonio Galvão, dando conta á assembléa geral no começo da sessão de 1845 d'este acontecimento, depois de ter mencionado os louvaveis eeforços dos missionarios em favor da propagação da fé, e em beneficio publico termina esta parte do seu relatorio com estas palavras, que demonstram o quanto era melindroso o evigir-se uma medida legislativa que autorisasse a existencia legal dos jesuitas no Brazil (1).

---

(1) Oxalá não afrouxasse o governo imperial da solicitude que então mostrava pela liberdade de consciencia da qual foram os jesuitas em todos os tempos implacaveis inimigos. Não desejáramos que se lhes vedasse a residencia entre nós nem a co-participação no ensino da juventude, entendemos porém que a vigilancia que de plenissimo di-

« Cumpro porém declarar-vos, que taes missionarios pertencem á extincta Companhia de Jesus. Esta observação justificará a circumspecção com que o governo pretende resolver este assumpto, que á sua deliberação sujeitou no citado officio o presidente da provincia de S. Catharina. »

Em seu relatorio apresentado á assembléa provincial em 1851 o presidente da já mencionada provincia (Dr. João José Coitinho) lamentado o atraso da instrucção primaria comprazia-se em commemorar o *consideravel progresso* da secundaria, devida ao zelo dos padres jesuitas, para cuja casa pedia aos cofres provinciaes o tenue subsidio de seiscentos mil réis. Apezar das reconhecidas vantagens, que resultavam á juventude do seu ensino, a prestação, que lhes davia a provincia foi-lhes depois retirada, e contra elles moveu-se a mais implacavel guerra tanto ahi, como no Rio Grande do Sul, com cujo jornalismo tivemos occasião de travar polemica a seu respeito. Si somos bem informado, esses regulares já abandonaram S. Catharina; e mui curta será a sua persistencia na extremidade meridional do imperio, a

---

reito exerce o mencionado governo sobre todos os estabelecimentos d'educação e instrucção lhe fosse extensiva em ordem d'evitar que em taes estabelecimentos se adoptassem compendios contrarios aos theoremas do nosso direito constitucional, pedra angular da sociedade brazileira.

menos que não se mudem as ideias, que contra elles dominam.

Pelo que temos dito já sabe o leitor qual é o nosso modo de pensar acerca dos jesuitas, e as razões pelas quaes modificamos o nosso juizo sobre elles (1).

---

(1) *Tempora mutantur et nos mutamus in illis* : d'este axioma podemos servir de prova na questão dos jesuitas. Em verdes annos, impressionado pela leitura das nossas chronicas e pela das eloquentes obras de Chateaubriand, de Maistre, de Bonald, e outros, contemplamos o instituto de S. Ignacio sob o prisma o mais lisongeiro, e nas columnas da *Tribuna Catholica*, que redigiamos, pleiteamos em sua defeza; mais tarde, ulteriores estudos nos fizeram moderar d'enthusiasmo, e d'isso demos testemunho na composição d'este *Ensaio*, que mereceu do distincto bibliographo portuguez, o senr. Innocencio F. da Silva, o seguinte laudo : «No sentido, que deixo enunciado, será util lembrar aos estudiosos que entre outras obras, modernamente publicadas, e nas quaes o instituto e as acções dos filhos de S. Ignacio apparecem tractados com visos de mais estensiva imparcialidade, consultem um trabalho que seu auctor o snr. conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro fez inserir na *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro* com o titulo — *Ensaio sobre os Jesuitas.*— (*Dic. Bibliogr.* tomo II — pag. 130.)

Em seu relatorio, apresentado ao Instituto Historico em sessão solemne do dia 15 de dezembro de 1854, disse o snr. doutor J. M. de Macedo, que então dignamente preenchia o cargo de 1.º secretario.

« O snr. conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro, ambicionando a honra de ser admittido ao gremio do Instituto apresentou um longo trabalho de sua feitura, a que deu o titulo — *Ensaio sobre os Jesuitas.* — A commissão que teve de

Formulemos agora este juizo com a maior franqueza e liberdade, destacado de qualquer outra consideração, e terminando o grosseiro quadro que submettemos á correcção dos doutos.

O instituto de Loyola no Brazil, bem como em toda a parte, passou por differentes phases : corrompeu-se depois com o andar dos tempos; mas em sua degeneração foi menos fatal á nossa terra do que ao velho continente, porque o nosso theatro era mesquinho e por isso menos destros os actores, que n'elle representaram. Como brazileiro não deixaremos jámais de tributar o testemunho da nossa gratidão pelos serviços que ao paiz prestaram : nós tudo lhe devemos; formam a antiguidade da nossa historia, e foram os architectos da presente prosperidade, e da nossa futura grandeza. Hoje porém não desejamos a sua volta : ser-nos-hia ella damnosa, uma vez que se não despissem pisando as nossas fronteiras do manto de politicos, e que seria talvez exigir d'elles o impossivel. Conscios da sua superioridade

---

considerar esta importante memoria, examinou-a cuidadosa e minuciosamente, e trouxe ao Instituto a agradavel convicção, de que no valioso manuscripto do illustrado candidato, a par de mui serio estudo e brilhante erudição demonstra-se uma independencia na maneira de ver os factos, que muito abona o seu auctor. A nossa associação recebeu pois com verdadeiro jubilo em seu seio este novo adepto, que tão bellas esperanças lhe faz conceber. » *(Rev. do Inst.* tomo XVIII.)

intellectual querem dominar por ella; esquecem muitas vezes o lugar de modestos operarios do Evangelho para se emaranharem no intrincado labyrintho da politica, e então tornam-se prejudiciaes, deixam de ser uma congregação religiosa para se converterem em seita politica, em *carbonarios* da Igreja. Tal é a nossa opinião (1).

---

(1) Realisaram-se infelizmente todas as nossas previsões, de que dão testemunho os factos que estamos presenciando. As exagerações d'uns, e a imprevidencia de outros, originaram o conflicto politico-religioso, que oxalá encontre prompta e satisfactoria solução.

II

FRANÇA ANTARCTICA

FRANÇA ANTARCTICA

BOSQUEJO HISTORICO DO ESTABELECIMENTO DOS FRANCEZES NO RIO DE JANEIRO, SUA EXPULSÃO, NOVAS INVASÕES NO SECULO XVIII (1).

INTRODUCÇÃO

O amor da patria e o desejo de contribuir com o nosso fraco contingente para a vulgarisação dos factos mais gloriosos da nossa historia, nos leváram a escrever um opusculo sobre a fundação da cidade do Rio de Janeiro, hoje capital do grande imperio americano. Folheando as velhas chronicas, vimos que os Francezes buscáram estabelecer-se nesta terra e lançar os alicerces d'uma colonia muito antes que os Portuguezes pensassem em firmar o seu dominio na magestosa babia de Nictheroy. Suggeriu-nos isto a ideia d'examinar quaes as causas e resultados da invasão franceza, tractando igualmente das expedições de Duclerc e de Duguay-Trouin, as quaes,

---

(1) Publicado no tomo XXII (anno de 1859) da *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*.

posto que afastadas da primeira tentativa de Villegagnon por um espaço de cento e cincoenta e cinco annos, fórmam como que o seu complemento. Parece que só muito tarde abandonáram os Francezes a ideia de se estabelecerem no Rio de Janeiro, e ao passo que os Hollandezes forcejáram por se assegurar da posse das capitanias do norte, olhava a França com olhos de cobiça para a nossa cidade. Quasi todos os escriptores que tractáram d'esse assumpto, quer nacionaes, quer estrangeiros, são apaixonados, e a linguagem da imparcialidade ainda se não fez ouvir : não temos a pretenção d'emittir o nosso juizo como infallivel; queremos unicamente *despertar ingenhos curiosos,* chamando á arêna da discussão um ponto que tanto nos interessa.

Todos sabem quão arduo é o trabalho que tomamos sobre nós : quão difficil é o colleccionar documentos, que andam esparsos ; ler grossos volumes, pesquizando um facto, um nome, ou uma data ; e achar no cahos de narrações desencontradas a verdade para sobre ella assentar a pedra do nosso edificio. Os nossos chronistas como Simão de Vasconcellos Jaboatão, Rocha-Pitta, Fr. Gaspar, Silva Lisbôa e Pizarro, escrevem sem critica alguma ; Thevet e Lery travam entre si encarnecida lucta : Hans-Stadens, mais imparcial, de pouco, ou nada nos serviu para o plano que haviamos adoptado ; os valiosissimos trabalhos dos snrs, Ferdinand Denis, Varnhagen e Norberto nos fôram porém de

grande auxilio : e folgamos de render-lhes publico testemunho de nossa gratidão.

Dividiremos a nossa memoria em tres partes : na primeira occupar-nos-hemos com o estabelecimento de Villegagnon, e traçaremos um rapido esboço historico da projectada *França Antarctica ;* e na segunda e terceira tractaremos das expedições de Duclerc e de Duguay-Trouin.

Sem amor nem odio diremos com franqueza o que pensamos ácerca dos Francezes e de seus ensaios de colonisação e de conquista; procuraremos averiguar quaes fôram os motivos que os trouxeram ás nossas plagas, e a que deveremos attribuir a pouca fortuna que tiveram de não se conservarem n'um paiz, onde gozáram de tantas sympathias dos naturaes.

O nosso trabalho nada tem de definitivo : é apenas um estudo historico ; um gymnasio em que quizemos adestrar forças para outros de maior magnitude, que temos em mente.

Depois de havermos feito singela narração dos acontecimentos guiando-nos pelos mais veridicos expositores, examinaremos com toda a imparcialidade a questão : si a expulsão dos Francezes foi util, ou prejudicial ao Brazil, inclinando-nos pela primeira hypothese pelas razões que exporemos e que julgamos que serão partilhadas pela maioria dos leitores.

PARTE PRIMEIRA

ESTABELECIMENTO DE VILLEGAGNON

I

DESCOBRIMENTO DO RIO DE JANEIRO

Não nos maravilha que pairem tantas duvidas sofre os factos afastados de nós por uma longa serie de seculos, que a historia encerre problêmas de solução quasi impossivel, quando acontecimentos de recente data dão origem á longas e quasi que interminaveis controversias. Suscitou-se ha pouco tempo na primeira associação litteraria do paiz importantissima discussão ácerca do descobrimento da *Terra de Sancta Cruz*, e illustres paladinos quebráram lanças em prol de contrarias opiniões : pretendeu-se que o acaso presidíra a este facto, e sustentou-se, com não menos talento e erudição, que a esquadra portugueza deixára Lisbôa com o firme proposito

d'aportar ao novo continente, cuja existencia acabava Colombo de revelar á Europa.

A mesma incerteza existe ácerca de quem fosse o ousado navegador qne primeiro ancorou na formosa enseada de Guanabára. Tão importante ponto da nossa historia parecia ter escapado ás investigações d'uma esclarecida critica e a maioria dos chronistas abraçavam uma versão que como vamos demonstrar, parece-nos inteiramente destituida de fundamento.

Monsenhor Pizarro nas suas *Memorias Historicas do Rio de Janeiro* e o conselheiro Balthasar da Silva Lisbôa nos seus *Annaes*, trabalhos de summa importancia, que serão sempre consultados pelos estudiosos, seguem a opinião que a nossa bahia fóra descoberta por Martim Affonso de Souza, que deixára as aguas do Tejo no dia 3 de Dezembro de 1530, commandando uma esquadrilha de cinco vélas na qual se embarcáram quatrocentas pessoas, tendo por fim o explorar a costa da Brazil até a embocadura do Rio da Prata. Pretendem que o dia 1.º de Janeiro de 1531 fôra aquelle em que pela primeira vez tremulou o pavilhão das lusas quinas aos olhos dos absortos tamoyos.

Procuremos provar que Martim Affonso não foi o primeiro portuguez que entrou neste porto; nem tão pouco tivera este acontecimento lugar no dia 1.º de Janeiro de 1531, não se lhe devendo igualmente imputar a falsa denominação que ainda hoje conserva.

Graças ás lucubrações do Sr. F. A. de Varnhagen (1), áo seu zelo infatigavel em elucidar os pontos mais obscuros da nossa historia possuimos hoje um documento que prova irrefragavelmente que Martim Affonso não foi o descobridor do Rio de Janeiro. Referimo-nos á importante publicação que o mencionado litterato fez em Lisbôa em 1839 do *Diario da Navegação d'Armada que foi á Terra do Brazil em 1530, sob a capitania-mór de Martim Affonso de Sousa, escripto por seu irmão Pero Lopes de Sousa.* O irmão, o companheiro do grande almirante portuguez, testemunha ocular das suas façanhas nos mares do Brazil, fallando da sua chegada á nossa bahia assim se exprime :

« Sabbado trinta dias d'Abril, ao quarto d'alva eramos com a boca do *Rio de Janeiro*, e por nos acalmar o vento, surgimos á par de uma ilha, que está na entrada do dito Rio, um fundo de quinze braças d'arêa limpa. Ao meio dia se fez ao vento do mar e entramos dentro com as náos. Este rio é muito grande ; tem dentro oito ilhas, assi muitos abrigos : faz a entrada norte sul toma da quarta de noroeste : tem ao sueste duas ilhas, outras duas ao sul e tres ao noroeste ; e entre ellas pódem navegar carracas : é limpo, de fundo vinte duas braças no mais baixo, sem restinga nenhuma e o fundo limpo. Na bôca de

(1) Actualmente visconde de Porto-Seguro.

fóra tem duas ilhas da banda de leste, e da banda de aloeste tem quatro ilhéos. A bôca não é mais que d'um tiro de arcabuz; tem no meio uma ilha de pedra raza com o mar; pegado com ella ha fundo de dezoito braças d'arêa limpa. Está em altura de vinte tres gráos e um quarto.

» Como fômos dentro, mandou o capitão J. fazer uma casa forte, com cerca por derrador; e mandou sahir a gente em terra e pôr em ordem a ferraria para fazermos coisas, de que tinhamos necessidade. Daqui mandou o capitão J. quatro homens pela terra dentro: e foram e vieram em dois mezes; e andaram pela terra cento e quinze leguas; e as sessenta e cinco dellas foram por montanhas mui grandes e as cincoenta foram por um campo mui grande; e foram até darem com um grande rei, senhor de todos aquelles campos, e lhes fez muita honra, e veio com elles até os entregar ao capitão J.; e lhe trouxe muito christal, e deu novas como no *Rio de Peraguay* havia muito ouro e prata. O capitão lhe fez muita honra, e lhe deu muitas dadivas e o mandou tornar para as suas terras. A gente deste rio é como a da *Bahia de todos los Santos;* senam quanto é mais gentil gente. Toda a terra deste rio é de montanhas e serras mui altas. As melhores aguas ha neste rio que pódem ser. Aqui estivemos tres mezes tomando mantimentos, para um anno, e para quatrocentos homens que traziamos; e fizemos dois bargantins de quinze bancos.

» Terça feira primeiro dia d'Agosto de mil quinhentos e trinta e um partimos deste *Rio de Janeiro* com vento nordeste. Faziamos o caminho aloeste a quarto de sudueste.

D'aqui se deduz claramente que não foi Martim Affonso quem denominou o nosso porto de *Rio de Janeiro*; por isso que Pero Lopes, que escrevia o seu *Diario* á proporção que os acontecimentos se iam dando, como se vê pelo seu estylo já assim o denomina; prova manifesta de ser d'épocha anterior esse erro geographico. Acresce ainda uma razão que nos parece de grande pêso, vem a ser que dizendo os chronistas que a origem do nome fôra devida á ter aqui chegado o capitão-mór no dia 1.º de Janeiro de 1531, e sabendo nós pelo referido *Diario* que a esquadrilha sahira de Lisbôa á 3 de Dezembro de 1530 seria preciso ter feito uma viagem de vinte oito dias, o que é quasi impossivel em navios de vélas, maxime em um tempo, em que pelo escasso conhecimento da nossa costa eram as viagens muito longas navegando-se pouco de noite. Lembremo-nos tambem que essa expedição se fazia no inverno, e que devêra experimentar, como de facto experimentou, fortes temporaes e ventos contrarios. O testemunho de Pero Lopes, que havemos invocado como o mais competente para a solução d'este problêma historico, servirá igualmente para marcar o tempo da chegada de seu illustre irmão ás nossas plagas, que, segundo diz-nos fôra n'um sabbado 30 d'Abril de 1531. Está

pois evidentemente provado não ter Martim Affonso de Souza descoberto a bahia de Nictheroy, nem, por uma falsa semelhança com o Tejo, cognominando-a de rio.

O chronista castelhano Antonio Herrera dando conta da ousada navegação dos celebres portuguezes Fernão de Magalhães e Ruy Falleiro, que se achavam ao serviço do imperador Carlos V, serve-se destas palavras.

« Y continuando su viage entraron á treze de Deziembre (1519) en una bahia muy grande, que chamavan los Portuguezes en la costa del Brasil la *habia de Genero*, y los Castelhanos de *Sancta Lucia;* porque en tal dia entraron en ella. » (Decad. 2.ª Lib. 4.º cap. 10.º).

Já por occasião da vinda ao nosso porto d'esses dois navegadores que a ingratidão da patria levou a voltar contra ella o seu pasmoso genio e grandiosa audacia, era elle conhecido pelo nome que ainda hoje conserva : e se reflectirmos que essa viagem de circumnavegação tivera lugar doze annos antes da expedição de Martim Affonso juntaremos outro voto não menos valioso ao de Pero Lopes : e ficaremos certos de que já em 1519 sabiam os castelhannos que os portuguezes haviam-nos precedido na posse da nossa magestosa enseada, e tinham-lhe dado um nome, que talvez por julgarem-no improprio, pretendêram trocal-o pelo de *Santa Luzia*, em commemoração do dia em que aqui aportaram.

Nem tão pouco podemos attribuir tal descobrimento á João Dias Solis, que em sua viagem para o *Rio da Prata* em 1515 tocou no nosso porto ; pois que além do silencio que guarda Gomara á semelhante respeito, temos a asseveração positiva d'Herrera « de haverem chegado (os castelhanos) ao *Rio de Janeiro* na costa do Brazil. » É fóra de duvida que si os castelhanos da expedição de Solis fôssem os primeiros a avistarem a nossa habia não deixariam os seus chronistas de fazer de semelhante successo expressa menção, como sempre practicaram ácerca de outros sitios de muito menor importancia.

Pensáram alguns escriptores que tal honra coubera ao douto florentino Americo Vespucci. Discutamos esta hypothese na qual descobrimos mais algum fundamento.

Sabe-se que Americo Vespucci serviu de piloto e cosmographo nas duas primeiras frotinhas enviadas para explorar a costa do Brazil : era porém o seu emprego secundario não podia por tanto dar nomes ás terras descobertas, prerogativa esta que sempre pertenceu aos chefes. Pensamos porém que estivera elle ancorado neste porto pelos annos de 1502 á 1503. Citemos em abono d'esta opinião um trecho d'um moderno e illustrado escriptor hespanhol o Sr. D. Martin Fernandez Navarrete :

« De estas declaraciones puede deducir-se que Amerigo navegó per la costa del Brasil, y endo probabelmente como individuo subalterno del equipage,

ó trepulacion de alguna de las náos portuguezas que desde 1501 á 1504 fueran despachadas desde Lisbôa para reconhecer, ó poblar los paizes descobiertos recientemente. » (Colec. de las viag. y descob. etc. tom. 3.º pag. 320).

Caminhando de conjectura em conjectura aproximamo-nos á épocha do descobrimento do Brazil, e tudo nos induz a crêr que a nossa terra foi uma das primeiras visitadas pelos audazes aventureiros, que corriam então a costa áfim de reconhecêl-a. Pensamos mesmo que apenas distou um, ou dois annos, do desembarque de Cabral em Porto Seguro, e que Gonçalo Coelho, chefe da primeira expedição foi o verdadeiro descobridor do Rio de Janeiro. Ora, si, como mui judiciosamente observa o Sr. Varnhagen, á primeira frotinha exploradora se deve attribuir os nomes postos ao Cabo de Santo Agostinho (successo este que teve lugar á 16 de Agosto de 1501) como tambem as outras paragens da costa, tendo sempre os exploradores o calendario na mão, deveram entrar no nosso porto no mez de Janeiro de 1502 talvez que mesmo no dia primeiro d'esse mez, visto como já no dia da Epiphania se achavam n'altura da Ilha Grande, que chamavam Angra dos Reis, proseguindo em sua derrota para o sul.

Preferimos esta opinião por nos parecer muito mais fundada do que as que havemos combatido, e formamos votos para que um feliz acaso depare á algum estudioso com os roteiros, que necessaria-

mente apresentariam aos seus respectivos governos os chefes das primeiras expedições; documentos estes que lançariam sobre este, e muitos outros pontos vivamente disputados, grande luz, se não puzessem logo termo ao debate.

II

ORIGEM DA EXPEDIÇÃO FRANCEZA AO RIO DE JANEIRO

O estabelecimento dos Hespanhoes e Portuguezes causou grande ciume á todas as potencias maritimas da Europa: todas se arrependeram de não terem prestado ouvidos ás proposições do navegador genovez. A Inglaterra reparou em breve o erro que commettêra apoderando-se da parte mais septentrional do novo continente, e a França têl-a-hia imitado fundando algum estabelecimento duradouro nas regiões recentemente descobertas, si, como muito bem observa Cantu, não se mostrasse alheia ás grandes emprezas, absorvida como estava pelas guerras de religião e intrigas de côrte. Todavia alguns aventureiros normandos e bretões, seguindo a trilha dos Colombos e dos Cabraes, exploráram « *os mares nunca dantes navegados* » e, segundo pensa o sr. Ferdinand Denis, já desde 1508 os marinheiros d'Honfleur visitáram o nosso porto.

Os normandos, assás conhecidos pelo seu espirito audacioso, fôram os que se avantajaram nessas expe-

dições: travaram estreita alliança com os selvagens, aprendêram a sua lingua, e muitos d'elles renunciáram a vida civilisada para vagarem pelas florestas, á imitação dos indigenas. Lucrativo commercio faziam elles permutando o precioso *ibirapitanga* (1) por vidrilhos e outros objectos de nenhum valor. Hans-Stadens, que residiu por muito tempo entre os Tupinambás, nos pinta o estado degenerado de muitos d'esses transfugas da civilisação, que não escrupulisavam, para se tornarem bem quistos á seus hospedes, de tomarem parte nos horrendos festins de antropophagia (2). Ás narrações d'esses primeiros viajantes, exageradas pelo gosto romanesco da sua nação, deveu a Europa o conhecimento do nosso paiz, cuja existencia o suspeitoso Portugal desejava occultar aos olhos do mundo inteiro.

A principio tinham essas expedições caracter particular: eram os armadores que enviavam os seus navios para negociarem com os naturaes do Brazil: nenhuma ideia de conquista, nenhum pensamento de colonisação, ou de permanencia existia. Mais tarde quiz o governo francez intervir e sustentar os seus pretendidos direitos sobre as costas do Brazil e da Guiné. Temos a este respeito um precioso documento, citado pelo sr. Ferdinand Denis (3). É uma

(1) Páo-brazil.

(2) *Histoire d'un pays situé dans le Nouveau-Monde, nommé Amérique.*

(3) *Une Fête brésilienne.*

communicação de Marino Cavalli, embaixador de Veneza junta á côrte d'Henrique II, que em data de 1546 assim se exprimia :

« Com Portugal não póde haver bôa intelligencia ; pois que ha uma guerra surda entre os dous paizes. Os Francezes pretendem poder navegar para Guiné e o Brazil, e os Portuguezes pensam o contrario. Si se encontram no mar e sendo os francezes os mais fracos os outros atacam e mettem ao fundo os seus navios : o que até certo ponto justifica as crueis represalias que se commettem contra os navios portuguezes. »

Não havia declaração alguma de guerra; as relações diplomaticas não se tinham interrompido, e um embaixador d'el-rei D. João III não duvidava levar a sua condescendencia á ponto de assistir á uma extravagante festividade, em que simulava-se um combate naval terminado pelo incendio d'um navio portuguez. As esquadras porém das duas nações batiam-se no alto mar, como aconteceu a que capitaneava Martim Affonso, que aprisionou tres náos francezas na altura do cabo de Santo Agostinho, e Gaspar Gomes era detido dous mezes e meio no Rio de Janeiro pelo commandante de um vaso d'essa nação.

Factos de tamanha magnitude não serviam para despertar o governo portuguez do seu somno lethargico, e sabe Deos porquanto tempo nelle jazeria si a França não pensasse em firmar seriamente o seu

dominio na plaga austral do continente americano.

Como já vimos occupava então o throno de França Henrique II, em cujo reinado tomáram maior vulto as discussões entre catholicos e calvinistas, que havião começado no tempo de seu pai Francisco I. Cedendo ás instigações de sua irman Margarida, que publicamente abraçára as doutrinas protestantes, favoreceu a Mauricio de Saxonia; pôz-se em hostilidade com a Sancta Sé, occupando Parma, e declarando que jámais veria no concilio de Trento senão um conciliabulo, á cujos decretos recusava obedecer. Pouco tempo depois tomava partido diametralmente opposto, e pelas suggestões do cardeal de Lorena e das famosas Catharina de Medicis e Diana de Poitiers, ordenava perseguições contra os huguenotes, e obrigava-se, por um artigo secreto do tratado *Cateau-Cambrésis* (1559), á extirpar a heresia do seu reino. O almirante Gaspar de Coligny, á cujo nobre caracter hoje rende homenagem a historia, era effectivamente o chefe do partido protestante, gozando por algum tempo de grande e bem merecida influencia. Testemunha das sanguinarias sentenças lavradas pelos tribunaes excepcionaes (*chambres ardentes*) e compungido pelas lagrimas das victimas de Paris e dos Alpes, pensou em procurar para os seus co-religionarios perseguidos em sua patria seguro asylo além dos mares. Suas vistas se voltáram logo para a terra de *Guanabára*, habitada

pelos tamoyos, fieis alliados dos francezes, e julgou encontrar em Villegagnon (1) o homem necessario para tão difficil quão gloriosa empreza.

Estudaremos mais tarde o caracter d'este chefe e lhe analysaremos com imparcialidade o procedimento; contentando-nos por agora em citar um trecho de Lery, que mostra claramente qual foi a causa da expedição dos francezes ao Rio de Janeiro.

« No anno de 1555 um certo Villegagnon, cavalleiro de Malta cuja ordem é tambem chamada de S. João de Jerusalém, achando-se em França e bastante descontente na Bretanha, onde então residia, fez conhecer á diversas personagens moradoras em differentes localidades do reino de França, que ha muito tempo concebêra a ideia de retirar-se para algum lugar longinquo, onde podesse livre e puramente servir a Deos, conforme a reforma do Evangelho; e que desejava outrosim preparar um retiro para os que quizessem evitar as perseguições; as quaes eram realmente taes, que muitas personagens de todos os sexos e idades eram em muitos lugares do reino queimadas vivas por sentença dos parla-

(1) Escrevemos *Villegagnon* e não *Villegaignon*, como geral se escreve, firmado n'autoridade do snr. Gaffarel, erudito professor de historia da faculdade de letras de Dijon.

mentos, confiscados os seus bens por motivo de religião (1).

III

FUNDAÇÃO DO FORTE COLIGNY

Nicoláo Durand de Villegagnon, o chefe escolhido para essa empreza era já vantajosamente conhecido em França pela sua coragem e sciencia militar (2). Citavam-se as suas proezas em Argel e a maneira destemida com que transportára de Dunkerque á França a rainha da Escossia Maria Stuart. A esquadrilha, composta de dous navios de duzentas toneladas e de uma chalupa deixou o Havre (então chamado *Franciscopolis*) no dia 6 de Maio de 1555, segundo o testemunho de André Thevet, franciscano d'Angoulême, que acompanhou Villegagnon, por ser elle *un homme généreux et autant bien accompli, soit à la marine, soit à d'autres honnetez* (3). Contratempos obrigaram-no á arribar a Dieppe, onde os habitantes lhe ajudáram á reparar as avarias, que haviam experimentado os seus navios, e após uma

---

(1) *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil, autrement dite Amérique.*

(2) Em 1542 tomou parte nessa expedição de Argel, que tão fatal foi ao imperador Carlos V, e da qual mais tarde constituiu-se chronista.

(3) *Singularitez de la France Antarctique.*

longa e perigosa viagem ancorou no nosso porto a 14 de Agosto do referido anno.

Não sabemos com que fundamunto affirma o eloquente auctor da *Historia d'America Portugueza* que o vice-almirante da Bretanha *vagava com alguns navios á sua custa armados*, *buscando presas e estimulado da cobiça*, *ou do valor* (1); dando assim um caracter particular, e apresentando como acto de pirataria o que só era o resultado da politica franceza, que queria estabelecer no Brazil uma feitoria que protegesse o commercio que ha muito os seus navegadores aqui faziam. Não devemos menospresar a expedição por compor-se de poucos navios; porque bem pequena era a de Colombo, á qual se deve a descoberta d'America : e todos os documentos que havemos consultado nos induzem a crer, que Villegagnon sulcou os nossos mares, não como simples aventureiro, e sim como o representante de uma grande nação, cujos projectos ácerca da posse do nosso paiz podiam não ser justos, mas certamente justificavam-se pelas ideias da épocha.

Assignalaremos tambem outro equivoco, que julgamos commettêra o referido Rocha-Pitta no lugar supra citado quando diz que o almirante francez desembarcára em Cabo-Frio, e que contrahira ahi uma alliança com os tamoyos regressando á sua

---

(1) *Historia d'America Portug.*, livr. III, § 16.

patria mais tarde (em 1560) e com *avantajado poder apossar-se da enseada do Rio de Janeiro*. Semelhante proposição, além de inexacta, encerra em si grande anachronismo. Thevet e Lery, que escrevêram sobre esta expedição, antagonistas implacaveis, concordam que a chegada de Villegagnon tivera lugar no mez de Novembro do anno de 1555, e nenhuma menção fazem d'essa viagem do chefe francez partindo do Cabo-Frio para regressar cinco annos depois, á frente de forças respeitaveis, para fazer a conquista da bahia de *Guanabára*. Neste ponto, como em muitos outros, foi o douto historiador levado ao erro por falsas informações.

Suppomos comtudo que Villegagnon estivera em Cabo Frio (paragem esta mui frequentada nesse tempo pelo francezes) antes d'aproar para o Rio de de Janeiro : e só assim se explica como tendo sahido do Havre em julho só chegasse aqui á 10 de Novembro (1) trajecto excessivamente longo, dando ainda desconto ao tempo que gastaria em Dieppe á reparar as avarias ; viagem sem exemplo para homens que não eram estranhos á arte da navegação. Mais curial é pensar que aportáram primeiro a Cabo-Frio ; não só para refrescarem, como afim de

(1) Esta demora explica-se pela circumstancia de arribada á Dieppe, d'onde sé partiu a 14 de agosto, gastando por consequencia no trajecto tres mezes, menos quatro dias, tempo regular para semelhantes viagens.

colherem informações mais exactas ácerca do paiz que demandavam (2). Ora, esse paiz não lhes era de todo desconhecido, porque muitos annos antes náos de sua nação haviam-no visitado e feito com os selvagens grande commercio, mas como era a mesma raça que habitava Cabo-Frio e o Rio de Janeiro aconselhava a prudencia que começassem logo a têl-a por alliada aproveitando-se habilmente do ensejo de viverem em constantes rixas os tamoyos com os habitantes de S. Vicente, offerecessem áquelles a sua amisade. Thevet se contradiz neste ponto quando depois de haver dito nas suas *Singularidades da França Antarctica* que Villegagnon se demorára *só tres dias* em Cabo-Frio, assevéra depois na sua *Cosmographia* que ahi estivéra *por alguns mezes.*

Oiçamos a tal respeito uma testemunha mui qualificada : « A' esse tempo, tendo sulcado os mares do Sul Nicoláo Durand de Villegagnon, francez nobre do habito de S. João, e achando-se em Cabo-Frio, situado na latitude de 23°, e a longitude 34° 3' 27", ou na latitude 22° 35', e longitude de Londres 41° 15', facil lhe foi em convir com aquelles, a quem o odio contra os declarados contrarios fomentou a liga com os taes hospedes, trazidos da fortuna em

(1) Pelo motivo, exposto na precedente nota, pensamos hoje diversamente, e acreditamos que Villegagnon ou não fez escala por Cabo-Frio, ou ahi demorou-se limitadissimo espaço de tempo.

soccorro da sua defensa, á custa dos fructos e drogas da terra que lhe promettêram. » (1)

Levantado os ferros e desferindo as vélas chegáram os Francezes com prospera navegação ao Rio de Janeiro e o magestoso panorama da nossa bahia não causou-lhes a impressão que se devêra esperar. Comparáram-na com o lago de Genebra, mesquinho paradigma para essa grandiosa enseada, digna de igualar-se ao bello golfo de Napoles, ou ao sublime Bosphoro. O hieroglypho do futuro imperio do cruzeiro não lhes mereceu senão o prosaico nome de pote de manteiga *(pot de beurre)*, substituido pelos portuguezes por outro não menos improprio de *Pão d'Assucar* commettendo um inqualificavel erro geographico denomináram de rio de *Ganabára*, o immenso lagamar que offerece amplo ancoradouro ás esquadras do mundo inteiro. E o cosmographo Thevet, chronista official da expedição, não protestou contra a impropriedade d'esses nomes!!!

Cercado por uma população que lhe era devotada e dispondo de tantos lugares onde poderia estabelecer-se com fixidade, Villegagnon, para que a disciplina da sua tropa fosse melhor observada, desembarcou em um rochedo de cem á cento e vinte passos de circumferencia, collocado na entrada da

---

(1) Monsenhor Pizarro, *Mem. Hist. do Rio de Janeiro*, tom. 1, liv. 1, cap. I.

barra, batido constantemente pelas vagas, tentando ahi construir um forte de madeira (1).

Havendo-lhe porém demonstrado a experiencia que era impossivel conservar-se em semelhante sitio lançou o almirante as suas vistas para uma pequena ilha, situada mais proxima a terra de cerca de mil pés de circuito, rodeada de cachopos, á flor d'agua, sendo accessivel unicamente pelo lado de terra. Fortificou este lugar, já por sua natureza inexpugnavel, e o guarneceu com oitenta homens (2).

O theologo calvinista João de Lery (chamado individamente pelo conselheiro B. da S. Lisbôa *d'abbade)*, que visitou a colonia franceza um anno depois da sua fundação, diz-nos que nas extremidades da ilha existiam dous outeiros, onde Villegagnon fez construir duas casinhas, collocando a sua residencia sobre um rochedo de cincoenta á sessenta pés de altura. Aplanando as escabrosidades do terreno fizeram os francezes algumas praças onde ergueram a casa da oração, o refeitorio (o que indica que comiam em commum) e os seus modestos aposentos, cuja maior parte era de páo á pique e cobertos de

---

(1) Os francezes deram a esse rochedo o nome de *Ratier*, e os portuguezes o de *Lage*.

(2) Os indigenas denominavam essa ilhota *Serigype*, os francezes *Ile aux Français* e mais tarde *Forte Coligny*; sendo actualmente conhecida por *ilha* ou *fortaleza de Villegagnon*.

sapê, ao gosto dos selvagens que haviam sido seus architectos.

Para lisongear ao seu protector deu Villegagnon á nova colonia o nome de *forte Coligny*, e a toda a terra o de *França Antarctica*, por onde facilmente se deprehende quaes as suas vistas de permanencia no nosso paiz, que devêra ser para o seu o que mais tarde foi para Portugal, fecundo manancial de incalculaveis riquezas. Tencionava mais tarde, depois de maior conhecimento do terreno, edificar na praia fronteira (talvez que as da Gloria, Flamengo, ou Botafogo) uma grande cidade, que devêra tomar o nome do monarcha reinante *(Henri-Ville)* sendo porém desviado d'esse intento por graves occurrencias que se deram, e de que mais tarde faremos menção.

Lery accusa fortemente de falsario á Thevet por ter mencionado em sua *Cosmographia* á essa cidade como existente, offerecendo uma planta d'ella ao rei Henrique II. Somos completamente neutral na lide travada entre os dous chronistas francezes, reconhecemos que ambos tem muito merito e prestáram relevantes serviços á nossa historia, dando conta de factos que sem o seu testemunho jazeriam quiçá no olvido: não podemos comtudo dissimular que Thevet sacrificou neste ponto a verdade ao maravilhoso realisando com elle *o quod volumus facile credimus*. Segundo a sua propria confissão embarcou-se para a França, á bordo de um navio commandado por Bois-

le-Comte á 31 de Janeiro de 1556, havendo apenas permanecido na America dous mezes e alguns dias, e durante esse periodo não é crivel que se tivesse começado á erigir a nova cidade, estando o chefe da expedição á braços com os trabalhos de fortificações a que já alludimos ; razões estas a que devemos addicionar a asseveração do Lery de não haver nenhum vestigio da projectada *Henri-Ville*, quando d'aqui sahio, dezoito mezes depois de Thevet. Note-se que o mencionado Lery appella para a reminiscencia de todos os Francezes que antes e depois d'elle haviam estado no Rio de Janeiro, e não nos consta que ninguem apparecesse para contrarial-o. O respeitavel chronista da Companhia de Jezus, Simão de Vasconcellos, tão minucioso sempre em suas narrativas, não faz tão pouco menção d'essa cidade, que, á nosso vêr, nunca teve se quer começo de realidade.

IV

ALLIANÇA DOS FRANCEZES COM OS INDIGENAS

Já vimos que desde o anno de 1508 os armadores d'Honfleur na Normandia expediam os seus navios ás terras então muí pouco conhecidas do Brazil e citam-se os nomes d'um certo Dionysio e do pai do famoso João Ango como dos que mais se distinguiram nessas arriscadas explorações. Guilherme Tastu,

Barré, e o celebre Jacques Soré (1) adquirriam a reputação d'ousados navegadores, juntando tambem á elle a gloria litteraria. Dos dois primeiros existem interessantes escriptos, como o famoso *Roteiro* de Guilherme Tastu, composto em 1555, e as *Cartas ácerca da navegação do cavalleiro de Villegagnon*, publicadas en 1557 por Nicoláo Barré, que, como crê o snr. Ferdinand Denis, foi provavelmente o primeiro documento sobre o Brazil impresso em França (2).

As relações commerciaes mantidas pelas principaes cidades maritimas (em cujo numero se contava Dieppe) com os naturaes do Brazil trouxe a necessidade d'uma classe de homens, que tiveram nessa épocha grande importancia, queremos fallar dos interpretes (*truchemens*).

Ou fôsse por despeito para com a sociedade, em cujo gremio tinham vivido, despeito, que tem dado origem á grandes aberrações, como os paradoxos de Rousseau e de lord Byron, ou levados pela *auri sacra fames*, viu-se nesse seculo alguns homens penetrarem em nossas florestas, copiarem tão ao natural

---

(1) O mesmo que os nossos chronistas chamam Jacques Soria.

(2) D'este rarissimo e importanto documente, extrahiu o já mencionado snr. Gaffarel as rectificações de que nos estamos aproveitado. (Vide *La Colonie française du Brésil au XVIe siècle.)*

o modo de vida dos indigenas que podiam ser tomados por verdadeiros selvagens. Cobriam-se dos mais extravagantes ornatos; perfuravam o labio superior e as faces para introduzirem ahi enormes batoques, armavam-se d'arco e flecha, revestiam-se de pennas e pintavam o corpo com as mais caprichosas côres. Adheriam completamente á causa das aldeias, em que se haviam naturalisado; esposavam as filhas dos maioraes, marchavam para a guerra, dirigindo os alliados por conselhos e empregando em seu favor armas de fogo e á estrategia européas asseguravam-lhes o triumpho sobre os seus inimigos. Já dissemos que o seu desprezo levava-os á tomar parte nos festins antropophagos, excedendo em crueldade aos seus preceptores. Adoptando de bom grado a polygamia pouco se embaraçavam com a sorte da progenie, que abandonada aos proprios instinctos, perdia até os vestigios da sua origem européa.

A mór parte d'esses homens eram francezes, e especialmente normandos, e as suas informações, transmittidas aos compatriotas, que visitavam tão frequentemente os nossos portos, e talvez mesmo que algumas cartas, que escrevessem para a patria, sejam as fontes á que reccorrêram os que primeiro deram ao mundo civilisado noticias dos usos e costumes dos aborigenes brazilienses. Lery e Thevet referem-se constantemente ao testemunho dos interpretes; posto que estigmatisem o seu inqualificavel proceder, e Hans-Stadens, na relação dos seus sof-

frimentos entre os tupinambás, dá-nos bem a conhecer qual a sua influencia entre os indigenas, quando refere-nos que da decisão d'um d'elles esteve pendente o seu destino.

D'essa mesma relação do viajante allemão se deprehende quanta estima votavam os selvagens aos francezes; porque dizendo-se elle, no acto de ser aprisionado, pertencente a essa nação, deveu a tal circumstancia o não ser condemnado á morte. Os tupinambás e os tamoyos, que tinham commum origem, procuravam com avidez a sua amizade appellidando-os *de perfeitos alliados*, e todos os historiadores são concordes em asseverarem que nos mais criticos momentos lhes guardavam escrupulosa fidelidade.

Semelhante resultado devêra ser natural recompensa d'esses homens, que demandando nossas plagas com o fim de enriquecerem, ou talvez que pelo espirito de curiosidade, não se faziam detestar pelos nacionaes; não lhes captivavam as filhas; não lhes extorquiam o oiro, a que aliás davam os indigenas pouco valor; nem os expulsavam á ferro e a fogo dos lugares consagrados pelas mais tocantes scênas da vida humana.

O estabelecimento de Villegagnon no Rio de Janeiro nada tem do caracter odioso d'uma conquista: chega como alliado e recebe dos tamoyos inequivocas provas de jubilo e affeição. Não expelle os naturaes das suas *tabas*, e podendo, como já dissemos,

escolher os melhores sitios para fundar a sua feitoria, fortifica-se em uma ilha, até então abandonada, e mostra-se sevéro para com os seus pela mais leve infracção dos tratados que firmára com os filhos do paiz. Esperando que cêdo, ou tarde seria atacado pelos portuguezes, aos quaes pela propria confissão do Padre S. de Vasconcellos não foi o primeiro á aggredir (1), e de perfeito accôrdo com os selvagens adestrou-os no manejo das armas, fazendo delles excellentes soldados.

Sobre o modo porque eram tratados os indigenas pelos francezes não podemos citar melhor testemunho do que o de Mem de Sá, 3º governador geral do Brazil, n'uma carta escripta de S. Vicente, aos 16 de Junho de 1560, á el-rei D. João III.

Fallando á respeito de Villegagnon assim se exprime o delegado do governo portuguez : « Elle leva muito differente ordem com os gentios que nós levamos : é liberal em extremo com elles e faz-lhes muita justiça, enforca os francezes por culpas sem processo, com isto é muito temido dos seus, e amado dos gentios : manda-os ensinar a todo o genero d'officios e d'armas, ajuda-os nas suas guerras. O

---

(1) Posto que tão fortificados os francezes não faziam contudo hostilidades, nem guerra offensiva aos portuguezes, satisfeitos com gozarem da terra quietos. (*Vida d'Anchieta*, livr. 3, cap. I.)

gentio é muito e dos mais valentes da costa em pouco tempo se póde fazer muito forte. »

Grande é o peso que deve merecer-nos as palavras do illustre Mem de Sá : só a força da verdade, actuando n'uma alma nobre como a sua, poderia dictar este juizo pronunciado ácerca d'um inimigo da sua nação, e cujos entrincheiramentos elle acabava d'arrasar com tanto denodo.

Em conclusão diremos que os francezes pelas suas maneiras affaveis, pelo seu tracto cavalheiresco, souberam grangear as sympathias dos nossos indigenas.

V

PROCEDIMENTO DE VILLEGAGNON PARA COM OS CALVINISTAS

É tempo de examinarmos o procedimento de Villegagnon para com os sectarios da religião reformada, e de verificar si merecida, ou injustamente, lhe deram estes o ignominioso epitheto de *Caim d'America.*

Sabemos que o cavalleiro de Malta vivia afastado da côrte e esquecidos os seus serviços quando pela intervenção do celebre Gaspar de Coligny, a quem o rei Henrique II testemunhava grande estima e veneração, foi elle incumbido da tarefa de firmar o dominio francez n'America do Sul., Ora, como já

referimos, o almirante Coligny, pertencente á nobilissima casa de Chatillon, era o chefe ostensivo dos protestantes do reino, e o astuto Villegagnon aproveitou-se d'esta circumstancia para inculcando-se convertido á doutrina de Calvino adquirir em Coligny um protector (1). Já vimos como pela sua in-

(1) No supracitado trabalho sustenta o snr. Gaffarel que Villegagnon era catholico quando partiu para o Brazil. Citemos suas proprias e auctorisadas palavras :

« Primeiro que tudo parece certo que Villegagnon quando deixou a França para ir ao Brazil, ainda era catholico. Talvez que o levasse um tanto longe seu gosto pela controversia religiosa, talvez que, para grangear as boas graças do partido protestante, houvesse feito imprudentes revelações ; sua qualidade porém de cavalleiro de Malta impunha-lhe prudente reserva ; e por certo que não quereria, por pretexto algum, malquistar-se com uma ordem tão poderosa. Assim pois levou livros e ornamentos da igreja catholica, fez-se acompanhar por padres e frades e até o derradeiro momento assistiu as ceremonias do culto com a maior regularidade. Si realmente só estivesse disposto a passar ao Brazil « por zelo do calvinismo, e proporcionar seguro abrigo aos da sua religião, » teria o cuidado de só escolher calvinistas para companheiros de viagem, e, apenas desembarcando n'America, apressar-se-hia de renunciar as practicas externas do catholicismo ; ora, dois terços da sua gente era catholica, e depois da sua chegada ao Brazil seu amigo, o franciscano Thevet, celebrou regularmente o sacrificio da missa, e até deu-lhe a communhão no dia de Natal. Logo pode-se concluir, á despeito das asseverações odientas dos escriptores protestantes, que Villegagnon era catholico quando sahiu de França e catholico se conservou durante a sua estada no Brazil. »

fluencia esquipou elle uma frotinha com que se apresentou no Rio de Janeiro, e como simulando um sentimento que por certo não existia em sua alma, condecorou com o nome do illustre almirante o rochedo em que se fortificára. Quasi todos os seus companheiros seguiam a nova doutrina, ou pelo menos haviam d'isso feito promessa, e parece que d'este número não se exceptuava o proprio franciscano André Thevet (1).

Na carta escripta á Calvino e citada integralmente por Lery lê-se o seguinte periodo.

« Porque os irmãos que tinham vindo commigo de França para esse fim (o do exercicio da religião) desanimados pelas difficuldades da obra *voltaram para o Egypto*, allegando cada qual um pretexto. » Quem estiver ao facto da linguagem empregada nas polemicas religiosas da épocha saberá que a phrase *voltar para o Egypto* era synonyma de regressar para o gremio da religião catholica; e Villegagnon, queixando-se á Calvino do abandono em que haviam deixado os primeiros operarios do Evangelho, agradece-lhe a vinda dos novos ministros Richier e Chartier, que traziam em sua companhia alguns outros theologos de Genebra, sendo um delles João de Lery, a quem somos devedores d'um excellente

(1) Como antepomos a verdade á coherencia declaramos que estamos hoje convencido de menos exacta semelhante asserção.

livro, que foi das mais abundantes fontes a que recorremos para a composição d'este nosso tosco trabalho.

Chegando á America o primeiro cuidado de Villegagnon foi o de pedir ministros da religião reformada *para morigerar aos seus e cathechisar aos selvagens*, prestando a maior obediencia á Igreja de Genebra (1). Não nos causa pasmo que o almirante Coligny, homem de guerra, de franco e generoso caracter, fosse illudido pelas fallacias do seu protegido; admira-nos porém que Calvino, cujo espirito subtil se havia ainda mais aguçado nas questões theologicas, sendo afamado pela sua argucia, se deixasse ludibriar por um homem que lhe era muito inferior em conhecimentos. Para attenuar porém a impressão que naturalmente causa o ver tantas pessoas honestas victimas da mais negra perfidia devemos lembrar-nos que o projecto de crear-se um estabelecimento n'America era o mais popular possivel; que todos contribuiam para elle com enthusiasmo, uns levados por vistas politicas, outros por

(1) Fôra Villegagnon condiscipulo de Calvino na universidade de Paris e com elle sempre mantivera relações epistolares. Conhecendo outrosim a actividade que caracterisava os sectarios da nova doutrina desejou attrahir alguns d'elles a sua nova colonia. Assim se explica o passo a que alludimos favoravelmente acolhido pelo heresiarcha de Genebra, desejoso de lançar os germens da reforma na virgem terra de America.

calculos de interesse individual, e finalmente outros, entre os quaes devemos comprenhender Calvino, pelo vivo desejo de propagar a nova crença além do atlantico.

O venerando Philippe de Corguilleray, senhor Du Pont, cuja honrada velhice se deslisava em Genebra, foi solicitado por cartas do almirante Coligny, e por vivas instancias de Calvino para dirigir a expedição enviada em auxilio de Villegagnon. Esquecendo os incommodos inherentes a tal empreza, muito mais sensiveis no inverno da vida, deixou as doçuras do lar domestico partindo á 10 de Setembro de 1556 para Chatillon-sur-Loing, onde o aguardava o almirante : de quem elle, e os seus desaseis companheiros ouviram as mais animadoras expressões. Após um mez de demora em Pariz, onde se lhes reuniram mais alguns fidalgos partiram os peregrinos para Honfleur, de cujo porto deram á véla para a França antarctica a 20 de Novembro do referido anno.

Compunha-se a expedição de tres navios transportando cento e vinte pessoas, sendo o supremo commando confiado a Bois-le-Comte, com o titulo de vice-almirante. Este Bois-le-Comte, sobrinho de Villegagnon é o mesmo a quem o illustrado author dos *Annaes do Rio de Janeiro* chama de conde de Bois, sem duvida equivocado pelo seu segundo nome, que é ao mesmo tempo um titulo de nobreza e um appellido de familia.

Sobre a memoria desses homens que tão heroicamente se expatriáram pesam mui graves accusações si dermos credito ao que á seu respeito diz Thevet. Oiçamos as suas palavras :

« Esquecia-me de dizer-vos que pouco tempo antes houvera uma sedição entre os francezes, occasionada pela divisão e parcialidade de quatro ministros da religião nova, que Calvino para ahi enviára afim de plantar o seu sanguinolento Evangelho : o principal d'elles era um ministro sedicioso, chamado Richier, que tinha sido carmelita e doutor de Paris alguns annos antes. Estes ridiculos prégadores não cuidando senão em enriquecerem-se e apoderarem-se do que podiam, fizeram conluios e intrigas secretas originando-se d'ahi que alguns dos nossos fôssem por elles mortos. Porém sendo presos alguns d'esses sediciosos fôram executados e entregues os seus corpos aos peixes : outros salvaram-se, em cujo numero se achava o referido Richier, o qual pouco tempo depois serviu de ministro em Rochella : onde penso que ainda está. Irritados os selvagens por semelhante tragedia pouco faltou para que não se precipitassem sobre nós, matando aos que restavam (1). »

Para contrariar o libello do franciscano d'Angouleme servir-nos-hemos d'um documento de que já

---

(1) *Cosmographie*, tom. II, livr. 21, chap. II.

fizemos menção, isto é, da carta que Villegagnon escreveu á Calvino agradecendo-lhe o ter annuido aos votos que lhe exprimira na sua primeira missiva, relativamente á urgente necessidade que sentia de novos cooperadores. Posto que a tenhamos unicamente lido na obra de Lery *(Historia d'uma Viagem á terra do Brazil, aliás França Antarctica)* reputamo-la authentica; por isso que diz-nos este escriptor que o original, escripto em latim e com tincta do Brazil, parava em mãos idoneas, havendo já sido impressa uma sua traducção.

Justificando a escôlha que fizera da ilhóta de *Serigipe* para o primeiro nucleo da colonisação, afim, como já dissemos, d'observar entre os seus a mais restricta disciplina cortando-lhes toda a communicação com a terra, povoada por selvagens, assim se exprime o chefe francez.

« Aconteceu contudo que alguns vinte seis dos nossos mercenarios, estimulados pelos apetites sensuaes, conspiraram para matar-me. No dia porém assignado para a execução foi-me revelada a trama por um dos complices na mesma occasião em que diligentemente procuravam-me para cahirem sobre mim. Evitei o perigo pela maneira seguinte : havendo feito armar á cinco criados meus investimos contra elles, que, possuidos de terror e pasmo deixaram-se facilmente vencer. Prendi a quatro dos principaes conspiradores, cujos nomes me haviam sido revelados ; occultando-se os outros depois de terem

deposto as armas. Mandei no dia seguinte soltar á um para que podesse na maior liberdade pleitear a sua causa; mas pondo-se á correr lançou-se no mar, onde afogou-se. Os restantes sendo conduzidos á minha presença, amarrados como estavam, declararam o que eu já sabia, da boca do complice e delator: isto é, que um d'elles havendo sido pouco antes castigado por mim por entreter relações illicitas com uma mulher de má vida captou por presentes o pai d'essa mulher para que o livrasse do meu poder no caso d'obstinar-me eu em interromper as ditas relações. Tal foi o primeiro pensamento da revolta. Fi-lo enforcar e estrangular por semelhante crime. Commutei á dois outros a pena de morte na de prisão com trabalho: e quanto aos mais não quiz tomar conhecimento do seu delicto afim de que não fôsse obrigado á punil-os; o que importaria n'um grande desfalque d'operarios para as obras que tenho emprehendido. »

Em toda esta narrativa não se faz a menor menção de intrigas e suggestões dos ministros calvinistas, que por fórma alguma poderiam ter concorrido para a supracitada sedição; por isso que não tinham ainda chegado ao paiz. Esta carta tem a data de 31 de Março de 1557; e sabemos que os companheiros de Du-Pont chegáram ao fórte Coligny á 10 do referido mez e anno, e os factos referidos por Villegagnon passaram-se nos primeiros tempos da sua chegada, como se deduz das suas proprias palavras. Si os emis-

sarios de Calvino se tivessem manchado com tão negro crime por certo que Villegagnon não deixaria de fazer amarga queixa d'elles nessa carta dirigida á seu chefe, e não nos consta que depois d'essa revolta houvesse mais alguma no estabelecimento francez. É por tanto fóra de duvida ser inteiramente calumniosa a asserção de Thevet, cujo odio para com os sectarios da reforma fóra o unico motor de tão cruel quão infundado juizo.

Prosigamos no exame do proceder de Villegagnon.

Com falsas apparencias de grande regosijo recebeu elle os seus novos companheiros, e convocando a guarnição do fórte em uma pequena sala situada no meio da ilha, ouviu cheio de compuncção a prédica do ministro Richier, a primeira, observa Lery, que se fez n'America conforme o rito protestante. Mandou distribuir pelos recem-chegados rações de peixe assado ao modo dos selvagens, raizes cozidas debaixo da cinza, e para saciarem a sêde foi-lhes dada a verde negra e salobra agua d'uma cisterna. Alojou-os em cabanas cobertas de palha destinando apenas um quarto para Du-Pont e os dois ministros Richier e Chartier. Tão desabrida recepção foi seguida d'acerbo trabalho a que condemnou os seus hospedes, empregando-os em carregar barro e pedra desd'o nascimento até o occaso do sol (1). Longe de

(1) Corroborado pelo testemunho de Crespin (*Histoire*

soprar o espirito da revolta no animo dos colonos, descontentes por tão barbaro tratamento, aconselhava-os Richier que supportassem as privações com paciencia, e vissem em Villegagnon um novo S. Paulo. De facto ninguem melhor do que elle sabia representar o papel de zelador ardente do Evangelho e de fervoroso apostolo da reforma : seus discursos, transcriptos por Lery, são repassados d'uncção, e trazem-nos á memoria a linguagem biblica de Cromwell nas suas proclamações e ordens do dia.

Pensamos que a chegada da missão, que elle tão ardentemente pedira, causou-lhe grande contrariedade, ou por compôr-se de pessôas illustradas, que não deixariam de condemnar o despotismo que aqui exercia, dando-se d'elle conhecimento á França, ou porque visse em Du-Pont um ancião, cuja virtuosa conducta contrastava com a sua, ou finalmente porque já tivesse recebido do cardeal de Lorêna, seu

---

des Martyrs), de Lery (*Voyage au Brésil*) e de Richier (*Divers Ouvrages de Controverse*) afasta-se o sempre citado Gaffarel da tradição que nos servira de guia. Pretende pelo contrario que o almirante recebera Du Pont e os dois ministros calvinistas com todas as demonstrações d'estima e respeito : ouvira respeitoso a predica, lera em voz alta orações por elle compostas e recebera a communhão das mãos do mencionado Richier. Verdade é que mais querendo attenuar esse acto de semi-apostasia, allegou que o fizera por condescendencia para com os seus hospedes, e bem merecer do seu prestigioso chefe.

occulto protector, ordem para levantar a mascara da hypocrisia (1).

N'uma épocha em que os debates religiosos estavam em grande voga, depois que Luthero proclamára o principio do *livre exame,* que fazia de cada fiel juiz da sua crença, e interprete da palavra divina, não parecerá estranho que um official de marinha se ingerisse em questões theologicas e exercesse as funcções de pregador. Sustentou contra o ministro Chartier uma opinião diversa relativamente á *Cêa* (2); mas fingindo desejar ser melhor instruido sobre este ponto enviou-o á França para consultar os doutores, e muito principalmente a Calvino. Era este um meio habil para descartar-se pouco a pouco dos que lhe faziam sombra (3).

Sem se importar com a resposta dos quesitos que

---

(1) Pensamos hoje diversamente : e entendemos que nas hesitações do animo de Villegagnon, e na irascibilidade nascida de se ver supplantado nas polemicas theologicas pelos argutos doutores calvinistas, pode encontrar-se a chave do enigma da sua subita e total mudança de politica.

(2) Nome que os protestantes dão á Eucharistia.

(3) Differente é a versão do snr. Gaffarel. Pensa o illustrado professor que o regresso de Du Pont, o dos dois ministros, e de alguns poucos colonos protestantes fôra motivado pela exigencia do referido fidalgo, que, testemunha da metamorphose de Villegagnon e dos máos tractos que estava dando aos seus co-religionarios pediu que se lhe fornecessem meios de regressar a Genebra.

fizera para a Europa declarou o seu juizo como o unico infallivel e mudando da linguagem que até então tivera, disse publicamente que reputava a Calvino como um herege, e inimigo de Deus. Semelhante apostasia não devêra surprehender á ninguem; pois que já uma vêz por motivos de méro interesse abjurára Villegagnon a religião de seus pais; e quem assim procede está sempre disposto a regular a sua consciencia por uma tarifa, mais, ou menos elevada.

Como que envergonhado de tal proceder tractou os seus antigos co-religionarios com o mais excessivo rigor. Exasperados os calvinistas dirigiram-se ao seu conductor (Du-Pont) e lhe supplicaram que alcançasse de Villegagnon a permissão para regressarem á seus lares. Du-Pont representou ao chefe da colonia que a sua nova abjuração tornando inutil o fim para que tinham vindo á America e não existindo aqui a liberdade de consciencia, que através de mil perigos, tinham vindo procurar, lhes fôsse ao menos concedida a licença que imploravam os seus companheiros de infortunio. Depois d'alguma hesitação annuiu Villegagnon ao pedido que lhe era feito, e os calvinistas, após oito mezes dos mais rudes trabalhos no fórte Coligny, passáram ao continente, onde ainda, se demoráram dois mezes, aguardando um navio que os transportasse á França.

Nutrindo negros projectos de vingança contra esses homens, que d'est'arte se subtrahiam ao seu jugo, dis-

simulou o seu odio e indignação parecendo approvar o seu designio dizia que assim como se regosijára com a sua vinda quando cria achar nelles o que procurava; assim folgava que regressassem uma vez que não podiam estar d'accordo. Entregou porém a Martin Beaudoin (1), capitão do navio *Jacques*, que os conduzia um cofre coberto com encerado, onde incluira o processo que lhes fizera, acompanhado d'uma precatoria ás authoridades do porto de França onde chegassem para que fizessem-nos queimar como revoltosos e hereges. A Providencia Divina porém que não podia concorrer para semelhante crime, fez com que aportassem á Blauet, na Bretanha, onde dominava o partido protestante, que lhes fez a mais cordial recepção.

Remettemos o leitor curioso para a interessante obra de Lery, verdadeira odysséa d'essa longa e perigosa navegação de quatro mezes e meio, em que elle e seus companheiros encaravam de perto á morte, já vendo o seu navio quasi despedaçado nos baixios, já experimentando as torturas da sêde e os horrores da fôme.

Quando o *Jacques*, que roçára nos rochedos submarinos fazia agua por todas as partes alguns viajantes preferiram os perigos de terra aos do mar, e desembarcando em um escaler voltáram aos dominios

---

(1) Na narrativa do snr. Gaffarel o capitão do navio Jacques é designado pelo nome de Faribault.

de Villegagnon. Bem depressa tiveram d'arrepender-se de semelhante resolução; pois que cahindo nas garras do irritado tigre pagavam alguns com a vida a sua audacia, fugindo outros para as povoações portuguezas, onde, *para viverem*, tiveram d'abraçar o catholicismo.

Qual seria a causa d'essa mudança que tão subitamente se operára no animo de Villegagnon?

Abramos as paginas da Historia de França, e vejamos se nos póde ella dár a solução do enigma.

É geralmente sabido que pela exaltação ao throno de Henrique II, os *Guises*, que no precedente reinado tinham sido privados de toda a influencia, se viram rehabilitados nas bôas graças do monarcha e partilhavam com os *Montmorencys* e *Chatillons* das primeiras posições officiaes. Entre as facções diversas que nessa épocha dividiam a França oscillava o espirito pouco energico do rei: e assim se explica como Gaspar de Chatillon, conde de Coligny, reunia em si os cargos d'almirante e coronel general d'infantaria, em quanto o duque de Guise, commandava o exercito, que repellia á Carlos V dos muros de Metz, e seu irmão Claudio, cardeal de Lorêna, tinha a suprema administração da fazenda publica, sendo incontestavelmente a primeira intelligencia do clero. Todas essas ambições rivaes, todos esses caractéres oppostos, não podiam viver em harmonia: uns procuravam supplantar aos outros no espirito do rei. Como era natural o almirante Coligny suc-

combiu na lucta; e uma intriga urdida pela duqueza de Valentinois (Diana de Poitiers) fez com que esfriassem as bôas relações entre Henrique II e seu virtuoso ministro.

Foi provavelmente nesse occasião que o cardeal de Lorêna escreveu a Villegagnon para que deixasse o seu disfarce porque nada mais podia esperar do almirante, e que se declarasse abertamente catholico; e este, á imitação de todos os renegados que querem, por excesso de zelo dar penhores da sua fidelidade, commetteu os maiores attentados contra os sectarios de Calvino, attentados, que estamos intimamente convencido fôram desapprovados pelo esclarecido prelado, a quem procurava agradar: como no-lo prova a nenhuma estima de que gozou depois da sua volta á França, finalisando os seus dias em janeiro de 1571 amargurados pelos remorsos, em uma pobre commenda da ordem de Malta, perto de Nemours.

Nicoláo Durand de Villegagnon era um homem emprehendedor, bastante energico e illustrado: qualidades estas que o tornavam apto para a taréfa de que fôra incumbido. Sua desmedida ambição, insupportavel orgulho, perfidia de caracter e genio despotico, de que deu tantas mostras no pouco tempo que se demorou na nossa terra, occasionáram o malogro d'uma empreza, que tão bem fadada parecia. Concentrado, por natureza e pelas circumstancias locaes, deu-se com ardor ao estudo da lingua e

dos costumes dos selvagens no meio dos quaes vivia, e compoz muitos opusculos e vocabularios, que julga o sr. Ferdinand Denis (1) terem servido de base aos trabalhos neste genero publicados por Thevet e Lery.

VI

TOMADA DO FORTE COLIGNY. — ABANDONO DO RIO DE JANEIRO

Emquanto se passavam na futura capital do Brazil os successos que acabamos de narrar expirava em Lisbôa (2) el-rei D. João III, em cujo governo tocou Portugal ao zenith da gloria e do poder. Antes de deitar-se no marmoreo sepulchro de Belém para despertar na eternidade, volveu para a nossa terra paternaes vistas escolhendo para administral-a com o titulo de governador geral a Mem de Sá, desembargador da Casa de Supplicação, varão conspicuo pelas suas luzes e raras virtudes, que faziam-no digno irmão do grande poeta Francisco de Sá e Miranda, o illustre patriarcha do petrarchismo portuguez. A escolha de um homem da lei, de um cultor das letras parecia indicar que a metropole occupava-se

---

(1) *Une Fête brésilienne.*

(2) Aos 11 de julho de 1557 na idade de 55 annos, havendo reinado 35.

mais seriamente com a sorte dos seus vassallos d'America, e que queria terminar o regimen arbitrario que até então nella prevalecêra, accedendo ás representações da camara da Bahia, que em 1556 pedia em nome de todo o povo que, pelas *chagas de Christo* mandasse com brevidade governador e ouvidor geral retirando os que estavam; pois que para penitencia de peccados já bastava tanto tempo.

A discordia que reinava entre os Francezes era ignorada pelos seus rivaes, que julgavam-nos enraizados no paiz, tanto pela sua favoravel posição topographica, como muito principalmente pelas sympathias que haviam sabido inspirar aos tupinambás e tamoyos, tribus guerreiras, que dominavam n'esta parte do Brazil, e já D. Duarte da Costa nos ultimos tempos do seu governo pedia reforço a Portugal para desaloja-los. O que porém julgamos decidiu a côrte a tomar uma resolução energica a tal respeito fôram as solicitações dos jesuitas que de tudo tinham sido informados, e que, pela sua sagacissima politica, sabiam que um corpo de dez mil Francezes, Flamengos, e aventureiros de outras nações, estava prestes a partir para a França Antarctica, em soccorro de Villegagnon, á quem tambem se attribuia o projecto de ir a Europa equipar uma esquadra, com que, depois de ter feito grandes damnos ao commercio portuguez, aprisionando os galeões que voltavam da India carregados de immensas riquezas, accommetteria as principaes povoações do littoral

brasilico submettendo-as com facilidade, attento o estado de fraqueza em que se achavam. O temor de vêr cortado o commercio do Oriente e perdidas as praças mais importantes que possuia na recente colonia, além do sentimento que lhe causaria a propagação do protestantismo, que seria inevitavel com o triumpho de Villegagnon, que então era geralmente considerado como sectario da Reforma, influíram poderosamente no animo do politico e catholico rei D. João III, que deu terminantes ordens para a expulsão dos Francezes dos seus dominios ultramarinos.

Apenas chegou á Bahia cuidou Mem de Sá de dar cumprimento á ordem regia; mas para uma empreza em que a honra nacional se achava empenhada apenas lhe havia mandado a côrte tres máos navios de guerra, abandonando, com indescúlpavel incuria, o governador geral aos fracos recursos que lhe podiam ministrar os colonos.

Sobre o estado de penuria em que se achava a capital do Brazil, interroguemos os chronistas, e Rocha Pitta nos responderá:

« Estavam a cidade da Bahia e seu reconcavo faltos de tudo o que era preciso para tanta empreza. Não haviam navios, era pouca a gente, por se achar muita no emprego da conquista dos gentios, cuja guerra, posto que porfiada, era mui differente da que agora emprehendia com a nação franceza, tão conhecidamente valerosa: haviam poucos instrumentos

proprios e precisos para as expugnações. Os viveres e vitualhas não eram proporcionadas para a facção. »

A' esta falta quasi que absoluta de meios necessarios para conseguir a expulsão de poderosos inimigos suppriu o zêlo ardente e talento governativo de Mem de Sá, poderosamente auxiliado pelo bispo D. Pedro Leitão e pelos jesuitas. Escolheu dentre as embarcações mercantes oito que lhe parecêram mais capazes fazendo nellas embarcar diminuto numero de soldados, alguns voluntarios, petrechos bellicos e mantimentos. Com tão pequenas forças deixou a Bahia á 16 de Janeiro de 1560, e, visitando as capitanias dos Ilhéos, Porto-Seguro e Espirito-Sancto, recebendo por toda a parte o contingente que os moradores lhe podiam fornecer, surgiu no Rio de Janeiro á 21 de Fevereiro d'esse mesmo anno.

Tinha-se assentado em conselho atacar de sorpresa o forte Coligny; mas havendo sido presentida a esquadrilha pelas sentinellas inimigas força foi prepararem-se para uma renhida peleja, sendo obrigados a fundear fóra da barra. Os Francezes desampararam seus navios chamando as tripulações para dentro da praça, que tambem defendiam oitocentos frecheiros tamoyos.

Conheceu o governador geral que lhe seria impossivel expugnar a fortaleza sem novos soccorros de gente e de munições, e para isso expediu á S. Vicente o padre Manoel da Nobrega, que o acompa-

nhára, sendo sempre o seu mais leal conselheiro. Nobrega, que já estivéra em S. Vicente onde possuia immensas sympathias, quer pelos seus esforços, quer pelos do irmão José d'Anchieta, a quem os trabalhos da cathechese retinham naquella capitania, poude conseguir em poucos dias o preparar uma expedição composta de um bergantim artilhado e de muitas canôas tripuladas por soldados, voluntarios, mamelucos e indigenas, conhecedores da costa, guiados por dois religiosos da Companhia os padres Fernão Luiz e Gaspar Lourenço.

Animados os Portuguezes com os auxilios que acabavam de receber resolvêram proseguir no malogrado ataque do forte Coligny. Forçáram a barra, apezar da tenaz resistencia dos Francezes que lh'a queriam tolher, e fazendo entrar os navios e canôas tentáram um desembarque na praia fronteira da ilha. Esta porém se achava fortificada de modo que a faria inexpugnavel si ás obras d'arte se tivessem junctado o enthusiasmo guerreiro dos defensores, estimulados por um chefe habil gozando de affeições. Nos dois extremos da ilha haviam, como já fica dito, dois oiteiros cobertos de bastiões, no meio um rochedo de cincoenta á sessenta pés, onde se via a casa do governador abrigada por ameias, seteiras e torrinhas; fortes muralhas e profundas trincheiras tornávam difficil senão impraticavel o seu accesso. Seria uma nova Diu si nella commandasse algum D. João de Mascarenhas: mas o seu chefe e funda-

dor a havia deixado partindo para a Europa, oito, ou nove mezes antes, com o fim real, ou supposto, de agenciar reforços. Não cabe á historia o avaliar das intenções de quem quer que seja; o sanctuario d'alma fica impenetravel aos olhos dos homens; só Deus póde nelle encontrar motivos para galardão, ou castigo. A dobrez porém do caracter de Villegagnon nos faz suspeitar que, havendo perdido as esperanças de constituir-se um grande senhor feudal, quiçá soberano independente nas longinquas terras da America, e vendo falharem as promessas que lhe haviam sido feitas resolvessé partir para a França annunciando aos seus companheiros que hia buscar soccorros para realisar gigantescos planos. D'ahi certamente proviéram os boatos a que acima alludimos, e de que os jesuitas fizéram sciente á el-rei D. João III.

Desanimados pela ausencia do chefe e pela incerteza que pairava sobre o futuro do estabelecimento maravilha-nos a coragem que ostentáram os francezes na defesa das suas fortificações. Havendo-lhes intimado Mem de Sá que deixassem a terra, pois pertencia esta a el-rei de Portugal, responderam-lhe altivamente os da praça; preenchidas assim as formalidades, exigidas pelos estylos da guerra, rompêram as hostilidades.

Desembarcáram os portuguezes na ilha n'uma sexta feira 15 de Março e durante dois dias e duas noites houve entre estes e os sitiados vivissimo fogo.

A resistencia dos da praça arrancou a admiração do governador geral que assim se exprime na sua participação official : « *Porque supposto que vy muito e ly menos a my parece que senão viu outra fortaleza tão fórte no mundo :* » tentando um derradeiro esforço, porque sua coragem já começava a fraquear « cançados da demasia do trabalho e de combate tão vigoroso, diz S. de Vasconcellos na *Vida d'Anchieta*, em que erão já mortos muitos e bons soldados e estavam feridos muitos mais » escaláram os portuguezes as muralhas pelo lado do arsenal e apoderaram-se á viva força do *monte das palmeiras* (1) que era considerado como a sua cidadélla d'onde fazendo mortifero fogo obrigáram os inimigos á evacuarem a ilha procurando salvar as vidas nas canôas nas quaes passáram ao continente.

Segundo o testemunho do proprio Mem de Sá o numero dos francezes que capituláram era de setenta e quatro além de alguns escravos; a cujo numero se junctáram os que andavam em terra, bem como a tripulação de uma náo franceza, aprisionada pela galéra *Ezaura*. Os gentios eram mais de mil e *tão bons espingardeiros*, diz o governador geral, *como os*

---

(1) Este monte, ou antes rochedo, que existia no meio da ilha foi mandado demolir, assim como os dois oiteiros dos extremos, por ordem regia de 22 de setembro de 1761, que recebeu completa execução no vice-reinado do marquez de Lavradio.

francezes. Os assaltantes não passavam de duzentos e sessenta, entre portuguezes e indigenas.

Senhores da ilha apressáram-se os portuguezes em render graças ao céo pelo seu assignalado triumpho celebrando o sacrificio da missa os dois jesuitas que tinham guiado os indios de S. Vicente.

Passados os momentos de enthusiasmo e de agradecimento ao Todo Poderoso pela victoria que havia obtido pensou o governador geral ser tempo de tambem attenderem-se ás razões politicas de presidiar, ou arrasar o fórte, convocando para semelhante fim um conselho dos principaes officiaes. Opináram alguns pela necessidade de deixar uma fórte guarnição na conquistada ilha afim de impedir a volta dos francezes, que não deixariam de frequentar a terra, onde por quatro annos haviam permanecido. A razão porém de não ser conveniente dividir as forças de que se havia mister, não só para submetter os gentios, como para rechassar qualquer invasão estranha prevaleceu. Nesta conformidade ordenou Mem de Sá que fosse totalmente arrazado o fórte Coligny e recolhidos aos navios portuguezes a artilheria e grande quantidade de despojos do inimigo.

Feitos todos os preparativos de viagem deixou o governador geral o nosso porto desembarcando á 31 de março em S. Vicente, onde a nova dos brilhantes successos operados no Rio de Janeiro e da completa derrota dos francezes foi recebida com grande alvo-

roço dos moradores, e mui principalmente por Nobrega e Anchieta, que tanto tinham contribuido para o bom resultado da arriscada empreza.

VII

ATAQUE D'URUÇUMIRIM — MORTE D'ESTACIO DE SA

Como muito bem previra Mem de Sá não tardáram os francezes em voltarem ao Rio de Janeiro onde contavam com a alliança dos naturaes e achando-o completamente abandonado pelos portuguezes escolhêram melhores posições fortificando as aldeias d'*Uruçumirim* e *Paranapucuhy*; d'estas aldeias a primeira estava no continente, situada juncto á foz do ribeiro *Carioca* (1), que como diz Gabriel Soares no *Roteiro do Brazil*, ficava na extremidade da enseada de *Francisco Velho (Botafago)* no lugar hoje denominado praia do *Flamengo* devendo o seu nome *d'Uruçumirim*, segundo o Sr. Norberto, a um chefe indio que alli commandava. A segunda *(Paranacupuhy)* achava-se n'uma grande ilha, hoje conhecida pela do *Governador* por ter pertencido a Salvador Corrêa, primo e successor de Estacio de Sá.

No espaço de vinte annos em que o metropole

---

(1) Mais tarde conhecido pelo nome de *Catete* e hoje quasi deseccado.

deixou em olvido o Rio de Janeiro, reparáram os francezes as suas perdas, e bem que pareça não haverem intentado a fundação de novas colonias continuáram a entreter relações d'amizade e commercio com os tamoyos, a dirigil-os em suas guerras, n'uma palavra a exercer sobre elles uma especie de protectorado funesto em todos os sentidos ao dominio portuguez. As duas famosas aldeias, que acima mencionamos, não eram governadas pelos francezes e sim por chefes indigenas; mas defendiam-nas as bombardas e arcabuzes, sendo a tactica militar dos povos cultos empregada em sustentar a barbaria contra a civilisação. Tudo parece indicar que nessa épocha os francezes já não pretendiam, como no tempo de Villegagnon, fundar um estabelecimento dependente da metropole e que servisse de núcleo a futuras colonias da sua nação, mas unicamente prolongar o *statu quo* com que tanto lucrávam, oppondo-se com todas as suas fôrças a que os portuguezes, ou qualquer outro povo, conquistassem o paiz.

Fieis á esse programma vemo-los exacerbar o odio que os tamoyos nutriam contra os successores de Cabral pondo em perigo as suas recentes povoações. S. Vicente e Piratininga fôram ameaçadas de total exterminio; e sem os heroicos esforços de Nobrega e Anchieta que, na conferencia d'*Iperohy* presidida pelo prudente *Pindobuçú*, e a que assistíram os principaes chefes da confederação tamoya, celebráram

esse famoso armisticio que fez por um momento suppôr que a paz se hia restabelecer entre os antigos e os novos senhores do Brazil. O antagonismo porém das duas raças era manifesto e profundo; de modo que não podemos ao certo affirmar si fôram os portuguezes, ou os tamoyos, que primeiro violáram o tratado.

A noticia que os formidaveis filhos das florestas tropicaes haviam jurado pela boca dos seus *pagés* cessarem de hostilisar aos luso-americanos causou excessiva alegria por todo o Brazil, alegria esta de que participou a propria côrte de Lisbôa. A senhora D. Catharina, irman do imperador Carlos V, que governava Portugal na menoridade de seu neto D. Sebastião, entendeu que offerecia-se azada occasião para povoar o Rio de Janeiro, privando d'est'arte os francezes da favoravel localidade d'onde tinham em constantes sustos os seus vassallos d'além-mar.

Com o tino governativo, que tanto caracterisava a viuva de D. João III, e ajudada pelos conselhos de D. Aleixo de Menezes, não foi difficil a escolha do homem que devêra ser incumbido de tão nobre taréfa. A illustre familia dos Sás, offerecia á corôa servidores de provado zelo e dedicação; assim pois Estacio de Sá, já conhecido pelos seus gloriosos precedentes, recebeu ordem de partir para a Bahia com dois galeões, carregados com toda sorte de petrechos de guerra, e alli receber as instrucções do governador geral para o bom exito da sua commissão.

Chegando á antiga capital do Brazil no principio do anno de 1564 entregou a seu illustre tio as cartas da rainha regente nas quaes, depois de elogial-o pelos relevantes serviços que prestára ao Estado, com a tomada do fórte Coligny e a expulsão dos francezes, recommendava-lhe que, aproveitando-se do feliz ensejo do *armisticio d'Iperohy*, tratasse de povoar o Rio de Janeiro desligando para sempre os tamoyos dos seus antigos e temiveis alliados. Deu-se pressa o zeloso Mem de Sá de executar as ordens da soberana, e pondo á disposição de seu valente sobrinho as poucas forças coloniaes, prescreveu-lhe que se dirigisse ao nosso porto, fazendo escala por alguns outros da costa, onde podesse receber novos auxilios.

Obedecendo a estas instrucções aportou Estacio de Sá ao Espirito Santo, onde pelos esforços do ouvidor Braz Fragoso, poude alcançar a amizade do prestimoso Ararigboia chefe dos esforçados tupiminós, encarniçados inimigos dos tamoyos. « Cheio d'enthusíasmo, diz o Sr. Norberto, anhelando o feliz exito de tamanha empresa não limitou Ararigboia o seu soccorro em acompanha-lo com gente de peleja que escolheu entre os seus mais bravos guerreiros; porém administrou tambem armas para os indios e os favoreceu com abastança de mantimentos (1). »

---

(1) *Mem. Hist. e Docum. das aldeias dos indios da Prov. do Rio de Janeiro*, cap. II.

Determinava o regimento da frota que demandasse esta o Rio de Janeiro com apparato bellico attrahindo os francezes para uma batalha naval fóra da barra, *fazendo sempre por conservar as pazes com os indios tamoyos;* não poude porém o capitão-mór dar cumprimento á esta clausula; por isso que aqui chegando no mez de Fevereiro soube que os indigenas haviam rompido o armisticio, e d'isso teve evidentes provas com a morte de quatro marinheiros pertencentes a um batel, que procurando fazer aguada em uma ribeira, fôra acommettido por sete canôas de indios armados.

A vinda dos portuguezes era ha muito esperada : todas as praias estavam guarnecidas d'impavidos guerreiros vestidos de pennas de *guarás* e *tucanos*, brandindo terriveis *tocápes*, ornadas as frontes desses lindos *cocares*, que semelhantes os turbantes dos sectarios do *Koran*, tão marcial aspecto lhes dava e a quem chamava dos cerros das quebradas e dos outeiros

« A terrivel *inubia* que assignala
» A hora da investida e retirada(1) »

A prudencia aconselhou ao capitão-mór que com tão debeis forças não arriscasse a arrojada empresa;

---

(1) *Conf. dos Tamoyos*, pelo snr. Magalhães (visconde d'Araguaya), canto II.

assim pois desfraldou as vélas para S. Vicente, onde contava com a nunca desmentida fidelidade dos habitantes.

No porto de Santos, onde em breves dias entrou a esquadra soube com grande regosijo que os tamoyos de Piratininga ainda se conservavam addictos ao convenio d'Iperohy, e que o fiel *Cunhambeba* continho em respeito os inquietos tupís. Ainda esta vez Nobrega e Anchieta empregam o prestigio que as suas sobre humanas virtudes lhes haviam grangeado e da exhausta capitania surgem novas forças. Com os soccorros ahi recebidos elevou-se a expedição a seis navios de guerra, alguns barcos ligeiros e nove canôas de mistiços e indios.

Ordenára o provincial dos jesuitas no Brazil (1) ao Padre Gonçalo d'Oliveira e ao irmão José d'Anchieta que se embarcassem nessa frota para animarem os indios em cujo espirito suas palavras exerciam incontestavel influxo.

No dia 20 de Janeiro de 1566, memoravel nos fastos da Igreja pelo martyrio de S. Sebastião, partiu Estacio de Sá do porto de *Berriquióca* (2) com destino á capitania do Espirito Santo, d'onde demorando-se o tempo unicamente necessario para receber nova provisão de gente e de mantimentos, aproou

---

(1) Que então era o padre Manuel da Nobrega.
(2) Hoje (por corrupção) denominado *Bertioga*.

para o Rio de Janeiro e á 20 de Março avistou o Pão d'Assucar.

Juncto á esse natural monolitho, quiça testemunha das primeiras revoluções geologicas do globo, desembarcou o capitão-mór não sem grande resistencia da parte dos francezes e tamoyos. Escolhido este sitio para seu acompanhamento fortifica-o com fossos e trincheiras, desembarca a artilhería dos galeões e prepara-se para sustentar renhida lucta que deve ser coroada pela mais brilhante victoria.

Acerca da posição topographica do campo portuguez, que serviu de berço á nossa hoje opulenta capital, não estão de accordo os historiadores : querendo uns, como Pizarro, que fosse junto á moderna fortaleza de S. João, e outros, como Balthazar da Silva Lisbôa, na *varzea vizinha.* Pensa o Sr. Varnhagen, e julgamos que com todo o fundamento, que póde ser elle assignado no lugar actualmente chamado *Praia-Vermelha*, onde se ergue o monumental hospicio, á que um piedoso monarcha deu o seu nome. Ao testemunho, sempre valioso do nosso illustrado e laborioso consocio, podemos juntar, o não menos importante, do inspirado contar dos tamoyos.

« Junto do alto penedo Pão-d'Assucar
» Balisa natural do immenso golpho,
» Já o capitão-mór entrincheirado

» De fórte praça os bastiões erguia
» Na praia que Vermelha hoje chamamos (1).»

Pouparemos aos leitores a fastidiosa narrativa dos pequenos combates, verdadeiras escaramuças, sem resultado algum definitivo, que tiveram lugar por espaço de dez mezes entre os tamoyos, capitaneados por francezes, e os portuguezes, ao mando de Estacio de Sá. Entre esses conflictos avultam a tomada d'uma náo franceza tripulada por cento e dez homens *que se diziam catholicos*, na phrase d'Anchieta, e aos quaes permittiu o capitão-mór o seu regresso á Europa; bem como o famoso combate de sete canôas portuguezas contra sessenta e quatro indigenas em que a victoria se declarou pelas primeiras, graças, dizem os chronistas, á ostensiva intervenção do glorioso martyr sob cujo patrocinio pelejavam os luzitanos. Essas apparições de santos no meio das batalhas estava muito no gosto dos nossos antepassados, que tambem attribuiam a victaria d'Aljubarrota á miraculosa presença de S. Jorge. Longe de desenganar o povo, chamando-o a um christianismo illustrado, o clero d'essa épocha introduzia em suas chronicas fabulosas lendas, favorecendo d'est'arte o fanatismo, tão fatal á verdadeira religião como a impiedade. Não transcreveremos tão

(1) *Conf. dos Tamoyos*, canto X.

pouco as fallas e proclamações do commandante portuguez porque nenhuma fé nos merecem semelhantes documentos, cuja falta d'authenticidade reconhece-se ao primeiro exame, não necessitando grande perspicacia para descobrir-se em todas ellas a penna do padre S. de Vasconcellos, chronista da Companhia de Jesus.

Para mostrar aos seus o firme proposito que havia formado de não abandonar o Rio de Janeiro, como já uma vêz imprudentemente se fizéra, ordenou ao capitão-mór a partida dos navios, que haviam transportado a expedição.

Fallando a tal respeito assim se exprime um illustre historiador contemporaneo :

« Já então tinham os nossos um baluarte de taipa e alguns ranchos e casas cobertas, e feitas em redor da cerca muitas roças e plantado legumes e inhames ; e o capitão-mór para prender melhor os seus á terra, e tirar-lhes do pensamento a possibilidade da retirada, despediu todos os navios. Sem os incendiar, como Agatocles em Africa, sem os encalhar, como praticára alguns annos antes Cortez no Mexico, conseguio resultados identicos (1). »

Apezar da heroica tenacidade do chefe portuguez, apezar dos conselhos, das exhortações e até das pro-

---

(1) *Hist. Ger. do Braz.*, pelo snr. Varnhagen (visconde de Porto-Seguro), tom. 1, sec. XIX.

phecias dos jesuitas, a coragem dos soldados começava a fraquear e os indios davam evidentes indicios de quererem regressar ás suas *tabas*. Critica era por certo a posição d'Estacio de Sá.

N'esta conjunctura uma circumstancia, em si de pouco valor para o futuro da colonia, veio apressar o desfecho da crise. José d'Anchieta, que como já vimos, era simples *irmão coadjuctor*, foi chamado á Bahia pelo segundo bispo do Brazil, D. Pedro Leitão, que houvera sido seu companheiro na universidade de Coimbra, para completar a sua ordenação recebendo ordens sacras inclusive o presbyterado. Gozava este santo varão de grande estima em todo o Brazil; assim pois fôram ouvidos com grande acatamento os seus conselhos ácerca da urgente necessidade de prestarem-se soccorros ao capitão mór do Rio de Janeiro. O governador, o bispo, e o padre Ignacio d'Azevedo, que acabava de chegar com a patente de visitador geral dos jesuitas, tomáram a peito de seguirem o nobre impulso que lhes dava o joven levíta, a quem a posteridade agradecida devêra denominar — *Apostolo do Novo Mundo.*

Pondo de parte outros negocios, que exigiam a sua presença na capital do Estado, os tres protagonistas d'este drama resolvêram invidar todas as forças para que grandes e promptos auxilios fôssem por elles levados ao Rio de Janeiro.

Sahindo da Bahia em Novembro de 1566 com destino á capitania dos Ilhéos, onde o governador

geral puniu com severidade a revolta dos aymorés, assegurando assim a tranquillidade das vizinhas povoações durante a sua ausencia, deixou essa capitania no primeiro de janeiro de 1567 vindo surgir defronte da nossa barra a 18 do mesmo mez e anno, ante vespera de S. Sebastião, que tão estreitamente se acha ligado com a historia da nossa cidade, que ainda n'um século de geral descrença se ufana de contal-o por padroeiro.

Animado Estacio de Sá com o inesperado soccorro, que tão opportunamente lhe trazia seu preclaro tio, foi de parecer que se atacassem as aldeias fortificadas no proprio dia do martyr, opinião esta que prevaleceu em conselho, adrede convocado pelo governador geral, incumbindo-se o capitão mór de dirigir o combate.

Deixando-se apenas um dia para refocillar as alquebradas forças dos lassos combatentes foi tudo disposto para que o sol de 20 de Janeiro allumiasse a victoria, ou a completa derrota dos portuguezes.

O clangor das trombetas e o rufar dos tambores annunciou logo ao despontar d'aurora dia de peleja; mas nessa era o soldado catholico não se batia com denodo se não contasse com o auxilio do céo, si genuflexo ante os altares onde se celebrava o eucharistico mysterio, não offerecesse a vida em holocausto ao seu Deus, que descia ao sanctuario d'alma, purificada pelo sacramento da penitencia. Assim, depois de ouvirem missa, commungarem e receberem a

benção apostolica, dada pelo bispo D. Pedro Leitão, accommettêram os portuguezes e os seus alliados a aldeia *d'Uruçumirim*, principal acampamento dos inimigos.

Dirigiu o capitão mór energica falla aos seus soldados lembrando-lhes a victoria em nome do sancto padroeiro. Encarniçada foi a peleja; os tamoyos e francezes oppuzeram obstinada resistencia aos esforços dos guerreiros d'Estacio de Sá; o pelouro cruzava-se nos ares com a ervada seta e a espada encontrava-se com a *tacape*. Era uma scena de horror e confusão; uma guerra de cannibaes. Os tupiminós cevavam o seu implacavel odio no sangue dos tamoyos; vendo igualmente os portuguezes nos filhos da bellicosa Gallia outros tantos hereges, cujas vidas não lhes era permittido poupar. Assim ás crueldades inherentes a todas as guerras, junctava-se ainda o implacavel furor das contendas religiosas. O delirio do combate os tinha cegado; sua alma se fechára a todos os sentimentos nobres e generosos; uma só ideia sobre elles predominava, a de arrazar as aldeias contrarias exterminando os seus defensores. — O chronista da Companhia diz-nos com placida indifferença que *nem um só tamoyo escapou com vida, e dos francezes cinco, que cahiram nas mãos dos portuguezes, fôram pendurados em um pau para escarmento dos outros!* O que respeitou o arcabuz e a bombarda completou o incendio, que devorou em poucas horas as pobres cabanas dos filhos das palmeiras.

Apenas perdêram os assaltantes doze homens (o que demonstra a superioridade de suas armas) contando entre os mortos o capitão de Porto-Seguro Gaspar Barbosa, assaz notavel pelos seus importantes serviços, e entre os feridos á Estacio de Sá (1).

Era conveniente aproveitar o bellicoso ardor da soldadesca; resolveu-se portanto atacar immediatamente a ilha do *Governador* chamada então *Paranapucuhy*, onde o inimigo possuia um fortissimo reducto, rodeado de cercas duplicadas que o tornavam quasi inexpugnavel. Para ahi foi pois transportada a artilheria, cujo horrisono estampido repercutido pelos échos da bahia misturava-se com a confusa grita dos selvagens e os rôcos sons dos seus *borés*. Esse dia devêra ser fatal aos adoradores de *Tupan*: tivéram de ceder á fortuna de seus contrarios, e abandonando suas aldeias, que o fôgo consummia, fôram buscar nas regiões ainda desconhecidas temporario asylo, d'onde tambem devêra expelli-los a desenfreada cobiça dos colonisadores. Os epenicios da victoria e os canticos de jubilo fôram interrompidos para dar lugar ao luto e ás lagrimas: o heroico Estacio de Sá acabava de expirar, victima do occulto veneno, que lhe trouxéra a seta do dextro tamoyo, ou quiçá da impericia dos Esculapios da épocha.

Foi o seu corpo depositado na capella da Villa-

---

(1) Simão de Vasconcellos, *Vida d'Anchieta*, livr. 2, cap. XIII.

Velha no meio da geral consternação sendo mais tarde (em 1583) trasladados os seus ossos para a igreja de S. Sebastião do Castello, onde aguardam que a gratidão nacional lhes erga um digno monumento, que legue á posteridade a plastica lembrança do primeiro capitão-mór do Rio de Janeiro a quem devemos o estabelecimento do dominio luzitano nestas paragens.

VIII

FUNDAÇÃO DA CIDADE DE S. SEBASTIÃO. — EXPULSÃO DOS FRANCEZES

Já vimos que Estacio de Sá, desembarcando juncto ao Pão de Assucar, déra começo a uma povoação, que depois denominou-se *Villa-Velha*, sob o patrocinio de S. Sebastião, em honra do desventurado principe, que então occupava o solio affonsino. Francisco Dias Pinto, nomeado alcaide-mór da futura cidade por provisão de 10 de Dezembro de 1565, empossou á 13 de Setembro do anno seguinte ao referido capitão-mór, como resavam as suas instrucções, com todas as formalidades então usadas e de que faz expressa menção o auctor dos *Annaes do Rio de Janeiro*. Essa primitiva povoação consistia apenas em algumas cabanas, edificadas em torno da fortaleza, uma das quaes servia de capella, onde se celebravam os officios divinos, e, onde, como dissemos,

fôra sepultado o primeiro capitão-mór. Tudo tinha ainda o caracter provisorio ; dependia tudo do exito da guerra.

Havendo pago á natureza o tributo de dôr que lhe causára a prematura mórte do seu valente sobrinho, cuidou Mem de Sá de dar estabilidade á nascente colonia. Não lhe parecendo porém proprio o sitio onde fôra ella assentada deliberou muda-la para um lugar mais visinho ao ancoradouro dos navios, e que apenas distava do primeiro uma legoa.

O local eleito para n'elle lançarem-se os alicerces da actual metropole do Brazil foi no angulo em que vemos hoje o *Hospital da Misericordia* a que presidiava o fórte de S. Thiago (1). Para a defesa da barra construíram-se do lado do *Pão d'Assucar* as fortalezas de S. Diogo e S. Theodosio (2) e fronteira á elle a de Nossa Senhora da Guia (3) no mesmo lugar onde Villegagnon levantára algumas ligeiras fortificações. Na montanha que ficava á cavalleiro *(o Castello)* erguêram-se *o forte de S. Januario;* a matriz (4), as casas da camara e do governador, as-

---

(1) Depois chamado do *Calabouço*, onde actualmente se acha o arsenal de guerra.

(2) Constituem ambas a moderna fortaleza de S. João.

(3) Hoje de S. Cruz.

(4) A antiga sé, presentemente igreja e convento dos capuchinhos no Castello.

signando-se ahi o competente terreno para a edificação do collegio dos padres da Companhia, cuja doação foi aceita em nome da ordem pelo visitador geral, padre Ignacio de Azevedo.

Tinha pressa Mem de Sá de tornar á Bahia, onde sua presença era reclamada pelos interesses do Estado, portanto demorando-se aqui sómente dois mezes deixou o nosso porto havendo confiado a administração da conquista a seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá, que assaz se distinguira durante a guerra.

E' pois á este governador que deve a nossa cidade a realisação do plano concebido pelo illustre Mem de Sá. Foi em seu tempo que começáram a alçarem-se as casas feitas de pedra e cal em substituição das humildes choças, que o machado e o fôgo derribáram os robles seculares para darem lugar ás ruas e ás praças, e que sobre a chlamide virginal da natureza veio a civilisação plantar seu throno.

Os indios alliados e os catechumenos dos jesuitas eram os operarios com que então se contava; porque nessa era a escravidão africana, abuso clamoroso da força constituido em direito, não polluia a terra de Santa Cruz.

O cégo empyrismo presidiu á edificação da nossa capital; e n'um clima abrasador, debaixo dos raios dardejantes do sol tropical, fôram as habitações construidas pelo modelo das que existiam *no reino*. O ferro iconoclasta do colono não deixou nas praças

uma só arvore que abrigasse o caminhante dos ardores da canicula, e a agua, cuja abundancia torna-se indispensavel nos paizes calidos, era escassa e dada á gotas, á sequiosa população, antes que fôsse conduzida sobre seu magestoso arco triumphal.

« Infelizmente aqui, diz o sr. Varnhagen, como já succedêra na Bahia e nas demais povoações adoptou-se com servilismo o systema de construcção de Portugal e nem da Asia, nem dos modelos da architectura civil na Peninsula, isto é do uso dos numerosos pateos com repuchos e dos eirados, ou açotéas, houve quem se lembrasse, como mais aproposito para o nosso clima. Para certas viaticas tudo depende do principio. » (1)

Logo que a terra começou a ser cultivada recompensou com explendida liberalidade o trabalho do lavrador, e as abundantes colheitas trouxeram ao seu casal a satisfação intima, que resulta ao pai de familia quando vê em torno de si contentes os sêres que lhe são caros, e que se lhe prendem á existencia, como os liames ao annoso tronco.

A brilhante victoria dos Portuguezes levára o desanimo ao espirito dos tamoyos ; julgáram ter ouvido em seus *marácas* a tetrica vôz *d'Anhangá;* e fatalistas, como quasi todos os povos barbaros, resi-

---

(1) *Hist. Ger. do Braz.*, tomo 1. sec. XIX.

gnáram-se á sua sórte com estoica resignação, promettendo aos conquistadores não perturbar jámais seu socêgo. Debalde procuráram os Francezes despertar-lhes os brios; fôram insensiveis ás suas exhortações, e cahíram nesse estado de marasmo, de lethargia moral, visinho á morte : *Consanguinos leti sopor,* como diz Virgilio (1).

Apezar de semelhante disposição e receiando que o seu despertar seria, qual o do tigre, mandou Salvador Corrêa romper as matas para facilitarem-se as communicações e tirar aos inimigos os meios de fazerem ciladas, e, para maior segurança, circumvallou a cidade de muralhas (2).

Não eram infundados os temôres do governador ; porque os Francezes que poderam escapar com vida, vendo que os tamoyos do Rio de Janeiro recusavam prestarem-se á sua vingança, retiráram-se para Cabo-Frio, aguardando a chegada de navios da sua nação com que podessem de novo tentar a sorte, estreitando no entanto as suas relações com os naturaes do paiz.

O dia da vingança, tão ardentemente desejado, não se fez por muito tempo esperar ; e a colonia ha pouco fundada teria certamente succumbido sem a dedicação, e o nobre procedimento do valente Ara-

---

(1) *Æneidos*, lib. 6.

(2) Silva Lisboa, *Annaes do Rio de Janeiro*, tom. 1, livr. 1, cap. I.

rigboia, de quem já fallamos, mais conhecido pelo seu nome christão de Martin Affonso de Souza.

Recebêra este chefe dos tupiminós do politico Mem de Sá, terrênos proprios para o estabelecimento da sua tribu na plaga opposta á nova cidade para que lhe servisse como que de baluarte, e no alto da montanha, onde os jesuitas Gonçalo d'Oliveira e Balthazar Alvares erigiram uma capella dedicada ao martyr S. Lourenço, se disseminâram as pittorescas cabanas dos indigenas, collocadas como d'atalaia para correrem ao primeiro signal em defesa dos colonos.

« Collocada (diz o supracitado snr. Norberto) n'um como regaço da montanha dir-se-hia que ella se assentára á margem da enseada de Maruhy fechada como um lago em cujas praias contornadas de montes expiram as ondas placidas e brandas sem arruido, para tomar sobre os seus joêlhos essa joia religiosa, que um povo pagão votára ao Senhor, ao abraçar a sua religião, e que altiva reclinára a sua fronte, cingida do cocar, formado por um grupo de coqueiros;... mas hoje descalvada e ainda assim tão bella, se destaca n'um horisonte diaphano e puro, sem uma nodoa, cujo azul de saphiras contrasta com o verde d'esmeralda da gramma de que está escamada, e o sol ao surgir parece que por momentos lhe empresta seus raios para cingil-a d'uma aurêola radiante, e ao dobrar-se no horisonte do occidente

ainda seus raios morbidos e bellos vem colorir os vidros das janellas de seu rustico templo (1).

O chefe Guaixará, que havia sido derrotado por Ararigboia no celebre *combate das canôas*, de que já fizemos menção, aproveitando-se da opportuna chegada de quatro náos francezas foi atacar a aldêa de S. Lourenço, onde se achava o seu temivel adversario. Sendo porém avisado a tempo Salvador Corrêa mandou pedir reforços á S. Vicente e dispôz tudo para impedir á aggressão dos invasores.

N'uma bella tarde quando o sol no occaso annunciava a aproximação d'uma d'essas esplendidas noites tropicaes, em que o céo tachonado d'estrellas se espelha nas tranquillas aguas da formosa Nictheroy, devisou-se á entrada da barra uma esquadra composta de quatro náos, oito lanchas, e um infinito numero de canôas. Alvoroçada a pequena guarnição da cidade corre a seus postos; rufam as caixas e tocam os sinos a rebate; de todas as partes precipitam-se os homens ás trincheiras, e as mulheres ás igrejas. Do alto de sua montanha descobre Ararigboia o perigo que ameaça os seus alliados e tomando o conselho dos padres Gonçalo d'Oliveira e Balthazar Alvares resolve esperar pelos inimigos em seu acampamento, defendido por novos fojos, estacadas e trincheiras. Ahi recebeu elle o soccorro de

(1) *Mem. Hist. e Docum. das aldeias dos indios da Prov. do Rio de Janeiro*, cap. II.

trinta e cinco portuguezes, expedidos pelo governador e ao mando do capitão Duarte Martins Mourão, o que muito estimou, por isso que já podia contar com guerreiros europeos que oppuzessem aos francezes armas iguaes.

Havendo fortificado a sua aldeia, abrigando-a de qualquer surpresa, que por ventura contra ella tentassem os inimigos, foi no meio das trévas da noite offerecer-lhes batalha, que teve lugar no sitio onde hoje se ostenta a risonha Nictheroy, e não na *Bica dos Marinheiros*, como por engano affirma o Sr. Varnhagen (1).

Peçamos ao tantas vezes citado snr. Norberto a descripção d'este heroico feito d'armas; oiçamos suas palavras, dictadas pelo mais ardente patriotismo, e selladas com o cunho da verdade:

« Despertam os tamoyos ao brado de guerra; entre o horror da escuridão da noite trava-se combate horrivel, mortifero; o estrondo das armas, o grito dos combatentes augmentam ainda mais a confusão; o inimigo sem ordem, envolto em si mesmo, volta as armas contra o seu proprio seio, como uma serpente que se dilacera com seus dentes, não vendo o damno que causa; e de parte a parte o valor disputa a victoria matando, ferindo; já juncando as praias de cadaveres, já tingindo as areias de sangue; e de parte

---

(1) *Hist. Ger. do Braz.*, tom. 1, sec. XIX.

a parte avançam, atropellam-se e a confusão que reinava ha muito entre os tamoyos, acaba por obriga-los a procurarem na fuga a salvação de suas vidas: lá protegidos das trévas ganham as canôas e conseguem se afastar das praias, que deixam ao triumpho das armas d'Ararigboia. »

As náos francezes não podendo por causa da vasante da maré, que as conservava encalhadas e adornadas, usar da sua artilheria, soffrêram vivissimo fogo de terra que lhes fazia *um falcão* (1) e aproveitando-se do terral da manhan sahiram barra fóra com direcção a Cabo-Frio. Para completar a sua victoria entendeu o governador que seria conveniente persegui-los e apresiona-los no porto em que se haviam recolhido. Quando porém ahi chegou só estava ancorado um galeão, que tomou depois de porfiada lucta, trazendo-o triumphalmente para o Rio de Janeiro.

Não estava porém segura a nossa cidade de novas e repetidas invasões emquanto não fossem completamente arrazados os estabelecimentos que os francezes possuiam em Cabo-Frio : o que só teve lugar no tempo de Constantino Meneláo.

Avisado Salvador Correia pelo governador geral do Brazil, Gaspar de Sousa, que náos inglezas estacionavam n'aquellas paragens, onde os tamoyos

---

(1) Antigo canhão de tres polegadas de diametro que jogava balas de libra e meia.

proseguiam em seu systema de favorecer aos corsarios e impedir a fundação de colonias portuguezas, assentou fortificar Cabo-Frio lançando alli os alicerces d'uma povoação.

Auxiliado por uma força de quatrocentos indios de Sepetiba e dos portuguezes, que espontaneamente o quizeram acompanhar, visitou Meneláo com a sua esquadrilha toda a costa, e fundou o forte de S. Ignacio no lugar que os francezes haviam escolhido de preferencia para o theatro de suas operações.

A cidade de S. Helena, edificada pelo governador do Rio de Janeiro, era uma garantia da permanencia do dominio portuguez e a aldeia de S. Pedro, situada a duas leguas de distancia, e povoada por indios amigos, era como um fórte destacado, que impedia aos francezes a continuação das suas correrias do lucrativo commercio do *ibirapitanga*.

Desacoroçoados em suas infructiferas tentativas parecêram os compatriotas de Villegagnon terem renunciado á posse da nossa terra e por largos annos as brisas guanabarenses não enfunaram o pavilhão dos lyrios.

Antes de terminar esta primeira parte do nosso trabalho seja nos licito lamentar, como já o fizemos n'outro lugar (1), que a intolerancia religiosa levasse

---

(1) *Ensaio sobre os Jesuitas.*

ao patibulo ao infeliz João du Bourdel (1) pelo unico crime de ser calvinista! Sentimos que no proprio anno da sua fundação assistisse o Rio de Janeiro a tão cruel espectaculo, e visse o venerando Anchieta, por um zelo funesto e uma piedade mal entendida, constituir-se ajudante do algoz!... A diversidade de crença não póde constituir um delicto; e o Estado não deve por forma alguma erigir-se em juiz d'uma causa cujo conhecimento só á Deus pertence.

Apezar de ser tal attentado contra a liberdade de consciencia commettido a instigações de alguns ecclesiasticos, a quem os poucos conhecimentos philosophicos impediam d'encarar a questão no seu verdadeiro ponto de vista, não pôde ser a Igreja responsavel por elle; porque jamais erigiu em dogmas principios contrarios á doutrina do seu Divino Fundador.

---

(1) E não João Bolés, como erradamente escreveu o padre Simão de Vasconcellos.

PARTE SEGUNDA

INVASAO DE DUCLERC

I

MOROSO INCREMENTO DO RIO DE JANEIRO

Pessima era a posição climatologica da nova colonia, e como muito bem ponderou um author inglez citado pelo Sr. Ferdinand Denis (1), *os arredores do calabouço eram de tal natureza que podiam singularmente comprometter a existencia de uma grande cidade.* Parece porém que por largos annos a população circumscreveu-se nos estreitos limites que lhe traçára Mem de Sá, e receando alguma nova invasão não ousava afastar-se *do Castello*, sua verdadeira *acropolis*. Rodeada de paúes, e cobertas as collinas de

---

(1) *Le Brésil*, Estudo Historico e Geographico inserto na collecção denominada *L'Univers pittoresque*.

densas florestas, que lhe interceptavam a livre circulação do ar, não admira que a nossa terra gozasse da reputação de pouco saudavel. Vagaroso foi o seu desenvolvimento, e podemos datar os seus progressos do fim do seculo 17.° quando os emprehendedores paulistas, embrenhando-se pelos nossos sertões, descobriram riquissimas minas nessa região, que d'ellas derivou seu nome.

Corramos rapidamente os dêdos pelo teclado da sua historia até o anno de 1710, em que occorrêram os graves successos, que nos propomos narrar.

Em paternaes braços recebêra Salvador Corrêa de Sá a nascente colonia; seu governo foi tal como convinha ao nobre encargo que sobre si tomára. Sua longa administração póde ser comparada ao reinado de Numa Pompilio que tão grata recordação deixou nos annaes romanos, e podem ser applicadas á sua vida as palavras do Evangelho: *pertransivit benefaciendo.* Tece-lhe este pomposo elogio o illustrado conselheiro B. da Silva Lisbôa:

« Poupou o sangue dos indigenas quanto lhe foi possivel, repelliu os inimigos externos, protegeu a innocencia, afugentou o crime pelo seu horror e desprezo dos máos, ganhando a opinião publica no campo da honra; pois sem os soccorros de Portugal cobriu a sua fronte de bem merecidos louros. Pela sua probidade não ousavam aproximar-se d'elle os reptis

venenosos da lisonja afim de envenenarem o ar puro que respirava. » (1)

A' Christovão de Barros, immediato successor de Salvador Corrêa, deveu o Rio de Janeiro o promover a cultura das fazendas, estabelecidas no reconcavo da cidade : e ao dr. Antonio de Salena (que com o titulo de governador-geral veio administrar a capitania do sul, quando entendeu a metropole ser conveniente a divisão do Brazil em dous governos independentes) a vigilancia em defender as suas costas até a Ilha-Grande, sempre infestadas de corsarios, e o desbarato dos tamoyos de Cabo Frio por uma força de 400 Portuguezes, auxiliada por 700 Indios alliados.

Martim Corrêa de Sá, nunca esquecido das heroicas tradições de sua familia, contribuiu para tornar defensavel a nossa capital mandando construir de pedra e cal as fortalezas de Santa Cruz, S. Thiago e S. Sebastião, que até então eram de barro e madeira. Sob o regimen militar d'este benemerito varão serve d'*oasis* a edificação do convento de Santo Antonio, que devêra ser um dia o *Atheneu do Brazil.*

Assignala-se Constantino Meneláo pela expulsão dos Francezes de Cabo-Frio, e pela fundação, já anteriormente referida, da cidade de Santa-Helena,

---

(1) *Annaes do Rio de Janeiro*, tom. 2.

actualmente conhecida por *Nossa Senhora d'Assumpção de Cabo-Frio.* Foi tambem em seu tempo que teve lugar a conquista dos campos dos *Gaytacazes*, hoje uma das mais importantes comarcas da nossa uberrima provincia.

Emquanto fruia o bom povo fluminense das doçuras de governos justos e energicos, passava Portugal pelas *forcas caudinas* da occupação estrangeira. Expirára a sua nacionalidade com o desditoso D. Sebastião na batalha *d'Alcaçar-Kebir;* e o reinado ephemero do cardeal-rei servia apenas para dar a Philippe II o tempo necessario de assegurar-se da posse do paiz. Portugal fora riscado do mappa das nações e a vasta monarchia hespanhóla parecia realisar o dourado sonho de Carlos V.

Tão gigantescos acontecimentos pouca, ou nenhuma repercursão exerciam na nossa patria: era-nos indifferente receber ordens de Lisbôa, ou de Madrid; porque nem uma, nem outra côrte, cuidava seriamente da nossa prosperidade.

Guiados unicamente por nobres sentimentos e não por instrucções da metropole fizeram estes, e alguns outros governadores, em nosso favor o pouco bem que lhes era licito fazer.

A noticia da tomada da Bahia á 9 de Maio de 1624 pela esquadra hollandeza, commandada pelo almirante Jacob Willekens, e a d'Olinda, antiga capital de Pernambuco, pelos chefes batavos Loncq Adryens e Waerdemburgh á 16 de Fevereiro de 1630 causou

extraordinaria sensação no Rio de Janeiro; não só pelo interesse que lhe inspirava a sorte de suas coirmans como pelo justo receio que igual destino lhe estivesse reservado.

Um só pensamento — o da defesa do porto e das fortificações da cidade — animou a todos os habitantes que deram nessa épocha inequivocas provas de acrisolado patriotismo. Não houve individuo que se subtrahisse ao serviço; concorrêram todos com singular espontaneidade, já com suas pessoas e as de seus escravos, e já com o seu dinheiro para as obras, que sob a intelligente direcção do governador interino Duarte Corrêa de Vasqueanes, por toda a parte se faziam, sendo entre estas as mais notaveis a da fortaleza *da Lage*, que ainda existe, e a do grande dique que da Carioca prolongava-se até a Prainha, cujos vestigios se deixáram vêr por mais de um seculo (1).

Era porém feliz esse povo que assim se devotava tão nobremente em prol de seus penates? E' o que passamos a examinar.

Seu commercio e industria tocavam aos ultimos paroxismos; e a olhos vistos definhava-lhe a lavoura. Si precisassemos demonstrar esta proposição que ninguem, lida em nossa historia, nos contestará, bastaria citar o seguinte facto:

---

(1) *Annaes do Rio de Janeiro*, por B. da Silva Lisboa, tom. 2.

Querendo o governador Rodrigo de Miranda Henriques abastecer a cidade d'agua potavel, cuja falta tornava-se por demais sensivel, propoz ao senado da camara o encanamento das da Carioca, para cujas despesas estabeleceu-se o imposto de 160 rs. por canada de vinho que fosse importado. Semelhante imposição porém tornou-se inexequivel por haver tanta carestia d'esse genero que os proprios sacerdotes haviam deixado de celebrar! (1) Muitas eram as cousas que contribuiam para a miseria que tão cruelmente se fazia sentir não sendo dos ultimos os falsos principios que então predominavam em economia politica, coarctando-se a liberdade das transacções por meio de tarifas que regulavam todos os preços, como as que prohibiam os oleiros de levarem mais de 20,000 rs. por milheiro de telha e 3,000 pelo de tijôlo. Até os boticarios tiveram um regimento marcando os preços porque devêram vender os seus medicamentos. Apezar d'estas medidas anti-economicas o monopolio, qual voraz abutre, estendia as negras azas sodre a incauta população, e na terra da abundancia fez-se a fôme muitas vezes sentir.

Um illustre fluminense, Salvador Correia de Sá e Benevides, empunhou o bastão de governador em tão difficeis conjuncturas. O nome importava o

---

(1) *Annaes do Rio de Janeiro*, por B. da Silva Lisboa, tom. 2.

melhor titulo de recommendação: e nos archivos da sua nobilissima familia encontraria as sobejas normas de bem administrar um povo, que tinha-se habituado á ver sahir da casa dos Correias de Sá os mais inclitos governantes.

Tornou-se o nosso benemerito compatriota recommendavel pelos relevantes serviços aqui prestados. Seu zelo e actividade eram proverbiaes; tudo procurava ver, conhecer, e examinar por si proprio. Fez immensas concessões de sesmarias; fundou a igreja de S. Salvador de Campos, nas pittorescas margens do Parahyba; estabeleceu grandes engenhos de assucar promovendo o cultivo da canna nessa tão fertil localidade; abriu estradas que a communicassem com o Rio de Janeiro, espalhando por ellas aldeias de indios e colonias d'europeus. Coube-lhe igualmente a honra de proclamar aqui a restauração da monarchia luzitana na pessoa de D. João IV.

Sirvam estes preclaros feitos, que somos o primeiro a reconhecer de attenuar a triste impressão que experimenta todo o fluminense ao lembrar-se que foi elle, que pelo seu caracter imperativo, levou o pacifico povo do Rio de Janeiro á sublevar-se contra a sua authoridade no dia 8 de Novembro de 1660.

Em seu terceiro governo viram seus compatriotas que o habil administrador tinha sido eclipsado pelo denodado guerreiro, e que a gloria militar absorvia

nelle todos os outros. Cuidando unicamente em presidiar a praça contra qualquer inesperado ataque volveu as suas vistas para objectos bellicos com completo sacrificio dos outros ramos do serviço publico. Augmentar o numero de soldados era facil á um governo que não respeitava a liberdade individual; a difficuldade porém consistia em sustental-os com os fracos recursos da fazenda real. Recorreu Benavides ao senado da camara para que lançando fintas obtivesse a somma que desejava. Esta respeitavel corporação, que tão fielmente representava o povo, fez-lhe respeitosamente vêr que as fontes da riqueza publica tinham-se seccado com a funesta creação da *Companhia de Commercio*, seu fatal privilegio do estanco de todos os generos. Tal foi o motivo da desintelligencia entre o governo e a camara: protegendo aquelle o monopolio, que lhe promettêra fornecer dinheiro para as tropas, e defendendo esta os direitos dos miseros moradores, que se viam até privados do azeite para luz e do sal para adubar a comida.

Exacerbados d'est'arte os animos não podia tardar a explosão.

Havendo o governador partido para S. Vicente pareceu favoravel o ensejo para romper a sedição. A' maneira dos romanos retirando-se para o *Monte Sagrado* passáram os sediciosos a bahia de Nictheroy, e armando-se em S. Gonçalo accommettêram a cidade: depozêram ao governador interino Thomé

Corrêa d'Alvarenga, e forçáram a Agostinho Barbalho Bezerra á assumir á governança.

Reprovamos altamente semelhantes excessos : não constituimos a rebellião em direito; mas tambem não desconhecemos que é ella muitas vezes uma justa reacção contra os abusos da authoridade. Em um governo livre, como o que felizmente possuimos, onde impera um principe, cujo palacio, semelhante á habitação dos tribunos de Roma, é accessivel á todos, tem sempre o povo meios de fazer ouvir a sua voz, e levar suas queixas aos degráos do throno. Quando porém o despotismo impera, quando as valvulas da opinião publica são cuidadosamente fechadas, tornam-se frequentes e inevitaveis as revoluções. Desapparecêram ellas da Inglaterra desde que a imprensa e a tribuna tornáram-se realidades, e reproduzem-se na Hespanha, onde a sinistra sombra da Inquisição faz empallidecer as instituições liberaes.

Pedimos venia para discordar da opinião do Snr. conselheiro Dr. J. M. Pereira da Silva, que fallando das causas d'este movimento popular assim se enuncia :

« . . . não eram questões de momento que os haviam armado (os revoltosos); eram interesses de partidos politicos. E podia o partido do infante D. Pedro consentir no governo supremo do Rio do Janeiro a Salvador Correia de Sá e Benavides, quando os animós dos seus coreligionarios politicos de Portu-

gal trabalhavam em depôr o rei D. Affonso, e elevar o infante ao throno? Quando qualquer movimento neste sentido para firmar-se e consolidar-se, necessitava de ser acceito e abraçado em todos os dominios da corôa portugueza? (1) »

O nosso digno consocio é muito versado na historia de Portugal para ignorar que a deposição de D. Affonso VI e a exaltação ao throno de seu irmão D. Pedro foi uma verdadeira *revolução de palacio*, em que a nação não tomou parte alguma; e que os partidistas do infante estavam entre os fidalgos de Lisbôa e não no Rio de Janeiro, pobre colonia inteiramente alheia á essas vicissitudes politicas.

Não tinha a sedição programma bem delineado: faltava-lhe um chefe; pois que Agostinho Barbalho declinára de si essa responsabilidade; era apenas, como fizemos vêr, uma reacção contra os clamorosos abusos do poder. As medidas energicas de Benavides, seus bandos aterradores, pozeram fim á agitação popular.

Foi altamente desapprovado pela metropole o proceder de seu delegado no Rio de Janeiro; já dando-lhe em Pedro de Mello um successor, já mandando pôr em liberdade, condecorados com o habito de Christo, aos procuradores do povo, aos quaes a alçada do desembargador Peçanha mandára presos

---

(1) *Varões Illustres do Brazil*, tom. 1.

para Lisbôa. Note-se que tudo isto fazia-se ainda no reinado de D. Affonso VI, cuja deposição só se effeituou a 23 de Novembro de 1667; e é sabido que pela fidelidade de Salvador Corrêa á causa d'esse desgraçado principe soffreu elle dez annos de prisão ao calco d'uma longa e gloriosa existencia.

Demoramo-nos mais do que tencionavamos na apreciação d'esse episodio da nossa historia porque quizemos, em honra dos nossos avós, lavar essa unica nódoa que porventura se queira notar em sua nunca assás louvada fidelidade.

Pedro de Mello foi a continuação de Benavides — menos o prestigio da gloria: — exactor no ultimo ponto só pensava na sustentação do presidio arrancando da camara novas contribuições forçou-a a tão impoliticas medidas que o proprio ouvidor geral teve de representar contra ellas.

A'esses despotas que flagelláram a nossa terra seguiu-se o patriarchal governo do tenente-general João da Silva e Souza. « O novo governador, diz um chronista, pareceu um anjo tutelar, enviado do céo para adoçar os males publicos, baseando o seu governo na justiça, prudencia e religião (1).

Já a miseria crescia n'uma ascendente progressão de modo que o senado da camara teve de fazer subir ao

---

(1) *Annaes do Rio de Janeiro*, pelo cons. B. da Silva Lisboa, tom. 4.

throno tocante representação expondo-lhe a impossibilidade em que se achavam os povos da capitania de contribuirem com a somma de quatrocentos mil reis annuaes para a *Junta das Missões,* creada com o piissimo fim d'evangelizar o Brazil. Consulte-se este importante documento onde vêr-se-ha em nobre e singela linguagem o veridico quadro das desgraças que então opprimiam o povo fluminense.

Como se não bastassem tantos e tão repetidos males vieram ainda augmentar a calamidade publica a falta de moéda, que paralysava todas as transacções, e a horrivel mortandade de mais de cinco mil escravos, que succumbíram victimas da peste das bexigas; porque nesse tempo não havia ainda apparecido Jenner, um dos maiores bemfeitores da humanidade.

Impossivel era que tão crueis desgraças deixassem de tocar o sensivel coração do governador, que na impossibilidade de remedial-as pranteava com o povo a sua desdita; unia-se á camara nas representações á corôa; e fazia-lhe vêr que o monopolio da *Companhia do Commercio* exhauria as forças da colonia, cujos miseros habitantes tiravam o pão de seus filhos para remetterem annualmente á côrte a sua quota para o dóte da infanta, depois rainha de Inglaterra, e para as indemnisações que Portugal tinha-se obrigado á pagar á Hollanda quando assignou a paz com esta nação. Surda aos justos clamôres dos seus vassalos americanos, ordenava a metro-

pole ao governador que *attendesse ás fortalezas da barra, expressando-lhe que o menor descuido lhe serviria de culpa.*

Tão estreitamente alliára o general João da Silva a sua causa a dos seus governados, que o não tornáram estes solidario dos desatinos ministeriaes. Para deixar aos vindouros a memoria do egregio varão resolveu a camara mandar tirar-lhe o retrato collocando-o na sala das sessões, dirigindo-lhe ao mesmo tempo uma allocução concebida nos mais patheticos termos. Digno e honroso galardão para quem tão bem comprehendêra o desempenho dos seus devêres!

Affeita a nossa cidade á scênas d'arbitrariedade experimentou contudo sentimento de justa indignação ao vêr o administrador ecclesiastico, á requerimento do reitor dos jesuitas, excommungar ao senado da camara por sustentar este o livre uso dos mangues, onde a pobreza procurava allivio á sua miseria, tirando d'elles mariscos, caranguejos e lenha para o uso domestico. Pretendiam os filhos de S. Ignacio que eram de sua exclusiva propriedade, e olvidados do sagrado ministerio, recorriam aos raios da Igreja para apoiar mesquinhos interesses!!... Terminou este desagradavel incidente pela categorica determinação da carta regia de 4 de Dezembro de 1678, mandando conservar aos moradores na posse em que estavam dos mangues. Tal era porém a influencia da Companhia de Jesus, e o temôr que

inspirava, que não se lê nesse documento official uma só expressão condemnando seu reprehensivel proceder!

No rapido esboço que fazemos dos principaes padecimentos, porque teve de passar o Rio de Janeiro no espaço de cento e quarenta e tres annos não devemos esquecer os funestos abusos commettidos pelos seus *pseudo-defensores*, como se deprehende da representação que endereçou a el-rei o senado no governo de Duarte Teixeira Chaves para que houvesse por bem « *mandar suspender a hospitalidade da infantaria no seio das familias, pelo grande detrimento que com isso soffriam os moradores d'esta terra vendo perturbada a harmonia e a honestidade de suas habitações.* » A'semelhantes queixas respondia-se-lhe « *que ficasse entendendo que no reino se acommodavam, na falta de alojamentos, os soldados nas casas as mais honradas, e sem repararem n'aquelle inconveniente, e que nesta capitania se devêra com mais especial razão praticar-se aquelle soccôrro á favor da infantaria, que sahíra do reino em servir em parte tão distante, largando conveniencias da patria, em que nascêra, fazendo-se por isso mais digna de toda a attenção para não ficar exposta á padecer as incommodidades que do contraaio experimentaria* (1). » Revoltam tanto aos corações brazileiros estas palavras que deixa-las-hemos sem commentario.

---

(1) *Annaes do Rio de Janeiro*, tom. 5.

Foi de tal sórte justo o governo de João Furtado de Mendonça que a camara agradeceu ao rei, como especialissima mercê, o have-lo nomeado e pediu a prorogação do seu trienio.

D. Francisco Nauper d'Alencastre, que tomou posse do governo em 1689, occupou-se unicamente em visitar fortalezas e fazer manêjos d'armas, partindo no anno seguinte para a colonia do Sacramento com tres companhias em uma das melhores náos da fróta.

Á frente dos negocios publicos achou-se em 1690 Luiz Cesar de Menezes, que deixou de si tão bôa reputação que á seu respeito costumavam dizer os nossos antepassados : — *ou Cesar, ou nada.* — Curta porém foi a sua benefica administração sendo succedido em 1692 por Antonio Paes de Sande, varão conspicuo, que seguiu com gloria a verêda do illustre antecessor. Teve o prazer de fazer publica a carta regia que ordenava a suspensão do donativo pela páz com a Hollanda e para o dóte da infanta, que tanto contribuira para empobrecer a terra, e dirigindo ao throno fervorosos agradecimentos por tão fausto motivo pedia que fôsse o povo fluminense isento dos soccorros que incessantemente prestava de gente, dinheiro e munições para a nova colonia do Sacramento. Não foi menor o regosijo do bom Sande em pôr em execução a carta regia de 12 de Dezembro de 1693, que mandava crear nesta capital uma casa d'expostos applicando a camara para este

sancto fim ás sobras do imposto sobre o sal e o azeite doce, destinado para o soldo dos governadores.

Nos ultimos dias do anno de 1694 desceu ao tumulo, coberto das bençãos do povo pelas suas egregias virtudes, Antonio Paes de Sande, e por provisão do governador geral do estado do Brazil de 15 de Novembro d'esse mesmo anno foi nomeado para succeder-lhe o mestre de campo D. João d'Alencastre. Pouco tempo lhe foi dado o empunhar o bastão do mando tendo de cedê-lo a Sebastião de Castro escolhido pela carta regia de 19 de Abril de 1695.

Por esse tempo começaram a apparecer em nossos portos alguns navios francezes com o pretexto de fazerem aguada e de se proverem de mantimentos, mas com o principal fim de introduzirem por contrabando as fazendas que traziam com prejuizo do fisco e contra as leis da monarchia, que vedavam todo o commercio estrangeiro. Causou a sua presença grande susto ao governador, que recommendou á camara da Ilha-Grande lhes recusasse todo o agasalho. Corria o anno de 1696 quando mostrou-se uma esquadra á vista da barra derramando grande susto pela população, que toda correu ás armas, animada pelo governador que electrisou-lhe a coragem com o seu exemplo. Sendo negada a licença que pedia para se refazer de mantimentos dirigiu-se á Ilha-Grande onde obteve o que desejava. Reprehendeu Sebastião de Castro ao senado d'essa Villa (hoje cidade de Angra dos Reis) pelo seu procedimento e

recommendou-lhe a maior vigilancia com as embarcações estrangeiras. A chegada da infantaria de Lisbôa no começo do seguinte anno causou grande enthusiasmo aos fluminenses, que agradecêram ao rei, pelo orgão da sua municipalidade, por tão assignalado favor. Concordam Pizarro e Silva Lisbôa em tributar os maiores encomios a Sebastião de Castro, que além d'esforçado capitão era eminente politico. Não faltou porém quem lhe denegrisse as acções por motivo da invasão franceza soffrendo por isso sequestro nos bens, que só foi levantado quando por sentença da Casa da Supplicação da côrte reconheceu-se-lhe a innocencia.

Arthur de Sá e Menezes foi o primeiro que governou o Rio de Janeiro na catégoria de governador e capitão general *ad honorem* por carta regia de 8 de Novembro de 1696. Ligam-se á sua administração muitos factos notaveis, taes como a erecção da villa de S. Antonio de Sá nas margens do rio Macacú; o estabelecimento d'uma casa da moéda nesta cidade; dos hospitaes militares e dos lazaros; as acertadas providencias concernentes ás sesmarias; restituição das terras, que haviam sido doadas para patrimonio dos indios; regulamentos prohibindo que se infligissem aos escravos barbaros castigos devendo estes serem sustentados á custa de seus senhores, e muitas outras medidas dignas d'um illustrado administrador : infelizmente porém pouca persistencia fêz Arthur de Sá entre nós; porquanto a recente desco-

berta das minas e os conflictos que frequentemente se davam entre os aventureiros que explorâvam-nas reclamava a sua presença nessas paragens.

A prolongada ausencia do governador, tão prejudicial aos negocios, deu motivo ao decreto de 30 de Junho de 1702 que prohibia nos termos os mais explicitos, tanto a elle como aos seus successôres o irem as minas sem especial determinação regia. O meio porém mais adequado para remediar-se este inconveniente, que resultava da vasta extenção do territorio dependente do Rio de Janeiro consistia antes na creação de novas capitanias, expediente este que só mais tarde foi adoptado.

Aos ephemeros governos de D. Alvaro da Silveira e Albuquerque e D. Fernando Martins Mascarenhas d'Alencastre succedeu em 30 de Abril de 1710 o de Francisco de Castro Moraes, que já havia substituido o capitão general Arthur de Menezes e Sá durante a sua estada em Minas. Gozou apenas do titulo de governador e foi em seu tempo que tiveram lugar os graves eventos das expedições de Duclerc e de Duguay-Trouin que vamos historiar.

II

CAUSAS DA NOVA INVASÃO FRANCEZA

Para bem avaliarmos os motivos que trouxeram os francezes ás nossas plagas cumpre retrogradar

alguns annos e examinarmos qual era o estado das relações entre Portugal e essa nação.

Um dos principaes cuidados de D. João IV apenas subiu ao solio dos seus maiores, graças á cavalheiresca dedicação da nobreza luzitana, foi deputar ao rei de França Luiz XIII dois homens da maior confiança, Francisco de Mello, vedor-mór do reino, e o doutor Antonio Coelho de Carvalho (1); afim d'implorarem a sua protecção na grande lucta, que ia empenhar contra Philippe IV. Esta embaixada foi recebida em Paris com toda a solemnidade. O habil politico cardeal de Richelieu viu com prazer que a revolução de Portugal, assim como a da Catalunha, que pouco a precedêra, não podiam deixar de causarem grande diversão nas forças da monarchia hespanhóla, a qual desejava humilhar o seu profundo odio pela casa d'Austria. Pela influencia d'esse poderoso ministro conseguíram os enviados portuguezes sentarem-se no congresso de Munster, onde ventilavam-se então as clausulas d'uma paz geral. Sommas consideraveis fôram emprestadas pela França para a consolidação do throno portuguez, como se prova pela correspondencia entre a rainha D. Luiza de Gusmão e o embaixador de França, cavalheiro de Jant. Vemos finalmente em 1660 por

---

(1) Visconde de Santarem, *Quadro Elementar das relações diplom. entre Port. e as principaes potencias da Europa*, tom. 4, Introd.

ordem de Luiz XIV, passar secretamente ao serviço de Portugal o marechal Frederico de Schomberg, á frente de seiscentos officiaes francezes; contribuindo poderosamente para as victorias d'Ameixial e Montes-Claros, que lavráram o auto da emancipação dos netos de Viriato, e renováram d'est'arte os prodigios d'Aljubarrota.

A influencia franceza dominava em Lisbôa contrabalançando a ingleza, e pareceu mesmo tê-la sobrepujado quando tratando-se de dar uma esposa ao joven rei D. Affonso VI recahiu a escolha sobre uma princeza d'aquella nação D. Maria Francisca Isabel de Saboia, filha do Duque de Nemours, espirito fino e energico, que tão grande parte tomou nos successos politicos da épocha.

Por seu lado a Inglaterra contraminava a influencia franceza, já celebrando o consorcio do seu rei Carlos II com a infanta D. Catharina, recebendo em dôte dois milhões de cruzados, além de Bombaim n'Asia, e de Tanger n'Africa, já determinando aos Estados-Geraes da Hollanda á firmarem a paz com Portugal, mediante a indemnisação de cinco milhões de cruzados, pagos em 16 annos, dos quaes coube ao Brazil contribuir com 120:000 cruzados. Fez outrosim retribuir a sua interferencia neste negocio alcançando o privilegio de poderem seus subditos estabelecerem-se na Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e mais dominios portuguezes nas *Indias occidentaes* até o numero de *quatro familias* com suas

casas de negocio ou feitorias, gozando das mesmas immunidades de que estavam de posse os naturaes (1).

Semelhantes concessões feriram a susceptibilidade da nação franceza, que forcejou por obter identicas, allegando os relevantes serviços que prestára a Portugal em épocha para elle bem calamitosa; e depois de muitas fadigas só ganhou a sua diplomacia que se expedissem ordens para que os navios francezes que demandassem os nossos portos recebessem nelles todo o acolhimento e protecção. Foi em virtude de uma tal graça que notou-se no fim do século XVII. grande numero de navios d'essa nação nas aguas territoriaes do Brazil, dando lugar ao conflicto aqui occorrido em 1696. A noticia de tal emergencia e mais que tudo o tratado de 16 de Março de 1703 muito conhecido na historia pelo nome do seu negociador (2), que outorgava as maiores isenções ao commercio britanico, com exclusão de todos os outros, indispoz consideravelmente os negociantes francezes contra Portugal e preparou assim a empreza dos armadores de Brest contra o Rio de Janeiro.

A' estas razões de interesse particular póde-se addicionar grande motivo politico: fallamos da guerra de successão á corôa hespanhóla.

---

(1) *Hist. Ger. do Braz.*, pelo snr. Varnhagen, tom. 2.
(2) Methuen.

Todos sabem como Luiz XIV, aceitando em favor de seu neto o duque d'Anjou, o testamento de D. Carlos II, exclamára perante a sua côrte: *Não ha mais Pyreneos!* (1) este dito do glorioso monarcha francez despertando os ciumes da Allemanha, Inglaterra e Hollanda provocou a longa guerra que encheu de amargura seus ultimos dias.

Portugal, que apenas acabava de reivindicar o seu lugar entre as nações da Europa, depois de ter celebrado com a França em 1701 uma liga offensiva e defensiva, bandeou-se em 1703 para o partido da Inglaterra e da Hollanda.

Sua alliança nesta guerra era ardentemente cobiçada; visto como o seu gladio faria pender a balança para qualquer dos lados em que se lançasse. A posição de potencia limitrophe, a coragem dos seus soldados, provada na guerra da independencia, não devêram ser desprezadas nas combinações politicas do tempo.

Anhelava o pequeno reino que se lhe offerecesse uma opportunidade para estender a esphéra de acção: desejava por sua parte invadir a Hespanha. « Por duas vezes, diz um eloquente historiador contemporaneo, fôram as lusas quinas vingar em Madrid a grande affronta que recebêram dos leões de

(1) A authenticidade d'este espirituoso dito é contestado com optimos fundamentos pelo snr. Ed. Fournier na sua excellente obra intitulada: *L'Esprit dans l'Histoire.*

Castella, quando por 60 annos fluctuou o seu pavilhão sobre as torres de Lisbôa. » (1)

E' claro pois que o governo francez, vendo em Portugal tão poderoso inimigo, longe de cohibir o procedimento dos seus armadores animava-os, e protegia-os; tomando mais tarde (em 1711) abertamente parte na empreza de apossar-se de uma das suas mais ricas e importantes colonias.

III

ATAQUE DA CIDADE — DERROTA DE DUCLERC

A opulencia da nossa cidade tinha-se tornado notoria na Europa. Sahiam annualmente do seu porto ricos carregamentos de oiro, diamantes e outras pedras preciosas com direcção ás praças de Lisbôa e Porto: e a tradição popular guarda lembrança da esplendida magnificencia dos antigos fluminenses. Apezar das constantes vexações que tinha soffrido, a pretexto de defende-lo, era o Rio de Janeiro mal guardado, pouco respeitadas as suas fortalezas (2) constando a sua guarnição de dois regimentos de

---

(1) Mignet, *Négociations relatives à la succession d'Espagne sous Louis XIV*, tom. 2.

(2) Eram tão fracas e insignificantes as fortalezas que houve ideia de fechar o porto com cadeias de ferro, que de modo algum poderiam resistir a artilheria.

infantaria (1) e duas companhias de artilhería de tropa de linha que de mais á mais se achavam incompletos. A essa força junctavam-se a *milicia* e *as ordenanças*, formadas de cidadãos armados e ignorantes da tactica militar. Commandava á essa pequena guarnição um chefe pusillanime, cuja reprehensivel conducta vamos apreciar.

Chegando aos ouvidos dos armadores de Brest a situação em que se achava a rica colonia fluminense enviáram contra ella uma expedição composta de cinco navios, uma balandra, e mil homens de desembarque, commandados pelo cavalleiro João Francisco Duclerc. Essas expedições enviadas por simples particulares e patrocinadas pelos governos eram mui communs então, como infelizmente ainda o são nos Estados-Unidos, e o mais é que merecêram a sancção do direito internacional (2).

Á 6 de Agosto de 1710 notáram os habitantes de Cabo Frio a passagem de algumas embarcações que navegavam para o sul, do que deram immediatamente parte para o Rio de Janeiro ao governador Francisco de Castro Moraes, que mandou guarnecer as fortalezas, chamando toda a milicia ás armas. Em breve conheceu-se que os habitantes de Cabo Frio não se haviam enganado; porque á 17 d'esse mesmo mez e anno apparecêram os navios francezes

---

(1) Os denominados *velho* e *novo*.

2) Vatel, *Droit des Gens*, tom. 2, livr. 3, chap. XV.

á vista da barra procurando força-la. Havendo-lhe feito signal a fortaleza de Santa Cruz para que fundeassem, assim o fizeram, seguindo a sua derrota para a Ilha-Grande no dia seguinte ao romper da aurora, depois de haverem aprisionado uma sumaca da Bahia, que nessa occasião entrava. Ancoráram a 27 na Ilha-Grande occupando-se em saquear algumas fazendas; e bombardeáram por dois dias a villa, causando-lhe apenas pequeno damno aos conventos do Carmo e Santo Antonio. Estava a defeza d'essa villa confiada unicamente ás *ordenanças*, mas soube o seu commandante, o capitão de infantaria João Gonçalves Vieira, arrostar ás intimações do poderoso inimigo, que alli perdeu alguns homens, os quaes recebêram das mãos dos moradores o premio das suas rapinas.

Resolvendo Duclerc atacar a cidade por terra desembarcou a sua gente na Guaratiba fazendo penosa marcha por caminhos pouco trilhados, afim d'evitar o encontro das tropas que o governador havia expedido contra elle. Nessa marcha em que, segundo o testemunho de Pizarro, fôram os francezes guiados por um preto, deram elles provas de grande constancia, ao passo que demostra a culpavel negligencia de Francisco de Castro, que com a maior facilidade poderia debellar o exercito invasor nos difficeis desfiladeiros por que tinha de passar. « Os destacamentos, diz o tenente Nunes, que mandou ao caminho por onde elles marchavam

mais serviram de testemunhar a sua jornada do que lh'a impedir; pois que em sete dias de marcha não se lhes disparou um tiro. » (1)

Expedindo da Guaratiba dois navios e a balandra para sondar a costa emquanto o grosso das forças seguia por terra desembarcáram alguns homens aguerridos na praia da *Copacabana* (2), onde encontrando vigorosa resistencia da parte das *ordenanças*, reforçadas por dois destacamentos dos regimentos de linha, e não lhes favorecendo a aspereza do terreno tiveram de retirar-se com alguma perda.

Chegando ao conhecimento do governador a noticia d'esse desembarque mandou logo tocar a rebate accudindo muitos voluntarios do reconcavo, aos quaes distribuíram-se armas para junctamente com as *milicias* da terra defenderem o boqueirão do Carioca (3) onde se conserváram até o dia 17 de Setembro.

Divulgando-se nesse dia que os Francezes, desembarcados na Guaratiba, caminhavam a marchas forçadas para a cidade mandou o governador postar toda a tropa de linha no *Campo do Rosario* (4) abrindo

---

(1) *Memoria do Descobrimento e Fundação do Rio de Janeiro*, pub. na *Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. Braz.*, tom. 1.

(2) Então chamada de *Secopenapan*.

(3) Dava-se este nome ao espaço comprehendido entre o chafariz e o mar.

(4) Onde se acha a igreja de N. S. do Rosario ou antiga Sé.

ahi uma trincheira cuja direita se apoiava no *morro da Conceição* e a esquerda no de *S. Antonio*. O bispo diocesano foi abençoar os defensores nesse improvisado campo, para onde havia affluido grande numero de pessoas de todas as classes, principalmente a dos estudantes. Um grave annalista nosso narra por essa occasião um facto, bem caracteristico das ideias do tempo; refiro-me *á pate te de capitão conferida pelo governador á S. Antonio que até então tinha praça e recebia o soldo de simples soldado!* (1)

No dia 18 chegáram os inimigos *ao Engenho Velho*, fazenda dos jesuitas, a quem causáram grandes prejuizos em gados, assucar e mais productos agricolas, e ahi pernoitáram. No dia seguinte ao amanhecer tomáram pela estrada do *Barro-Vermelho*, e observando a posição do exercito portuguez, que conservava-se impassivel no *Campo do Rozario*, chegáram pelas sete horas da manhan á *Lagoa da Sentinella* (2), em cujo lugar bastante molestou-os o capitão Bento do Amaral Gurgel com a sua companhia d'estudantes: contornando o *morro de S.ta Thereza* (3) pela azinhaga de *Matacavallos* (4) penetráram no coração da cidade. Suppondo o governador que to-

---

(1) Silva Lisboa, *Annaes do Rio de Janeiro*, tom. 5.

(2) Esta lagoa, hoje aterrada, achava-se collocada entre as ruas do Conde d'Eu e a do Areal.

(3) Nesse tempo denominado do Desterro.

(4) Actualmente rua do Riachuelo.

mavam este caminho para atacarem o forte da *Praia-Vermelha* (o que seria rematada loucura) mandou que o mestre de campo João de Paiva fosse em seu encalço. Perguntando este si devêra pelejar respondeu-lhe Francisco de Castro que *lhe mandava defender a fortaleza, e não obstante fizesse o que a occasião lhe permittisse* (1). Resposta digna de um chefe, cuja perspicacia igualava a coragem.

Na descida do *morro de S.ta Thereza* fôram os francezes investidos por duzentos paizanos armados, tendo por chefe a um religioso Trino por nome Fr. Francisco de Menezes, em cujo ataque tiveram os invasores grande numero de mortos e feridos. Affirma o tenente Nunes que Duclerc marchava á frente dos seus soldados sem outras armas mais que uma rodela e um bastão!

Apressando a sua entrada na cidade chegáram á igreja de *Nossa Senhora d'Ajuda* onde experimentáram vivissimo fogo *no forte de S. Sebastião* (2) continuando porém a sua marcha para a *Praça do Carmo* (3) pelo *ruas d'Ajuda e de S. José*. Procuráram subir a montanha n'um lugar chamado *Poço do Porteiro* afim de se apossarem do *Castello* domi-

---

(1) Monsenh. Pizarro, *Mem. Hist. do Rio de Janeiro*, tom. 1, cap. I.

(2) O Castello.

(3) Praça de D. Pedro II, tambem conhecida por largo do Paço.

nando d'alli toda a povoação; não conseguiram porém o seu intento pelo fogo d'artilhería que lhes era feito.

No seu transito *do Largo d'Ajuda para a Praça do Carmo* experimentáram grandes revezes, vendo-se feridos e mortos pelas continuas descargas de mosquetaria que recebiam das bocas das ruas. Desistindo do intento de tomarem o convento do Carmo que se achava bem guarnecido de tropas, fizeram alto na *rua Direita* diante do *trapiche da cidade* (1).

Defendia este importante posto o capitão do cavallaria Antonio Dutra, que portou-se com grande bizarria. Nesse ataque occorreu uma circumstancia que poderia ter funestas consequencias; fallamos do incendio ateado nos barris de polvora, que estavam armazenados n'alfandega, contigua ao palacio dos governadores (2), d'onde resultou a completa ruina d'aquelle edificio e a morte de tres estudantes.

Ao ruido da explosão destacou o governador seu irmão o benemerito mestre de campo Gregorio de Castro Moraes, com o seu terço, o qual fazendo juncção com os estudantes, que defendiam a entrada do palacio bateu-se com summo denodo até que cahiu traspassado por uma balla. Não diminuiu este

---

(1) Então chamado de Luiz da Mota.

(2) Este edificio onde actualmente funccionam o Correio e a Caixa d'Amortisação era conhecido por *Casa dos Contos.*

triste successo o valôr dos combatentes, que vingáram nos inimigos a morte do chefe.

Vendo-se Duclerc accommettido por forças muito superiores ás suas e havendo soffrido o desfalque de quatrocentos homens que juncavam com os seus corpos o campo da batalha, deliberou encerrar-se no trapiche, fazendo-se nelle fórte com a sua infantaria, o que levou á effeito depois de ter-se apossado de seis peças d'artilhería, que assestadas na praia causáram-lhe no principio grande damno. Um troço de cem homens, que tinham ficado de reserva, investindo desordenadamente pelas ruas da cidade, foi todo morto pelos moradores, apesar de pedirem a vida com vivos signaes de humildade ; já lançando-se por terra com os chapéos nas mãos, como diz Silva Lisbôa, já levantando-os e abaixando-os em testemunho da sua desventura. Devêra ser bem profundo o odio e a indignação que experimentáram os habitantes do Rio de Janeiro pela inqualificavel invasão franceza para que d'est'arte se esquecessem da sua proverbial hospitalidade.

Quando o governador que até então se conservára immovel no Campo do Rozario.

« *Qual de ferro fundido estatua equestre.* » (1)

soube que o chefe inimigo commettêra a temeridade

(1) *Napoleão em Waterloo* pelo snr. Magalhães. — *Susp. Poeticos.*

d'encerrar-se n'um trapiche, resolução que só parecia dictada pelo desespero da sua causa, pôz-se em marcha á frente das suas cohortes para a cidade, intimando a Duclerc que se rendesse a discrição do *seu vencedor!!*

Ouvindo porém o commandante francez o repique dos sinos, que festejavam a victoria dos Portuguezes, recusou-se obstinadamente entrar em qualquer negociação. Mandou então o governador buscar a artilhería da *Ilha das Cobras*, afim de constrangêl-o por este meio a depôr as armas sendo n'essa occasião morto o capitão de cavallaria Antonio Dutra da Silva, que quiz ser o primeiro a entrar no armazem. Por falta de transporte não era possivel que chegassem as peças com a brevidade desejada tomou então o expediente barbaro de fazer saltar o trapiche, mandando ahi collocar muitos barris de polvora, o que si fôsse levado a effeito não sómente causaria a morte de todos os Francezes alli sitiados, como ainda a de grande numero de moradores cujas casas ficavam proximas.

Digno é d'especial menção o patriotismo exaltado d'um fluminense, alféres d'*ordenanças*, que offereceu-se para lançar elle mesmo fôgo ao trapiche, não obstante residir na casa contigua com sua mãi, irmans, mulher e filhos! Admiramos, posto que não sympathisemos, com semelhantes acções, mais proprias dos fastos gregos e romanos, em que o amor da patria era anteposto ao da familia.

Receiando que o governador pozesse em pratica o *ultimatum* e para salvar a sua vida e a dos seus companheiros d'armas assentou Duclerc em capitular. Entregáram-se portanto prisioneiros seis centos e quarenta Francezes, entre elles duzentos feridos, sendo calculado o numero dos seus mortos em perto de quatrocentos. Da nossa parte tivemos apenas cincoenta mortos e oitenta feridos.

Foi conduzido Duclerc para o collegio dos Padres da Companhia com alguns officiaes em numero de treze, ou quatorze: sendo distribuidos os soldados, seguros por grilhões, pela casa da moéda, cadêa e conventos com sentinellas á vista, em quando se lhes não destinava apropriada prisão.

Segundo o testemunho de mons. Pizarro não escapou do exercito invasor senão o negro, que lhes servia de guia, o qual levou aos navios, surtos no porto da Ilha-Grande, a funesta noticia da completa derrota dos seus compatriotas.

Dois dias depois (á 21 de setembro) apparecêram á entrada da barra os navios francezes, que pareciam dispostos a bombardear a cidade, quando Duclerc escreveu a seu commandante pedindo-lhe que sustasse as hostilidades para não aggravar a sua triste sorte; assim como que lhes mandasse á terra alguns cirurgiões para curar os feridos, o que se fêz com o assentimento do governador.

O regosijo por tão assignalado triumpho manifestou-se por todas as fórmas, entoáram *Te-Deuns;*

fizeram-se procissões; e declarou-se o dia 19 de setembro, em que a igreja celebra o martyrio de S. Januario, festivo dos muros para dentro.

Mal informada a côrte do occorrido em tão longinqua colonia mandou louvar o governador pelo seu *valôr e tino* e agraciou-o com uma commenda, declarando el-rei D. João V que se dava por muito bem servido agradecendo por essa occasão aos briosos fluminenses que unicamente o mereciam (1).

---

(1) Julgamos aprazer aos leitores transcrevendo aqui duas provisões regias relativas ao facto supra mencionado, cujas provisões foram por nós copiadas do livro de registro dos governadores, no recolhido ao Archivo Publico da Corte. « Francisco de Castro Moraes : — Eu el-rei vos envio muito saudar. Vi a conta que me destes da forma com que assaltaram os francezes essa cidade e o glorioso successo que tiveram nossas armas com a morte de muitos inimigos e os prisioneiros, e a noticia que os officiaes da camara me deram do valor com que vos portastes no dito conflicto, e a singular disposição com que acodestes a toda a parte para salvar o nosso perigo : e pareceu-me agradecer-vos (como por esta agradeço) a honrada acção e valeroso animo com que defendestes essa praça, e o destroço que fizestes nos nossos inimigos, como tambem as singulares disposições com que vos houvestes para se conseguir um tão feliz successo com a perda total dos francezes, e para que as mais pessoas que se assignalaram nessa occasião possam ser premiadas, conforme o seu merecimento e qualidade : Vos ordeno Me mandeis uma relação d'ellas com toda a distincção. Escripta em

Monsenhor Pizarro e o conselheiro B. da Silva Lisbôa avaliam diversamente o procedimento do governador Francisco de Castro Moraes : para o primeiro foi elle um chefe inepto senão traidor, e para o segundo um leal servidor do Estado, posto que sem talentos militares, chegando mesmo a proferir em seu abono esta estranha proposição : « *Não está a gloria do general nos seus planos bem dirigidos contra o inimigo mas no bom successo das acções militares!* Cremos ter posto á toda a luz em nossa singela narrativa a incapacidade do homem a quem estavam entregues os destinos da nossa terra. Não finalisaremos este capitulo sem dizermos duas palavras ácerca da mysteriosa morte de Duclerc. Deixamo-lo

---

Lisboa a 10 de março de 1711. — André Lopes de Lavre. — Para o governador do Rio de Janeiro. »

Apesar do geral proposito em que se estava d'occultar a verdade parece que certas desconfianças penetraram no animo regio, quanto ao procedimento de alguns militares nimia negligentes, senão pusilanimes ; por quanto poucos dias antes dirigira ao mais culpado d'elles a seguinte provisão : « Francisco de Castro Moraes : — Eu el-rei vos envio muito saudar. Por ser informado que alguns cabos de guerra procederam na occasião que houve com os francezes d'essa cidade com frouxidão e fraqueza. Vos ordeno Me informeis com todo o segredo e individuação neste particular quaes foram para me ser presente esta noticia. Escripta em Lisboa a 7 de março de 1711. — André Lopes de Lavre. — Para o governador do Rio de Janeiro.»

no collegio dos jesuitas, onde demorou-se algum tempo havendo depois obtido do governador licença para residir na cidade em uma casa que para esse fim alugára. Ahi, na noite 18 de março de 1711, foi assassinado por dois sugeitos rebuçados sem que a semelhante crime se oppuzessem os soldados que o guardavam : nem diligencia alguma se fizesse para descobrir os malfeitores. Copiamos a sua certidão d'obito, extrahida por Pizarro dos assentos da freguezia da Sé :

« Em 18 de março ás sete para as oito horas da noite de 1711 annos matáram o general dos francezes que entráram á tomar esta terra : o qual matáram dois rebuçados que lhe entráram pela porta a dentro estando na cama, e dois ficáram guardando a porta da escada e tinha sentinellas para que não passeasse e não lhe valêram ; chamava-se João Francisco, que era o nome da pia, e o nome de guerra Moçu de Cré ; está enterrado na capella de S. Pedro na igreja de Nossa Senhora da Candellaria. »

As seguintes palavras de Pizarro que lhe servem de commentario parecem denotar a existencia d'um horrendo crime official. Eis como s'exprime o infatigavel author das Memorias Historicas do Rio de Janeiro :

« M.r Duclerc, pouco satisfeito do seu destino muito contrario aos projectos que formára, intentou conspirar contra o povo depois de passados alguns

mezes, e como se descobrisse a trama foi assassinado na noite 18 de março de 1711. »

Um illustre historiador inglez attribue a morte de Duclerc á desafronta por algum ciume que tivesse inspirado á alguem, que lançou mão d'um meio traiçoeiro para descartar-se do seu rival (1).

Sendo o governador Castro Moraes arguido por Duguay-Trouin de complicidade nesse assassinato assim procurou justificar-se :

« Quanto á morte de M.r Duclerc dei-lhe, á pedido seu, a melhor casa d'este paiz, onde foi morto. Não pude descobrir quem foi o matador por mais diligencias que se fizeram, tanto da minha parte como da justiça; e vos asseguro que si fôr encontrado o assassino ha de ser punido como merece. É pura verdade ter-se tudo passado segundo vos exponho (2). »

Não obstante a denegação cathegorica de Francisco de Castro cremos que não foi elle extranho a semelhante crime, commettido com flagrante violação de todo o direito inter-nacional. A presença de Duclerc o incommodava extraordinariamente e não sabia como desfazer-se d'elle. Já em data de 9 de novembro do anno anterior reclamára da côrte providencias a este respeito e antes que lhe chegasse

---

(1) Southey, *History of Brazil*, part. III, chap. XXXIII.
(2) *Mémoires de Duguay-Trouin*, page 185.

provisão regia, que transcrevemos em nota, era o commandante francez assassinado com circumstancias taes, que si o não constituem author d'esse attentado pelo menos accusam-no de complicidade (1).

---

(1) Eis o documento alludido, igualmente copiado do citado livro de registros.

« Francisco de Castro Moraes : — Eu el-rei vos envio muito saudar. Vendo o que me escrevestes em carta de 9 de novembro do anno passado do que determinaveis obrar com os prisioneiros francezes tomando o expediente de os mandares nas embarcações que sahissem para outros portos, assi por diminuir esta gente e ficardes com menos cuidado como tambem por não haver mantimentos com que se possam sustentar, escrevendo aos governadores os tenham seguros até minha ordem, representando-me que o cabo Mr. Duclerc e um religioso do Carmo que fôra por capellão dos francezes tinheis tenção de mandar para mais longe por serem estes dois sujeitos demasiadamente inquietos, e que não convinha tornarem para a França para não moverem o seu rei a outras facções semelhantes : Me pareceu dizer-vos que tendes obrado bem na expedição que tomastes de mandar estes prisioneiros francezes para os portos do Brazil, advertindo-vos porém que só o façais para a Bahia, porque não convem na cunjunctura presente passem para Pernambuco, a M. Duclerc e ao religioso do Carmo enviareis para a mesma praça em uma náo de guerra para que não dê occasião a que possam fugir, e ao governador da Bahia aviso o que ha de obrar neste particular. Escripta em Lisboa a 7 de março de 1711. — André Lopes de Lavre. — Para o governador do Rio de Janeiro. »

PARTE TERCEIRA

EXPEDIÇAO DE DUGUAY-TROUIN

I

VOLTA DOS FRANCEZES—BOMBARDEAMENTO DO RIO DE JANEIRO

O máo exito da invasão de Duclerc impressionou vivamente os animos francezes : pensáram que a honra nacional exigia prompta desforra; e seu espirito audaz e aventureiro inspirou-lhes a ideia de virem com forças superiores vingar a affronta recebida. Proseguia com encarniçamento a guerra de successão á corôa de Hespanha : as duas maiores potencias maritimas da Europa, a Inglaterra e a Hollanda, se haviam colligado contra a fortuna de Luiz XIV; e o astro do grande rei caminhava para o seu occaso. A marinha franceza, que com tanto esmero formára Colbert, soffria constantes revezes:

suas rivaes pareciam haver-lhe decretado completo aniquilamento, contra o qual porém protestava um valente corsario cujo nome tornou-se popular. Jean Bart é o symbolo da gloria maritima da França, assim como Bayard o é da sua gloria cavalheiresca. Duguay-Trouin, discipulo e emulo de Jean Bart, forneceu, como veremos, uma pagina brilhante para a historia de seu paiz e de opprobrio para o nosso. Elle proprio no-lo confessa em *suas Memorias* que a noticia da derrota do seu compatriota lhe inspirára o desejo de vir ao Rio de Janeiro lavar a nodoa do seu pavilhão, e colher vantagens pecuniarias, que animassem os armadores a emprehenderem outras expedições. Sabe-se que nessa épocha o thesouro d'el-rei christianissimo se achava em grandes apuros sendo-lhe summamente penoso o manter os exercitos, que pelejavam pelos direitos de seu neto : circumstancia esta que de certo teria impossibilitado a expedição projectada si Duguay-Trouin não se lembrasse de interessar nella os negociantes, dando-lhe assim um duplo caracter.

Munido do dinheiro preciso, que lhe foi fornecido pelas principaes casas de S. Malo dirigiu-se á Versailles, onde graças á intervenção de Coulange poude obter a efficacissima protecção do conde de Toulouse, filho legitimado do rei, e grande almirante de França, o qual proporcionou-lhe navios e tropas.

Apezar das precauções tomadas para que o armamento se fizesse com o maior segredo ignorando-se

o alvo da expedição foi todavia d'elle informada a côrte de Lisbôa, que expediu ordem ás capitanias maritimas do Brazil para que estivessem preparadas para qualquer aggressão. Conseguíram ainda os embaixadores de Portugal em Londres que a rainha Anna mandasse uma esquadra a Brest, d'onde se suppunha que partiria Duguay-Trouin, que illudindo a vigilancia dos cruzadores inglezes sahiu do porto de Rochelle á 9 de junho de 1711.

Compunha-se a esquadra de desesete vélas, no numero das quaes contavam-se cinco náos e oito fragatas e de dois mil e quinhentos homens de tropas de desembarque, ainda assim insufficientes para tomar uma cidade defendida por dez mil soldados, posto que infelizmente commandados por um pessimo chefe. As fortalezas, ainda que mal construidas, estavam bem guardadas, e formavam com os baluartes e trincheiras uma cintura de granito e de fôgo, que poderiam torna-las inexpugnaveis. Quatro náos e tres fragatas da frota que nesse tempo costumava comboiar os navios mercantes, que navegavam para os portos da metropole, constituiam outras tantas baterias fluctuantes, dispostas em linha de batalha desde Sancta Cruz até a Bôa-Viagem.

Avisado pelos moradores de Cabo-Frio da passagem de numerosa armada deu o governador ordem para que todos corressem aos postos; e por alguns dias apresentou o Rio de Janeiro aspecto de tal modo marcial, que sera capaz de incutir respeito aos mais

destemidos invasores. Semelhante aspecto porém contrariava os habitos pacificos do governador, que, conhecendo ter havido engano no aviso recebido, mandou desguarnecer as fortalezas da barra, cessando todas as cautelas que a prudencia aconselhava, á vista da communicação que se fizéra de Lisbôa e de que fôra portador um paquete de guerra inglez.

Quando o perigo parecia conjurado, quando já Francisco de Moraes era comprimentado pela energia e tino desenvolvidos, eis que a 12 de Setembro d'esse mesmo anno assoma a esquadra franceza por entre denso nevoeiro. Eram duas horas da tarde.

Posto que desguarnecidas rompêram as fortalezas e baterias vivissimo fôgo sobre o inimigo que nesse primeiro ataque teve perto de tresentos homens fóra de combate (1). Esta confissão do proprio almirante nos parece de grande peso, maximè mostrando-se elle tão ufano de sua felicidade em se apoderar da nossa terra; e querendo apresentar este facto como resultado da coragem e pericia dos seus e cobardia dos naturaes; e não sabemos em que se fundava Silva Lisbôa para dizer (2) que os *navios francezes passáram pelas nossas fortalezas sem que estas lhes dessem um só tiro!*

---

(1) *Mémoires de Duguay-Trouin*, page 167.
(2) *Annaes do Rio de Janeiro*, tom. V, cap. VI.

Verdade é que a resistencia foi de curta duração; pois que dentro d'uma hora fundeava a esquadra inimiga defronte da Ilha das Cobras, e as náos e fragatas portuguezas, commandadas por Gaspar da Costa, conhecido pelo *Maquinez*, vinham encalhar perto de terra buscando o abrigo das baterias. Nem ahi julgando-as seguras mandou-lhe o *Maquinez* lançar fôgo, do qual apenas escapou uma que os francezes puderam salvar. Assim desappareceu miseravelmente uma esquadra, victima da inepcia, ou da traição do seu chefe, onde tremulavam as lusas quinas, que haviam illustrado os heróes da India!

A unica fortaleza que poude receber soccorros de terra quando se devisáram as náos francezes foi a de Villegagnon, e essa mesma teve em breve de ficar silenciosa em razão do incendio que uma bomba occasionou no paiol da polvora, d'onde resultou a morte de dois capitães, um dos quaes era sobrinho do governador, e filho do mestre-de-campo Gregorio de Castro, que tanto se distinguira no anno anterior. A da Ilha das Cobras, foi abandonada por ordem de Francisco de Moraes, á pretexto de concentrar as forças, e occupada por quinhentos francezes commandados pelo cavalleiro de Goyon, que alli se fortificára, causando grande damno á cidade, e principalmente ao mosteiro de S. Bento: o qual todavia era defendido pelas baterias, que ahi fizera construir um normando por nome du Bocage, que se naturalisára portuguez, prestando relevantes servi-

ços nesta conjunctura contra os seus compatriotas, já dirigindo acertado fôgo sobre as suas embarcações, já obtendo por meio d'um engenhoso estratagêma o informar-se do estado das suas forças (1).

No segundo dia da chegada desembarcáram os inimigos na praia do Vallongo (2) em numero de tres mil e trezentos homens, sem encontrarem opposição alguma, collocando dois mil no morro de S. Diogo, apoderando-se da Ilha do Pina, onde estabelecêram uma bateria, postando quatro fragatas defronte do Saco do Alféres. O exercito invasor dividiu-se em tres brigadas, de tres batalhões cada uma, sendo a da vanguarda commandada pelo cavalleiro de Goyon, a da retaguarda pelo cavalleiro de Courserac e do centro pelo proprio Duguay-Trouin, tendo por ajudante-de-campo o cavalleiro

---

(1) Foi este o estratagema a que recorreu du Bocage, avó do celebre poeta portuguez do mesmo appellido. Chegando ao seu conhecimento que tres sentinellas francezas tinham sido aprisionadas teve a ideia de disfarçar-se em marinheiro d'essa nação e fazer-se conduzir por quatro soldados portuguezes a prisão em que se achavam as sobreditas sentinellas. Consentiu que o carregassem de ferros, e poude assim facilmente passar por marinheiro d'uma das fragatas de S. Malo, que extraviado cahira em poder do inimigo. Desprevenidos cahiram os francezes n'armadilha e referiram-lhe tudo o que sabiam relativamente ás disposições do ataque planeado por Duguay-Trouin.

(2) Actualmente denominado Caes da Imperatriz.

de Beauve. Para quartel general francez foi escolhido o palacio episcopal da Conceição.

Em quanto apoderava-se o inimigo dos pontos mais importantes da cidade conservava-se o governador impassivel no seu acampamento do Rozario, como na invasão de Duclerc, esperando talvez que os erros dos assaltantes lhe assegurassem a victoria como da vez passada. As circumstancias porém haviam mudado, e a colonia portugueza tinha agora de haver-se com um exercito aguerrido, debaixo das ordens d'um chefe habil e cheio de prestigio.

Admirados os francezes de tanta inacção quizeram cortar um posto do inimigo situado no morro sobranceiro á *Lagôa da Sentinella*; reconhecendo porém ser-lhes impossivel em razão dos mangues e pantanos que o cercavam. como se expressa o proprio Duguay-Trouin : « Appliquei toda a minha attenção em reconhecer o terreno, e achei-o tão impractivel que quando mesmo tivesse quinze mil homens ser-me-hia impossivel o impedir que esta gente se retirasse com as suas riquezas para os matos e montanhas. »

Todas as fortalezas tinham emudecido fluctuando sobre os seus muros o pavilhão dos lyrios, inclusive a de S. Sebastião, que capitulou á intimação d'Auberville, capitão de granadeiros da brigada Goyon. Perdêram então os defensores da praça toda a esperança de poder conserva-la, e pensando já em procurarem a salvação na fuga incendiáram uma náo

e duas fragatas ancoradas proximo ao morro de S. Bento; assim como varios armazens e trapiches da cidade.

O contagio porém da cobardia não contaminou á todos os corações : houve alguns briosos guerreiros que protestáram por sua conducta contra tanto aviltamento : distinguindo-se entre estes o capitão Bento do Amaral Gurgel Coitinho, que morreu valentemente combatendo em prol da patria no intempestivo soccorro levado á fortaleza de S. João. Cumpre todavia confessar, para vergonha nossa, que os actos de heroismo que assignaláram os vencedores de Duclerc fôram mui raros nesta segunda invasão : e só podemos explicar tal mudança, operada no periodo de um anno, n'applicação do engenhoso conceito de Camões :

« *Um fraco rei faz fraca a forte gente.* »

e nas distincções honorificas conferidas ao indigno governador, chefe pusillanime, pela influencia de seu tio, reitor do collegio de S. Antão e valido d'elrei, que deveriam profundamente desmoralisar os subordinados e produzir terrivel effeito no animo dos que ainda se gloriassem do antigo nome portuguez.

Desejando terminar a conquista com a maior presteza e receando-se dos funestos resultados que poderiam provir da perda de tempo, mandou Duguay-Trouin um tambôr como volatim ao governador en-

viando-lhe uma carta em que lhe intimava que entregasse a praça á mercê d'el-rei de França queixando-se do máo trato que haviam recebido os prisioneiros da passado expedição, ao que respondeu Francisco de Castro dizendo que *a defenderia até a ultima gota de seu sangue*, negando ter maltratado os prisioneiros francezes bem como ser complice da morte de Duclerc.

Semelhante resposta parecia fazer esperar que ia alfim despertar-se do seu somno lethargico e sahindo dos arraiaes forçar os francezes a procurarem asylo em seus navios e levarem ao seu paiz a triste nova da derrota.

Nada porém d'isto aconteceu. Reuniu-se com toda a solemnidade um conselho em que foi decidido ser mais conveniente abandonar-se a cidade. A tal alvitre oppuzéram-se o sargento-mór da colonia Domingos Henriques e varios officiaes requerendo-se em nome d'el-rei que se não abandonasse a praça : seus votos porém fôram supplantados pelos da cobarde maioria.

O governador, depois de haver ordenado que *ninguem sob pena de morte abandonasse o seu posto*, fugiu vergonhosamente com quasi toda a tropa de linha para a fazenda dos jesuitas conhecida pela denominação de *Engenho Novo*. Apenas conhecida a resolução de Francisco de Castro foi geral a fuga : começando o mestre de campo Balthazar de Abreu Cardoso por deixar desguarnecida a cadêa e a

marinha, que guardava com o seu terço de ordenanças.

Ao passo que taes acontecimentos se passavam na cidade, onde reinava a mais horrivel confusão, onde cada qual procurava salvar-se, ordenava Duguay-Trouin o bombardeamento. O fôgo de céo e o da terra pareciam conjurados para destruirem as habitações dos nossos avós : descrevia o relampago ellipses na abobada celeste em quanto as ballas e as granadas sulcavam o ar; repercutindo os échos da bahia em hyperbolica voz a horrisona orchestra. Aterrados fugiam os moradores em direcções oppostas; embrenhando-se uns pelas matas, occultando-se outros em grutas, e galgando alguns os pincaros dos montes. O marido procurava a mulher, a mãi o filho, o irmão á irman; morriam afogadas as crianças nas torrentes, ou transidas de frio pela copiosa chuva, que de suas cataractas despenhava o céo; envolvendo as trevas da noite com o seu véo de crepe este dantesco quadro, digno do pincel de Buonarotti.

Contava-se 20 de setembro do anno 1711, justamente anno e dia depois da derrota de Duclerc.

Ao amanhecer do dia 21 quando Duguay-Trouin preparava-se para dar um assalto geral appareceu-lhe la Salle, que fôra ajudante de campo de Duclerc, noticiando-lhe que a cidade estava deserta existindo apenas nella duzentos e tantos prisioneiros da pri-

meira expedição que havendo arrombado as portas dos carceres entregavam-se ao saque.

Tomando precauções que o caso pedia marchou o almirante para a cidade onde verificou por si mesmo a veracidade da informação do seu compatriota e teve de lamentar a scena de desolação que lhe apresentava uma povoação ainda ha pouco tão florescente. A mór parte dos moradores haviam deixado todas as preciosidades, em virtude do bando do governador para que *ninguem tirasse nada de suas casas, sob pena de ser tomado por perdido;* medida esta que parece dictada pela mais negra traição, facilitando ao inimigo rico despojo. De facto os prisioneiros apenas se viram soltos entráram pelas casas roubando tudo o que de melhor achavam, e taes excessos commettêram que o proprio Duguay-Trouin viu-se constrangido, para manter a disciplina e evitar o contagio de tão funesto exemplo, á manda-los encerrar no fórte de S. Bento. Queixa-se elle amargamente da tendencia para o roubo que tinham os seus soldados e marinheiros, tendencia que zombava de suas ordens repressivas, não achando outro meio para conte-los senão fazendo-os trabalhar constantemente. Leamos a sua confissão.

« Fiz postar sentinellas e collocar corpos de guarda em todos os lugares necessarios; ordenei que se fizessem rondas noite e dia com prohibição, sob pena de morte, aos soldados e marinhéiros de entrarem

na cidade. Não desprezei n'uma palavra nenhuma das precauções praticaveis : porém a paixão pelo saque sobrepujou ao temor do castigo. Os que compunham os corpos de guarda e as rondas fôram os primeiros em augmentar a desordem durante a noite; de sorte que no dia seguinte de manhan tres quartos dos armazens e casas se achavam arrombados, os vinhos derramados, os viveres, mercadorias e moveis espalhados pelo meio das ruas e pela lâma ; tudo emfim n'uma desordem e confusão inexprimiveis. Mandei sem remissão quebrar a cabeça de muitos, que estavam incursos no bando publicado ; porém não sendo sufficientes todos os castigos junctos para deter o seu furor, tomei o partido, para salvar alguma coisa, de fazer trabalhar as tropas desde manhan até á noite carregando para os armazens (para onde o senhor de Ricouart mandou escrivães e pessoas de confiança) todos os objectos que se podessem encontrar. » (1)

Em sua justa indignação pela inqualificavel aggressão de Duguay-Trouin envolvem os nossos historiadores todos os Francezes em suas censuras chamando-os na phrase de Tacito, *alienarum rerum cupidissimi*. Sejamos porém imparciaes, e reconheçamos que os attentados contra a propriedade, commettidos por uma soldadesca mercenaria, eram

---

(1) *Mémoires de Duguay-Trouin*, page 190.

altamente desapprovados pelo commandante da esquadra.

Contava assim a França mais uma cidade: pertencia-lhe o Rio de Janeiro *par le droit de conquête:* vejamos agora como foi resgatado volvendo ao dominio portuguez.

II

VERGONHOSA CAPITULAÇÃO

Estavam os Francezes no dia 22 de setembro definitivamente senhores da cidade e suas immediações havendo expedido alguns batalhões pela estrada de Catumby afim d'occuparem os postos que os resguardassem d'algum ataque dos Portuguezes, que de modo algum cogitavam em recuperar o que haviam perdido partindo o governador e seus asseclas, por mór segurança para Iguassú.

Senhor da nossa capital cuidou Duguay-Trouin, como elle proprio no-lo diz, *dos interesses dos armadores* e sendo-lhe impossivel conservar a praça em razão dos poucos viveres que n'ella encontrára, e da difficuldade de penetrar no interior do paiz para se abastecer d'elles; julgou que seria opportuno entrar em transacção com a gente da terra.

O saque importára em doze milhões liquidos, porque só no convento de S. Antonio acháram os in-

vasôres dois em oiro e prata, n'um sitio chamado *sumidouro*, que servia de caixa economica aos nossos maiores : não era porém esta somma sufficiente para contentar á avidêz dos estrangeiros. Passava a nossa patria por uma cidade immensamente rica ; fallava-se com emphase das fabulosas sommas que *os quintos* produziam para o erario da metropole ; assim pois entendeu o almirante que podia exigir pelo seu resgate uma consideravel quantia. Escreveu ao governador dizendo-lhe que si não apressasse em entrar em negociações com elle relativamente á entrega da colonia arraza-la-hia inteiramente.

Esta urgencia dos Francezes explica-se hoje facilmente pela declaração que nos faz seu chefe de que estava informado por alguns desertores que Antonio d'Albuquerque, ex-governador do Rio de Janeiro e então de Minas e S. Paulo, marchava para o litoral com forças consideraveis, que elle calculava em trez mil homens mas que os escriptores nacionaes elevam a nove, ou dez mil, os quaes apezar de serem de *milicias e ordenanças*, poderiam contudo arrancar-lhe o triumpho, que com tanta facilidade obtivéra.

Querendo dar uma prova de que estava disposto á levar a effeito a sua ameaça ordenou Duguay-Trouin que duas companhias de granadeiros fôssem queimar todas as casas de campo na circumferencia de meia legua : o que realizáram quasi sem opposição. Dizemos quasi porque foi nesta occasião que

teve lugar o unico feito brioso d'esta guerra a que acima alludimos, quando mencionámos a heroica morte do capitão Bento do Amaral Coitinho, cujas armas e cavallo fôram levados como trophéos ao almirante, que tece os maiores encomios ao seu denodo.

Não era menos urgente a precisão que sentia Castro Moraes de terminar este estado dubio. Convinha-lhe dar a fórma de capitulação ao seu cobarde abandono da cidade; justificar pelas leis da guerra actos de que a sua propria consciencia não lhe poderia absolver. Lançou pois mão com toda a solicitude do offerecimento que lhe fazia o padre Antonio Cordeiro, da Companhia de Jesus, que ficára no seu collegio, onde hospedára o almirante e mais officiaes para servir de medianeiro n'este negocio. Escolheu o juiz de fóra Luiz Fortes de Bustamante e o mestre de campo João de Paiva Souto Maior para *em nome do povo* convir nas condições da capitulação: conferindo-lhes os podêres necessarios para ajustarem o resgate da cidade por contribuição da fazenda publica e particular (1).

---

(1) Eis o termo da nomeação dos negociados textualmente copiado do livro I dos *termos, homenagens, e assentos*, existente no Archivo Publico.

« Em trinta de setembro de mil setecentos e onze, em o sitio de Engenho-Novo dos reverendos padres da Companhia do Collegio de Rio de Janeiro, onde se achava acam-

Entrando em conferencia os delegados de ambas as partes contractantes mostráram-se os francezes summamente exigentes e com toda a razão attenta a franqueza dos seus contrarios. Pediram doze milhões

---

pado o governador d'esta capitania Francisco de Castro Moraes ahi convocou as pessoas da nobreza e negocio que se achavam presentes as quaes propoz que o general d'armada d'el-rei de França que tinha entrado na cidade lhe havia feito presente a queimaria e ao paiz, si acaso os moradores d'ella a não quizessem resgatar, contribuindo com o preço que os deputados d'uma e d'outra parte concordassem, para a conclusão de cujo negocio cessariam por espaço de cinco dias as armas, pelo que era preciso que sobre esta materia accordassem o que convinha e declarassem si eram contentes que as pessoas que elle para esta conferencia com o inimigo havia nomeado era as que elles queriam para o mesmo effeito, e lhes dava um poder para em seus nomes e do de todo o mais povo tratarem d'esta capitulação ; o que visto e ouvido por elles disseram que approvavam pelo que lhes tocava as ditas pessoas, que eram o dr. juiz de fóra Luiz Fortes de Bustamante e o mestre de campo João de Paiva Souto Maior, aos quaes concediam os poderes necessarios para effeituar este resgate, assim da cidade, como das fazendas e do mais que lhes tocasse. E pelo que tocava a sua Magestade, que Deus guarde, e estava a cargo d'elle dito governador, lhes concedia os mesmos poderes. De que mandou fazer este termo que eu, Manuel Borges de Madureira escrevi, em ausencia do secretario d'este governo. — Francisco de Castro Moraes — Luiz Fortes de Bustamante — Manuel Pimenta Tello — João de Paiva Souto Maia — João Arcâs d'Aguerre — Manuel Corrêa — Chistovam Pereira de Abreu — Mathias Barbosa da Silva. — »

pela *soberania da terra*, *fortalezas*, *artilherias e cidade entrando os conventos e tudo o que lhes pertencia :* ao que respondêram os commissarios portuguezes que não era possivel dar mais de tresentos á quatrocentos mil cruzados que em tanto importavam os redditos dos quintos, moéda, alfandega e contractos como poderiam certificar-se pelos livros e inventarios, que estavam em seu poder. Não querendo annuir á essa reducção da quantia arbitrada deram os enviados Francezes por finda a conferencia promettendo que hia ser destruida a cidade (1).

---

(1) Para cabal contrecimento d'esta vergonhosa capitulação aqui deixamos trasladada que o dr. Fortes de Bustamante escreveu ao governador Castro Moraes :

« Meu Senhor. — Hoje entramos em conferencia com os nomeados pelo general Duguay e de manhã não se ajustou cousa alguma, por só gastar o tempo em disputar por parte d'elles o grande rendimento que el-rei aqui tinha em quintos, moeda, contracto das baleas, fisco e mais contractos, si acaso os ha, e que eu não sei, dissemo-lhes que tudo isto importaria, segundo nossa noticia, em trezentos mil cruzados, o que podia melhor certificar-se pelos livros e inventarios, que se achavam em seu mesmo poder, ao que não quizeram dar credito, e por fim de contas vieram esta tarde a pedir dois milhões pela soberania da terra, fortalezas, artilherias e cidade, entrando conventos e tudo o que lhes pertence. Respondi-lhes que si S. S. se não punham na razão, averiguando o que a terra podia dar de si, e conformando-se com a possibilidade d'ella, se rompesse a conferencia, porque a impossiveis ninguem era obrigado, e lhe demos a entender que o que poderia dar-se por tudo seria

Pela segunda vêz intentou Duguay-Trouin intimidar aos Portuguezes fazendo-lhes crêr que executaria o que era inteiramente contrario aos seus interesses; e que certamente não tinha a menor vontade de fazer. Tendo tido a cautela de occupar as alturas e os desfiladeiros mandou que varios corpos cercassem as nossas tropas, e contando com a cobardia do governador cahiu sobre o seu flanco; ficanco a vanguarda ás ordens do cavalleiro de Goyon ao alcance de meio tiro de fusil do nosso acampamento. Ainda desta vêz logrou o almirante o seu proposito: humilhou-se Francisco de Castro; enviou-lhe dois officiaes acompanhados d'um jesuita a representar-lhe a absoluta impossibilidade de contribuir com

---

tresentos até quatrocentos mil cruzados, e que avisavamos a VS. para determinar com a gente da governança o que com effeito se daria pelo sobredito resgate, e assignaram para isto vinte e quatro horas, dentro das quaes, ou mais cedo si for possivel, nos mandará VS. a resolução do que pode contribuir-se para vermos o que havemos de assentar. E' tambem necessario saber-se para o ajuste que a cidade está toda saqueada, e os moveis quebrados e maltratados e a fazenda que lhes pareceu recolhida em dez, ou doze armazens a qual dizem venderam, e quando o principal se ajuste virão mercadores a compra-la, si quizerem. »

A' vista de semelhante carta que com tanta lisura estabelecia o estado da questão convocou o governador o conselho dos *homens bons* da terra, e resolveu-se ahi que se poderia dar até dois milhões entrando nessa quantia as fazendas e mais bens que se achassem nas casas.

maior somma do que a promettida; podendo apenas concorrer com mais dez mil cruzados de sua fortuna particular, quinhentas caixas d'assucar e o gado necessario para o sustento da expedição; *e caso não fôsse recebida a sua proposição então o batesse como fôsse do seu agrado, arrasasse a cidade e o paiz, ou tomasse o partido que bem quizesse* (1). Devemos observar que a somma de quatro centos mil cruzados, offerecida da primeira entrevista para o resgate, fôra elevada depois á seiscentos, não conseguindo-se nem assim contentar os Francezes, que como vimos, rompêram as negociações, e recorrêram aos argumentos *ad terrorem.*

Recebendo este *ultimatum* do governador convocou o almirante os seus officiaes á conselho e alli decidiu-se unanimemente em aceitar a proposta; porque si quizesse levar o inimigo ao derradeiro apuro arriscar-se-hiam a perder a ultima esperança que lhe restava. Estipulou-se pois que a mencionada quantia seria paga dentro de um prazo de quinze dias, fornecendo-se aos francezes o gado de que precizassem, ficando dois officiaes como refens da observancia de taes condições. Como general prudente cuidou Duguay-Trouin d'assegurar a sua retirada na hypothese, por elle sempre temida, que

(1) Silva Lisboa, *Annaes do Rio de Janeiro*, tomo V, cap. VI.

Antonio d'Albuquerque não quizesse, á sua chegada, subscrever á clausulas tão aviltantes para a sua nação: ordenando que se reforçassem immediatamente todos os postos militares de defesa e as fortalezas, como as da Ilha das Cobras, Villegagnon e Santa Cruz para proteger a sahida dos seus navios.

No dia seguinte que se contava 11 de outubro, chegava de Minas, Antonio d'Albuquerque para ser mudo e impassivel testemunha da degradação dos seus compatriotas. Não contente de fazer uma morosa marcha quando as circumstancias reclamavam a maior velocidade, não protestou, como Camillo, contra o *vœ victis* do novo Brenno! Parece que o máo fado de Portugal escarnecia dos *Albuquerques terribeis e Castros fortes*, que symbolisavam a sua prisca gloria (1)!

---

(1) Eis a integra da capitulação registada no livro competente do Archivo Publico:

« Saibam quantos este publico instrumento dado e passado em publica forma do officio de mim tabellião virem que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de mil setecentos e onze nesta cidade do Rio de Janeiro, em pousadas do dr. Luiz Fortes de Bustamante, onde eu tabellião fui, sendo ahi por elle me foi apresentada uma resposta do snr. governador ás capitulações do snr. general francez, cujo teor é o seguinte:

« Que promette de pagar seiscentos mil cruzados, em doze ou quinze dias; e que por não sentir d'onde possa tirar mais contribuição d'este povo, offerece a S. S. cem caixas d'assucar, duzentos bois, e dez mil cruzados em dinheiro,

Realisando-se o ultimo pagamento no dia 4 de novembro foi entregue a cidade a seus primitivos possuidores guardando sempre os francezes as fortalezas que lhes permittiam o seu facil regresso. Só decidida cobardia poderia abandonar uma povoação de mais de vinte mil almas defendida por um respeitavel corpo de tropas, abrigada por fortes mura-

---

ficando com o sentimento de não se achar com mais para lhe offerecer, e o sobredito ajuste é pelo resgate da soberania da terra, cidade redonda, e suas fortalezas, com todas as artilherias a ellas pertencentes.

« Que a polvora se comprará aos senhores officiaes francezes.

« Que pela manhã irão os refens até satisfazer o dinheiro promettido.

« Que as mais condições se acommodarão com a intenção de S. S. para o embarque das tropas.

« Que para os mercadores enviará homens de negocio que tenham dinheiro para compra-las, ficando desde hoje em paz com os moradores do paiz, como com as embarcações que entrarem nelle.

« Campanha 10 de Outubro de 1711 annos. — Le Chevalier Duguay-Trouin — Vu pour nous Chevalier et Conseiller du Roy en ses Conseils, Inspecteur Général de la Marine et Conseiller au Parlement de Metz — De Ricouart — João de Paiva Souto Maior. O qual treslado de instrumento tresladei e fielmente de proprio a que me reporto, e corri, concertei, escrevi e assignei em publico e razo nesta cidade do Rio de Janeiro aos onze dias do mez de novembro de mil setecentos e onze annos. — João de Carvalho e Mattos. — Em testemunho de verdade. » —

lhas, bordadas de canhões á mercê de pouco mais de tres mil homens que depois de lhe haverem imposto as condições que lhes dictou o seu alvidrio se retiráram muito a seu salvo havendo-a possuido por quarenta e quatro dias!!

Ainda ficáram os francezes até o dia 13 do dito mez em que déram á véla demandando sua patria tendo-se conservado entre nós dous mezes e um dia. Sobre a sua conducta aqui durante o tempo decorrido entre a capitulação e a partida oiçamos o juizo d'uma testemunha ocular, que não póde ser averbada de suspeita. Manuel de Vasconcellos Velho n'uma carta escripta á seu amigo Domingo José da Silveira, assistente em Lisbôa, serve-se d'estas expressões:

« Em todo o tempo que aqui se detiveram depois das capitulações ajustadas nos tratamos como hermanos; fervêram os negocios, compras de navios e fazendas; e não podemos duvidar que o Cabo d'Armada M.r Duget é um famosissimo soldado; porque teve muito particular attenção a que se não bolisse em sagrado, de tal sorte que chegou a arcabuziar dezoito soldados seus por lhe serem achadas nas mãos cousas da Igreja. E da mesma sorte se teve grande respeito a algumas mulheres prisioneiras; havendo-se com muita piedade com os doentes e feridos, que ficáram nos hospitaes, e com muita lastima do estrago que se fêz nos moradores, *dizendo se queixassem do seu governador; pois, ou é que os podia defender ou não: se os podia defender para que fugiu?*

e si os não podia defender porque não capitulou? pois com lhe dar os gastos d'armada escusava de saltar francez em terra. Da mesma sorte se haviam os mais officiaes e gente mais luzida, que não ha duvida que era toda guerreira e experimentada (1).

Estas palavras confiadas á amizade acham-se em perfeito accordo com o que a tal respeito diz Duguay-Trouin em suas *Memorias*, já por nós tantas vezas citadas :

« Desde o primeiro dia da minha entrada na cidade tive grande cuidado de ajuntar todos os vasos sagrados, prata e ornamento das igrejas; fizéra-os guardar pelos nossos capellães em grandes cófres, punindo com a pena de morte a todos os nossos soldados e marinheiros, que tiveram a impiedade de profana-los, apoderando-se d'elles. Por occasião da minha partida confiei este deposito aos jesuitas como os unicos ecclesiasticos d'este paiz que achei dignos da minha confiança (2) : incumbi-os de entrega-los ao bispo do lugar. Devo fazer a estes padres a justiça de dizer que contribuiram elles muito para salvar esta florescente colonia, induzindo o governador a resgatar a cidade, sem o que eu têl-a-hia arrazado apezar da vinda d'Antonio d'Albuquerque com todos os seus negros. Esta perda que teria sido irrepara-

(1) Mons. Pizarro, *Mem. Hist. do Rio de Janeiro*, tomo I.

(2) Os jesuitas, que tinham-se sabido insinuar no animo do almirante francez.

vel para o rei de Portugal não seria d'utilidade alguma para a minha empreza. »

Assevera o Sr. Varnhagen que Duguay-Trouin deixára no Rio de Janeiro alguns negociantes e um consul de sua nação : cuja existencia é mencionada nas disposições preliminares da páz d'Utrech ; os chronistas porém guardam sobre estas circumstancias o mais completo silencio.

Acháram abrigo na esquadra franceza José Gomes, seus filhos e alguns outros christãos novos, que a inquisição destinava ás suas hecatombes e que devêram aos desastres porque acabava de passar a sua patria, o subtrahir-se ao cruel fanatismo de que era um dos agentes o bispo diocesano, D. Francisco de S. Jeronymo, que d'est'arte esquecia-se da sua missão de paz e de brandura.

Apenas se retiram os francezes o senado da camara dirigiu-se ao convento de S. Bento d'Iguassú onde se achava Antonio d'Albuquerque e instou com elle para que tomasse conta do governo da capitania, de que se mostrára tão indigno Francisco de Castro Moraes, fazendo ao mesmo tempo subir ao throno energica representação contra o seu proceder na melindrosa crise porque acabava de passar esta cidade. Albuquerque annuindo aos votos dos representantes do povo assumiu ás rédeas da governança não querendo porém prender o culpado governador, como d'elle se exigia, sem ordem expressa da côrte.

Esta ordem não se fez esperar. O alvará de 22 de

junho de 1712 ordenava ao chanceller da Relação da Bahia Francisco de Mello e Silva que immediatamente embarcasse para esta cidade a devassar sobre a sua criminosa entrega sendo-lhe mais tarde (a 27 de julho) commettido o julgamento dos réos d'alta traição.

Do minucioso exame a que procedeu a alçada ácerca do procedimento do governador Castro Moraes não resultou que fôsse elle traidor, como lhe encrepáram os seus inimigos, nem provou-se por fórma alguma que entretivesse relações com o inimigo. Sua inqualificavel cobardia deu motivo a suspeitar-se-lhe da lealdade, parecendo incrivel que tantos desatinos fôssem praticados de bôa fê (1).

---

(1) Dando conta das sentenças proferidas pela alçada assim se exprime Rocha Pitta :

« Juntos os ministros procedeu o chanceller em sua devassa do caso : não faltaram opiniões que tambem infamaram de traidor a Francisco de Castro, mas não havendo indicios para se lhe formar culpa de infidelidade, se lhe provaram faltas de valor e de disposição, que foram causa de não pelejar na defensa da praça e de a desamparar ; crime pelo qual foi sentenciado a degredo e prisão perpetua em uma fortaleza da India. Um mestre de campo, seu sobrinho, filho de Gregorio de Castro e Moraes, que succedera a seu pai no cargo e não no alento, foi privado do posto com degredo perpetuo. Um capitão da fortaleza de S. João, que por cobarde a entregára logo aos inimigos (delicto pelo qual andava ausente) enforcado em estatua. Aos outros presos se concedeu livramento, mostrando que não

A noticia da tomada do Rio de Janeiro pela esquadra franceza causou na Europa a maior sensação : ignorando-se ainda o resgate da cidade e a consequente retírada de Duguay-Trouin receou-se que o gabinete de Versailles se obstinasse em possuir a sua *França Antarctica* compensando-se d'est'arte dos ultimos revezes que acabava d'experimentar na guerra da successão hespanhóla. Os diplomatas portuguezes, reunidos em Utrech, para negociarem a paz geral chamáram sobre este ponto a attenção da Inglaterra e da Hollanda, que como pótencias maritimas eram interessadas em obstar os ambiciosos projectos de Luiz XIV sobre as colonias lusitanas : e constando então que Duguay-Trouin fizéra soffrer á Bahia a mesma sorte do Rio de Janeiro (1) chegáram a lembrar-se da conveniencia d'equipar-se uma armada luzo-anglo-hollandeza para recuperar os praças conquistadas pelas armas francezas. O re-

---

concorreram mais que na obediencia das ordens do seu governador foram dados por livres, e com estas sentenças se dissolveu o tribunal, mandado formar naquella cidade para castigar os complices da sua perda. » *(Hist. d'America Portug.* Liv. IX, § 94).

(1) E' certo que Duguay-Trouin teve o intento d'atacar a Bahia deixando porem de faze-lo receoso de que lhe faltassem viveres para o seu regresso a Europa, e quiçá da resistencia dos moradores, melhor commandados do que os do Rio de Janeiro.

rcio porém, diz Southey (1) de que em retribuição d'esse auxilio pedissem as potencias alliadas algumas vantagens para o seu commercio, que iriam ferir o monopolio que a metropole desejava conservar a todo o transe, fez abandonar a ideia; felizmente sem funestas consequencias para o futuro da sua importantissima colonia americana: e posto que tres annos mais tarde (em 1714) pretendessem alguns armadores francezes, auxiliados pelo seu governo, enviar uma nova expedição á Bahia, commandada por M.r de Cassar, que gosava de grande nomeada, não teve este projecto execução, sendo substituido por outros reputados mais lucrativos; devendo-se unicamente a esta circumstancia o ficar a capital do Brazil livre de tão grande calamidade.

III

EPILOGO

Ponhamos aqui termo á nossa descolorida narrativa e examinemos a questão si a expulsão dos francezes foi util, ou prejudicial ao Rio de Janeiro.

Afastando-nos da respeitavel opinião do nosso benemerito consocio, o sr. dr. Gonçalvez Dias (2) que

---

(1) *History of Brazil*, chap. XXXIII.

(2) Cuja prematura morte lamentam as letras patrias.

pretende *que a expulsão dos francezes levára comsigo muitas esperanças* (1) procuremos demonstrar o contrario, pensando que tanto esta como a dos hollandezes, fôram de summa vantagem para nossa patria e em geral para o Brazil; porque sem isso não seriamos hoje uma nação, que pela sua unidade de raça e de religião começa a pesar tão poderosamente na balança dos destinos politicos da America, e parece pela Providencia chamada a um glorioso futuro.

Reconhecemos fallando de Villegagnon que os francezes sabiam muito melhor do que os portuguezes captar a benevolencia dos indigenas : e que unicamente ás suas discordias civis e dissensões religiosas devemos attribuir o não se haverem estabelecido com mais permanencia na *terra de Guanabára.* Estamos porém convencido de que cedo, ou tarde, teriam de abandonar a sua colonia, ou vendendo-a como fizéram com a *Luiziania,* ou deixando-a perder como aconteceu com as suas feitoras *nas Indias Orientaes*, ou finalmente revolucionando-a como succedeu com *o Haity*. É um facto, reconhecido pelos seus proprios escriptores, que a nação franceza sabe conquistar com valôr, e talvez mesmo fazer-se estimar pelos povos conquistados; mas que falta-lhe o talento de conservar as suas possessões, ou em

(1) *Introd. aos Annaes de Berredo.*

resultado da natural inconstancia que a caracterisa, ou porque os seus naturaes tenham grande repugnancia de se afastarem do sólo natal.

Não é esta uma hypothese gratuita; pois que a historia traz o seu valioso testemunho em prol do nosso asserto. Durante os caliginosos reinados de Carlos IX e de Henrique III, durante o sanguinolente periodo da *liga*, como poderia a França attender ás necessidades da sua colonia d'além-mar quando seu proprio territorio na Europa se via ameaçado? quando sem a timidez do Tiberio do 16.º século, terlhe-hia a batalha de *S. Quintino* aberto as portas de Paris? Quem ha ahi que ignore quantos perigos correu a integridade franceza antes que as victorias d'Arques e d'Ivry servissem de preliminares á paz de Vervins?

Quando por feliz casualidade a nascente colonia guanabarense, entregue a seus fracos recursos, escapasse aos reiterados ataques da população portugueza que a rodeava, atravessando a violenta crise porque passava a sua metropole, poderemos acreditar que não fosse mais tarde presa dos hollandezes, ou dos inglezes, que arrebatáram aos successores de Dupléix, Bussy, e Suffren as ferteis regiões que possuiam n'Asia? O que lhe resta do seu dominio na America senão algumas pequenas ilhas espalhadas pelo mar das Antilhas e a pestifera Cayenna? Antes que a marinha militar surgisse ao toque da vara magica de Colbert a *França Antarctica* teria sido

riscada do catalogo das suas colonias. Modernamente vimos Argel, ligado a Paris pelos fios do telegrapho electrico, ser por muito tempo reputado como inutil senão prejudicial, servindo apenas de vasto campo de Marte á metropole onde adestrava as suas legiões para envia-las, como ainda ha pouco fez, ao *Bosphoro Cimmerio,* ou ao *Chersoneso Cimbrico.* « Os francezes, diz o douto Cantú, nunca mostráram fundando colonias, a paciencia tenaz e a constancia intrepida dos hespanhóes e dos hollandezes (1). »

Procede a opinião favoravel da contemplação dos abusos que praticáram os portuguezes em nossa terra. Longe de dissimula-los fizemos expressa menção d'elles quando apontamos as causas do vagaroso incremento do Rio de Janeiro, fadado pela sua posição geographica, a um rapido progresso. Sejamos porém justos, e confessemos á face do mundo, que da ignorancia mais do que da má vontade dos nossos maiores proveio o estado de atrazo em que o encontrou o sol do Ypiranga. Soffremos a applicação dos erroneos principios economicos que então predominavam : o colono era uma especie de servo de gleba para quem só haviam devêres e não direitos, uma força productora, destinada a abastecer os mercados da metropole. A ideia de chamar de algum modo á vida politica e civil a homens de outra raça,

---

(1) *Histoire Universelle*, tome VII, chap. XIII.

reputados como infieis, e por isso fóra das fronteiras da humanidade, era muito subtil para ser comprehendida e praticada pelos governos d'essa épocha. E note-se que então eram Portugal e a Hespanha as duas primeiras nações da Europa, que sustinham em suas possantes dextras os phanaes da civilisação.

Ácerca do systema colonial hespanhol e portuguez oiçamos o juizo que emitte o grande economista italiano Rossi :

« No ponto de vista economico fôram estas colonias submettidas ás regras do systema mercantil. Ainda a tal respeito as maximas dos governos hespanhol e portuguez eram as mesmas : com a unica differença de que o governo hespanhol applicava-as com mais escrupulosa severidade. A primeira d'essas maximas era a absoluta exclusão de todo o estrangeiro : ninguem podia entrar n'uma colonia hespanhóla e ainda menos ahi estabelecer-se se não fosse hespanhol. A importancia dos capitaes, a natureza dos talentos, o poder da industria eram para o estrangeiro outros tantos motivos para se vêr repellido d'essas inhospitas terras. Não havia mesmo igualdade de direitos para o hespanhol nascido nas colonias; tambem eram elles collocados em ordem inferior aos nascidos na Europa.

» As colonias não devêram produzir senão cousas cuja producção fosse necessaria á mãi patria; abstendo-se de tudo quanto esta lhe podesse vender. Ter-se-hia arrancado o cepo da vinha que o colono

plantasse e infligindo castigo a quem pretendesse naturalisar a oliveira. Assegurando-se assim d'um mercado sem concurrencia fixava a metropole as condições dos seus escambios com as colonias (1). »

Só muito tarde a Hollanda e a Inglaterra admittiram em suas possessões principios mais liberaes : devendo-lhes aquella a conservação de Sumatra, Borneo, Java e as Molucas, e esta o seu vasto imperio indostanico, e a fidelidade do Canadá, surdo ás instigações dos *yankees*.

A ordem natural das cousas exige que as colonias se destaquem das metropoles ; assim como os filhos deixam a casa paterna, quando emancipados. O Brazil teria de constituir-se uma nação independente ; teria no futuro de separar-se de qualquer nação que o houvesse colonisado ; resta a examinarmos si nos seria mais proveitoso o fraccionamento do territorio entre os francezes, hollandezes e portuguezes, ou si a união de todo o paiz debaixo d'uma só nacionalidade.

Não haverá um só brazileiro, verdadeiramente amigo do seu paiz, que desejasse ver quebrado *este magnifico vaso de porcellana*, na expressão de um moderno escriptor nosso (2); que não agradeça á

---

(1) *Cours d'Economie Politique*, tome II, leçon XIV.

(2) O visconde de S. Leopoldo nos seus *Annaes da Prov. de S. Pedro do Sul*, cap. XVI.

Providencia divina de ter-nos conservado essa integridade, base fundamental da nossa futura grandeza. Hollandezes no norte, portuguezes no centro, francezes no sul, seriamos fracos e desunidos; fallariamos tres linguas, teriamos talvez duas religiões: e o gigante dos tropicos, que quiçá deterá um dia no isthmo de Panamá a marcha invasora do audaz anglo-saxonio, fazendo recuar a aguia do Mississipi, seria olhado com desprezo, e nem se quer escutado nos conselhos da America.

A unidade religiosa e politica do Brazil foi obra de Deus e não dos homens; foi o céo que auxiliou os Vieiras, ao Vidaes, ao Camarões e aos Dias; foi elle que nos deu as victorias dos *Guararapes e Guaxenduba*, que subtrahiu o Rio de Janeiro das mãos de Villegagnon, Duclerc e Duguay-Trouin. A despeito dos erros gravissimos dos governantes o paiz crescia e prosperava; entregues a nós mesmos expulsamos do nosso sólo o estrangeiro todas as vezes que nelle se quiz estabelecer. Sem as fogueiras da inquisição guardamos a nossa fé religiosa: não respondemos ao appello de Minas e Pernambuco quando nos convidáram á trocar o sceptro e a corôa pelo barrete phrygio: e só fômos nação quando podemos ser imperio.

Gloriemo-nos da nossa origem: somos os herdeiros do Gama; fallamos a lingua de Camões; e vemos sentado em nosso throno um neto de D. Ma-

noel, o *Venturoso*. Somos uma raça vigorosa e intelligente; nascemos na terra da liberdade e fômos embalados com o hymno da independencia. Sebastianopolis não tem saudades d'Henri-Ville; o Rio de Janeiro não lamenta a *França Antarctica*.

III

BRAZIL HOLLANDEZ

BRAZIL HOLLANDEZ (1)

INTRODUCÇÃO

Não temos o proposito de escrever a historia da guerra brasilica dos trinta annos em que tantos engenhos se tem occupado, e que ainda ultimamente forneceu ao nosso prestimoso consocio o sr. F. A. de Varnhagen alguns dos mais interessantes capitulos da sua estimada *Historia Geral do Brazil* (2). Depois de fallarem os mestres só resta o respeito e admiração

(1) Publicado no tomo XXIII (anno de 1860) da *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*.

(2) O mesmo senhor, hoje condecorado com o titulo de visconde de Porto Seguro, publicou em Vienna (d'Austria) no anno de 1871 uma importantissima monographia denominada *Historia das Luctas dos Hollandezes no Brazil, desde* 1624-1654.

aos discipulos. Nada poderiamos accrescentar ao que se acha nas chronicas das testemunhas oculares, dos que escreveram na visinhança dos successos, e dos que interrogaram os archivos, compulsando ignotos documentos. Diverso é o nosso programma.

Tencionamos aventurar algumas reflexões ácerca da invasão hollandeza, das causas que para ella contribuiram; examinar o seu procedimento para com os naturaes do paiz nas diversas phases da occupação; estudando cuidadosamente a marcha dos acontecimentos para d'elles deduzir os bens e os males que essa poderosa nação do 17.º seculo causou-nos. Buscaremos a origem da opposição, ora manifesta, ora latente, que nunca deixou de existir contra o seu dominio; e apreciaremos o gráo de esplendor a que attingiu quando um homem eminente dirigia os destinos da colonia neerlandesa. Passaram pelo crysol da nossa critica os erros dos gabinetes de Madrid e de Lisboa; assim como os da *Companhia das Indias Occidentaes* e *dos Estados Geraes da Hollanda*, distribuindo o louvor, ou o vituperio, segundo dictar-nos a nossa consciencia de historiador.

Servir-nos-hemos dos dados fornecidos por amigos e inimigos, consultando as paginas do *Castrioto Lusitano* de Fr. Raphael de Jesus, do *Valeroso Lucideno* de Fr. Manoel Callado, da *Guerra Brazilica* de Brito Freire, assim como as *Acções do Conde Mauri-*

cio por Barleus; os *Novo Orbe* de Laet, os *Hollandezes no Brazil* de Netscher, e a *Historia do Brazil* de Roberto Southey.

Afastado das occurrencias por um lapso de duzentos e cinco annos pensamos poder assentar o nosso juizo com imparcialidade: Portuguezes, Hollandezes e colonos serão por nós citados perante o tribunal da historia, ouviremos seus depoimentos, asseguramos a todos o direito de defesa, e só promulgaremos a sentença quando firmada estiver nossa convicção.

O nosso trabalho é simples estudo: pedra que humilde alvanel trazemos para o obelisco que alça o Instituto; — ponto para a discussão, onde veremos talvez modificadas, senão completamente mudadas, as nossas idéias pela vigorosa dialectica dos illustrados membros que nos honrarem com uma refutação.

Em quatro partes dividiremos este bosquejo, a que denominamos *Brazil Hollandez*, assim como anteriormente appellidamos outro de *França Antarctica*, não por falta de patriotismo, mas por querermos estudar debaixo dos titulos que os estrangeiros deram a nossa terra, sua influencia sobre ella, e si deveremos lamentar que mallogradas fossem semelhantes tentativas. Na primeira parte analysaremos abreviadamente o estado do paiz na occasião em que os audazes navegadores que haviam supplantado os leões de Castella o invadiram, e assistiremos a

fundação do seu imperio americano; na segunda contemplaremos o agradavel espectaculo d'um povo regido por sabias leis, e governado por um grande homem; e na terceira indagaremos as razões que trouxeram a sua decadencia, e na quarta veremos a ruina e a completa perda da colonia.

Tal é o grosseiro esbôço para o qual imploramos a indulgencia do Instituto.

I

FUNDAÇÃO

Por largos annos foi o *achado do Brazil* (1) esquecido pelos Portuguezes, cujas vistas se volviam para o Oriente, vasto theatro de suas glorias; ameaçou-o D. João III com o feudalismo dividindo-o em 1532 em capitanias hereditarias, que os naufragios e as guerras dos indios felizmente nullificaram. Podemos dizer com verdade que só em 1549 começa com Thomé de Sousa um governo regular, arcando com mil difficuldades e mal favorecido pela metropole. Pessimamente dirigida a emigração, além d'improficua era funesta; e maravilha-nos como da escoria da população portugueza, de malfeitores arrancados aos carceres, podessem pela dupla acção da religião e do clima, transmutarem-se os costumes e formar-

---

(1) Na phrase de S. Rita Durão, que no seu poema *Caramurú* assim se exprime:

« E quando tanta fé seus termos sonde
« Outro mundo *acharás* se outro se esconde. »

(Canto I, Est. 49ª.)

se um povo morigerado e pacifico, como era o do Brazil colonial (1).

Fundando-se na bulla d'Alexandre VI (2) e na convenção de Tordesillas (3) sustentava Portugal seus direitos sobre o immenso territorio abrangido pelos dous oceanicos rios o Prata e o Amazonas, que lhe contestava a Hespanha, firmada na prioridade dos descobrimentos de Hojeda e de Pinzon (4). Corsarios normandos, descendentes d'aquelles que haviam inspirado terror a Carlos Magno, coalhavam nossos mares, abrigavam-se em nossas enseadas, e procuravam a alliança dos nossos selvagens, em damno dos Portuguezes; Villegagnon estabelecia-se no Rio de Janeiro, Riffault no Maranhão, em quanto Cavendish e Lancaster saqueavam S. Vicente e o Recife, espalhando o terror entre as immensas povoações da costa.

---

(1) Como já dissemos noutro lugar acham-se actualmente modificadas as nossas ideias a tal respeito.

(2) De 1493, acerca da qual dizia espirituosamente el-rei de França Francisco I que desejava que o Sancto Padre lhe mostrasse o testamento d'Adão que repartia pelos dois reis da peninsula iberica as terras ainda por descobrir, e as recentemente descobertas.

(3) Datada de 7 de junho de 1494 que regulava os meios practicos de dar a execução a famosa bulla d'Alexandre VI.

(4) Alonso Hojeda avistou a embocadura do rio Apody em junho de 1499 e Vicente Yanes Pinzon o cabo de S. Agostinho, por elle chamado *Rostro Hermoso*, ou de la *Consolacion*, no mez de janeiro do anno de 1500.

Exhausto o reino pelas expedições d'além mar, pelas continuas guerras de Asia e Africa não podia soccorrer a longinqua colonia americana : o espirito bellicoso da juventude levava algures o vigor do seu braço e os politicos mal agouravam das futuras vantagens que se colheriam do descobrimento de Cabral. Errado era o seu calculo, como demonstrou-o a experiencia.

Grande transformação politica operava-se no entanto em Portugal; o sudario da gloria dos Castros, Albuquerques e Gamas envolvera o cadaver da realesa nos campos d'Alcacer-Kibir : e o feroz duque d'Alba obrigara ás côrtes de Thomar a deferirem o sceptro affonsino ao suspeitoso filho de Carlos V. Pelo direito da força e a legitimidade d'astucia reinava D. Philippe II desde 1580 sobre Portugal, e suas conquistas, e como um satellite seguia o Brazil a metropole.

O fanatismo de D. Philippe II querendo introduzir nos Paizes-Baixos o sanguinario Tribunal, a que Torquemada prestou o lugubre prestigio de seu nome, exasperou os flamengos e deu-lhes o sceptro dos mares quando só procuravam uma patria.

« A historia do mundo, diz F. Ancillon, apresenta poucos espectaculos mais magestosos do que o da revolução que destacou sete provincias da monarchia hespanhola, que creou na Europa nova potencia, mudou todas as relações da politica e do commercio, forçou o possuidor das minas do Novo-

Mundo á vergonhosa banca-rota. Um povo de pescadores e pastores desterrado nos pantanos, em que disputa a sua existencia á natureza, que por longa série d'annos resiste á primeira potencia da Europa escolhe no meio das tempestades novo governo, com uma mão combate os hespanhóes, e com a outra repelle de suas plagas o mar que as ameaça e fertilisa por um trabalho tenaz o sólo que conquistara ao oceano, cidades florescentes e populosas erguendo-se no seio das aguas, rivalisando em industria, audacia e opulencia com as primeiras nações commerciantes, um estado que ao tempo em que é ainda problematica a sua existencia na Europa, cobre o mar de victoriosas frotas, ataca nas duas Indias a base do poder dos seus inimigos, e quando a Hespanha só os contempla como vassallos rebeldes, adquire subditos e provincias inteiras, com um terreno apenas sufficiente para a sua subsistencia torna-se fornecedor geral da Europa, attingindo rapidamente á uma prosperidade cujas causas são tão notaveis como os effeitos, dá a todos os outros estados uteis lições e grandes exemplos, tal phenomeno é sem contradicção surprehendedor, e proprio para excitar o pasmo e admiração do mundo (1). »

Á hostilidade pois entre a Hollanda e a Hespa-

---

(1) *Tableau des Révolutions du Système politique de l'Europe*, tom. II, chap. XXIII.

nha deve-se só attribuir a invasão do Brazil, cujo estado de fraqueza não era mysterio para ninguem. Examinemos a série de suas tentativas antes de occuparmo-nos com o seu definitivo estabelecimento.

Posto que se possam datar 1580 as primeiras relações dos hollandezes com a America Meridional, não tinham ellas grande importancia, nem passavam, na phrase de Netscher, *d'um pequeno commercio de cabotagem* (1); bem como infructiferos foram os esforços das companhias que em 1597 formaram-se em Amsterdam para explorar as regiões ainda pouco conhecidas do novo continente. A' Oliveiro Van Noard cabe portanto a gloria de ter, primeiro que qualquer outro compatriota seu, visitado as costas do Brazil na sua viagem ao redor do mundo, emprehendida em 1598, desembarcando no Rio de Janeiro onde fôra mal acolhido pelos habitantes. Na seguinte anno sahia uma grande armada de setenta navios ao mando de Pieter van der Doos com o proposito d'apossar-se d'alguma importante colonia hespanhola, cuja armada desviando-se do seu alvo por motivos que são alheios ao nosso assumpto, apoderou-se da ilha de S. Thomé; e fez algumas presas em navios que navegavam para o Brazil. Com o grande tino maritimo, que então for-

(1) *Les Hollandais au Brésil*, 1re partie.

mava toda a sua gloria, pretenderam os hollandezes fundar algum estabelecimento nas margens do Amazonas, lançando os alicerces de dous fortes (o de Nassau e do Orange) afim de dominarem o commercio do grande rio. Póde-se ver na erudicta memoria sobre o Oyapock do nosso sabio consocio o Sr. Dr. J. C. da Silva, qual a sorte d'esses fortes e a que se devem a expulsão dos estrangeiros dos sitios marcados pela Providencia como naturaes limites da Terra de Santa-Cruz (1).

A *tregoa de doze annos* celebrada com a Hespanha pelos *Estados-Geraes* em 1609, ainda que muito mal observada nas colonias, veio afrouxar o animo emprehendedor dos negociantes hollandezes, e por algum tempo cessaram de organisarem-se novas companhias com o fim identico ás das *Indias Orientaes*, que então gozava de grandes favores, percebendo não pequenos lucros. Apenas porém expirado o praso (em 1621), eis que surge a *Companhia das Indias Occidentaes* altamente protegida pelos poderes politicos, e dispondo de grossos cabedaes.

Nos conselhos da Companhia pareceu o Brazil o mais vulneravel ponto da vasta monarchia hespanhola; não só pela longitude como muito principal-

---

(1) Esta memoria lida na Sociedade Geographica de Paris, e inserta no seu *Bulletin* foi mais tarde ampliada constituindo a monumental obra intitulada *L'Oyapoc et l'Amazone, Question brésilienne et française*, Paris, 1861, 2 vol.

mente por haver pertencido a Portugal, comparticipando por isso dos despresos da commum metropole. Approvado pelos *Estados-Geraes* e pelo *Stathouder*, foi posto o projecto em execução, e pelos fins do anno de 1623 e começos do de 1624 vemos partir dos portos de Texel, Meusa e Gorêa uma poderosa armada ás ordens do almirante Jacob Willeckens.

Os longos preparativos de tão grande expedição não podiam ser secretos: não era possivel que ignorasse o gabinete de Madrid o seu destino, e no entanto quaes foram as providencias que deu para defender a capital do Brazil que a voz publica indigitava como o alvo da invasão? — Inqualificavel deleixo servia de norma politica aos nossos dominadores, de quem, com toda a razão se queixa o illustre autor d'*America Portugueza*, lançando-lhes a culpa dos nossos revezes (1).

---

(1) « Tanto apparato de prevenções (posto que se dispunha de varios pretextos para se lhe encobrir os fins) não poude ser tão occulto que o não publicasse a grandeza d'elle, e o mesmo segredo com que se obrava; sendo muitas vezes a minima cautela o maior pregão das suas acções, inferindo-se d'ella mais do que se dispunha nas emprezas. Por esta causa davam as suas preparações cuidado á muitas partes da Europa, menos a Hespanha, que, empregada nos agrados occultos do novo principe, gastára o tempo em faustos, festejos, galas e outros divertimentos de palacio e côrte, sem attenção á defensa das conquistas, que tinha deixado sujeitas aos golpes dos seus inimigos, tanto mais ambiciosos quanto mais indomaveis. » (Livro IV. n.º 4, pag. 210.)

E na realidade o que poderia fazer Diogo de Mendonça Furtado, que então governava a Bahia e que grandes creditos de bom capitão grangeára na India? N'uma cidade, a que apenas presidiavam oitenta homens de tropas regulares, não era possivel a resistencia; mas não se lhe póde inculpar de negligente á vista dos preparativos que fez para receber o inimigo, referidas por varios chronistas (1).

A gente que apressadamente reunira o governador Mendonça inesperta e desafeita ao maneja das armas, não podia-lhe ser de grande auxilio no momento do ataque; e ainda assim faltou-lhe este fraco recurso, porque começando a espalhar-se que os hollandezes

---

(1) Na *Annua da Provincia do Brazil* mandada ao geral da Companhia de Jesus em data de 30 de setembro de 1626, diz uma testemunha presencial (o padre Antonio Vieira):

« Tanto que o sol rahiu em dez de maio, julgando os hollandezes da muita quietação da cidade estar sem defensores, deliberam-se a entrar, e entram, não sem receio d'algumas ciladas; mas a cidade, ou para melhor dizer o deserto, lhes deu entrada franca e segura, indo logo tomar posse das casas reaes — onde estava o governador desemparado de todos, e acompanhado de um filho e tres, ou quatro homens. — Presos estes, e postos á recado n'almiranta, correm todos os despojos que tanto á mãos lavadas lhes offereciam liberalmente ás casas com as portas abertas, tudo roubam, a nada perdoam, empregam-se no ouro, prata e cousas de mais preço, despedaçando o mais, o deitam pelas ruas como a quem custára tão pouco.»

não tencionavam acommetter a cidade, e sim prear as embarcações de commercio, o contagio da deserção lavrou nas fileiras dos bahianos, aos quaes os rigores da disciplina militar, o desemparo de suas casas, a fome que lhes estendia as garras, e mais que tudo a indifferença pela mudança de jugo, lhes arrefeceu os brios. Não se pouparam motejos e censuras ao governador pela sua insistencia na defensão da cidade, e o proprio bispo D. Marcos Teixeira, que mais tarde cobriu-se de gloria, trocando o baculo pela espada, não sendo dos ultimos a oppor-se a Mendonça, com quem talvez vivesse malquistado. Seu proceder em tão criticas conjuncturas attrahiu-lhe o severo juizo d'um grave chronista (1).

Não pertencemos á escola que julga do merecimento dos homens pelo resultado mais, ou menos prospero que remata seus esforços; assim pois afastamo-nos dos que condemnam a Diogo de Mendonça Furtado pela perda da Bahia. O sentimento porém do Sr. Varnhagen, para nós de muito peso, fez-nos

---

(1) « Não teve pequena parte nesta desordem reprovar publicamente o bispo D. Marcos Teixeira nas conversações e no pulpito, mandarem deter as ordenanças em a cidade. Entre muitas virtudes e letras, pelas consolações ordinarias dos postos superiores, lhe faltou só abster-se de censurar as acções do governador para fazer a elle mesmo plausivel e a si mal agradavel, aos olhos do povo.»

(Brito Freire, *Nova Lusitania*, *Guerra Brazilica*, livro XI, § 120.)

um pouco vacilar ácerca do proceder de Mendonça no assalto que deram os hollandezes á Bahia no dia 9 de maio de 1624, obrigando-nos a estudar com cuidado este ponto.

Diz o nosso distincto consocio « O governador, mettido em seu palacio com algumas autoridades, ahi se deixou prender, sem que mediassem condições algumas de capitulação, segundo alcançam nossas averiguações, e segundo é mui natural, quando o governador já então não podia apresentar resistencia alguma » (1).

Surprehendeu-nos realmente a primeira parte desta proposição; pois que, além do consenso unanime dos chronistas nacionaes a que consultamos, relativamente á bravura de Mendonça e a sua corajosa resistencia, deparamos com o *verdicto* que sobre elle pronunciaram os proprios inimigos. Laet, e Netscher rendem homenagem a esta qualidade que lhe contesta o Sr. Varnhagen (2).

Quanto á segunda parte estamos perfeitamente de accordo com o illustrado historiador, porque bem loucos seriam os hollandezes se quizessem entrar em negociações na superioridade em que se achavam.

---

(1) *Historia Geral do Brazil,* tomo I, sec. XXVII.

(2) Fallando da resistencia do governador a qualifica lucta de sentimento d'orgulho irreflectido, que nenhuma vantagem procurava ao seu soberano.

Referem-nos escriptores contemporaneos que a tomada da Bahia causara profunda sensação em Madrid, e que D. Philippe IV ordenára á seu poderoso ministro o conde-duque d'Olivares enviasse com toda a promptidão forças respeitaveis afim de restaura-la. Como conciliar a anterior apathia com a subsequente actividade? Vejamos se atinamos com a causa.

A perda da Bahia presagiando a de todo o Brazil fora profundamente sentida pelos portuguezes, e o conselho d'estado d'este reino, residente em Madrid, não deixou escapar a occasião para apresentar suas queixas pelo desmaselo com que eram tractados os seus negocios, com manifesta violação das clausulas estipuladas pelas cortes de Lisboa no tempo de D. Philippe II. Tantas já eram as causas de descontentamento, tanto odio se votavam reciprocamente hespanhoes e portuguezes, que el-rei julgou acertado não cerrar os ouvidos ás representações que se lhe faziam, intimando ao conde-duque attendesse ás cousas do Brazil. Talvez que tambem influisse em seu animo a noticia que então corria de que os inglezes iam fazer juncção com os hollandezes, indigitando-se o eleitor palatino como futuro rei d'esta região (1).

---

(1) Eis como se exprime o illustre historiador inglez Roberto Southey :

« Grande alvoroto causaram em Madrid as novas da perda da Bahia. A corte, que, advertida do golpe, nada fizera para evita-lo, percebeu-lhe depois de recebido, in-

Quando mesmo se resolvesse a Hespanha a sacrificar ao seu repouso as antigas colonias portuguezas, não deixaria com tudo de molesta-la a visinhança das duas primeiras nações maritimas da epocha nas suas possessões americanas d'onde lhe vinham os thesouros.

Na natureza das providencias tomadas para a restauração da Bahia e no enthusiasmo que despertou a expedição na fidalguia portugueza a todas as classes da população portugueza achamos assumpto para algumas reflexões.

O caracter de D. Philippe IV e a physionomia das ideias religiosas do tempo se acha todo nessas preces, nessas novenas, nessas procissões e exposições do Santissimo Sacramento, nesses jejuns ordenados para applacar a ira divina que se julgava haver attrahido. Era uma penitencia digna de David, pena é que a reincidencia no peccado se ocultasse debaixo de alguma restricção mental (1).

O ardor com que a fidalguia portugueza corria ás armas, os avultados e voluntarios donativos que de

---

quietando-se provavelmente ainda mais com dizer-se que os inglezes iam unir suas forças ás hollandezas e fazer rei do Brazil o eleitor palatino. »

(*Hist. do Brazil*, traduzida em port. pelo snr. dr. L. J. d'O. e Castro, tomo I, cap. XIV).

(1) Brito Freire, *Nova Lusitania*, *Guerra Brazilica*, livr. IV, § 170.

toda par e se faziam demonstravam exuberantemente que o espirito publico não estava extincto como suppunham os politicos madrilenos, antes pelo contrario parecia correr pelas veias da nação novo sangue, e agitar-se em sua alma grandes e generosos pensamentos. Fazia-se já ouvir o ruido longinquo da revolução de 1640.

Não nos maravilha a presteza com que D. Fadrique de Toledo se apoderou da Bahia, pouco deveram realçar a sua fronte os louros de tão facil victoria, e fraco juizo formariamos dos seus conhecimentos militares se não lhe sobejassem outros titulos. Commandava a mais lustrosa armada que jamais sahira dos portos de Portugal e Hespanha, em que se embarcára uma mocidade ardente de gloria que fatigada de longa inacção, almejava por innovar n'America os prodigios de Malaca e d'Ormuz. A' tão respeitaveis forças, animadas por bellicoso animo, oppuzeram os hollandezes apenas dois mil soldados, não comprehendendo-se nesse numero os portuguezes e escravos que forçados militavam em suas fileiras ; a anarchia que lavrava dentro dos muros da cidade e a falta de prestigio do governador Kyf, elevado ao poder por uma sedição, peiorava-lhes as circumstancias tornando quasi que impossivel a defeza da praça. Outros seriam os tropheos de Toledo si a esquadra hollandeza, ao mando de Hendreskszon surgisse em face da Bahia algumas semanas antes da sua capitulação : cremos piamente que de seu lado ficaria o

triumpho, attenta a superioridade de forças e a bravura dos guerreiros, mas ser-lhe-hia este disputado com mais bizarria e tenacidade. Sem recusar ao almirante hespanhol os devidos encomos considera Netscher a rendição da cidade como obra da discordia dos sitiados (1).

Como que fatigado por tão grande apparato bellico volveu a Hespanha ao seu somno lethargico : esqueceu-se do Brazil a ponto que quasi indefeza encontrou a cidade de S. Salvador o almirante Piet Heyn quando no dia 1.º de março de 1627, entrou pelo seu porto, aprisionou grande numero de embarcações, queimou outras, e regressou á patria com riquissimo despojo. Ao denodo do governador Diogo Luiz de Oliveira, ou talvez ás instrucções de Piet Heyn, deveu a Bahia não cahir de novo em poder dos hollandezes.

Contrastava a obstinação flamenga com a infundada segurança castelhana : não perdia de vistas a nossa terra a Companhia Occidental das Indias, e lançando olhos sobre a carta geographica pensou que Pernambuco seria preferivel á capital do Brazil para novo ataque, não só por estar mais desprevenido, como porque não haviam ahi compromettidos que lhes fossem hostis.

Ignoraria a côrte de Madrid que se preparava ou-

---

(1) *Les Hollandais au Brésil*, 2ª partie.

tra poderosa expedição contra o Brazil? Não por certo : as participações da infanta D. Isabel, as revelações dos judeus que serviam com zelo á ambas parcialidades, o esquipamento de numerosos navios, as conversas intimas dos accionistas que contavam com lucros fabulosos, tudo serviria para acordar a quem não tivesse tanto empenho em dormir.

Si, como muito bem observa o sr. Varnhagen, se deliberasse o conde-duque á enviar ao Brazil um reforço de dous mil homens, talvez que se mallograsse a invasão hollandeza (1). Não dissmulando a sua aversão aos Portuguezes, cujo amor á independencia bastante o torturava, despresou avisos e admoestações, contentando-se em ordenar a Mathias de Albuquerque, que então se achava em Madrid, que voltasse para Pernambuco á frente de 27 soldados!! (2).

Acertada era a escolha de Mathias de Albuquerque não só pelo seu valor pessoal, como pela circumstancia de possuir grandes cabedaes na capitania ameaçada, e de que seu irmão era donatario. A energia, de que tão repetidas provas dera nos cinco mezes que precederam a apparição do inimigo, o esmero que consagrou em tornar defensavel uma

---

(1) *Historia Geral do Brazil*, tomo I, sec. XXVIII.

(2) Vide *Memorias Diarias da Guerra de Pernambuco*, por Duarte d'Albuquerque.

praça, balda de todos os recursos, já adestrando ao serviço militar os bisonhos moradores, já erigindo baluartes e trincheiras, protestam altamente, como demonstrou com sua habitual elegancia o nosso collega o sr. Dr. Macedo (1), contra a accusação que lhe fazem alguns chronistas de haver perdido precioso tempo engolfado em festas, afim de celebrar o nascimento do herdeiro da corôa, o principe D. Balthazar (2).

---

(1) *Duvidas sobre alguns pontos da Hist. Patria*, memoria apresentada ao Instituto Hist. e Geogr. no anno de 1858.

(2) Rocha Pitta formula o seu libello nos termos seguintes:

« Pareceu fatalidade, sendo Mathias d'Albuquerque tão bellicoso, e tendo feito habito do furor das armas que exerceu em Flandres e em outras regiões da Europa, com grandes provas de soldado, metter-se agora a ser lisongeiro; porque trazendo a nova do nascimento do principe D. Balthasar Carlos, herdeiro da monarchia, ordenou em Pernambuco grandes e intempestivas festas, em detrimento das operações que se faziam para a sua defensa, e necessitavam de todas as attenções, e de mais tempo que aquelle que podia tardar a armada hollandeza, sendo então mais poderoso nelle o impulso da lisonja que o valor e as obrigações do seu cargo. »

(*Hist. d'America Port.*, livro IV, § 60.)

Lea-se agora a contrariedade, devida a mui auctorisada penna do snr. visconde de Porto Seguro (Varnhagen):

« Já passou felizmente o tempo de serem os escriptores obrigados a inventarem faltas aos agentes dos governos para

E' inconcebivel o terror panico que se apossou dos pernambucanos quando no dia 13 de fevereiro de 1630 annunciaram os moradores do Cabo de S. Agostinho que uma armada de sessenta e sete velas dirigia-se ao Recife. Reconhecemos a fraqueza dos seus meios de defesa; mas cumpre confessar que conhecedores do terreno poderiam ter ambaraçado a marcha do inimigo, quando desembarcando em *Páo Amarello* encaminhava-se para a capital. A indisciplina das tropas do paiz mostrara-se na passagem do Rio Doce, onde Mathias de Albuquerque chegou tarde para a victoria e cedo para presenciar a vergonhosa retirada dos seus, que pouco adiante, no rio Tapado, nem se quer esperaram pelos Hollandezes, voltando-lhes cobardemente as costas.

Não duvidamos um instante do denodo pernam-

---

desculpar os erros d'estes. Quando appareceram os desastres. não deixou quem por elles increpasse unicamente a Mathias d'Albuquerque, e ainda, em nossos dias, varios escriptores o tem censurado de haver perdido tempo festejando, com disparos d'artilheria, a noticia do nascimento d'um infante; como si, ainda quando assim fosse, não podesse d'esse mesmo apparato bellico resultar um pretexto para o alardo de toda a milicia. A verdade em todo o caso é que o novo governador nos cinco mezes, menos quatro dias, que esteve no seu porto, antes de se apresentar a esquadra inimiga, fez quanto podia. »

(*Historia das Luctas dos Hollandezes no Brazil*, livro II.)

bucano de que já em 1595 havia contra os Inglezes dado mostras; lamentamos unicamente que perdessem tão depressa a confiança em seus proprios recursos, aterrando-se de tal modo com a chegada dos estrangeiros que só procuraram salvação na fuga, sendo raros os que não desacoroçoaram nessas criticas conjuncturas, impossibilitando d'est'arte ao bravo Albuquerque todos os meios de se oppôr á invasão. Um dos nossos chronistas (Fr. Raphael de Jesus) traça um primoroso quadro d'esta situação, e faz-nos assistir ás scenas de desolação que se passaram neste aziago dia (1).

Talvez que como na invasão da Bahia possa-se explicar a falta de resistencia dos nossos pelo indifferentissimo que a negligencia do governo hespanhol havia gerado; ao que poder-se ha addicionar os aterradores boatos que da crueldade dos Hollandezes se espalhavam. Avultam nas paginas dos nossos chronistas as narrações dos attentados commettidos pelos conquistadores, que não respeitavam á sexo, nem á idade; profanavam os templos do Senhor, ridicularisavam as augustas ceremonias do nosso culto, insultavam os sacerdotes, conculcando as leis da propriedade, e do decóro. Laet, Barleus e Netscher protestam contra semelhantes imputações lançando-as por conta da odiosidade dos contrarios;

---

(1) *Castrioto Lusitano*, livro II.

mas o veridico e imparcial Southey não os absolve da culpa, e estigmatisa os criminosos excessos por essa occasião commettidos. A unica desculpa que á nosso ver poderá offerecer a Hollanda consiste na pessima organisação dos seus exercitos, composto, nesse tempo, do refugo de todos os povos, engodado pelos avantajados lucros que lhe offerecia a Companhia das Indias Occidentaes, e pressuroso alistava-se em suas bandeiras. Deshonraram sempre os mercenarios a victoria: os *lansquenets* do condestavel de Bourbon nem se quer respeitaram a Roma dos Papas.

No meio do geral desanimo os nomes dos Themudos, dos Azevedos e dos Limas merecem nossos respeitos e homenagens. Recordou o forte de S. Jorge a heroica defeza da fortaleza de Diu; recommendando-se por si mesmo os feitos ahi praticados sem necessitar que a legenda venha adorna-los com seus arabescos.

Ouvimos, ha um anno, neste mesmo recinto, o nosso eloquente orador pulverisar os fundamentos em que se baseava a tradição que tão distincta parte assignava a João Fernandes Vieira na defesa do arruinado forte de S. Jorge (1). E' hoje para nós um

---

(1) Na interessantissima memoria já citada *(Duvidas sobre alguns pontos da Historia Patria)* diz o senr. dr. Macedo:

« Na defesa heroica e porfiada do forte de S. Jorge o facto

axioma que Vieira não foi companheiro do capitão Antonio de Lima, e nem lhe cabe essa precoce gloria.

No incendio do Recife vemos um acto de desesperação de Mathias de Albuquerque, que entrega ás chammas o que não póde defender seu braço, e lá vai erguer no isthmo que separa a antiga da nova capital de Pernambuco esse forte real do Bom Jesus, futuro theatro de heroicas acções, a que então apenas defendiam quatro peças e duzentos soldados! (1)

---

nos parece incontestavel, nem ha quem sobre a sua veracidade tenha-se lembrado de propor questão alguma : fazem-no porém acompanhar de circumstancias que, por ora, teremos de reputar pelo menos muito duvidosas. Temos com effeito duvidas sobre o numero de soldados hollandezes que o atacaram no dia 20 de fevereiro, e depois no dia 28 do mesmo mez em diante ; temos duvidas á respeito do numero dos bravos que compunham a sua guarnição, e temos principalmente a duvida mais ponderosa a respeito da parte que se diz ter tomado João Fernandes Vieira na defesa d'esse famoso forte. »

(*Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. Braz.*, tomo XXV, anno de 1862.)

(1) O sitio d'este arraial é designado pelo snr. José de Vasconcellos no seu precioso trabalho intitulado *Datas celebres e Factos notaveis da Historia do Brazil*, tomo I, Recife, 1872 :

« A esta fortificação deu Mathias d'Albuquerque o nome de *Forte Real do Bom Jesus*, e ao acampamento que em pouco tempo se formou ao abrigo d'elle, da gente que an-

Reconhecemos o bom senso e a experiencia de Albuquerque nas guerrilhas que organisou contra seu poderoso inimigo ; convinha fatiga-lo, exhaurir-lhe forças em pequenos combates, porque rápidos não eram os soccorros que recebia da Hollanda, além de que não divisando os accionistas da Companhia das Indias immediato proveito de sua especulação não tardariam em desistir della. A' efficacia d'este systema deveram os pernambucanos conservarem-se de posse de quasi toda a capitania sitiando os contrarios em seus arraiaes, circumscrevendo-lhe a esphera d'actividade.

Qual foi porém a influencia que exerceu sobre o theatro da guerra essa aparatosa armada que enviara a Hespanha ás ordens de D. Antonio Oquendo ? — Apenas o reforço de 700 soldados portuguezes, hespanhóes e napolitanos commandados pelo conde de Bagnuolo e á presença do donatario Duarte de Albuquerque. — Pela confissão dos proprios escriptores hollandezes teria Oquendo surprehendido Olinda si em observancia das ordens da côrte não se dirigisse á cidade de Salvador, onde travou com

---

dava dispersa, povoação do arraial, nome que ainda hoje conserva o lugar.» Sirva esta transcripção de correctivo ao que escrevemos no texto d'este *Estudo*, agradecendo ao snr. visconde de Porto Seguro de no-lo haver advertido em sua excellente monographia relativa á guerra brazilico-hollandeza.

o almirante Pater uma das mais renhidas pelejas a que tem visto o oceano. Tardios e mal conduzidos soccorros eram os que nos enviava o gabinete de Madrid.

Serviu ainda de pomo de discordia esse fraco auxilio que á tanto custo nos foi enviado : teve Albuquerque zelos do conde de Bagnuolo, cuja posição era um pouco indefinida, e as dissenções entre os soldados estrangeiros e nacionaes complicaram cada vez o triste estado das cousas. Algumas deserções notavam-se no *Campo Real do Bom Jesus*, sendo a primeira e a mais notavel a de Calabar.

A defecção d'este famoso mameluco marca a épocha da fundação do dominio hollandez merecendo por isso ser consideradamente estudada.

Simples capricho, o amor do ganho, ou desejo de subtrahir-se á um merecido castigo te-lo-hiam determinado á dar semelhante passo ? — Não o cremos, não obstante o testemunho uniforme dos chronistas. Qual foi porém o move de sua deserção? Conjecturemos.

Nodôa a sua memoria com negra pecha o *Valeroso Lucedeno* seguido pelo seu compilador *o Castrioto Lusitano* posto que com mais reserva; mas nem Brito Freire nem Fr. José de S. Theresa mencionam semelhante crime e o testemunho do auctor das « *Memorias Diarias* » que diz ter sido Calabar de *perversa inclinação*, e que *fugira para escapar ao castigo de grandes crimes*, não pôde merecer-nos grande

credito por julga-lo suspeito n'um negocio em que seu irmão Mathias de Albuquerque devera ter tomado grande parte (1).

Sabemos a facilidade com que se calumniam os inimigos, e por isso recusamos adherir promptamente ás graves accusações. Si Calabar fosse um delapidador, um homem perverso, dar-lhe-hiam os hollandezes tanta importancia, conferindo-lhe o posto de capitão e permittindo-lhe assento em seus conselhos? (2) Paga a trahição a peso de ouro e aproveitadas as suas instrucções trata-lo-hiam como os principes da synagoga o fizeram a Judas. Não devemos desprezar a expressão «*particolari disgusti*» de que se serve o carmelita S. Theresa a quem razões de conveniencia impediram quiçá de ser mais explicito, e julgamos entrever no epitheto infamante de *mestiço* com que desdenhosamente o tratam os chronistas portuguezes a primordial ori-

---

(1) No prologo ás referidas *Memorias Diarias* confessa o auctor que *seguira de perto as relações diarias feitas pelo mesmo general.*

(2) Eis o juizo que ácerca d'este mameluco forma o distincto historiador hollandez Netscher:

« Les motifs de sa défection du parti portugais ne sont pas bien connus. Quoi qu'il en soit, il nous a été plus tard d'une grande utilité par ses renseignements et par sa connaissance du genre de guerre locale au Brésil. Il était actif, habile, entreprenant, jusqu'à la témérité. »

(*Les Hollandais au Brésil*, partie 2e.)

gem desses desgostos. Em premio da sua bravura, de relevantes serviços, recebera talvez o menospreço, ditos picantes e affrontosos; nem uma distincção. Ferido em seu amor proprio, cegou-o o odio e lançou-se nos braços do estrangeiro. Nunca mereceram as nossas sympathias o proceder dos Alcibiades e Coriolanos; mas antes de condemna-los conviria ouvir as razões do seu desespero e anathematisar os causadores de tão lamentaveis excessos.

Não buscaremos, para atenuar o culpavel feito de Calabar razões politicas; não faremos delle um vidente lendo nas paginas do futuro da independencia do Brazil, e pondo a sua espada ao serviço da *Companhia das Indias* para preparar a emancipação do patrio torrão, preferindo as instituições liberaes da Neerlandia aos pesados grilhões hespanhoes. Não; era muito ignorante o mameluco para nutrir semelhantes idéas : ligava-o seu sangue á raça portugueza; nem uma velleidade de independencia passou-lhe pelo espirito ; detestava os hollandezes como estrangeiros e hereges, e serviu-os unicamente para saciar uma vingança que sua alma inculta e mal purificada pela religião não soubera perdoar. E mais generoso mostrou-se Mathias de Albuquerque quando a sorte das armas lhe entregou em Porto-Calvo seu terrivel adversario? — A historia que no-lo diga (1).

---

(1) Na sua recente e mui estimada obra não modificou o

Prosigamos em nosso estudo. Uma série de triumphos assignalou a presença de Calabar no campo hollandez : quebrara-se o encanto da força portugueza, e já sabiam os invasores fazerem a guerra d'emboscadas. — Iguarassú e Rio Formoso são envolvidos pelos soldados batavos como por um turbilhão ; capitula Salvador Pinheiro em Itamaracá á despeito de toda a sua coragem ; — dobram a serviz o Rio Grande do Norte e a Parahyba ; e os pendões de Castella apenas fluctuam sobre os muros de Nazareth e do Bom Jesus.

De que vale porém o valor humano contra a vontade de Deos ? No clepsydro do destino coára-se a derradeira gota : Pernambuco ia ser hollandez. André Marinho e Barbalho entregando suas espadas á Artichofsky e á Schkoppe rendem-se á intimação

---

snr. Varnhagen a severidade do juizo anteriormente emettido relativamente ao desventurado brazileiro, que, cego pelo odio, poude esquecer o que devia á patria. Parece-nos porém que o testemunho de frei Manuel do Salvador, que sob o pseudonymo de Fr. Manuel Calado publicou o livro intitulado *Valeroso Lucideno* não pode ser acceito por fundamentar-se na confissão do padecente, que podia mostrar-se arrependido de quaesquer outros peccados, não auctorisando por isso as illações que quiz tirar o eremita da ordem de S. Paulo. Quanto a auctoridade historico de Barleus responderemos ao snr. visconde com as suas proprias palavras concernentes ao panegerysta de Nassau : « Para ser porém considerado como historiador imparcial d'esse periodo faltou-lhe obedecer ao preceito : *audietur altera pass.* »

do céo, e arrancam aos seus inimigos um brado de admiração.

Contemplemos com respeito essa bella retirada de Camarão através dos nossos desertos, mais bella e mais heroica do que a que Xenophonte. Centenares de velhos, de mulheres e crianças abandonam seus lares, arrostam os perigos da vida nomada, disputam ás feras uma guarida, alimentam-se com os fructos silvestres e saciam a sêde com o suco das plantas!... Os indios de Camarão e os negros de Henrique Dias escoltam os novos israelitas cuja Chanaan era a terra do exilio, e para que nada faltasse á esse grandioso quadro D. Clara mostra-se em Porto-Calvo digna rival das Semiramis e Camillas! Dia virá em que o brazileiro lêia com enthusiasmo esta brilhante pagina dos nossos annaes cessando de levar algures suas homenagens.

Nada era capaz de impedir a arruina do dominio hespanhol em Pernambuco : e o anno de 1635 viu um conjuncto de circumstancias contribuirem para semelhante fim.

Capacitara-se a côrte de Madrid que á indolencia de Mathias de Albuquerque devia-se a prolongação da guerra, quando, como já dissemos, ao seu systema de contemporisação podia-se com justiça attribuir as vantagens obtidas. Dando-lhe um successor na pessoa de D. Luiz de Roxas y Borgia apressou o desfecho da catastrophe, pois que é fóra de duvida que a imprevidencia e desmedido orgulho deste general

originara a derrota de Porto-Calvo, ultimo toque d'agonia da dominação castelhana.

O conde de Bagnuolo, tão maltratado pelos nossos chronistas, talvez por ser estrangeiro (1), coube a gloriosa mas difficil missão de commandar o exercito em sua marcha para Sergype; e pela sua prudencia e acertadas medidas merecer em nossa historia o lugar de *Fabio Cunctator*.

II

PROSPERIDADE

Lancemos rapido olhar sobre a administração de João Mauricio, conde de Nassau, a quem a *Companhia das Indias Occidentaes* confiára o encargo de firmar o seu poderio n'America.

Chegando ao Recife a 23 de Janeiro de 1637, vemo-lo partir á 5 do mez seguinte no encalço do

---

(1) A leviandade, quiçá malevolencia dos chronistas, revela-se na inconsiderada divulgação de calumniosos boatos, taes como o ter-se Bagnuolo vendido ao ouro hollandez, e n'accusação igualmente infundada de cobardia, elle a cujos conselhos e direcção deveu-se não ter cahido a capital do Brazil em poder de Mauricio de Nassau. Na circumstancia de ser elle estrangeiro e na sombra que projectava seus grandes dotes militares parece-nos encontrar a origem de taes calumnias.

conde de Bagnuolo; obrigar Giberton a entregar-lhe Porto-Calvo e levando diante de si o inimigo só parar diante do magestoso rio de S. Francisco, que escolhe para limite do *Brazil Hollandez*. Como habil politico presenta as vantagens que d'essa grande arteria fluvial se poderiam colher, e escreve a seu primo o Stathouder convidando-o a povoar suas pittorescas margens, não de bandidos, mas de profugos e exilados, que na Europa abundavam.

Em quanto Bagnuolo buscava em Sergype um asylo que na Bahia lhe negava Pedro da Silva, entregava-se Mauricio aos cuidados do governo, extirpava abusos, proclamava a paz e a conciliação e lançava os cimentos da prosperidade da colonia.

Convencido de que todo bom governo deve inaugurar-se pela justiça, pune os malfeitores que zombavam das leis dizendo que *não haviam peccados áquem do Equador*, dimite os empregados que em suas funcções haviam exorbitado, e toma as varias providencias que nos refere Barleus (1).

---

(1) « Flagitium quodcumque ludus et jocus erat, vulgato inter deteriores epiphonemate : *ultra æquinoctialem lineam non peccari*, quasi non omnium locarum et populorum esset honestas, sed septentrionalem tantúm, et quæ mundum dividit linea, virtutem a vitio secernet. Sed hæc omnia novi imperatoris severitas et prudentia multa corrigentis, multa rigidi punientis, sustulit et emendavit, ut plures bonos fecisse, quam invenisse credi potuerit. » *(Res Gestæ sub C. Mauritio in Brasiliæ.)*

Severos regulamentos marcam a ordem na destribuição dos viveres, impedindo desgostos e sedições militares, estabelece a uniformidade de pesos e medidas, melhora a arrecadação dos impostos assentando a sua legislação sobre largas bases, esquece a procedencia do individuo, para só ver o subdito das Provincias Unidas. Portuguezes, brazileiros, hollandezes e indigenas não tem a seus olhos outra distincção alem da do merito pessoal.

Voltam-se porém seus rigores contra os emigrados, em cada qual vê um inimigo implacavel, e ao passo que convida a todos a regressarem á patria, confisca os bens dos que recusam a amnistia, e prohibe severamente toda a communicação com elles.

Si a differença de raça não o tolhe em suas beneficas vistas muito menos o fará a de religião. Protestante, respeita o culto catholico, e protege o israelita. Chama a conselho Fr. Manoel de Salvador, obtem da Santa Sé um *Breve* prorogando-lhe as faculdades espirituaes com que passara á Pernambuco, repara as igrejas que cahiam em ruinas, ou as que a impiedade devastara, consente nas procissões e publicas festividades, e pela sua tolerancia e magnanimidade dicta elogios aos adversarios da sua nação, como Southey e aos da sua crença como Fr. Giuseppe de S. Teresa. Gozam os judeos de identicos favores, consente-lhes a observancia do seu sabbado, a creação das suas synagogas e abole a incapacidade que sobre elles pesava para o exer-

cicio dos cargos publicos. Verdade é que mais tarde, cedendo á pressão dos ministros protestantes teve de coarctar muitos d'esses privilegios, curvando-se, máo grado seu, aos dictames d'uma intolerancia que elle altamente reprovava, e que Netscher em sua preciosa obra estigmatisa.

Como muito bem comprehendera o sabio governador do *Brazil Hollandez*, a liberdade de consciencia era a unica capaz de cimentar a fusão das nacionalidades. Garantido aos colonos o exercicio do seu culto deixariam elles de ver inimigos nos conquistadores e facilmente se submetteriam a seu doce e suave jugo. Mais poderosa do que qualquer outro elemento guarda a religião a vitalidade dos povos; á ella, e unicamente á ella, deve a Grecia ter resuscitado. Não pensou assim a intolerancia dos dignos successores de Calvino, favoneando quiçá as más paixões exigiu medidas restrictivas, dividiu em dous campos os subditos da Hollanda, despertou as reminiscencias d'outra epocha, fez lamentar o dominio portuguez e hespanhol, e plantou germens d'agitação que deveram produzir em poucos annos a guerra da independencia.

Mas não antecipemos datas, e prosigamos no estudo d'administração de Nassau.

Presta homenagem ao principio municipal na organisação das camaras dos *escabinos*, tomando-as mixtas de hollandezes e brazileiros, grangea as sympathias da população, e attendendo aos seus mais

vitaes interesses. Deixa porém no *esculteto*, que preside a municipalidade, consagrada a superioridade da metropole. Confiando armas aos moradores e formando com elles uma especie de guarda nacional lisongea-lhes o amor proprio e assegura-se ao mesmo tempo da sua fidelidade. Acha nos indigenas, sempre em guerra com os primeiros colonos poderosos auxiliares, que segundo o afirma uma testemunha ocular (1) serviam de *gastadores* ao seu exercito, guiavam-no por invias veredas, carregavam os soldados nas passagens dos rios, proporcionavam as emboscadas, e repelliam pela força e pela astucia as guerrilhas, que, como veremos, nunca cessaram totalmente de inquietar a colonia neerlandeza.

Superando a viva opposição d'alguns accionistas consegue uma quasi suppressão do monopolito até então amplamente exercido pela *Companhia*, e revelando vistas economicas muito superiores as do seu seculo, procura fazer no Recife porto franco consti-

---

(1) Esta testemunha foi o francez Pedro Moreau, que na qualidade de secretario particular d'um dos membros do supremo conselho do Recife, residiu na referida cidade por espaço de quatro annos (de 1644-1648), e escreveu uma narrativa veridica e circumstanciada dos acontecimentos que presenciára, publicada em Paris, no anno de 1651, com o titulo : *Histoire des derniers Troubles du Brésil entre les Hollandais et les Portugais.* O Instituto Historico acaba de fazer a acquisição d'um exemplar d'esta rarissima obra.

tuindo-se assim decidido campeão da liberdade do commercio.

Semelhante á phenix mythologica surge *Olinda* de suas cinzas, e sobre a ilha de *Antonio Vaz* campea a garbosa *Mauritzstad*, abraçando com suas lindas pontes a da *Boa-Vista* e do *Recife*, *Vrijburg* e *Schoonzigt* que espelham seus corucheus, nas aguas do Capiberibe. Preside a caracterisca architectura flamenga as novas e elegantes construcções que tão jovial aspecto deram a Pernambuco.

Bastante illustrado para desconhecer que a protecção ás sciencias, lettras e artes constitue o mais duravel padrão dos grandes homens, acolhe os sabios como Piso, Marcgraff, os litteratos como Barleus e Plante, agazalha os artistas como Pecter e Frans Post; abre musêos e bibliothecas, funda escolas para a instrucção da mocidade, e remata seu grandioso plano afagando a filha de Guttemberg, missionaria da civilisação (1).

Interrompamos, porém nossos epinicios para ver impallidecer a estrella de Nassau no assalto da

---

(1) Pensa o senr. Varnhagen que não foram impressos no Recife os folhetos (que tivemos occasião d'examinar na Bibliotheca Fluminense) e sim na Hollanda, onde igualmente o fôra a *Historia de Nicoláo I.º* que se diz impressa em S. Paulo. Faltam nos subsidios para sustentar a nossa opinião contradictada pelo illustre bibliographo brazileiro.

Bahia emprehendido contra seu voto pela insaciavel ambição da *Companhia das Indias.*

Com negras cores era pintada a situação da capital do Brazil: a miseria opprimia aos moradores; desmanteladas as fortificações, indisciplinada a tropa, e para cumulo d'angustias lavrava a discordia entre o governador Pedro da Silva e o conde de Bagnuolo, que, expulso de Sergype, acampara na *Torre de Garcia d'Avila* com os seus tres mil soldados. Abatendo-se as hyperboles, companheiras inseparaveis de taes informações, ainda era lastimavel semelhante estado, e proprio para attrahir as vistas do inimigo.

Como já vimos, não queria Nassau alongar suas fronteiras occupando-se em fazer prosperar o immenso territorio que estendia-se do Parnahiba ao S. Francisco; respeitava o *statu quo*, esperando no futuro tratado de paz ver consagrado o principio do *uti possidetis.* Impellido porém pelas reiteradas ordens do conselho dos XIX, que dirigia a *Companhia das Indias Occidentaes* força foi ceder.

Não faremos aqui a historia do ataque e defeza da Bahia, buscando tão sómente justificar a memoria de dous prestimosos varões injustamente calumniados. Ao *cobarde* e *venal* conde de Bagnuolo deveu-se a heroica resistencia d'uma cidade desprevenida; á *sua ignorancia d'arte da guerra* a admiravel tactica com que neutralisou a superioridade das forças hollandezas. *Ao tibio e negligente* Nassau attribuem

os Portuguezes as honras d'um acommettimento que excedeu á todos os seus temores, e que lhes teria arrebatado a metropole brazileira sem o denodo indefinivel dos Barbalhos, Rebellos, Camarões e Dias.

Tratando d'este famoso feito d'armas, injusto foramos si recusassemos nossos encomios ao nobre proceder de Pedro da Silva, que immolou no altar da patria antigos odios, velhas rixas, entregando o bastão do mando a quem melhor do que elle sabia empunha-lo.

Da mallograda invasão da Bahia julgamos poder datar a organisação regular das *partidas* que, passando o rio S. Francisco, talavam o *Brazil Hollandez*, e tão grandes damnos causavam aos seus moradores. Pode-se-nos apontar algumas incursões anteriores á épocha que assignamos; mas eram de tal modo insignificantes que facilmente reprimiam-n'as a policia local.

O mais celebre dos *guerrilheiros* era certamente o indio *Poty*, mais conhecido por D. Antonio Philippe Camarão, cuja presença, semelhante a lava do Vesuvio conhecia-se por extenso sulco de ruinas e devastações. Pois bem, esse homem, tão justamente celebre em nossos fastos, esse fidalgo, esse commendador de Castella, escapou de ser um nosso Calabar, si dermos credito ao depoimento de Barleus (1).

---

(1) « Dúm in extremo occidente moror et ea exequor,

Desintelligencias graves, entre o chefe brazileiro e o nobre italiano, que commandava o acampamento de *Garcia de Avila*, levaram-no a offerecer seus serviços a Nassau, que te-los-hia habilmente aproveitado se uma prompta reconciliação não o privasse de tão poderoso auxiliar.

Por maior que seja a nossa veneração para com a memoria do conde Mauricio de Nassau, não dissimularemos que alguns abusos se introduziram mesmo durante sua memoravel administração, e constam da representação que dirigiram os povos de Pernambuco á el-rei D. João IV mencionada pelo *Valeroso Lucideno* (1). Commettidos taes excessos e

---

quæ infelecius hic gesta sunt, incidi in legataos tres a Camerone brasiliorum duce ad comitem missos retulere illi offensum ducem á comite Banjola cum copiis secessisse, et prope turim Garciæ Davilæ in mediterraneis consedisse. Venisse se oratum pace et fœdere nobis jungi velle ut in suas cuique sedes pagos que redeundi potestas esset. Eos comes, non ignarus hostium discordias incommoda sua vertere, excepit comiter, et invitato per litteras ad amicitiam Camerone cum muneribus dimisit. Sed mon percrebuit, ut versatilis et mobilis consilii, in gratiam cum Banjola et ingenium suum rediisse. » *(Res Gestæ sub Comite Mauritio in Brasilia.)*

(1) Num documento muito anterior a este acham-se exaradas estas queixas : queremos fallar d'uma energica representação que aos Estados Geraes da Hollanda dirigiu Duarte Gomes da Silveira, que tanto contribuira para a capitania da Parahyba se submettesse ao dominio batavo. Figuram

extorsões por agentes subalternos escapavam á vigilancia d'autoridade superior; que ainda possuindo os olhos attribuidos pela fabula a Argos, não poderia deixar de ser illudida. Não devemos jamais esquecer-nos que poucos eram os leaes cooperadores da grande obra de Nassau, e que a multidão de aventureiros, que o circumdava, só tinha em mira o lucro e a ganancia.

Investiguemos por ultimo a natureza das relações entre Mauricio e a Companhia das Indias Occidentaes.

Investido do plenos poderes vemo-lo chegar ao Brazil gozando da mais inteira confiança dos seus committentes. Pouco depois começam a escassearem-lhe os recursos de que necessitava para completar a tarefa de que fôra incumbido, e avidos mercadores pedem-lhe avultados *dividendos* recusando-se a novos sacrificios pecuniarios. Mais tarde obrigam-no a marcar seu prestigio pela invasão da Bahia, e prestando ouvidos ás intrigas do polaco Artichofsky duvidam de seu valor, e vacillam sobre sua lealdade; finalmente onerados pelo peso da gratidão tratam-no como o senado de Carthago tratára a Annibal.

Saciado de soffrimento, ferido em seu pundonor,

---

como signataríos d'essa representação Amaú de Olandas Francisco Berenguer d'Andrada, Bernardim de Carvalho e outros benemeritos pernambucanos.

reclama Nassau sua demissão, e deixa um paiz que tanto amara, e onde parece que desejava que repousassem seus ossos. Acompanham-no as bençoes de um povo inteiro; a homenagem dos inimigos; e o favoravel juizo da inexoravel historia.

III

Decadencia

Curta foi a prosperidade do *Brazil Hollandez*, semelhante á essas auroras boraes que interrompem as trevas das regiões polares; repousava no genio d'um homem e não no largo pedestal das instituições, e succumbio como o imperio de Carlos Magno quando a mão do gigante abandonou o cyclopico monumento.

A' vigorosa unidade succede o regimem d'um corpo collectivo, verdadeira hydra de Lerna, á um homem prestigioso, aparentado com as principaes casas soberanas da Europa, substituem mercadores e artesões. Abandonam-se as idéas conciliatorias, e busca-se tirar dos paizes conquistados o maior proveito possivel; voltam ás vexações, renovam-se as scenas de indisciplina militar, e accumulam-se, n'uma palavra, os combustiveis para proximo incendio.

Mas façamos aqui pausa; e lancemos um olhar retrospectivo.

Governava ainda o conde de Nassau quando Portugal levantou-se, como Lazaro, do seu sepulchro, e alçou ao throno a augustissima casa de Bragança. Como era d'esperar, produziu este acontecimento grande enthusiasmo entre os portuguezes e seus descendentes, e mui convinhavel parecia para firmar-se a paz entre as duas raças europeas que partilhavam o Brazil. Sciente pelo Marquez de Montalvão de tão fausto successo (1) regosijou-se Mauricio com elle e celebrou-o em sua capital com justas e torneios, que minuciosamente descreve o *Valeroso Lucideno*.

Sem a duplicidade da côrte de Lisbôa e a dos Estados-Geraes da Hollanda a convenção de 12 de Julho de 1641 seria em breve substituida por um tratado de paz definitivo e o *Brazil Hollandez* não seria apagado da carta d'America. Os erros dos governos são muitas vezes instrumentos da vontade divina; porque só ella sabe tirar o bem do mal.

---

(1) Eis como o conde d'Ericeira refere o teor da communicação:

« Fez tambem aviso ao conde de Nassau, que governava as armas hollandezas em Pernambuco, de como o reino de Portugal e o Estado do Brazil estavam separados do dominio de Castella por terem rei natural em o duque de Bragança a quem haviam dado a coroa; justiça que havia sido sessenta annos opprimida do poder d'el-rei de Castella, e que considerando que as duas nações caminhavam ao mesmo fim de se defenderem d'aquellas armas julgava infallivel a concordia entre os Estados e o reino. »

(*Portugal Restaurado*, part. I, livro III.)

Era intuitivo o interesse que resultaria a Portugal de ceder a Hollanda uma parte de suas vastas possessões ultramarinas em troca d'alliança que com ella firmasse, afim de combaterem o colossal poder de Hespanha. E de facto vemos passar a Haya Tristão de Mendonça Furtado, na qualidade de embaixador de el-rei D. João IV; mas em vez do tratado permanente, que as circumstancias pareciam aconselhar, celebrou elle o armisticio dos dez annos a que acima alludimos.

Por outro lado ganhariam summamente as Provincias-Unidas em consolidar seu dominio, e abandonando de todo os sonhos de conquista, observar restrictamente a tregoa, e com isso privar os portuguezes do menor motivo de queixa. Mal entendida ambição não lhes deixou porém pensar com calma; acommettem Maranhão, Angola e S. Thomé em plena paz sophismando o artigo 8º da convenção de Haya que estipulava « que cessariam as hostilidades nas colonias depois da ratificação do tratado pelo gabinete de Lisbôa. »

Recapitulemos em poucas palavras essa luta de sagacidade e d'astucia entre dous governos de quem dependiamos nessa épocha.

Em quanto os embaixadores procuravam adormecer os gabinetes de Lisbôa e d'Haya com os mais affectuosos protestos de sincera e verdadeira estima, ordens eram expedidos aos governadores das colo-

nias para fazerem a guerra sob a *sua propria responsabilidade.*

Ao zelo demasiado ardente de Antonio Telles da Silva, ao seu descuido *em descobrir a corôa* na negociação com Hoogstraten, d'onde resultou a entrega da fortaleza de Nazareth, attribue justamente o Sr. Varnhagen, o seu chamado á Europa (1).

Releva todavia confessar que á finura deste governador geral deve-se o bom exito da insurreição. Permittindo a Camarão e a Henrique Dias que talassem o territorio hollandez, queixava-se delles ao Supremo Conselho do Recife e apresentava-os como transfugas a quem convinha punir. Que habilidade não lhe foi necessaria para fomentar a revolta, sempre prompto a protege-la, ou condemna-la conforme ás circumstancias? Envia Cardoso em soccorro de Vieira, fingindo querer castiga-lo, e mais tarde expede Vidal Negreiros para identico fim e com igual disfarce. Faltando-lhe a pelle de leão servia-se da raposa, oppunha a artimanha á força; e nessa estra-

---

(1) « Não andou porém Antonio Telles no negocio tão cautelosa e dissimuladamente como o desejava a côrte, quando o reino ventilava a sua existencia nos campos de batalha com Castella, e nos protocollos da diplomacia com a propria Hollanda. Em virtude do que o chamaram a Europa, e na viagem, indo a pique o navio em que regressava, morreu afogado. »

(*Hist. Geral do Brazil*, tomo II, secc. XXXII.)

tegia diplomatica succumbiam os governadores hollandezes.

Quaes foram, porém, as verdadeiras causas da restauração de Pernambuco?... O sentimento nacional nunca extincto, a religião catholica que conservou no povo suas riminiscencias, lembrou-lhe sem cessar sua origem, apontou-lhe no estrangeiro o herege, consolou-o em suas desgraças e transmutou o guerreiro em martyr assegurando-lhe no céo o lugar que na terra perdia; finalmente os crimes, os vicios dos conquistadores, que fizeram trasbordar a taça da paciencia e da resignação (1).

Foi certamente o catholicismo o laço mais pode-

---

(1) Nestas conceituosas phrases estygmatisa o grave Southey os excessos e violencias dos conquistadores :

« Ainda que melhor espirito houvesse dirigido o governo o proceder dos seus subalternos o teria inutilisado. Desgraçadamente é por demais sabido em seculos mais humanos e entre mais humanos povos, quão abominaveis exemplos de rapacidade, crueldade e oppressão occorrem u'administração das colonias remotas e mormente nas conquistas. Para seu proprio governo moral é preciso que os homens, como os individuos, tenham constantemente consciencia d'uma justiça que tudo vê, e tudo retribue, como membros d'uma republica tambem carecem de ter sempre diante dos olhos a lei, supremo padrão porque devem aferir todas as suas acções. Raro é porém que quer a religião, quer a lei acompanhem um exercito; de ambas se suspendem as formulas, e depressa se lhe desvanece a influencia.

(*Hist. do Brazil,* tom. I, cap. XX da traducção port.)

deroso de união entre os membros heterogeneos d'essa sociedade : foi elle que prendeu as diversas raças, uniu desencontrados interesses. Os indigenas, para quem portuguezes e flamengos eram igualmente usurpadores do sólo, erguem-se á voz dos missionarios, e, commandados por Camarão combatem os hereges ; os negros de Henrique Dias esquecem a protecção que lhes offerecia a Hollanda para salvarem sua fé religiosa; o colono portuguez, ou ilheo, que alheio á politica só aspirava enriquecer desperta ao brado de J. Fernandes Vieira; porque suas crenças orthodoxas se viam ameaçadas ; emfim o brazileiro protestava por seu digno orgão A. Vidal Negreiros pela conservação e pureza do culto que de seus pais recebera.

Si ao grande movimento religioso dessa épocha provocado pela vigorosa eloquencia do P. Antonio Vieira juntarmos o éco de sua grande voz reboando no coração das mulheres encontrando nellas activos agentes da reacção catholica, teremos explicadas as causas que motivaram a insurreição pernambucana.

A iniciativa deste generoso pensamento partiu porém d'um brazileiro : foi André Vidal que primeiro correu os riscos e perigos, foi elle quem persuadiu á Telles da Silva de proteger a revolta, que poz-se em contacto com o opulento fazendeiro Antonio Cavalcanti, e com o não menos opulento e astuto madeirense João Fernandes Vieira dissi-

pando suas duvidas, e collocando-os á frente da revolução (1).

---

(1) Cada vez estamos mais convicto d'este asserto; os posteriores estudas e pesquizas a que nos temos entregado em nada abalaram as nossas crenças, em tudo conforme com o magistral juizo emettido pelo snr. Varnhagen (visconde de Porto Seguro) na sua tantas vezes citada recente obra : *Historia das Luctas com os Hollandezes no Brazil.* Diz S. Ex.ª :

« Os panegirystas do mesmo Vieira, para exalçar-lhe a importancia chegam até em contradicção comsigo mesmos, a declara-lo de grande familia e mui nobre por sangue. Assim seria : mas nem-um nos diz como se chamava seu pai; e sómente que o mesmo João Fernandes passára da Madeira, sua patria, ao Recife, na idade de dez annos : que ahi servira de caixeiro, sem nem-uma paga e somente pela comida; até que para sahir d'essa humilde situação, preferira, em serviço d'outro patrão (talvez já Stachower) deixar o Recife. Moreau vai ainda alem : diz que elle era liberto (*affranchi*), para o que não pode fazer duvida a naturalidade, visto que havia ainda escravatura na ilha da Madeira. Parece que Vieira começou a fazer-se mais conhecido e a adquirir no paiz mais relações e creditos, entrando em varias confrarias, que naquelles tempos, serviam de carta de recommendação, como em nossas dias a maçonaria :

« Vieira não chegou nunca o conductor da insurreição, como depois foi o director da guerra. O seu papel restringiu-se antes ao que em linguagem vulgar se costuma designar por *testa de ferro*. Em vista dos factos, quem se nos apresenta como verdadeiro conductor da insurreição, e, segundo dissemos, como verdadeira alma d'ella, é o parahybiano André Vidal : embora a sua muita abnegação e modestia quasi o chegaram a occultar á posteridade; a ponto que

A modestia e abnegação de Vidal Negreiros, contrastando com a vaidade e orgulho de Fernandes Vieira motivou grave injustiça na apreciação d'estes factos por parte dos nossos historiadores, que guiaram-se pelos parciaes depoimentos do *Valeroso Lucideno* e *Castrioto Luzitano*, hyperbolicos encomiastas do feliz madeirense. Hoje depois dos severos e conscienciosos estudos dos nossos benemeritos consocios, os Srs. Varnhagen e Dr. Macedo, não é licito contestar ao illustre parahybano a honra de que voluntariamente deixou-se despojar.

Accusa-se aos modernos historiadores a sua tendencia em demolir as grandes e bem firmadas reputações : a isso responderemos com Ampère que a critica refaz o que a credulidade desmanchára : restituindo os factos á sua primitiva fórma. Em verdade que vantagem resultaria em entoarmos perpetuos hosannas a João Fernandes Vieira em detrimento dos verdadeiros heroes da restauração de Pernambuco ? Sem desconhecer os serviços que por essa occasião prestára analysemos seu caracter.

Dominava-o o interesse, tinha por typo a ingratidão do que deu-nos provas abraçando a causa dos vencedores, exercendo o cargo de *escabino* do Recife no tempo de Mauricio que honrava com sua estima, pondo-se ao serviço de Jacob Stachouwer, a quem

---

não poucas resistencias e reacções temos encontrado para levanta-lo, prestando culto ao merito e á verdade. »

deveu sua fortuna, e que mais tarde atraiçoou quando nada mais esperava, e lançando-se na rerevolta, segundo affirmam os hollandezes, afim de isentar-se do pagamento de suas dividas (1). Mas como foi este homem escolhido para chefe da insurreição? Sua opulencia, posição social, e credito de que dispunha entre os dominadores immensa popularidade, grangeada pelo explendido uso que de suas riquezas fazia, dictaram a Vidal e alguns outros virtuosos brazileiros o sacrificio do amor proprio e a escolha de semelhante homem, cujos vicios eram os proprios á reconhecerem. Uma vez empenhado na empreza não lhe foi possivel recuar, nem tão pouco lhe convinha : via adiante de si o Capitolio e atraz a rocha Tarpeia. Ainda mesmo acreditando no que nos conta Fr. Raphael de Jesus ácerca da sua magnanimidade, lançando fogo aos canaviaes, regeitando avultadas sommas do inimigo e perdoando aos que tramaram contra seus dias, não nos surprehendem taes actos, que julgamos inspirados

---

(1) Moreau na sua preciosa obra, supra citada, diz que a causa do rompimento entre Vieira e o Supremo Conselho do Recife foi o recusar-se este abaixar a avaliação d'uma propriedade rural, que o rico madeirense possuia. Acrescenta que o governo portuguez procurou attrahi-lo á sua causa dando-lhe uma pensão e promettendo-lhe grandezas si quizesse revelar-lhe o que se passava no dito Conselho, no qual tinha voto consultivo, e prestar auxilia a obra da restauração da capitania.

pela politica, e por essa original sagacidade, que lhe reconhecem os contemporaneos. Homem do commercio sabia perder para ganhar. Comica nos pareceu sempre a sua resistencia ás ordens reaes, e combinadas no fundo de alguma cella essas palavras sacramentaes que nos encantavam na infancia : á vista porém da sua propria confissão, citada pelo Sr. Varnhagen, não nos resta o menor escrupulo em afirmar que nada arriscava Vieira na sua quichotesca resposta (1).

Em quanto estremecia o sólo do *Brazil Hollandez* ao fogo subterraneo da insurreição, quaes eram as medidas que para evita-la, ou mais tarde comprimila, tomava o Supremo Conselho do Recife? — Obedecendo aos preceitos d'assembléa dos XIX, exigia o prompto pagamento do debito em que grande numero dos moradores estava para a *Companhia*, proveniente da compra dos bens dos emigrados e fazendo effectiva a cobrança pelos meios rigorosos do sequestro e prisão exasperava-os á ponto de buscarem uns refugio nas proximas matas, e outros na Bahia.

---

(1) Numa representação datada de 22 de maio de 1671 diz Vieira : « Neguei com razões mui curiaes obediencia a umas ordens d'el-rei, meu senhor, que está em gloria, com que foi suspender o que todos procuravam executar, e não passou muito tempo que não me chegassem outras em contrario. »

Quando assim se procedia desguarneciam-se as praças fortes fazendo-se embarcar para Europa a todos os soldados que desejavam voltar, afim de diminuir os gastos com o exercito. Estas duas disposições emanadas da politica do balcão apressavam a decadencia, e dir-se-hiam aconselhadas pelos seus proprios inimigos, si tão cega não fosse a avareza em seus calculos!

Desapparecera a tolerancia religiosa, palladio da prosperidade da colonia: com a retirada de Mauricio mais fanaticos se tornaram os ministros protestantes, perseguindo aos catholicos; pondo pêas ao livre exercicio do seu culto, insultando-lhes crenças, zombando das augustas ceremonias, ferindo, n'uma palavra, o povo na mais sensivel fibra de seu coração.

Dispostos todos os elementos para insurreição, rebentou ella no dia 13 de junho de 1645 chamando-se ás armas todos os mancebos de 15 á 30 annos a quem se fizera persuadir que os Hollandezes haviam ordenado a sua morte. Era uma fabula grosseira, mas que no entanto foi acreditada; tal era o odio que geralmente se votava aos invasores.

Recebendo no monte das Tabocas o baptismo da victoria no dia 3 de agosto, hasteou a insurreição o estandarte da independencia, inaugurando essa lucta de gigantes em que após nove annos de sacrificios devera sahir vencedora. Tomando o emphatico

titulo de *governador da liberdade*, não era Vieira mais do que o presidente d'um conselho militar em que figuravam Vidal, Cardoso, Cavalcanti, Camarão e Dias, que até 1648 dirigiu os negocios da guerra. Disputando ao inimigo palmo a palmo o terreno conquistado encerrou-os nos muros de *Mauricia* e te-lo-hia forçado á capitular sem a inesperada vinda dos barcos *Falção e Isabel*. Infelizmente a discordia ia introduzindo-se no exercito libertador quando a presença de Barreto, occultamente enviado de Lisboa para commanda-lo, restituiu a harmonia e uniformidade de vistas entre os principaes cabos.

Reforços chegados da mãi-patria habilitaram os Hollandezes a tomarem a offensiva, e Sigismundo von Schkoppe assignalava o seu commando por uma actividade e energia de que estavam deshabituados.

Na balança do destino sobrepujava a fortuna batava, e julgar-se-hia que Deos retirava seu braço protector aos heroicos pernambucanos: o dia 19 de abril de 1648 provou porém o contrario, e dos pincaros dos Guararapes adejou a victoria ao campo dos independentes.

Era tempo que um esplendente triumpho viesse sagrar suas armas; desanimado pela prolongação da guerra, surprehendidas as suas tergiversações e receiando achar-se á braços com o duplo poder da Hespanha e da Hollanda, que no congresso de Munster pareciam dispostos a congrassarem-se em

seu damno (1), preparava-se Portugal para fazer cessão dos seus direitos, e enviára a P. Antonio Vieira a Haya afim de negociar com os Estados-Geraes o completo abandono das provincias sublevadas (2).

Mudou a situação das cousas a batalha dos Guararapes; Pernambuco ainda vivia; e talvez que negando a seus tutores o direito de disporem da herança se resolvesse a emancipar-se; e conhecendo o quanto por si só valia lhes dispensasse do cuidado de governarem-no, regulando seus negocios sem intervenção estranha. Um raio de temor penetrou através dos reposteiros, e o pensamento da organisação d'uma Companhia de Commercio, semelhante á das Indias Occidentaes, foi acolhido nos conselhos da corôa, como unico meio de suster a colonia nas margens do abysmo.

---

(1) Netscher, *Les Hollandais au Brésil*, 4ª partie.

(2) « ... e de sorte crescia em el-rei e seus ministros o embaraço, que por muitas vezes esteve resoluto largar-se Pernambuco aos hollandezes, ponderando-se que não podia Portugal sustentar a guerra contra dois inimigos tão poderosos, como os castelhanos e os hollandezes, e com esta commissão passou á Hollanda o padre Vieira. Porém o ceo, olhando como sua, por esta causa, deu mais favoravel sentença por este reino.

(Conde d'Ericeira, *Port. Rest.*, tom II, part. I.)

IV

RUINA

A segunda batalha dos Guararapes, ganha pelo exercito libertador á 19 de fevereiro de 1649, coincidindo com a definitiva organisação da Companhia do Commercio do Brazil e o rompimento da guerra entre a Hollanda e a Inglaterra, marca a ultima epocha do dominio hollandez, que passamos á examinar.

Foi certamente para nós felicissima diversão a guerra entre as Provincias-Unídas e a da republica de Cromwell, que, ciosa de seu poder maritimo buscava abate-lo. Si o talento e a tenacidade do celebre João Witt poderam livra-las das garras do leopardo britanico, impossibilitadas estavam d'enviar auxilios á colonia brazilica, não podendo se quer suas esquadras obstar a sahida da primeira frota da *Companhia de Commercio*, que, deixando o Tejo a 4 de novembro de 1649, a 15 de fevereiro seguinte desembarcava no Recife grande reforço mandado aos insurgentes.

Contando que a côrte de Lisboa abandonasse seu dubio systema politico, não prevalecendo mais a triste idéa de vende-los á Hollanda, desenvolveram os pernambucanos pasmosa actividade, combinada com a nunca desmentida coragem. Assim pois vemo-

los apossarem-se das principaes praças occupadas pelo inimigo, e sitia-lo de novo em suas fortificações do Recife.

Tal era a angustia em que se achavam os flamengos, que cremos que acabariam por entregarem-se, reconhecendo a inutilidade da lucta. A chegada portanto da frota de Pedro Jacques de Magalhães não serviu senão para apressar o infallivel desfecho, sem diminuir em nada a gloria dos heroicos pernambucanos, que sem ella alcançariam os mesmos resultados; maximè si nos recordarmos que foram os navios de Magalhães testemunhas impassiveis dos derradeiros assaltos aos baluartes inimigos. Até a ultima hora seguira Portugal as maximas machiavelicas reprovadas pela moral, que cêdo ou tarde attrahem o castigo á seus adeptos.

N'essa famosa capitulação do Taborda, testamento do *Brazil Hollandez*, não deixaremos de assignalar a circumstancia de ter sido o seu negociador o mesmo André Vidal, que estreára a guerra da restauração.

A 27 de janeiro de 1654 expirava o dominio hollandez no Brazil depois de quasi vinte e quatro annos de continua occupação. Sentado hoje sobre o seu sepulchro julguemo-lo desapaixonadamente.

Si a liberal e generosa politica de Nassau fosse sempre observada é crivel que a acção do tempo fizesse desapparecer qualquer antagonismo de raça; respeitadas e igualmente protegidas todas as cren-

ças, impossivel se tornaria a guerra religiosa, e a igualdade de direitos e deveres ligaria todos os matizes da população. Bastaria um seculo para fazer apparecer nova geração, identificada com o sólo e com recentes instituições; fallando novo idioma, composto das duas linguas outr'ora rivaes. Numerosas estradas communicariam as bellas e grandiosas povoações, ligeiras barcas sulcariam os rios; e profundos canaes levariam aos sertões, outr'ora habitados pelos Tapuyas a seiva da civilisação; n'uma palavra esses audazes flamengos que haviam avassallado o oceano, multiplicariam entre nós as vantagens do seu genio emprehendedor, e favorecido por um clima edemico fariam do *Brazil Hollandez* a inveja do mundo.

Confessando com ingenuidade os bens que proveriam do dominio hollandez, quando bem dirigido, vemos com tudo na sua expulsão um favor do céo, evidente prova de que a terra de Santa Cruz merece, como outr'ora a d'Israel, sua especial protecção.

Pondo de parte todos os vexames, que necessariamente experimentariamos do mercantilismo, vexames taes que ainda ultimamente originaram a revolta dos Cipayos, e trouxeram a suppressão da famosa Companhia Ingleza das Indias Occidentaes, e admittindo a hypothese que governadores, como o conde de Nassau, succediam-se sem interrupção n'administração da colonia, ainda assim não devem

os pernambucanos lamentar a ruina do poderio batávo.

Outros seriam os seus melhoramentos materiaes, seu espirito porém não estaria mais cultivado. A vida dos povos não se mede pela dos individuos; ha pouco sahiu o Brazil do seu estado embrionario e já vias ferreas prendem as extremidades do imperio. Existem inalteraveis as tres unidades da grande epopea nacional : temos uma só religião, fallamos uma só lingua, e obedecemos a um só Monarcha. No apocalypse da historia gloriosos destinos aguardam o imperio do cruzeiro : tenhamos fé no futuro, e não pranteemos o passado.

IV

AS BATALHAS DOS GUARARAPES

AS BATALHAS DOS GUARARAPES (1)

São as batalhas dos Guararapes, pelejadas pelos pernambucanos contra os hollandezes, os mais brilhantes feitos d'armas de que se gloria a historia do Brazil colonial. Admiravel é por certo contemplar esses bravos, quasi esquecidos da metropole, arcando braço a braço com uma das primeiras potencias da Europa, e só no seu patriotismo encontrando recurso para debella-la em continuos combates e n'essas memorandas batalhas cuja grata recordação hoje invocamos.

Fecundas em propicios resultados, foram celebradas com verdadeiro enthusiasmo por nossos escrip-

(1) Este Estudo foi primitivamente impresso no tomo XXIX da *Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. Braz.* (anno de 1866).

tores, e cedo tomou a emphase o lugar da singela e veridica exposição dos factos. Historiadores ha que entendem ser licito adornar com os arabescos da ficção os fastos nacionaes, exalçar as victorias alcançadas sobre os contrarios, e esconder, ou attenuar as proprias derrotas; a esta escola pertenceram Herodoto, Tito Livio entre os antigos, e João de Barros e Rocha Pitta entre nós. Por mais respeitaveis que sejam taes auctores, por mais patriotico que pareça o seu proposito, apartamo-nos de seu methodo, pensando que abdicaria a historia a mais nobre das suas prerogativas si deixasse de fallar aos homens a verdade.

Reconhecendo a competencia de semelhante tribunal, para elle appellam vencedores e vencidos, e convicto de sua justiça ninguem ha que a tal emprazamento se recuse. Póde por dilatados annos fazer-se esperar a derradeira sentença; quando porém proferida traz ella o cunho da mais sublimada imparcialidade. Si de provas necessitasse este asserto bastaria citarmos a celebre batalha de Waterloo, tão desfigurada nas intimas praticas do seu protagonista, tão occulta aos olhos da critica pelo véo da legenda, e que hoje, graças aos escriptos de Gerard, Grouchy, Jominy, Charras e Edgard Quinet, refulge a luz da historia (1). Não creram estes benemeritos

(1) O proprio Thiers, apesar do seu enthusiasmo para

auctores defraudar o renome do seu paiz, marear o brilho das suas armas, restabelecendo a verdade dos factos, e, rendendo homenagem á sciencia militar do severo Blucher e do prudente Wellington, proclamarem que *só aos erros do vencedor d'Austerlitz, e não a uma cega fatalidade, deveu-se a triste jornada que cobriu de lucto a França.*

De longe seguindo a trilha de tão abalisados mestres, estabeleçamos rigoroso inquerito sobre as batalhas dos Guararapes, confrontando as narrativas dos nossos chronistas com as participações officiaes, que a seu governo remetteram os commandantes do exercito hollandez e os membros do supremo conselho do Recife. Para este nosso trabalho solicitamos a benevola attenção do Instituto, submettendo-o á sua douta correcção.

---

com Napoleão I, menciona alguns dos gravissimos erros que este commettera na supra dita memoranda jornada. (Vide a *Historia do Consulado e do Imperio.*

I

De erro em erro, de derrota em derrota, achavam-se os hollandezes a começar o anno de 1648 reduzidos á posse da praça do Recife, e os fortes da Parahyba, Rio-Grande do Norte e Itamaracá. Debalde procurára Segismundo von Sckoppe sangrar o inimigo assenhoreando-se da ridente Itaparica e levando a devastação ao reconcavo da Bahia; o prolongado assedio do Recife, e o imminente assalto com que o ameaçavam os pernambucanos, obrigaram o intrepido caudilho, á guisa d'Annibal, a voar em soccorro dos seus, deixando de colher faceis triumphos.

Cançados de estereis luctas, estavam ambas as parcialidades anhelando por prompto desfecho. Por mais d'uma vez sentiram os hollandezes as torturas da fome, obrigados como se achavam a mendigar da metropole o sustento quotidiano. A abundancia de viveres no contrario acampamento era todavia compensada pela absoluta deficiencia de meios de decisiva acção : assim pois alongavam ambos as suas vistas para além do atlantico á espera de soccorros, com fallazes promessas retardados.

Nos animos dos protagonistas d'este drama actua-

vam diversas causas : pelos directores da Companhia das Indias Occidentaes começava a ser olhada com desfavor a empreza pernambucana, attentos os minguados lucros que déra nos ultimos tempos e o adiantamento de grossos cabedaes que forçoso seria fazer : por outro lado sobrepujava nos conselhos portuguezes o receio de ver surgir á barra do Tejo as náos de Ruyter, que haviam feito tremer a Hespanha e ainda a soberba Albion.

Com indizivel difficuldade pôde Portugal esquipar uma frota de doze navios, na qual tomou passagem o conde de Villa Pouca d'Aguiar, que vinha substituir a Antonio Telles da Silva no cargo de governador geral do Brazil. Era a mudança d'este governador uma satisfação dada aos Estados-Geraes, a quem já não podiam illudir os protestos d'amizade que diariamente lhes fazia o embaixador Francisco de Sousa Coutinho.

Com embaraços não menores luctaram as Provincias-Unidas para obter que do porto de Goréa sarpasse a 26 de dezembro de 1647 uma armada ao mando do almirante With, e na qual se embarcaram seis mil soldados. Tal era porém a repugnancia que semelhante expedição inspirava, que, a despeito das mais fascinadoras promessas, muitos soldados e marinheiros desertaram nas arribadas que foram constrangidos a fazer.

Este reforço (diz um documento official que temos presente) chegou ao seu destino cortado pelas mo-

lestias, que em crescido numero se manifestaram a bordo e abatido pela adversidade dos naufragios (1). Era porém demasiado grande para não causar terror aos poucos defensores da causa pernambucana, que em vão se dirigiram ao governador geral em busca de proficuos subsidios. Não nos tendo elle, contentou-se com mandar-lhes palavras de animação e conforto.

Em tão apurado transe soube-se no arraial novo do Bom Jesus que duas caravelas transportando trezentos soldados, haviam sido aprisionadas pela esquadra hollandeza n'altura da Parahyba, e que seu valente cabo, o mestre de campo-general Francisco Barreto de Menezes, assás conhecido por seus feitos na campanha do Alemtejo, trazia a patente de commandante do exercito pernambucano. Bem fraco era este auxilio, furtivamente enviado pelo governo de Lisboa, mas o unico que lh'o permittissem suas criticas circumstancias. Sejamos justos para com as gerações passadas si com justiça quizermos ser julgados pelas gerações vindouras.

Lazaro da historia, erguêra-se Portugal do sepulchro que lhe cavára o temerario arrojo d'um real mancebo, as hesitações d'um fraco cardeal, e a desmarcada ambição d'alguns fidalgos, entre os quaes

---

(1) Officio do general Segismundo aos Estados-Geraes em data de 15 de abril de 1648.

punge-nos contar o heroico defensor de Diu (1). Quando arremessou ao conde duque d'Olivares o guante de D. João I, não tinha o duque de Bragança a seu lado o santo condestavel nem o arguto chanceller. Faltava-lhe outrosim esse ardor marcial, esse espirito emprehendedor, que devêra fazer de Ceuta a primeira escala para a longinqua posse de Malaca e d'Ormuz. Festejando o setimo anniversario da sua exaltação, contemplára com angustia o solo da patria talado pelos terços castelhanos, bloqueadas as praças, definhada a lavoura, empenhado o commercio, morta a industria, e apenas auxiliado por

---

(1) Eis como Rebello da Silva refere este vergonhoso passo da historia portugueza:

« Um alliado tão util á Castella pela sua posição como fatal á patria pela sua deslealdade. D. João de Mascarenhas, foi talvez o instrumento funesto da mudança repentina operada no animo de D. Henrique.

» Uma carta de Moura subjugou-o de maneira, que, procurando na rua o dispensador das mercês de Philippe II, ajustou ver-se com elle em sua casa das onze para a meia noite d'esse mesmo dia, indo D. Christovão disfarçado.

» O embaixador demorou-se quatro horas, e viu o vencedor de Diu arrancar a mascara do vassallo portuguez e atira-la a seus pés como inutil, denunciando-se verdadeiro subdito de Hespanha, mesmo antes de deshonrar oitenta annos de serviços com os actos publicos, que tanto envergonham sua memoria.»

(*Hist. de Portugal nos Seculos XVII e XVIII*, tom. I, cap. II.)

esse entranhavel odio que a ambição e o orgulho dos Philippes soubéra suscitar em toda a Europa. Hasteava a Hollanda o labáro da vingança, ainda lembrada das cruezas do sanguinario duque d'Alba, ainda espavorida das fogueiras da inquisição.

Convinha que a identidade de causas originasse identidade de effeitos : importava que Portugal e as Provincias-Unidas, victimas de igual injuria, se consorciassem na reparação. Fiel interprete d'este pensamento, apressou-se D. João IV em mandar Tristão de Mendonça a Haya, afim de negociar a tregoa dos dez annos, preliminar de mais duradoura paz. Oscillando entre o desejo de soccorrer a vassallos tão fieis e dedicados, como por certo o eram os pernambucanos, e o justo receio d'attrahir o resentimento dos audaciosos flamengos, que haviam humilhado os pendões de Castella, recorreu á politica de Lysandro, emendando a pelle de leão com a da raposa, e lançando mão d'esses tortuosos meios condecorados com os epithetos de *diplomaticos e estrategicos*. E se admiramos os Alberonis, os Mazzarinis, os Metternichs e os Talleyrands, porque havemos de desprezar aos Coutinhos e aos Telles da Silva só por serem portuguezes? ! !

Fôra o almirante With portador d'explicitas instrucções para que se esgotassem os meios pacificos antes de tentar os bellicosos. Amplo perdão, ou antes completa amnistia era offerecida a todos os moradores que se haviam revoltado, a quem se promettia

igualmente nova politica administrativa, fundada na justiça e na tolerancia.

Como era de prever, desprezados foram taes offerecimentos : e com mais ou menos arrogancia responderam os mestres de campo governadores e os demais cabos pernambucanos. Lamentamos o extravio d'estas respostas, nenhum valor attribuindo aos artefactos d'eloquencia gongoristica que lemos no *Valeroso Lucideno* e no *Castrioto Lusitano*.

A linguagem dos chefes hollandezes era sempre sobria e decorosa; do que póde servir de prova o seguinte trecho do officio em que Segismundo dava parte aos Estados-Geraes do mallogro do indulto concedido aos revoltosos :

« A respeito da ordem de Vossos Altos Poderes para que annunciassemos um perdão geral, apressámo-nos em pôl-a em execução, sendo-nos respondido que impossivel lhes era volverem á nossa obediencia por causa da extrema tyrannia exercida pelo anterior governo, e tambem em virtude da resolução tomada de preferirem a morte a qualquer ajuste, ou transacção comnosco (1). »

Esgotados os meios suasorios, pensou o supremo conselho do Recife e o habil general que o presidia

---

(1) Os officios dos chefes hollandezes por nós citados no decurso d'este trabalho são fielmente extrahidos d'uma preciosa collecção manuscripta que possúe o Instituto Historico conhecida pelo titulo de *Documentos hollandezes*.

em tomar a iniciativa d'aggressão; porquanto cada vez mais custosa tornava-se a subsistencia n'assediada praça. » Reiteramos a Vossos Altos Poderes (diziam elles em officio de 22 d'Abril) a supplica que lhe havemos feito de fornecer-nos meios de subsistencia para prover as necessidades d'este Estado, que diariamente se tornam mais urgentes, observando que, no caso de não chegarem elles com promptidão, bem criticas e deploraveis se tornarão as nossas circumstancias. » Fallando depois dos soccorros chegados ao arraial do Bom Jesus, accrescentam : « O inimigo concentrou suas forças em torno do arraial, recebeu reforços da Bahia e prepara-se seriamente para sahir-nos ao encontro. »

Insignificantes eram porém os reforços de que resa o documento hollandez; porque, como já vimos, de tenues recursos dispunha o conde de Villa-Pouca, tendo além d'isto d'attender á defesa da capital da Brazil, ameaçada de novo acommettimento.

O movimento que notava-se no campo pernambucano, a alacridade dos sitiantes, provinham de diversa causa. Festejava-se ahi a chegada de Barreto de Menezes, que, logrando escapar á prisão em que o guardavam, apparecêra d'improviso no arraial novo do Bom Jesus, e assumira o supremo mando sem a minima opposição da junta governativa (1).

---

(1) Acerca d'este illustre cabo de guerra eis o que derra-

Este acto d'acquiescencia ás ordens da metropole, que tantos gabos mereceu aos nossos chronistas, e ainda ao proprio Netscher, parece-nos summamente trivial na milicia, maxime se nos recordarmos que os nobres sentimentos do amor patrio, e não a vaidade e a fruição de pequenos gozos da governança, deveram animar os caudilhos da revolução. Intuitiva era a vantagem que resultava da

---

deiramente escreveu o senr. Varnhagen (visconde de Porto Seguro):

« Havia dois dias que um general experimentade havia tomado o mando das nossas forças. Era este novo chefe o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, já conhecedor da guerra do Brazil, por haver sido, como vimos, um dos cabos que em 1639 havia acompanhado a Luiz Barbalho, oppondo-se depois aos hollandezes no Rio Real, quando ahi se quizeram a primeira vez estabelecer, e passando mais tarde a adquirir novas glorias, e novos postos nas campanhas do Alemtejo.

» Fôra Barreto nomeado para dirigir em chefe as tropas de Pernambuco, por decreto do 12 de fevereiro de 1647, porém já perto do seu destino, em fim d'abril, o aprisionaram no mar os hollandezes e o levaram ao Recife, onde o tiveram durante nove mezes preso. Conseguindo porém escapar-se, favorecido por Francisco de Bra, filho do carcereiro e pelo francez João Voltien, se apresentára ao exercito em 23 de janeiro, e ahi esperou ordens do governo geral da Bahia, em virtude das quaes, chegadas recentemente, se havia posto á frente das tropas. »

(*Historio das Luctas com os Hollandezes no Brazil*, livro IX.)

unidade do commando, mórmente quando este recahia n'um varão como o mestre de campo-general F. Barreto de Menezes. Sua chegada ao campo independente equivalia pois á d'um exercito.

Os reforços que acabavam de receber os sitiados, tão exagerados pelos nossos chronistas, não lhes permittiam pôr em campo mais de cinco mil europeus, e quinhentos tapuyas, gente indisciplinada, que, como veremos, era muitas vezes um estorvo em vez d'um auxilio. O armamento d'este pequeno exercito era de pessima qualidade, porque á sua compra presidira a mais mesquinha economia.

« Diariamente (escrevia o general hollandez) recebo queixas ácerca do máo estado das armas de que vieram munidas as tropas recem-chegadas, em cujo espirito lavra o descontentamento resultante da falta de pontualidade no pagamento dos seus soldos. »

Forçado todavia pelas circumstancias, a que nos temos referido e desejando abrir communicação com o interior do paiz do que ha muito se achava privado, propôz Sigesmundo em conselho tentar uma sortida e apoderar-se da povoação da Moribeca, na qual pensava encontrar copiosos abastecimentos, servindo-lhe outrosim de ponto de partida para ulteriores expedições.

Approvado o seu alvitre, abalou do Recife no dia 18 de Abril pelas 7 horas da manhã, e, vadeando o rio dos Afogados, chegou ao sitio da Barreta, defen-

dido por uma companhia de cem homens commandados pelo capitão Bartholomeu Soares Cunha, que, apezar da desproporção das forças, pelejou com o denodo d'elle esperado, e só entregando-se prisioneiro quando toda a resistencia tornava-se impossivel.

Sabia Segismundo da vantagem que haveria em marchar immediatamente sobre a Moribeca, antes que os pernambucanos lhe pudessem vedar o passo; privou-lhe porém d'esta operação, aconselhada pelo simples bom senso, a pessima organisação do seu exercito, amalgama e refugo de todos os povos da Europa septentrional. « Só ás 6 horas da tarde (communicava elle aos Estados-Geraes) é que me chegou a retaguarda, obrigando-me a estanciar esta noite no lugar da refrega. »

Seriam duas horas quando ao arraial do Bom Jesus chegou a noticia do ataque da Barreta, e da marcha do exercito hollandez em direcção ao cabo de Santo Agostinho. Sem perda de tempo convocou o general portuguez conselho de guerra, ouviu os pareceres dos mestres de campo e inclinou-se ao voto dos que propunham a immediata partida no encalço dos invasores, esperando-os nos desfiladeiros dos Guararapes, verdadeiras Thermopylas pernambucanas (1).

---

(1) O exercito de Barreto acampou a sua vanguarda na

Sahindo do conselho mandaram os chefes tocar a rebate, e os soldados, deixando a frugal refeição que tomavam, correram ás armas e se puzeram em marcha.

Sagazmente utilisando-se da demora dos inimigos, foram os independentes acampar na estreita faixa que se estende do sopé dos montes Guararapes até ao mar. Excellente era esta posição, e sobremodo adequada á natureza do nosso exercito, que, privado d'artilheria, precisava de planicie para fazer manobrar a sua cavallaria, e os bandos de indios e pretos costumados a guerrilhas. Levando sobre os contrarios a immensa vantagem do perfeito conhecimento do terreno, acamparam no boqueirão que ahi fazem os Guararapes, resolutos aguardando a investida dos Hollandezes : tendo todavia por precaução cortado a ponte que existia sobre o rio Jangada, afim d'interceptar-lhes a marcha sobre o cabo de Santo Agostinho.

O exercito hollandez, forte de quatro mil e quinhentos soldados e cento e cincoenta tapuyas, seis peças d'artilheria, levando provisões pora oito dias, tomou posição nos montes Guararapes.

No Recife ficou o coronel Haus, á frente de mil

---

estreita lingua de terra entre os montes Guararapes e os alagados que haviam para a banda do mar e por onde passava a estrada, portando-se o grosso do exercito na retaguarda dos mesmos alagados.

homens, os quaes deveram ir em soccorro do exercito expedicionario si algum serio conflicto se empenhasse. A esta medida preventiva deveram os Hollandezes não ser mais completa a sua derrota.

No dizer dos nossos chronistas constava o exercito pernambucano de dois mil e duzentos homens, divididos por quatro terços, ao mando dos mestres de campo Vidal, Vieira, Camarão e Henrique Dias; além d'um pequeno corpo de cavallaria commandado pelo capitão Antonio da Silva. A vanguarda, que como todos sabem é o posto mais arriscado, foi n'esta gloriosa jornada commandada pelo heroico parahybano André Vidal de Negreiros.

Pela rapida exposição que acabamos de fazer, vê-se, que, si a superioridade numerica estava do lado hollandez, todas as outras militavam por nós.

A's 7 da manhã do dia 19 d'Abril de 1648, domingo da paschoela, acharam-se os dois exercitos em frente um do outro, e por alguns minutos guardaram esse sinistro silencio, essa mutua contemplação que sóe proceder ás grandes batalhas.

Foram os nossos os primeiros em acommetter; indo o capitão Antonio Dias Cardoso com sessenta homens desafiar o inimigo na excellente posição em que se fortificára. Apanhando a luva que d'est'arte lhe era arremeçada, mandou Segismundo que a brigada, ao mando dos coroneis Van Elst e Karweer repellisse os assaltantes, ferindo peleja com o grosso do exercito independente. Attrahidos a um terreno que

mal conheciam, atolaram-se os Hollandezes nos alagadiços que flanqueavam a estreita zona de terra, onde os nossos se achavam acampados. Intuitiva é a grande confusão que d'ahi resultou, devendo os soldados recemchegados a sua salvação á fuga. Acossados pelo terço de Vidal, largavam armas e bagagens, cahindo em nosso poder a sua propria artilheria.

Dando conta d'este incidente, que tão fatal lhe foi, assim se expressava o general Segismundo :

« Vendo-nos avançar retirou-se o inimigo attrahindo os nossos soldados aos terrenos paludosos que rodeavam o seu campo. Então os tres regimentos supra-mencionados, compostos quasi que inteiramente de gente bisonha, bateram em retirada com tal precipitação, que nem se serviram das suas armas, largando-as pelo caminho, apezar das vivas admoestações dos officiaes. Notando que a nossa tropa se precipitára nos paúes, fizeram os Portuguezes nova investida, atacando pela retaguarda e matando desapiedadamente os desgraçados que encontravam atolados, que em sua consternação não cogitavam em oppôr a minima resistencia. Foi então que perdêmos algumas bandeiras, muitas munições, armas, crescido numero de prisioneiros, que por um resto de humanidade poderam escapar á ferocidade dos inimigos. »

A artilheria e bagagem tomadas aos Hollandezes e confiadas á guarda dos indios de Camarão e dos

pretos de H. Dias não tardaram em voltar ao poder dos seus primeiros possuidores, que aproveitando-se da desordem que reinava entre elles, mais occupados com o saque do que com a defesa do precioso deposito que lhes fôra entregue; e por certo que completo seria o seu desbarato sem a chegada do capitão Antonio da Silva, enviado pelo general Barreto em seu soccorro.

Como habil estrategico soube Sckoppe reparar os erros da mal estreada acção mandando avançar a columna do coronel Haus, reforçada com mais quatorze companhias. Foi esta columna que escapou d'envolver as tropas de Camarão e Dias, que perdiam por falta de disciplina quanto haviam ganhado pela impavidez e denodo.

Conhecendo praticamente a grande vantagem que colheria se conseguisse desalojar os pernambucanos da sua forte posição, fez Segismundo converger todas as suas forças sobre este ponto, onde por espaço de quatro horas rijamente pelejaram uns pela patria e outros pelo dominio. Posto que enfraquecido o seu exercito de mil e quinhentos homens, que cobardemente haviam desamparado o campo da batalha procurando refugio na Barreta, ou abrigando-se atrás dos muros do Recife, commandava Segismundo a flôr de seus soldados e auxiliavam-os intelligentes e esforçados officiaes.

Por sua parte, alentados pela primeira derrota dos contrarios e conscios da sua superioridade topo-

graphica, resistiram os independentes aos novos acommettimentos sempre a pé quedo, rivalisando todos os seus cabos em valor e perspicacia. Mostrou-se Barreto merecedor da confiança que n'elle fôra depositada, correndo aos lugares de mais perigo, e acudindo com pasmosa solicitude ás varias necessidades occorridas no decurso d'acção.

Desenganados de poderem se apoderar do boqueirão, correram os Hollandezes a tomar o seu primitivo posto no viso da montanha, com o fito de recuperarem no repouso as abatidas forças. Crescidas haviam sido as suas perdas : o general Segismundo e quasi todos os coroneis e officiaes superiores estavam feridos ou mortos : forçoso era pois que por algumas horas se quedassem (1).

---

(1) Na communicação official da batalha assim se exprime Barreto :

« ... Amanhecendo segunda feira, dia de Nossa Senhora dos Prazeres, mandei descobrir o campo, achando nas demonstrações d'elle, ter-se retirado o inimigo com grande pressa e destroço, pois deixou na campanha novecentos homens mortos : e entre elles alguns feridos, uma peça d'artilheria de bronze, muitas munições e armas, as trinta e tres bandeiras que tenho referido, varias insignias : alem de outros despojos de roupa e dinheiro, de que os nossos soldados se aproveitaram. Dos mortos dos inimigos foram muitas pessoas de conta, e as principaes d'ellas foram o coronel Hous, e o coronel Van Elts ; e o coronel Hautyn morreu depois de chegar ao Recife, e d'alguns que aprisionamos

Nem menos fatigados estavam os independentes, havendo mais de vinte e quatro horas que não tomavam sustento algum. D'esta especie d'armisticio, negociado pelo cansaço, aproveitaram-se os nossos para beberem alguns goles d'agua assucarada, que lhes mitigou a abrasadora sêde.

Descambára o sol, e as sombras da noite, anticipada por densas nuvens, mensageiras de propinqua borrasca, cobriam o dorso das montanhas e desciam rapidamente para os valles.

Perigosamente ferido n'um artelho, ordenou Segismundo ao coronel Van den Brande que defendesse a posição occupada, operando, com o favor da noite, uma retirada em boa ordem para o sitio da Barreta, para onde desde logo partiu. Effectivamente realizou-se a retirada dos Hollandezes á meia noite no meio d'uma chuva torrencial, sendo ligeiramente inquietada a retaguarda por uma partida nossa que lhes fez alguns prisioneiros.

No mesmo sitio em que haviam acampado ficaram os independentes durante a noite, e só no dia seguinte é que, mandando explorar o terreno, tiveram indubitavel certeza da retirada dos contrarios.

---

foi um coronel Pedro Keerveer, de sorte que de seis coroneis que hazia o exercito, só dois escaparam de nossas mãos (1). »

(1) Diz o senhor Varnhagen, de cuja recente obra *Historia das Luctas dos Hollandezes* extractamos o citado officio, que o coronel Brinck não assistira pessoalmente á acção, porém sim parte do seu regimento.

A perda do exercito hollandez, a regularmo-nos pelos mappas enviados á sua metropole, foi de duzentos e oitenta e oito mortos e trezentos e trinta e nove feridos. Abundante material de guerra, inclusive duas peças de artilheria, foi despojo da victoria (1).

Pela nossa parte julgamos poder orçar a perda em oitenta mortos e quatrocentos feridos, regulando-nos pelos calculos do conde da Ericeira no seu *Portugal Restaurado*, que diz ter tido á vista as participações officiaes.

Costume inveterado é dos vencidos explicarem as suas derrotas por causas alheias á propria vontade: aqui porém apresenta-se uma excepção d'esta regra: porquanto já vimos que muito antes da batalha, e quando todas as probabilidades eram em seu pról, queixava-se o Supremo Conselho do Recife do máo estado das tropas.

Cremos derramar alguma luz sobre os successos d'esta batalha citando um paragrapho do officio, que em data de 23 d'abril d'esse anno de 1648, dirigia o coronel Van den Brande, aos Estados-Geraes:

« Deus nosso Senhor puniu-nos de todas as partes, como V. A. P. deverão saber por varias cartas

---

(1) Este calculo, que temos por mais veridico, se acha em manifesta contradicção com o de Barreto, supra mencionado. Foi sempre costume exagerar as perdas dos contrarios e diminuir as proprias.

d'aqui mandadas. O inimigo mostrou-se corajosamente em campo, como por tanto tempo desejámos, com cerca de tres mil homens, segundo disseram os prisioneiros : nós tinhamos mais de quatro mil, mas tão deploravel e desastroso foi o nosso principio, que, se Deus não désse coragem a alguns officiaes, ainda mais lamentavel seria esta jornada. Os officiaes em geral bateram-se bem, porém os soldados comportaram-se como uma *corja de cães tinhosos :* o que a tal ponto nauseou-me, que não posso encontra-los sem que instinctivamente volte o rosto. »

Mas que outra cousa devêra esperar-se de soldados que, na phrase do proprio Van den Brande, haviam *imperiosamente* exigido o pagamento dos seus soldos antes de marcharem para o combate ? Era esta natural consequencia do systema abraçado pelas Provincias Unidas de confiârem a defeza de sua honra, ou interesses, a tropas mercenarias.

A cobardia ou má vontade de semelhante gente pôz-se ainda em maior relevo, quando vergonhosamente fugiram diante da pequena força capitaneada por Braz de Barros, que por ordem do general portuguez fôra restaurar a villa d'Olinda e o forte da Barreta, ambos cahidos em poder dos hollandezes. Seja ainda Van den Brande quem nos informe de tão feio proceder :

« Oito companhias receberam ordem d'irem occupar e defender uma pequena fortaleza, proxima á villa d'Olinda, que o inimigo desemparára Durante

a marcha os soldados lançaram fóra as balas e polvora, e quando no dia seguinte pela manhã investiu o inimigo os nossos, que lhes levavam vantagem em numero e posição, *fugiram como ladrões*, deixando no campo a um capitão e dois tenentes. Cumpre notar que os portuguezes não passavam de cem, commandados por um capitão. »

II

Grande jubilo causou esta victoria em todas as paragens do Brazil onde chegou a sua noticia; misturaram-se ás festas profanas solemnidades religiosas, e ninguem houve que deixasse de congratular-se por tão esplendido quão inesperado exito. O proprio conde de Villa Pouca, sciente da resolução em que se achavam os pernambucanos d'aceitar batalha campal, caso lh'a offerecessem os hollandezes, receiando-se do mallogro de tal commettimento, attenta a grande desproporção de forças, mandára postar gente nas margens do rio de S. Francisco, afim de proteger-lhes a retirada, e para que não se reproduzisse scena igual á de Porto Calvo.

Com tetricas côres desenhava-se a situação dos assediados do Recife; por isso, logo que lh'o permittiu seu estado morbido, pensou Segismundo em descarregar sobre os portuguezes decisivo golpe. Molestando-lhe em extremo o forte construido pelos

nossos no sitio denominado *Asseca*, ordenou que fosse elle tomado d'assalto, o que com facilidade conseguiu, graças á inercia do official que ahi commandava.

Illudiram-se os sitiados com esta incruenta victoria, e pensando que a brisa da fortuna de novo bafejava suas armas, resolveram proseguir em seus planos, investindo com grande impeto a estancia defendida por Henrique Dias. Não bastou para escarmenta-los as vigorosas repulsas que experimentaram nos dias 21 de maio e 18 de agosto de 1648, porquanto estimulados pela fome, resolveram tentar um desembarque no reconcavo da Bahia, com o fim de se abastecerem de viveres, fazendo ao mesmo tempo todo o mal que pudessem aos habitantes.

Releva confessar que bem concertado era este plano, moldado sobre o da antiga Roma, quando, ameaçada na Italia por Annibal, mandava Scipião desembarcar na plaga africana e ferir no coração a sua poderosa rival.

Desguarnecida estava a capital do Brazil, tendo pouco tempo antes o conde de Villa Pouca enviado o mestre de campo Francisco de Figueirôa em auxilio dos pernambucanos; mas no animo de Segismundo não entrára renovar a façanha de 1638, nem lhe prescreviam suas instrucções apoderar-se da cidade do Salvador. Contentando-se em arrecadar opimos despojos, e incendiando povoações e engenhos sitos no litoral, deixou a esquadra do vice-al-

mirante Gielissen as aguas da Bahia, indo surgir diante do Recife a 30 de Janeiro de 1649.

Não eram só os hollandezes que soffriam as angustias da fome; pois que no arraial novo do Bom Jesus escasseavam diariamente os viveres remettidos de Sergipe, e absoluta era a impossibilidade de grangeal-os nas cercanias do Recife, assoladas pelo ferro e pelo fogo inimigos, nem ainda nas comarcas do interior, onde succumbira a lavoura ao sôpro mephytico da guerra.

Claro é que d'ambos os lados anhelava-se por sahir da posição ambigua em que se viam collocados.

A restauração d'Angola, devida aos nobres esforços do benemerito fluminense Salvador Corrêa de Sá e Benevides, irritou em extremo ao governo hollandez, que esteve a ponto d'enviar uma formal declaração de guerra a el-rei de Portugal; a habilidade diplomatica de Coitinho pôde ainda d'esta vez conjurar a tormenta.

N'esta incommoda e espectante situação começou o anno de 1649.

Nada porém incommodava tanto ao brioso general Segismundo van Sckoppe do que a inacção, conhecendo por longa experiencia quão funesta era ella á moral das suas tropas: assim, logo que viu de volta a expedição da Bahia, deliberou dirigi-la contra algum ponto mais vulneravel das possessões portuguezas no Brazil. Assomou-lhe a mente a expugnação do Rio de Janeiro, que sabia achar-se mal

fortificado, e cujas riquezas começavam a tornarem-se proverbiaes. Não prevaleceu porém seu voto em conselho pelos motivos que lemos expostos no officio de 10 de março, endereçado aos Estados-Geraes, do qual citaremos o trecho seguinte :

« Apenas voltaram os nossos fizemos novos preparativos para ir procurar o inimigo e emprehender alguma cousa que lhe fosse prejudicial. Entendeu a auctoridade superior que digna era esta idéa de ser submettida a um conselho, para o qual foram os coroneis convidados. Tanto elles como eu fomos de opinião, que não seria conveniente atacar aqui o inimigo na vantajosa posição em que se collocára ; mas sim em qualquer outra localidade onde o rei de Portugal pudesse experimentar prejuizos ; convindo mais aos interesses da companhia dirigir nossa força para o Rio de Janeiro. Senhores d'esta importantissima praça, buscariamos n'ella mantermo-nos e fortificarmo-nos ; e na hypothese contraria contentar-nos-hiamos em devastar o paiz, queimando seus engenhos d'assucar, e seguindo no rumo do sul praticariamos identicas devastações, voltando nossos navios repletos de riquezas de toda a especie. Não quizeram porém os srs. membros do Supremo Conselho tomar em consideração a minha proposta, allegando haverem recebido cartas dos deputados á assembléa dos XIX desapprovando a ultima expedição da Bahia, e recommendando positivamente, que não fossem as nossas forças distrahidas de Pernambuco. »

Tornando ao antigo projecto d'abrir communicações com o interior aprestou-se o exercito para a nova façanha, buscando remediar os erros e omissões que da vez passada lhe houvera acarretado a derrota dos Guararapes.

Não lhe consintindo ainda o estado de sua saude assumir o commando das tropas expedicionarias, delegou Segismundo sua jurisdicção no coronel Brinck, recentemente chegado com fóros de bravo e intelligente militar.

Na noite de 17 de fevereiro uma divisão composta de tres mil quinhentos e dez homens, com provisões para oito dias, abalou do Recife em direitura ao antigo *forte Emilia*, e havendo franqueado o rio dos Afogados chegou ao romper d'aurora á Barreta. Sem ahi deter-se como no anno anterior, pôz-se logo em marcha para os montes Guararapes, escolhendo para fortificar-se esse mesmo boqueirão, que a preterita lição demonstrára ser de subida valia.

Informado anticipadamente das disposições do inimigo, havia o mestre de campo-general Barreto ordenado ao commandante da Moribeca que fortificasse a ponte de S. Bartholomeu, onde por algum tempo seria possivel deter a marcha dos invasores. Tomadas estas medidas preliminares, e havendo determinado que se recolhessem ao arraial as forças que se achavam destacadas, passou a implorar o auxilio divino por meio de jejuns, preces e procis-

sões penitenciaes, auctorisadas pelo vigario geral Domingos Vieira de Lima.

A's 10 horas do dia 18 soube Barreto da sortida dos sitiados, e de prompto chamou a conselho os officiaes superiores do exercito. Unanimes foram estes em dever-se ferir peleja marchando logo na indicada direcção.

Partindo do arraial do Bom Jesus ao meio dia, chegaram os independentes pelas 4 horas da tarde aos montes Guararapes, tomando posição no sitio denominado *Oitiseiro*, visto acharem-se todos os outros occupados pelos Hollandezes.

Não passavam os nossos de dois mil e seiscentos homens comprehendidos os indios e negros, e tinham d'esta vez a desvantagem da posição.

Guiando-se sempre pelos dictames da previdencia, recusou Barreto tomar a si a responsabilidade do ataque, e, como de costume, convocou os principaes cabos do exercito, cujos pareceres pediu. Opinaram Vidal e Figueirôa que fosse de prompto investido o inimigo, aproveitando o ardor das tropas; foi porém Vieira de differente alvitre, sustentando a conveniencia de dar-se algum repouso a essas tropas, extenuadas por uma longa e mui rapida marcha. Lembrou outrosim Vieira a utilidade d'assenhorearem-se do sitio denominado *Engenho Novo*, para ahi pernoitarem, tomadas as precauções contra quaesquer sorpresas, e buscando ao mesmo tempo ter o inimigo em continuos rebates.

Abraçado tão sensato parecer, pôz-se o exercito em marcha, e chegou ao sitio aprazado sem que empenhasse conflicto algum. Grande numero de moradores, quasi todos armados, vieram aggregar-se ao exercito libertador, trazendo-lhe cavallos, petrechos bellicos e vitualhas. Com o proposito de occultar a inferioridade numerica da sua gente, determinára Barreto encobri-la com os cannaviaes e arbustos, que cresciam nas encostas da montanha.

Ao amanhecer do dia 19 procuraram ambos os exercitos se orientarem, incumbindo o general portuguez ao capitão Antonio Rodrigues França de explorar o terreno á frente de quatro companhias. Trouxe-lhe esse official a certeza de que os Hollandezes mantinham-se em seus postos, depois de tambem por sua vez haverem expedido partidas para descobrir campo.

Parece que os adversarios por melhor se conhecerem hesitaram mais em ferir peleja : lemos nos documentos hollandezes, que o coronel Brinck convocára tambem um conselho de officiaes superiores, pondo em deliberação o projecto de levantarem campo, indo fortificarem-se no lugar chamado *Varzea*. Regeitado pela maioria este expediente (1),

---

(1) No officio do commissario Van Goch ao presidente do conselho do Recife, lê-se :

« ... Todos foram de voto que não se ficasse alli por mais empo do modo que estavam : preferindo antes marchar

assentou-se em abandonarem as alturas e virem na planicie offerecer batalha aos pernambucanos.

Seriam tres horas da tarde quando o capitão França, que observava os movimentos do inimigo, advertiu a Barreto que começavam estes a deixar a posição dos montes, parecendo desfilarem em retirada.

A custo capacitou-se o general dos independentes, que o chefe hollandez tivesse commettido o grosseiro erro de desamparar o cimo das montanhas, de onde tão bem funccionava a sua artilheria, e de onde tão grandes damnos podia causar-lhe. Força foi porém ceder á evidencia dos factos, em virtude dos quaes ordenou que uma columna ao mando de Vidal e de Figueirôa fosse occupar a posição deixada pelo inimigo.

Pelo empenho que mostravam os pernambucanos em se apossarem das posições elevadas, conheceu Brinck a falta em que cahira, e, julgando ser ainda tempo de repara-la, ordenou ao coronel Hautyn e

---

nessa noite, quer para o cabo de S. Agostinho, quer para a Varzea, cortando aos nossos a retirada. Nem um d'esses dois arbitrios foi porem adoptado por Brinck, nem pelo conselheiro adjuncto Van Goch, que resolveram ordenar a retirada outra vez para a Barreta, a esperar ahi novas ordens e não effeituar essa retirada de noite, o que poderia mostrar medo, mas immediatamente, e em presença do exercito contrario.»

ao tenente-coronel Claes que desalojassem o inimigo das mencionadas posições.

Rude peleja travou-se n'essa localidade. Assignam os documentos hollandezes como primeira causa da sua derrota a formal repulsa que soffreram os atacantes, ainda aggravada pela debandada com que os soldados dos coroneis Van den Brande e Van Elts desciam das montanhas.

Emquanto cobriam-se de immarcesciveis louros os mestres de campo Vidal e Figueirôa, não descançava Vieira; mas antes, capitaneando oitocentos homens, entre os quaes se contavam os terços de Henrique Dias e de Diogo Camarão, avançou pelo razo de Boqueirão, guardado por oito esquadrões de cavallaria e duas peças de artilheria.

De ambas as partes combatia-se com ardor, conhecedores como estavam da importancia dos respectivos postos. N'esta para sempre memoranda batalha (1) ostentou Vieira prodigios de coragem e tino militar; assoberbou impavido a morte, e quan-

---

(1) Em commemoração d'esta e d'anterior batalha pelejada quasi na mesma localidade ordenou Barreto (depois d'acabada a guerra) se erigisse á expensas suas uma capella consagrada a N. Senhora dos Prazeres, cuja guarda confiou aos religiosos benedictinos de Pernambuco. Esta capella converteu-se depois (em 1872) numa sumptuosa igreja de igual invocação que hoje campea sobre os historicos montes Guararapes.

do, ferido o cavallo em que montava, teve de passar-se para outro, arrostou a furia dos inimigos combatendo a pé como simples soldado. Seu valor e pericia conseguiram desalojar os Hollandezes das suas fortificações, apoderando-se de duas peças de artilheria que as defendiam.

Grandes estragos no campo dos independentes faziam os quatro canhões, servidos por peritos artilheiros e commandados pelo vice-almirante Gillissein : tomou Vieira sobre si remover semelhante obice, e auxiliado pelo denodado Henrique Dias arrojou-se sobre a eminencia onde se achava a artilheria inimiga, e mui caro pagaria sua temeridade se Barreto, sempre attento em acudir aos perigos e concertar desacertos, não tivesse ordenado á columna de Vidal e Figueirôa que voasse em soccorro de Vieira. Acommettidos por todos os lados, ainda resistiam os hollandezes com indizivel bravura, quando uma bala perdida do Boqueirão que acabavam de tomar os pernambucanos deu por findos os dias do valoroso Brinck, que com a espada em punho animava com palavras, e ainda mais com o exemplo, a coragem abatida dos seus soldados.

Como costuma succeder em taes casos, a morte do chefe foi o signal da derrota. Semelhantemente á anterior batalha, converteu-se a retirada em debandada, que com sentidas e palavras energicas estigmatisava o commissario do Conselho Supremo do

Recife em seu relatorio aos Estados-Geraes da Hollanda :

« Foram tão grandes a consternação e o panico dos nossos que se o inimigo, em vez de entregar-se ao saque, como costuma, pretendesse perseguir-nos com mais empenho, é muito provavel, senão indubitavelmente certo, que o restante do nosso exercito ter-se-hia deixado trucidar, sem oppôr a menor resistencia; porquanto desordenadamente fugia sem olhar para traz. »

Oppomos á bombastica enumeração das perdas dos hollandezes feita por Fr. Raphael de Jesus no seu *Castrioto Luzitano* os seguintes algarismos, extrahidos do relatorio que ao principe d'Orange e aos Estados-Geraes remetteu o general Segismundo van Sckoppe :

« N'este recontro morreu o coronel Brinck, quatro tenentes-coroneis, quatro majores, trinta e cinco capitães, trinta e dois tenentes, vinte e seis alferes, quarenta e nove sargentos e oitocentos noventa e quatro soldados, prefazendo o computo a novecentos cincoenta e cinco mortos e noventa prisioneiros. » Fazendo a enumeração das perdas materiaes confessa com ingenuidade, que os seus haviam deixado no campo da batalha cinco canhões de pequeno calibre, cinco estandartes, e termina deplorando que os ultimos revezes não lhe consintam pôr em campo mais de trezentos homens por cada um dos cinco regimentos recentemente chegados.

Sobre o procedimento das nossas tropas auxiliares, accusadas pelos hollandezes de grande fereza para com os prisioneiros, invoquemos o testemunho de Diogo Lopes de Santiago, que na sua *Historia* (ainda inedita) *da Guerra de Pernambuco* (1) assim se exprime:

« Vendo-se desbaratados e destroçados os que ficaram puzeram-se em fugida, largando as armas os que com a vida escapavam. Estavam já os nossos tão cansados e com tão intoleravel sêde que não podiam seguir o inimigo, porque, ainda que os soldados de cavallo os seguiram, iam muito cansados, e apenas os cavallos se podiam mover; comtudo muitos soldados tirando forças da fraqueza, foram seguindo os hollandezes até junto das suas forças da Barreta, indo matando e aprisionando muita cópia dos que iam fugindo, e outros perderam-se pelos montes e matos, que no caminho havia; de sorte que poucos escaparam das mãos dos nossos soldados; e tambem muitos dos moradores dos que acudiram os foram seguindo, matando e aprisionando,

---

(1) Este precioso codice existe na bibliotheca do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, onde tivemos occasião de manusea-lo, servindo-nos em certos lugares litigiosos de seguro guia pela circumstancia muito attendivel de ser sido testemunha ocular dos successos que narra, occorridos no ultimo periodo da guerra hollandeza em Pernambuco.

valendo-se tambem não poucos das presas que achavam, posto que de menos consideração do que foram as da primeira batalha, principalmente muita cópia de negros, que iam no alcance de seus senhores. »

Pelas palavras que acabamos de transcrever, vê-se que os hollandezes buscaram refugio, na Barreta, onde os navios na sua esquadra, tambem privada do seu almirante, que achára a morte nos Guararapes (1), transportaram os destroços do exercito para *Mauricia* ou *Mauritstadt*, como denominavam o Recife.

Grande influencia teve esta batalha nos conselhos de D. João IV, dando motivo á revogação da ordem

---

(1) O vice-almirante Gellessein, que commandava a artilheria na segunda batalha dos Guararapes. O admirante era Corneliszoon With, que a 9 de novembro d'esse mesmo anno (1649) regressou a Hollanda, onde apenas chegado teve ordem do Statdhouder para recolher-se a uma prisão. Attribiu-se esta má recepção ás intrigas dos membros do Conselho Supremo do Recife.

Em defeza propria escreveu elle um longo relatorio das suas operações no Brazil, em cujo importante documento (hoje recolhido aos archives reaes da Hollanda) faz gravissimas accusações de negligencia e ma fé aos membros do referido Conselho.

Tivemos conhecimento d'esta preciosidade pela fructuosa leitura que fizemos da obra recentemente publicada pelo nosso prestante amigo o senr. José de Vasconcellos, conhecida dos amadores da historia patria com o titulo de *Datas celebres e Factos notaveis da Historia do Brazil, desde a sua descoberta até o anno de* 1870.

expedida ao padre Vieira para negociar com as Provincias-Unidas a cessão de Pernambuco em troca de soccorros de gente e dinheiro, com que pudesse debellar a Hespanha, assegurando a independencia nacional (1).

---

(1) Si a noticia da victoria alcançada a 19 de fevereiro de 1648 nos montes Guararapes interrompeu as negociações já entaboladas para cessão do Brazil Hollandez, a da segunda batalha, ganha a 19 d'abril do anno seguinte determinou a formação d'uma *Companhia Geral do Commercio para o Brazil*, que, pelos artigos 43.º e 45.º obrigava-se a concorrer para a restauração dos portos que estavam em poder do inimigo.

Em verdade a uma frota d'essa Companhia, commandada por Pedro Jacques de Magalhães (1.º visconde de Fonte Arcada) que surgiu no posto do Recife aos 20 de dezembro de 1653, deveu-se em grande parte a capitulação da cidade, e a evacuação de todo o Brazil pelas forças hollandezas de mar e terra.

Um dos negociadores d'esse tractado foi o illustre parahybano André Vidal de Negreiros, que em recompensa dos relevantissimos serviços teve o fóro grande, uma commenda da ordem de Christo e a nomeação de capitão-general do Maranhão.

João Fernandes Vieira teve igualmente o fóro grande, uma commenda da ordem de Christo, e a nomeação de capitão general d'Angola.

Francisco Barreto de Menezes recebeu o despacho de governador geral do Brazil.

Philippe Camarão e Henrique Dias tinham morrido antes de findar-se a guerra.

A todos os outros officiaes do exercito restaurador de Per-

Não se illudiram os Hollandezes sobre o alcance politico d'este feito d'armas, e convenceram-se que impossivel se havia tornado a sua persistencia n'um paiz cujos habitantes lhes votavam tão implacavel odio.

Por seu turno conheceram os pernambucanos que sem estranho auxilio não poderiam expulsar do solo da patria os soldados da Hollanda, e sangrados do precioso sangue que haviam perdido nas duas gloriosas e successivas batalhas dos Guararapes podiam dizer, como outr'ora Pyrrho depois da batalha de Asculum : « *Mais uma victoria como esta, e estamos perdidos.* »

---

nambuco mandou a provisão de 29 d'abril de 1654 se reservassem os melhores cargos da capitania, e aos soldados se dessem terras de sesmarias.

V

A CARIOCA

A CARIOCA (1)

MEMORIA HISTORICA E DOCUMENTADA

« A fonte de que bebem os vizinhos da cidade, é um copioso rio, chamado *Carioca*, de puras e crystallinas aguas, que depois de penetrarem os corações de muitas montanhas, se despenhavam por altos riscos uma legua distante da cidade, onde as iam tomar com algum trabalho; mas aquelle Senado, com magnifica fabrica e liberal despeza trouxe para mais perto aquelle rio, e de proximo o laborioso cuidado do general Ayres de Saldanha d'Albuquerque que n'este tempo com muito acerto governava aquella provincia, o trouxe para junto da cidade com maior grandeza e utilidade. É fama, acreditada entre os seus naturaes, que esta agua faz vozes suaves nos musicos, e mimosos carões nas damas. »

(ROCHA PITTA. — *Hist. d'Amer. Port.* Liv. II, n. 88.)

Taes são as palavras de que se serve o Tito Livio Brazileiro fallando d'essa famosa fonte cuja notoriedade em todo o Brazil fez-nos dar o appellido, que mais tarde trocamos pela impropria denominação de *fluminenses*.

Composta de duas palavras indigenas — *Cary* e *O'ca* que significam, segundo alguns etymologistas

---

(1) Impressa no tomo XXV da *Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. Braz.* (anno de 1862).

— *Casa d'agua corrente*, e segundo outros — *Agua corrente de pedra* — foi pelos Portuguezes chamada — *Mãi d'agua*, como se lê nas antigas escripturas de sesmarias das terras circumvizinhas (1).

Nascia o rio Carioca na serra da Tijuca e depois de haver formado a lagôa do Rodrigo de Freitas fertilizava os vales do Botafogo e das Larangeiras, onde o encontraram os primitivos moradores, e onde iam buscar suas aguas para as necessidades da vida, apesar da distancia de tres quartos de legua em que se achava da cidade (2). Perdendo o seu nome com o encanamento que d'elle fizeram, esquecida quasi que se acha a sua procedencia.

Intuitivo é o incommodo que deveram experimentar os primeiros colonos sendo obrigados a procurarem agua potavel tão longe e por tão máos caminhos. Não devera escapar á perspicacia dos capitães-móres e governadores, que desde Salvador Corrêa, administraram a nossa terra a urgente necessidade de construir chafarizes dentro da povoação : faltava-lhes porém o indispensavel recurso para semelhante empresa; e arcando com a penuria do seu pauperrimo orçamento não podia tão pouco o senado da camara attender ao reclamo dos seus municipes.

---

(1) Mons. Pizarro, *Mem. Hist. do Rio de Janeiro*, tom. VII.
(2) Mons. Pizarro, *loco citato*.

Por varias vezes havia representado o povo contra o abuso praticado por alguns moradores das vizinhanças da Carioca, que roteando as suas terras, deixavam não sómente impuras as aguas, como até impediam o seu uso. No governo interino de Thomé Corrêa d'Alvarenga em 1658 pediu o povo á camara que comprasse aquellas terras e matas para ficarem perpetuamente livres, não podendo serem aforadas em tempo algum. Não sendo possivel acquiescer á esta supplica pela razão que deixamos apontada, concertou-se todavia nos meios de conduzir a agua da Carioca pela encosta dos morros das Larangeiras, como se deprehende da Carta Regia de 26 de Maio de 1682, que mandou suspender a cobrança do imposto de 400 réis por cada barril d'aguardente do reino, applicado á essa obra e as do conselho, ordenando a camara a restricta observancia da Carta Regia de 6 de Maio de 1672, na qual se destinava para o encanamento da Carioca o subsidio pequeno dos vinhos e metade do rendimento das despezas da justiça, na fórma requerida pelo procurador da dita camara (1).

Da Carta Regia dirigida a Mathias da Cunha (2)

---

(1) Mons. Pizarro, *loco citato.*

(2) Mathias da Cunha. Eu o Principe vos envio muito saudar. Havendo mandado ver o que me escreveram os officiaes da Camara d'essa cidade, em carta de 14 de junho de 1676 sobre se haver de conduzir a ella a agua do rio

em data de 3 de Junho de 1677 vê-se que o principe regente, que depois foi o Sr. D. Pedro II de Portugal, ordenava que se proseguisse na obra encetada segundo o plano escolhido.

Dous annos depois (em 1679) escrevendo o mesmo principe regente a D. Manoel Lobo, governador d'esta praça, determinava-lhe *que não se divertisse para qualquer outro objecto a consignação destinada ás obras da Carioca*, que no seu entender era sufficiente, não obstante a representação da camara de 7 d'Agosto d'esse mesmo anno, em que lhe ponderára quão escassos eram os redditos do subsidio pequeno dos vinhos, attendendo-se ás difficuldades inherentes á tal empresa (1).

Carioca, pelos grandes prejuizos que do contrario se seguiram aos moradores da mesma cidade, para cujo effeito tinham applicado para o gasto da obra, a renda do subsidio pequeno me pareceu dizer-vos, que façaes continuar a dita obra na conformidade do assento que se tem feito, visto approvar-se a fórma d'elle, e ordenareis que com effeito se consiga a dita obra, e que se não pare n'ella, para que de uma vez (ajustado o modo com que se ha de conduzir a agua a esta cidade) se execute o que se tem assentado. Escripto em Lisboa a 3 de junho de 1677.

Principe.

Para o governador do Rio de Janeiro.

Conde de Val de Reis.

(1) D. Manoel Lobo. Eu o Principe vos envio muito sau-

Revela-nos a Carta Regia de 26 de Maio de 1682 (1) a obstinação da nossa municipalidade em

---

dar. Havendo mandado ver o que me escreveu o governador Mathias da Cunha, vosso antecessor, em carta de 6 de agosto do anno passado sobre se continuar com a obra da agua do rio Carioca e que applicaria quanto fosse possivel por ser muito util para esta cidade; e mandando tambem ver o que de novo me representaram os officiaes da camara d'ella em carta de 9 de agosto do dito anno, em razão das difficuldades que havia para se não poder continuar com a dita obra, por se haver mister para ella muitos annos e quantidade de dinheiro, sendo mui limitado o rendimento do subsidio pequeno que para ella estava applicado; pelo comprido caminho, montes e penhas por onde se havia de romper; de mais que o rio havendo seccas diminuia de sorte que não levava agua bastante para vir de tão longe, por cuja causa seus antecessores a intentaram unir com outro rio, Me pareceu encommendar-vos (como por esta o faço) que se continue a dita obra, e que se faça com a brevidade que pede a necessidade d'esses moradores, não se divertindo para outra cousa alguma o que está applicado a esta obra, por ser bem publico e commum, e constar por informações que isto é o mais conveniente aos ditos moradores. Escripto em Lisboa a 14 de dezembro de 1679.

Principe.

Para o governador do Rio de Janeiro.

Conde de Val de Reis.

(1) Duarte Teixeira Chaves. Amigo. Eu o Principe vos envio muito saudar. Havendo mandado ver o que escreveram os officiaes da camara d'essa capitania em carta de 18 e 21 de maio do anno passado sobre se determinar n'aquelle se-

cobrar o referido imposto de 400 réis sobre a aguardente em favor das obras da Carioca, e a formal

---

nado pelos officiaes d'elle governador Pedro Gomes, desembargador syndicante João da Rocha Pitta, provedor da fazenda e ouvidor geral, se impozesse nas aguardentes que iam d'este reino a essa capitania um novo subsidio de mil e duzentos réis por cada barril, oitocentos réis para a infantaria, que tinha ido para a nova povoação por causa de poucos effeitos, que havia para ser soccorrida, e quatrocentos réis para as obras do conselho e agua da Carioca, a qual se não poderia conduzir a essa praça na fórma em que eu ordenava, e que ficavam tratando de a levar por onde tinha principiado Thomé Corrêa de Alvarenga sendo governador d'essa praça, assim por estar já muita quantidade da obra feita de pedra e cal, como por estarem certos da altura, e o livel que era necessario para a dita obra com a experiencia que fizeram seus antecessores. Me pareceu ordenar-vos (como por esta o faço), que dos tres cruzados que os officiaes da camara com os mais ministros determinaram se impuzessem nas aguardentes se cobrem os dous cruzados para a infantaria por não haver n'esse estado o bastante com que se pague. E para a boa arrecadação ordeneis que haja cofre aonde se recolham e que os barris d'aguardente déem entrada em vossa casa, para que saibaes os que entram, e se não posso divertir esta contribuição e da arrecadação tenham cuidado o vereador da camara mais velho, o ouvidor, e Antonio Rider, os quaes tenham cada um sua chave e a despeza se faça com intervenção vossa, e vos encarrego muito, e mando que esta contribuição se não divirta a outro effeito e sirva sómente para o pagamento da infantaria. E quanto ao cruzado que se determinou impor para a obra da agua da Carioca se não imponha, nem permittaes que o arrecadem os officiaes da camara, supposto que a dita obra

desapprovação que semelhante medida merecia do governo metropolitano, que recommendava a Duarte Teixeira Chaves, que não permittisse por fórma alguma tal contribuição; por isso que essas obras tinham *consignação certa e abundantissima.* Na mesma data foi reprehendida a camara pelo seu des-

---

tem consignação certa e abundantissima, cumprindo-se muito inviolavelmente a provisão que mandei passar em 6 de maio de 1672 e as cartas que fui servido escrever aos officiaes da camara e governadores Mathias da Cunha e D. Manoel Lobo em 3 de junho de 1677 e 14 de dezembro de 1679, de que se vos enviam as copias, para que a camara não seja dispenseira a seu arbitrio da contribuição applicada a esta obra; mas que a despeza se faça na fórma que convém, assistindo vós a tudo, o vereador mais velho, o ouvidor, o reitor da companhia, e que se faça pelo modo que tinha disposto Thomé Corrêa de Alvarenga, por se achar que todo o outro é impossivel. E n'esta conformidade o mando tambem ordenar aos ditos officiaes da camara e assim como vossos successores procurareis correr com a dita obra com todo o calor e com toda a circumspecção na distribuição, do que para ella está applicado, como espero do zelo com que me servis, e mandareis registrar esta minha carta nas partes a que tocam, para que vossos successores tenham noticia do que por esta ordeno. E me dareis conta do que se for obrando n'este particular. Escripta em Lisboa, 26 de maio de 1682.

Principe.

Para o governador da capitania do Rio de Janeiro.

Conde de Val de Reis.

cuido e má applicação das sommas despendidas (1): faltando-nos os precisos dados para verificar até que ponto era merecida semelhante accusação, que todavia não nos parece destituida de fundamento em presença da queixa que o governador do Rio de Janeiro fazia a El-Rei em 30 de Junho de 1683 de

---

(1) Officiaes da camara da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Eu o Principe vos envio saudar. Havendo mandado ver o que escrevestes em cartas de 18 e 21 de maio do anno passado sobre se determinar n'esse senado pelos officiaes d'elle governador Pedro Gomes, desembargador syndicante João da Rocha Pitta, provedor da fazenda e ouvidor geral se impuzesse nas aguardentes que iam d'este reino a essa capitania um novo subsidio de 1$200 rs. por cada barril, 800 rs. para a infantaria, que tinha ido para a nova povoação por causa dos poucos effeitos, que havia para ser soccorrida e 400 rs. para as obras do conselho e agua da Carioca, a qual se não poderia conduzir a essa praça na fórma em que eu ordenava e que ficaveis tratando de a levar por onde a tinha principiado Thomé Corrêa de Alvarenga, sendo governador d'essa praça, assim por estar já muita quantidade da obra feita de pedra e cal, como por estardes certo da altura e o livel que era necessario para a dita obra com a experiencia que fizeram vossos antecessores.

E quanto ao cruzado que se determinou impor para a obra da agua da Carioca se não imponha, nem elle permitta que o arrecadeis, supposto que a dita obra tem consignação certa e abundantissima, cumprindo-se muito inviolavelmente a provisão que mandei passar em 6 de maio de 1672, e as cartas que fui servido escrever-vos, e aos governadores Mathias da Cunha, e D. Manoel Lobo em 3 de junho de 1677,

estarem parados os trabalhos do encanamento por se haverem distrahido para outros fins as quantias que lhe eram consignadas (1).

---

e 14 de dezembro de 1679 (de que vos envio as copias), para que esse senado não seja dispenseiro a seu arbitrio da contribuição applicada a esta obra, mas que a despeza se faça na fórma que convém assistindo a tudo o dito governador e o vereador mais velho, o ouvidor e o reitor da companhia e que se faça pelo modo que tinha disposto Thomé Corrêa de Alvarenga, por se achar que todo o outro é impossivel. E vos estranha (como por esta o faço), o descuido que tem havido, e o dinheiro que se tem mal gastado; e ao dito governador mando tambem ordenar, que assim elle como seus successores procurem correr com a dita obra com todo o calor e com toda a circumspecção na distribuição do que para ella está applicado como o fareis pela parte que vos tocar e mandareis registrar esta minha carta para que vossos successores tenham noticia do que por esta ordeno. E dareis conta do que se for obrando n'este particular. Em Lisboa a 26 de maio de 1682.

Principe.

Para os officiaes da camara do Rio de Janeiro.

Conde de Val de Reis.

(1) Duarte Teixeira Chaves. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Mandando-vos ordenar por carta de 26 de maio de 1682 que se impusesse dous cruzados nos barris que ahi entrassem de aguardente para as despezas da infantaria, que assiste na povoação da nova colonia do Sacramento, e que houvesse um cofre, em que se mettesse este rendimento com tres chaves repartidas por varias pessoas, dando os barris entrada em vossa casa, e que a despeza se fizesse por vossa

Ninguem ignora que, á semelhança dos israelitas no Egypto, eram os nossos indigenas condemnados á erguerem os monumentos que attestassem ás futuras gerações o poder dos conquistadores do seu sólo natal : e é geralmente conhecida a luta travada entre os jesuitas, que se intitulavam de seus *curadores-natos*, e os colonos, a quem convinha tirar o

---

intervenção. E havendo mandado ver o que me escrevestes em carta de 30 de junho d'este anno ácerca de ficardes para dar a execução á ordem referida, como tambem á da obra da agua da Carioca que ha tantos tempos estava parada por o senado da camara lhe divertir os effeitos consignados a ella, de que não achastes nenhum dinheiro para se principiar e do que fosse cahindo se iria continuando a obra e que conviria muito que o subsidio se não rematasse sem intervenção d'esse governo, e ouvidor geral, e o rendimento d'elle se mettesse em um cofre, o qual se puzesse em um collegio com duas chaves e uma d'ellas tivesse o reitor, a outra o thesoureiro, a quem se fizesse receita e despeza d'este dinheiro, que seria feita por mandados assignados pelo governador, ouvidor geral, vereador mais velho, e reitor da companhia para que em nenhum caso e em nenhum tempo se pudesse divertir este dinheiro para outra alguma cousa, porque só d'esta sorte se poderia augmentar aquella obra tão util para esse povo. Me pareceu ordenar-vos (como por esta o faço) que disponhaes este negocio na fórma que apontaes. Escripta em Lisboa a 4 de dezembro de 1683.

Rei.

Para o governador do Rio de Janeiro.

Conde de Val de Reis.

maior partido do serviço d'esses desgraçados. Mais um testemunho d'essa divergencia offerece-nos a Carta Regia de 13 de Novembro de 1686, escripta a João Furtado de Mendonça, na qual, em solução do que havia representado o senado da camara contra a exigencia do reitor do collegio dos jesuitas de pagar-se aos indios que serviam nas obras da Carioca o jornal de 80 réis diarios, além do sustento e das costumadas varas de algodão para o seu vestuario, ordenava-lhe que *ajustasse o negocio de sorte que nem os indios trabalhassem sem a justa satisfação, nem os padres da Companhia introduzissem jornaes excessivos, attendendo-se ao costume que sempre se observára nos pagamentos do serviço do gentio que a razão e o tempo foram alterando por ser ao principio muito limitado* (1).

---

(1) João Furtado de Mendonça. Em El-Rei vos envio muito saudar. Por parte dos officiaes da camara d'essa capitania se me representou aqui estarem continuando com a obra da agua da Carioca, e que esta se não podia fazer sem assistencia dos Indios, que são os trabalhadores que n'essas partes costumam trabalhar e que sendo uso e costume dar-se-lhes de seu jornal assim nas obras do senado como nas dos engenhos dos particulares, de comer todos os dias, e no cabo do mez tantas varas de algodão, o reitor da companhia lhe alterava este antigo costume querendo se désse aos taes Indios 4 vintens cada dia, para o que não bastaria todo o rendimento do subsidio pequeno applicado á dita obra por serem muitos os taes Indios que n'ellas trabalham e se fazer

Com os fracos meios de que dispunha fez a camara construir arcos de pedra e cal, que podessem supportar pesados canos de telha, que foram-se collocando pelas encostas dos montes das Larangeiras, de Catete e do Desterro, com direcção a ermida de N. S. d'Ajuda que então se via no canto da rua, a que hoje se chama dos Barbonos (1). Lançou mão a camara do unico expediente de tomar dinheiro á juro, o que veio ainda aggravar a triste situação dos seus cofres, com notavel atrazo da obra, cuja conclusão era geralmente reclamada.

---

com o comer somente um consideravel dispendio, pedindo-me lhe concedesse provisão para se não poder alterar o jornal dos ditos Indios até aqui observado. E vendo-se a informação sobre este particular, me pareceu (ordenando como por esta o faço) que ajusteis este negocio, de sorte que nem os Indios trabalhem sem a justa satisfação, nem os padres da companhia queiram introduzir jornaes excessivos, attendendo tambem o costume que sempre se observou nos pagamentos do serviço do gentio que a razão e o tempo foram alterando porque ao principio era muito limitado. Escripta em Lisboa a 13 de novembro de 1686.

Rei.

Para o governador do Rio de Janeiro.

Conde de Val de Reis.

(1) Por deliberação da camara municipal d'esta cidade foi mudado o nome de *Barbonos* no d'*Evaristo da Veiga* em homenagem ao eminente cidadão que tantos e tão assignalados serviços prestou ao paiz no primeiro periodo da menoridade do Snr. D. Pedro II.

Além de summamente morosa ia mal encaminhado o encanamento das aguas da Carioca, de que amargamente se queixava o governador Arthur de Sá e Menezes, que assentára de suspender a obra, applicando o subsidio que lhe era marcado em acudir as fracturas que tivessem os canos : alvitre este que foi approvado por Carta Regia de 23 d'Outubro de 1700 (1).

Reconhecendo finalmente o governo a insufficien-

---

(1) Arthur de Sá e Menezes. Amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Viu-se a vossa carta de 3 de abril d'este anno, em que daes conta da causa que ha para se não continuar com a obra da agua da Carioca, e de como em a junta que se fez dos ministros deputados para ella se assentou que a obra se não continuasse, por não se perder n'ella mais do que se tem perdido, com a que está feita por ir totalmente errada, e ser precisamente necessario dar-se-lhe outro principio com a emenda que convem ajuntando-se para este effeito dinheiro bastante, da sua consignação para se poder trabalhar n'ella remediando-se o erro passado, evitando o continuar-se, porém que em quanto se não podia principiar a obra da emendada se iria acudindo ás fracturas que tiverem os canos, que é o mesmo que pareceu ao engenheiro, e os officiaes da camara a estranhavam porque não conheciam o erro e por isso se queixavam. E pareceu-me dizer-vos se approva tudo o que dispuzestes e assentou n'este particular. Escripta em Lisboa a 23 de outubro de 1700.

Rei.

Para o governador e capitão general do Rio de Janeiro.

Conde de Alvor.

cia do subsidio pequeno dos vinhos para fazer face ás despezas da obra, deliberou substitui-lo pelas sobras da casa de moeda (1), juntando-lhe mais tarde (em 1701) esse mesmo subsidio que agora mandava dar outro destino.

Escasseando cada vez mais os braços indigenas

---

(1) Arthur de Sá e Menezes. Amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Viu-se a vossa carta de 7 de junho d'este anno em resposta a que se vos havia escripto sobre se applicarem á obra dos canos da agua da Carioca, os sobejos da casa da moeda até se findar, ficando o subsidio pequeno que está applicado para a mesma obra salvo para a fazenda real, e o que sobrasse do dito rendimento da casa da moeda depois de feita a obra se destinaria para as fortificações, e porque representaes na vossa carta que por se não ter ainda feito orçamento da dita obra da Carioca, poderia succeder não bastarem os taes sobejos da casa da moeda para ella e que ainda não bastem, como esta obra é tão dilatada, devia ter sempre alguma consignação para o concerto dos canos ou de alguma ruina que lhe sobrevier, ao que se podia applicar o dito subsidio pequeno, ficando o seu rendimento na fazenda real, depositado em cofre a parte por não ter a camara effeitos com que lhe poder acudir. Me pareceu ordenar que o subsidio pequeno se cobre pela fazenda real, como tenho resolvido, e que feito orçamento da obra da Carioca, quando não bastem para se acabar as sobras da casa da moeda, os rendimentos do dito subsidio se ponha em a dita ultima perfeição, correndo tudo por vossa ordem e dos ministros e officiaes da fazenda real para que com toda a brevidade se acabe e assim vos ordeno o façaes executar e mandeis o orçamento da quantia que das sobras da casa da moeda resta liquida para a obra da Carioca para se tomar

approvou a côrte de Lisbôa a resolução que tomára D. Alvaro da Silveira e Albuquerque de comprar á custa da fazenda real os escravos necessarios para as obras, cuja prolongação era um verdadeiro escandalo (1).

Constando a El-Rei; por communicação do ouvidor geral Fernão Pereira de Vasconcellos, que as obras da Carioca se achavam novamente paradas

---

resolução ajustada na applicação dos effeitos para ella e quanto aos reparos que sejam necessarios, se requererá e aos officiaes da camara se avisará do que n'este particular vos ordeno. Escripta em Lisboa a 18 de novembro de 1701.

Rei.

Para o governador general do Rio de Janeiro.

Conde de Alvor.

(1) D. Alvaro da Silveira de Albuquerque. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Viu-se a vossa carta de 16 de agosto do anno passado, em que dais conta da resolução que tomastes com o parecer do provedor de minha fazenda sobre os contractos dos canos da agua da Carioca comprando os escravos necessarios por conta da fazenda real para o trabalho com que se havia dado principio a obra, e determinaveis continuar comprando os mais que fossem necessarios na primeira occasião. E pareceu-me approvar como por esta approvo o que dispuzestes n'este particular e o que determinaes executar para se pôr fim a esta obra tão util, e necessaria. Escripta em Lisboa a 8 de janeiro de 1704.

Rei.

Para o governador do Rio de Janeiro.

por haver-se applicado sua consignação para outros objectos escreveu ao governador do Rio de Janeiro em data de 2 de Dezembro de 1715 recommendando-lhe mui expressamente que indagasse dos motivos que haviam originado semelhante distracção (1). Do conteúdo da Carta Regia de 23 de Fevereiro de 1717 collige-se que as duas successivas invasões francezas nos annos de 1710 e 1711 tinham occasionado a sus-

---

(1) D. João por graça de Deus Rei de Portugal d'aquem e d'alem mar e senhor em Africa e de Guiné, etc., etc. — Faço saber a vós governador e capitão general do Rio de Janeiro, que o ouvidor geral Fernão Pereira de Vasconcellos em carta de 13 de junho d'este anno me deu conta do grande prejuizo que recebe esse povo com a dilação da obra dos arcos da agua da Carioca que tendo-se-lhe applicado rendas, cuja administração corria pelo senado da camara e de presente pela fazenda real se acha parada, sem se trabalhar n'ella ha annos, de que nascia mandar esse povo buscar agua necessaria para suas casas em potes, na distancia mais de uma legua. E pareceu ordenar-vos, examineis a causa que houve para se divertir a consignação que estava applicada para esta obra e a razão que houve para se não continuar, sendo esta tão necessaria para esse povo, e em que se gastou o dinheiro destinado para esse mesmo effeito, e que ordem houve para isso, e o que tem importado tudo o que se cobrou desde o dia em que se parou esta obra, e o que se acha em ser, e fareis que d'aqui em diante se gaste a dita consignação para o que foi applicada, seguindo-se n'esta obra aquella mesma disposição que por repetidas ordens minhas se tem mandado. El-rei nosso senhor o mandou por João Telles da Silva, e Antonio Rodrigues da Costa,

pensão das obras em razão dos excessivos gastos que fôra mister fazer com as fortificações e com o pagamento do resgate. Sciente o governo das causas verdadeiras, ou especiosas, que haviam retardado o cumprimento do mais vivo anhelo da população fluminense, determinou que se restituisse a somma que se tomára d'essa verba, continuando-se na arrecadação do imposto que lhe era destinado, o que devera ser gasto não só em reparar o que estava arruinado como em proseguir-se no que faltava, emendando-se os erros até alli commettidos, e fazendo com que um dos engenheiros da praça riscasse a planta afim de seguir-se o que de mais conveniente parecesse (1).

---

conselheiros de seu conselho ultramarino, e se passou por duas vias. Theotonio Pereira de Castro a fez em Lisboa a 2 de dezembro de 1715, e eu André Lopes de Lavre a fiz escrever.

João Telles da Silva.
Antonio Rodrigues da Costa.

(1) D. João por graça de Deus, Rei de Portugal, etc., etc. — Faço saber ao governador da capitania do Rio de Janeiro que sendo-me presente o grande prejuizo que recebe esse povo com a dilação da obra dos arcos da agua da Carioca e que tendo-se applicado rendas cuja administração corria pelo senado da camara e de presente pela fazenda real nem se trabalha n'ella, havia annos, do que nascia mandarem os habitantes d'essa cidade buscar a agua necessaria para suas casas em potes a uma legua de distancia, ordenei a

. Remettida a Lisboa a nova planta receou-se que com ella se despendessem sommas exorbitantes, attenta a pessima direcção que desde o seu começo tivera esta obra, ordenando-se portanto que se fizessem algumas ligeiras modificações no primitivo plano em ordem de remediar os mais grosseiros erros, e para occorrer ás despezas augmentava-se-lhe

---

vosso antecessor F. de Tavora examinasse a causa que houvera para divertir a consignação que estava applicada para esta obra e a razão que houvera para não se continuar, sendo ella tão necessaria para esse povo e em que se gastava o dinheiro destinado para este effeito e que ordem houvera para isso e em que importava tudo que se tinha cobrado desde o dia em que se tinha parado a dita obra e se achava em ser, fazendo com que d'ahi em diante se gaste a dita consignação para o que fôra applicada, o que em carta de 4 de julho do anno passado responde que a razão que houvera para se divertir a consignação applicada a dita obra e se parar com ella, que era a do subsidio pequeno dos vinhos, e que não bastava, se suppria pela fazenda real em quanto se trabalhou n'ella, fora a invasão dos francezes n'aquella cidade e como cresceram excessivamente as despezas da fazenda real com as obras das fortificações que eram necessarias para a defesa d'aquella praça, se suppria com todo o dinheiro que tocava á provedoria em que entra tambem esta consignação, o que lhe parecia que emquanto se não acabassem de todo se não bulisse com esta obra que estava tão mal começada que se principiaram os arcos ás avessas e que de pouco viria a servir a grande despeza que se fizesse n'ella e como se reconhecia ser tão precisa para beneficio commum, e para cujo effeito se constituiu o pequeno subsidio dos vinhos. Me pareceu ordenar-vos façais restituir esta

a subvenção com a importancia da passagem do rio Parahyba do Sul, insinuando-se ao mesmo tempo ao governador do Rio de Janeiro que procurasse persuadir aos moradores das vantagens que colhiam-se com o trabalho dos seus escravos nos dias em que menos oneroso lhes fosse, dando assim impulso á uma obra para cuja conclusão tão exuberantes provas dava o governo de interesse (1).

---

consignação applicada para a obra da agua da Carioca seguindo-se na sua despeza e arrecadação o que tenho disposto por repetidas ordens e que se vá gastando o producto d'ella não só em reparar o que está feito, mas em continuar d'aqui em diante o que falta a findar a dita obra e que para que se emende algum erro que n'ella haja, fareis que um dos engenheiros d'essa praça risque a planta d'ella para que se siga o que se tiver por mais certo e conveniente e declarareis o que se tem despendido desde o principio, se se gastou com effeito o que se cobrou das consignações destinadas para ella e o que ainda falta para dar fim a ella. El-Rei nosso senhor, etc., etc. (23 de fevereiro de 1717.)

(1) D. João por graça de Deus, Rei de Portugal, etc., etc. Faço saber a vós governador da capitania do Rio de Janeiro, que fazendo-se-me presente o que respondeu o vosso antecessor á ordem que lhe foi sobre a agua da Carioca e a suspensão que houvera n'ella por se gastar o dinheiro applicado á sua despeza nas fortificações d'essa praça, representando-me o que se tinha n'ella despendido do seu principio e as duvidas que se lhe offereciam a continuar-se com a obra que está por fazer, remettendo-me uma nova planta por onde entendia seria mais conveniente o fazer-se a obra d'ella; fui servido mandar-vos ordenar por resolu-

Apesar da decisão da côrte entendeu Ayres de Saldanha d'Albuquerque, que n'essa epocha nos governava, que cumpria abandonar o antigo plano advertido dos seus defeitos pelo tenente general Felix d'Azevedo Carneiro e Cunha, demonstrando que da planta que novamente se levantára era muito mais perfeita, importando a sua realisação em me-

---

ção de 23 do presente mez e anno tomada em consulta do meu conselho ultramarino, façais acabar a obra da Carioca pela planta antiga por estar a maior parte d'ella feita e ser excessiva a despeza que ha de custar a da planta nova, para o que não poderão contribuir os moradores d'essa cidade, e que a obra que falta por se findar se faça n'ella os angulos boleados e não agudos como se tem feito nas mais obras já feitas, e quando estes se damnifiquem se reparem tambem em fórma que fiquem boleados e não vivos, porém que antes que se continue a obra que falta, mandareis os engenheiros e pessoas praticas tomar o livel a esta agua desde o seu nascimento para que não aconteça que por falta de sufficiente queda fique inutil a obra e que pelo interior, emquanto se não aperfeiçoa de todo, achando-se que em algumas partes se possam fazer registos com tanques para o serviço publico, se façam em a extremidade da obra que está feita, e se faça tambem alguma maior para que emquanto durar a obra até a cidade se possa buscar a agua mais perto ; e que a consignação do subsidio se não deve de divertir para nenhum outro effeito e que se examine o que se está devendo d'elle a dita consignação, pela fazenda real e que isto se lhe satisfaça e lhe consigno para o dito pagamento o rendimento da passagem do rio da Parahyba do Sul, examinando-se outrosim, se da fazenda real se tem contribuido com algum dinheiro para a dita obra, e que

nos dinheiro, havendo quem se incumbisse de pol-a em pratica com uma economia de dez á doze mil cruzados para a real fazenda. Não se dissipando totalmente as duvidas metropolitanas determinou a carta regia de 16 de novembro de 1719 a suspensão de qualquer melhoramento projectado até novo aviso (1).

---

este se abata do dinheiro, que a fazenda real metteu em si e gastou nas fortificações, e vos recommendo me dês conta todos os annos do que se tem obrado n'esta obra como negocio tão importante ao bem commum d'esses povos, e procurareis com todo o bom modo a que os moradores contribuam com seus escravos para esta obra, não só os dias que insinuou vosso antecessor mas os mais que puderem, persuadindo-os a isso com as razões das conveniencias que se lhes seguem em se acabar essa obra mais depressa. El-Rei nosso senhor o mandou por João Telles da Silva e Antonio Rodrigues da Costa conselheiros do seu conselho ultramarino e se passou por duas vias. Antonio Coelho Pereira a fez em Lisboa occidental a 25 de dezembro de 1718. E eu André Lopes de Lavre a fiz escrever.

João Telles da Silva.

Antonio Rodrigues da Costa.

(1) D. João por graça de Deus, etc., etc. Faço saber a vós Ayres de Saldanha de Albuquerque, governador e capitão-general da capitania do Rio de Janeiro que se viu o que respondestes em carta de 8 de julho d'este presente anno á ordem que vos foi sobre a agua da Carioca, representandome que respeitando ao que vos ordenava, ácerca d'esta materia, farieis com o engenheiro e pessoas praticas ver a dita

Doloroso é, conhecendo-se a verdade, continuar no erro; assim pois Ayres de Saldanha não pôde capacitar-se de que o governo regio, que, tão boa vontade havia sempre testemunhado em dotar o Rio de Janeiro com um objecto de primeira e indeclinavel necessidade, se obstinasse em mandar observar um risco inteiramente defeituoso e d'onde nem uma economia resultava. Tomou sobre si a

---

obra, e que ficaveis entendendo que mandaveis dar assento ao arbitrio da nova planta, o que executaveis infallivelmente, e para este effeito tinheis já mandado pôr editaes para quem quizer a dita obra sem embargo da minha ordem, em que prohibo o arbitrio da nova planta que deu, comtudo como ella só respeitava o maior gasto que se havia de fazer, e como ahi havia um homem que diz se atreve a conduzir a agua da parte mais junta á mãi, e por sitios muito mais eminentes com muito maior queda que a da obra velha e sem ser necessario arco algum e mette-la nos canos por baixo de Nossa Senhora da Gloria com toda a segurança por menos dez ou doze mil cruzados, do que quaesquer outros officiaes que quizerem fazer a obra velha, vos parecia não desprezar este arbitrio a respeito da utilidade que se segue á minha real fazenda, e supposto já investigastes o exame com a camara d'essa cidade, engenheiros e mais officiaes praticos, e mestres da camara, ficaveis na resolução de mandar executar a dita obra na consideração de que eu haveria assim por bem, precedendo fianças abonadas e seguras : Me pareceu dizer-vos que se viu a conta que me dais e por ella se não póde formar juizo certo se será melhor a nova obra que propondes ainda que seja por menos dez ou doze mil cruzados, por quanto não declarais se na obra

responsabilidade; e havendo conseguido do empreiteiro o abatimento de vinte mil cruzados da somma total em que se avaliasse a reedificação da obra velha obrigando-se por escripturas e fianças, á contento da provedoria, a trazer a agua para dentro da cidade dentro do prazo d'um anno, mandou se executasse o novo projecto, resolução esta que foi amplamente approvada pela côrte, a quem dera circumstanciada conta do seu proceder (1).

---

velha ha n'ella algum inconveniente de tortura no olivel, ou menos quéda do que é necessario, como tambem se a obra nova se poderá fazer em menos tempo do que a outra se havia de acabar, nem exprimís se o homem que dá este arbitrio, convenceu-se das difficuldades que lhe puzeram os engenheiros, o que tudo era necessario para se poder entender qual das obras era mais conveniente, e que n'esta consideração devia de mandar fazer a planta em que se mostra o interesse que ha em se antepor a obra nova á velha, e assim a respeito não só da despeza, mas da duração e conservação d'esta obra, e se vos declara que sem novo aviso não entreis na nova obra, que intentais. (El-Rei o mandou, etc. — 16 de novembro de 1719.)

(1) D. João por graça de Deus, etc., etc. Faço saber á vós Ayres Saldanha de Albuquerque governador e capitão general da capitania do Rio de Janeiro, que se viu o que respondestes em carta de 26 de julho d'este anno sobre a nova obra que propuzestes da agua da Carioca e que devieis mandar de fazer a planta em que se mostrasse o interesse ou se antepor a obra nova á velha, assim a respeito não só da despeza, como da duração, declarando-se-vos que sem novo aviso não entrareis na nova obra que intentaveis; re-

Vencida a grande difficuldade importava que á habeis e zelosas mãos fosse confiada a sua direcção. Felizmente deparou Ayres de Saldanha em Custodio

---

presentando-me que quando me dereis conta no anno passado do que se vos offerecia a respeito d'esta obra e agora me fazieis presente que depois que a fróta partira convocareis novamente á camara, o engenheiro, e mestres pedreiros que parecerão necessarios para o ultimo exame do sitio por onde seria mais conveniente conduzir a agua a essa cidade, convindo todos na execução da nova planta, assim pela estabilidade e segurança na obra que leva area alguma ; e só uma parede debaixo da terra em que se possam assentar os canos, a ser por fóra de fazendas a respeito do extravio da agua que infallivelmente havia de ter, sendo por dentro d'ellas como que o empreiteiro abatia 20,000 cruzados do em que se avaliasse a reedificação da obra velha obrigandose por escripturas, e fianças a contento da provedoria da fazenda real a metter a agua n'essa cidade dentro de anno e meio embolçando logo 10,000 cruzados que sem duvida dizem havia de levar mais de cal a obra velha, vos resolvereis a mandar pegar n'ella, e com effeito se principiára em 5 de outubro do anno proximo passado, e se achava hoje com o maior trabalho vencido porque é a cava, e já se principiava a fazer a parede junto á mãi e assentar os canos, mas sem embargo d'isto e de affirmarem todos os moradores que se não param com ella infallivelmente estaria dentro de um anno na cidade. Logo que recebeis a minha ordem a mandareis suspender, porém considerando depois o gravissimo prejuizo que se experimentava de esperar nova resolução minha sobre este particular, tornareis a convocar o engenheiro e mestres pedreiros para exame da obra que estava feita e assentaram que se se parasse com ella seria necessario novo trabalho a respeito de que a terra da cava,

da Silva Serra, capitão-mór de Minas, e Vicente Lopes Ferreira com os individuos de que necessitava, e graças ao seu impulso chegou a obra e com

---

por não estar perfeitamente movida tornaria a cahir na mesma cava, com esta vistoria e o requerimento da camara ponderando os prejuizos que se seguiam ao meu serviço e d'esse povo que estava desconsoladissimo com a ordenada suspensão da obra, vos determinareis a mandal-a continuar, entendo que eu assim o haveria por bem na consideração do referido, e que a obra velha além de vir pelo meio de muitas fazendas, mostrára a experiencia que no tempo que corria a agua por algumas d'ellas, estavam sempre os canos rotos por maleficio dos fazendeiros e que se necessitava bulir nas paredes da maior parte dos arcos até os alicerces por se achar quasi toda aluida com o tempo, como tambem de que se o empreiteiro se ausentasse d'essa terra como determinára, não haveria n'ella como não ha pessoa capaz de concluir a obra com a brevidade que convém, e pelo sitio por onde ella a faz e padeceria ás mesmas difficuldades que ha 74 annos a tem embaraçado e que d'esta obra nova me remetteis a planta, advertindo que o caminho d'ella terá de comprimento 24,500 palmos até a igreja de Nossa Senhora do Desterro, e 3,500 até o primeiro arco do campo de Nossa Senhora da Ajuda, que fazem 27,700 e menos que o da obra velha 3,300 e que ainda não estava determinado se ha de continuar a obra para os arcos do campo de Nossa Senhora da Ajuda, se para o Santo Antonio que foi mais perto d'essa cidade, e como esperaveis que para o anno que vem esteja a agua n'ella, tinheis por muito conveniente que d'este reino se vos mandassem dous ou tres chafarizes, não só porque a pedra d'essa terra não é capaz para semelhante obra, mas porque lavrando-se a que ha ahi ha de fazer grande despeza. Me pareceu dizer-vos que nas circumstancias que pro-

brevidade ao termo ajustado, que era no campo d'Ajuda (1). Demonstrou porém a experiencia que ficava esse sitio muito arredado do centro da cidade, continuando, posto que em menor escala, os inconvenientes, que tanto á peito tinha-se em sanar: e o governador, sempre solicito pelo bem estar dos seus subordinados, levou de novo aos degráos do throno as supplicas de nossos avós para que o campo de Santo Antonio (2) e não o d'Ajuda, fosse o local escolhido para n'elle collocar-se o chafariz, importando esta alteração apenas na quantia de trinta e oito contos. Acceceu el-rei ao pedido, ordenando n'essa mesma occasião que se mandasse fazer o chafariz em Portugal na fórma que lhe fôra proposta pelo dito governador (3).

---

pondes e não havendo fallencia n'esta obra na fórma que tendes disposto se vos approva o que resolvestes e que assim se deve continuar com a factura d'ella. E o que respeita aos chafarizes para que se façam como convem que deveis mandar as medidas d'elles, tendo entendido que o custo d'elles ha de sahir da consignação applicada para a despeza d'esta mesma obra da agua da Carioca, remettendo a sua importancia a este reino nas náos de comboi na fórma do meu novo alvará. (22 de novembro de 1720.)

(1) Mons. Pizarro, *Mem. Hist. do Rio de Janeiro*, tom. VII.

(2) Num pequeno perimetro d'esse outr'ora vasto campo acha-se actualmente o *largo da Carioca*. O campo d'Ajuda cedeu tambem lugar a estreitissima praça do mesmo nome.

(3) D. João, etc., etc. Faço saber a vós Ayres de Saldanha, etc., etc., que se viu o que respondestes em carta de

Grande foi o regosijo do bom povo do Rio de Janeiro quando no anno de 1723 contemplou o consolador espectaculo de dezeseis bicas de bronze despejando abundante e crystallina agua, e unanimes

---

30 de setembro do anno passado á ordem que vos foi sobre declarardes o estado em que se achava a obra da agua da Carioca e quanto importaria o que restava para se fazer a dita obra, representando-me que esta se achava feita até o sitio de Nossa Senhora do Desterro, que fora o termo da 1.ª arrematação por não haver quem se quizesse obrigar mais que até o sitio e pela conveniencia com que se arrematou ao empreiteiro que a fez por menos 20,000 cruzados do mais barato lanço que houve na dita arrematação, e que convocando novamente a camara, engenheiros e mestres pedreiros para se determinar por que parte seria melhor continuar a obra, resolveram ser muito mais conveniente continuar para a parte de Santo Antonio, assim por fazer menor despeza do que pela banda de Nossa Senhora da Ajuda, como por ficar mais perto da cidade e supposto que para entrar n'ella a agua, se mettesse um valle que necessita de alguns arcos, são mui poucos a respeito dos que necessitava a obra velha e n'esta conformidade ficava feita a ultima arrematação, e quanto ao que poderá importar, o resto será até trinta e oito contos de réis, o que se não faria na fórma da obra velha com cincoenta contos de réis, e que remettieis as medidas dos chafarizes declarados na planta que remettieis. Me pareceu ordenar-vos que da consignação que está applicada para a dita obra da Carioca remettais a importancia dos ditos chafarizes a este reino para d'elle se vos mandarem fazer na fórma que apontais. (14 de abril de 1722.)

foram as bençoes que cobriram o nome do benefico governador Ayres de Saldanha.

Condição é porém do progresso humanitario que um beneficio chame outro beneficio; e apenas decorrêra um anno que d'esse grande melhoramento se fruia quando já representava o senado da camara pedindo que se mandasse construir um cano, que désse para o mar esgoto ás aguas da Carioca, as quaes estagnadas ameaçavam de graves damnos a saúde publica (1). Como era de esperar não desprezou o governo de Lisboa tão justa reclamação determinando por carta regia de 21 de abril de 1725 que se abrisse o indicado esgoto, que sendo feito em direcção á Prainha e passando pelo campo de S. Domingos servia de limites á cidade, e deu nascimento á rua hoje denominada da *Valla* (2) (3).

---

(1) Mons. Pizarro, *Mem. Hist. do Rio de Janeiro*, tom. VII.

(2) Hoje denominada da *Uruguayana*.

(3) D. João, etc., etc. Faço saber a vos Ayres Saldanha de Albuquerque governador e capitão-general da capitania do Rio de Janeiro, que os officiaes da camara d'essa cidade me representaram em carta de 18 de outubro do anno passado em como a agua da Carioca se achava já n'ella, porém como não tinha sahida a dita agua, se temia muito que se não arruinassem as casas da dita cidade, mas que se occasionassem molestias como affirmaram todos os medicos e cirurgiões da dita terra, e que com a importancia de 8 ou 9,000 cruzados, fazendo-se-lhe um cano real de pedra com sahida para o mar para a parte que mais conveniente fôr e

Curioso documento dos disperdicios que havia dos dinheiros publicos e da pouca fé que já n'essa epocha deveram merecer os orçamentos das obras fornece-nos a carta regia de 20 de fevereiro de 1731, onde, á proposito da concessão d'uma sentinella para o chafariz com o vencimento de quarenta mil réis annuaes se confessa haver-se despendido no encanamento da Carioca a prodigiosa quantia de seiscentos mil cruzados n'um periodo de cincoenta annos (1).

---

tanques em que se possam lavar as roupas se podia evitar todo o damno que estava ameaçando, se se não acudir a esta obra promptamente e porque convem dar-se-lhe uma providencia efficaz em materia tão grave. Me pareceu ordenar-vos façais acabar a dita obra na fórma que apontam os officiaes da camara pela consignação applicada á mesma obra da Carioca e de tal maneira que se ponha a dita obra na sua ultima perfeição, fazendo com que a dita agua tenha sahida ao mar, e se abram os tanques que se entender são necessarios para o beneficio que elles insinuam por se evitarem os prejuizos tão irreparaveis que podem acontecer aquelles moradores assim nas perdas das suas casas, como no risco de sua vida e saude, o que vos hei por muito recommendado. (21 de abril de 1725.)

Antonio Rodrigues da Costa.

Joseph de Carvalho Abreu.

(1) D. João, etc., etc. Faço saber a vós Luiz Vahia Monteiro, governador da capitania do Rio de Janeiro, que sendo o que escrevestes por via do meu secretario d'estado Diogo de Mendonça Côrte Real em carta de 7 de agosto do

Se ao menos perduravel monumento se tivesse erguido com semelhante somma licito não fôra lamentar; que assim porém não acontecera testemunha-nos a carta regia de 19 de dezembro de 1735 d'onde se deprehende que o aqueducto da Carioca se achava já *arruinado em varias partes por ser de*

---

anno passado em que a camara d'essa cidade me pedia se conservasse da fonte da Carioca uma sentinella com 40$000 de ordenado além dos seus soldos, o que lhe virá a importar 80$000 por anno e que tinheis tirado porque ao mesmo tempo se achava arrematada a vigia d'estes canaes em 150$000 por anno e sem embargo de duas vigias foram sempre e são continuas as faltas da agua, originadas todas pela má qualidade da obra em que se gastou á fazenda real 300,000 cruzados depois de se rematar a dita obra em 80,000 e d'esta e outras desordens em materia de obras resultou achardes a fazenda real empenhada e estes 600,000 cruzados gastos inutilmente em obras, como estas cuja quantia tendes quasi desempenhada e estes 600,000 cruzados poderieis ter remettido senão tivesse feito estes disperdicios e já para a fróta que vem, esperaveis enviar 6,000 cruzados da real fazenda d'essa cidade e que a dita agua da Carioca é tirada de um rio em distancia de uma legua d'essa cidade, cuja obra teve principio haverá 50 annos, e para se fazer se concêdera um imposto nos vinhos a que chamam subsidio pequeno, que quando mais chegou a render 8,000 cruzados e agora menos e com este rendimento não podia apressar a obra, mandei adiantar dinheiro da minha real fazenda e todo o rendimento da casa da moeda do tempo que governou Arthur de Sá de Menezes com cujo dinheiro ficou comprado para a minha real fazenda o dito subsidio como consta de uma carta escripta ao mesmo Arthur de Sá em 17 de no-

seu principio feito com pouca precaução experimentando-se muita falta d'agua na cidade. Ainda vem corroborar este documento o axioma moral de que a corrupção e o maleficio existem em todas as epochas, mesmo naquellas em que mais puros e innocentes parecem os costumes. O conservador das obras da Carioca, que vencia o ordenado de duzentos

---

vembro de 1700, depois do que se tem gasto na dita obra mais de 600,000 cruzados puramente da minha fazenda, e sobre a despeza d'esta sentinella me dareis conta pelo meu conselho ultramarino, que agora para a dita repartição se vos manda conservar absolutamente como tambem me dareis conta pela mesma parte das desordens que havia na dita obra e que a teima de se pedir esta sentinella é para conservar as apparentes industrias com que o ouvidor geral quer parecer zelador do povo porque não é necessario para cousa alguma, mas para não replicardes outra vez ao dito conselho a determinareis conservar até ultima resolução. Me pareceu dizer-vos fui servido mandar remetter ao dito conselho a carta que escrevestes ao secretario d'estado de 7 de agosto do anno passado, em que n'ellas exprimís as grandes despezas que se tem feito inuteis na obra da Carioca e a remessa que intentais fazer de dinheiro para este reino, procedido dos sobejos das rendas reaes, se vos declara já se vos avisou, se entendeu só depois de pagos todos os credores da fazenda real e que ainda para remetter estes deveis dar-me conta e receber ordem minha para poder fazer estas remessas e não arrisca-las sem ordem ; e que emquanto a guarda da Carioca que obrastes bem em comprireis a minha ordem, porque se a sentinella é posta para evitar pendencias aos escravos, que a dita fonte vão buscar agua. (20 de fevereiro de 1731.)

mil réis annuaes, foge para não prestar contas da sua má gerencia á simples intimação do governador José de Sousa Paes; e para que se não rompam os canos da Carioca necessario se torna que nos primeiros dias do mez de Janeiro lessem os juizes da vintena um bando impondo as penas de galés e açoites! (1).

---

(1) D. João, etc. etc. Faço saber a vós José da Silva Paes, governador do Rio de Janeiro, que se viu a vossa carta de 26 de junho d'este anno, sobre o exame que fizestes na obra da Carioca e seus aqueductos, achando-a muito arruinada em partes, por ser de seu principio feita com pouca precaução, experimentando-se pelos motivos que apontaveis, muito falta d'agua na cidade, sem embargo de haver um mestre que estava encarregado da sua construcção, a que se davam 200,000 por anno, o qual fugíra em razão de recear que vós na sua presença examinarieis os máos concertos que n'ella havia feito, por cujo motivo nomeastes outro para cuidar em reparar o aqueducto nas mais partes que estava arruinado, fazendo-lhe a sua cobertura de espigão não só por fazer mais difficil o rompe-la, como por que se não passasse por cima d'este a pé nem a cavallo, como até aqui se fazia, ordenando-se que em aquellas partes em que fazia despenhadeiro lhe puzesse uma cancella com sua porta, para que não pudessem continuar a passar pelo mesmo caminho e se evitar com este remedio aquelle prejuizo, e com o bando que determinaveis mandar lançar com penas ás pessoas que romperem os canos, e de açoutes e galés aos negros que o fizessem, mas que como esta obra não era perduravel, querieis fazer em um lanço que se achava arruinado para em todos os que se fizessem de novo se obrar o mesmo, e dentro de doze ou vinte annos se re-

Não obstante o desvelo que não temos cessado de reconhecer da parte do governo portuguez, em pról da obra da Carioca, baldados seriam todos os sacrificios de nossos maiores e tornar-se-hia á primitiva penuria, se a Providencia não tivesse suscitado ao Senhor D. João V, a idéa de mandar governar a nossa terra pelo distincto general Gomes Freire d'Andrada. Dando cumprimento a ordem, a que já nos referimos, mandou postar uma sentinella constante no chafariz para evitar as desordens que de ordinario faziam os pretos, velando igualmente

---

formar tudo o que está feito, um aqueducto de pedra e cal com seus canos de pedra que era só o perduravel, bem betumados, cobertos de lagedo, deixando-se-lhe de 60 até 70 palmos um registro e a cada 2,000 uma pia de recepiente com sua porta, de sorte que se examine bem a quantidade d'agua que diminuia de pia a pia afim de se ver se era sensivel ou natural para se lhe dar outro remedio ou procurar dar-se-lhe donde necessitasse d'elle, havendo um homem destinado para sua vigia e interessado nas condemnações dos que transgredissem o bando, ou que qual outra pessoa que os denunciasse fazendo-se os concertos precisos por minha conta que era de sorte, que os não deviam falsificar e na cidade augmentar-lhe mais bicas e dar-se mais capacidade ao chafariz para melhor commodidade do povo que era o que vos parecia: o que sendo visto me pareceu louvar-vos muito o cuidado que puzestes n'esta materia, e se vos approva o acertado arbitrio que dais para se remediarem os erros com que esta obra se fez, emendando-se agora nas partes que for necessario concertar-se esse aqueducto, fazendo-se de pedra e cal e com as circumstancias

pela conservação das bicas, que, por puro vandalismo, poderiam ser arrancadas, como ainda hoje succede com as caixas do correio urbano, e arvores das praças publicas.

Verificando por si mesmo o intelligente e dedicado capitão-general a pouca solidez dos aqueductos mandou-os reconstruir com pedra do paiz, poupando d'est'arte á fazenda real os excessivos gastos, que até então se faziam, mandando-a vir de Lisboa; procedimento este que foi-lhe louvado pela carta

---

que apontastes e na mesma fórma se vos approva o bando que querieis mandar lançar o que mandareis escrever no L.º da camara, ordenando da minha parte aos officiaes d'ella o façam publicar por toda a cidade, mandando por escripto aos juizes de vintenas para que tambem o publique em todos os annos no mez de janeiro, para que seja notorio a todos os moradores e não possam allegar ignorancia; se vos ordena que examineis o mestre que estava encarregado da conservação d'este acqueducto que faltou á sua obrigação, e lhe façais reçarsir o prejuizo que tiver causado, mandando proceder contra elle ou seus fiadores e em falta d'estes em quem faltou de tomar-lhes as seguranças devidas n'este caso, o que se vos dá por muito recommendado para se evitarem com este exemplo taes enganos.

El-Rei nosso senhor o mandou passar por Dr. Manoel Fernandes Varges e Gonçalo Manoel Galvão de Lacerda, conselheiros de seu conselho ultramarino. Antonio de Loura a fez em Lisboa occidental a 19 de dezembro de 1735. O secretario, *Manoel Fernandez Varges.* — *Gonçalo Manoel Galvão de Lacerda.*

regia de 30 de Setembro de 1743 (1). Mudando a antiga direcção determinou outrosim que encaminhadas fossem as aguas para o monte do *Desterro*, que já então começava a denominar-se de Santa Theresa, fazendo construir duas magnificas arcadas de pedra e cal, *ad instar* das das *Aguas Livres* em Lisboa, com quarenta e dous arcos.

---

(1) D. João, etc. etc. Faço saber a vós governador e capitão general da capitania do Rio de Janeiro que se viu o que respondestes em carta de 18 de janeiro d'este presente anno a ordem que vos foi sobre mandares examinar a pedreira que ha na montanha da Carioca e assim achando que era a pedra d'ella capaz para os canos d'esta obra, os mandasseis pôr em lanços para ahi se fazerem na fórma dos d'este reino por teres avisado que ali se podiam fabricar com mais commodo sobre o que me expuzestes ser a dita pedra capaz, porém que não havia ahi official que fizesse esta obra em fórma que seja conveniente á minha fazenda, logo que elle pareceu dizer-vos que visto não se achar que faça estes canos com as circumstancias e conveniencia com que vão d'este reino, se ordena ao empreiteiro que continue a mandar lavrar a pedra para estes canos que se remetteram na fórma que ião, e assim mandareis receber com toda a clareza e arrecadação os canos que forem, mandando-os contar e medir a cada navio separadamente. El-Rei nosso senhor o mandou por Alexandre de Gusmão e Thomé José da Costa Côrte Real conselheiros do seu conselho ultramarino e se passou por duas vias. Theodoro de Abreu Bernardes a fez em Lisboa a 30 de setembro de 1743. O conselheiro J. Baptista Borona a fez escrever.

Alexandre de Gusmão.

Thomé Joaquim da Costa Côrte Real.

Não só para maior pureza das aguas, como para evitar os seus desvios lembrou Gomes Freire á côrte a conveniencia de ser o aqueducto coberto de lage, para o que foi auctorisado por carta regia de 2 de maio de 1747 (1).

---

(1) D. João, etc. etc. Faço saber a vós governador e capitão general da capitania do Rio de Janeiro, que se viu o que respondestes em carta de 6 de outubro do anno passado, á ordem que vos foi sobre a arrematação que ahi se fez para se obrar o aqueducto da Carioca com as pedras que se descobriram em uma pedreira d'aquella montanha; representando-me que examinando-se novamente a pedra para o dito aqueducto, se achava capaz, pelo que continuava a obra, que faltava explicar-se no ajuste o custo da conducção, por ser a pedreira na parte por onde passa o aqueducto, no meio da distancia que na montanha ha do seu nascimento d'essa cidade, e não se justavam as tropas pela experiencia haver mostrado que as portas no aqueducto antecedente, as quebraram os negros para divertirem as aguas que até o presente se tinha attendido a extensão do aqueducto e depois de chegar a agua á cidade, pretendeis representar ser util a despeza do coberto de lage, e ter só substancia sendo de arco de ladrilho o que agora punheis na minha real presença, o que visto se pareceu ordenar-vos torneis a informar com o vosso parecer da despeza que faz a conducção dos canos da pedreira em que se lavram até se assentarem no aqueducto, ainda que bem se infere será menor que a da cidade ás montanhas por onde vem, e outrosim informareis quantas varas de cano se intentam cobrir de arcos de ladrilho como agora propondes, a qual obra mandareis pôr em lanços e dareis conta do menor que ouvir para se examinar e resolver se convem fazer-se; e os canos que tem ido com suas tapa-

Concluida a obra a mais monumental que nos legou o antigo regimen lavrou-se uma inscripção lapidar n'um dos arcos situados no principio da rua de Matacavallos (1) onde se lêem estas palavras:

« *El-Rei D. João V Nosso Senhor mandou fazer*
« *esta obra pelo Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*
« *Gomes Freire d'Andrada, do seu Conselho, Sargento-*
« *Mór de Batalha dos seus Exercitos* (2), *Governador*

---

douras de lagens se poderão e terão assentado em partes altas onde os negros não cheguem para as quebrarem, o que tambem se lhes difficultava estando as tapadouras bem unidas nas renhadouras que os canos levavam, entendendo-se que estas cobertas são mais a proposito para com facilidade se poderem concertar e alimpar os canos sendo necessario, do que será com os arcos de ladrilhos que será preciso desfazerem-se para isso, ficando tambem expostos á barbaridade dos negros, contra os que e qualquer outra pessoa que desfizer e quebrar o aqueducto e suas cobertas, deveis mandar proceder na fórma dos direitos e bandos que a esse fim se tem publicado. El-Rei nosso senhor o mandou por T. J. da C. Côrte Real, e pelo Dr. Antonio Freire de Andrade Menezes, conselheiro do seu conselho ultramarino e se passou por duas vias. Theodoro de Abreu Bernardes a fez em Lisboa a 2 de maio de 1747. O conselheiro A. F. de Andrade Henriques a fez escrever.

T. J. da C. Côrte Real.
Antonio Freire de Andrade.

(1) Actualmente denominada de *Riachuelo.*
(2) Posto correspondente ao de marechal de campo.

« *e Capitão-General das Capitanias do Rio de Janeiro*
« *e Minas Geraes. Anno de 1750.* »

Aguardando a estatua que a gratidão fluminense alçará um dia ao magnanimo Gomes Freire, sirva-lhe de obelisco o aqueducto da Carioca (1).

Ao largar da penna seja-nos licito tributar o nosso vivo reconhecimento pela maneira delicada com que o digno director interino do archivo publico, o snr. commendador Barbosa, auxiliou-nos na pesquiza dos documentos, que constituem o unico merito d'este nosso trabalho (2).

FIM

---

(1) Falleceu nesta cidade no dia 1.º de janeiro de 1763 havendo sido elevado em abril do anno anterior á categoria de vice-rei do Brazil e á conde de Bobadella.

(2) Isto escreviamos no meiado do anno de 1862.

INDICE

Pag.

I. Ensaio sobre os Jesuitas 3

II. França Antarctica 155

III. Brazil Hollandez 305

IV. As Batalhas de Guararapes 365

V. A Carioca 403

Havre. — Imprenta A. LEMALE AINÉ, rua de Bapaume, 3. — 2.3873.